

Os Profetas Menores – volume 1
(Explicação do livro de Oséias, Joel, Amós, Obadias)



Pastora Tânia Cristina Giachetti
Ministério Seara ágape

<https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html>

Os Profetas Menores – volume 1
(Explicação do livro de Oséias, Joel, Amós, Obadias)



Ministério Seara Ágape
Estudo Bíblico Evangélico

Pastora Tânia Cristina Giachetti
São Paulo – SP – Brasil – Abril 2018

Aos verdadeiros profetas de Deus.

Agradeço ao Senhor pela Sua força e fidelidade às Suas promessas, dando-me perseverança, mostrando sempre a Sua verdade e alargando a minha visão interior para enxergar Sua grandeza e soberania sobre toda a Sua criação.

“Conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor; como a alva, a sua vinda é certa; e ele descerá sobre nós como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra” (Os 6: 3).

Introdução

Este livro surgiu na seqüência do estudo sobre o livro de Isaías, como uma curiosidade da minha parte a respeito dos profetas do Antigo Testamento, com a sede de conhecer mais profundamente o que eles queriam dizer em cada versículo. Eu procurei saber como situar a profecia na História, quais os personagens a quem eles estavam se referindo, a localização das cidades ali citadas e as figuras de linguagem usadas na época que me dessem mais entendimento sobre os escritos dos profetas.

Quanto à interpretação espiritual para nós hoje, como uma mensagem de Deus para o nosso dia a dia, sabemos que a bíblia é sempre atual e o Espírito Santo nos dá a revelação pessoal todas as vezes que lemos Sua palavra.

Todos os profetas foram usados por Deus para profetizar sobre a vinda de Jesus, em quem as profecias se cumpriram. Na verdade, a vinda de Cristo foi um plano de Deus Pai que surpreendeu a humanidade no que ela pensava a respeito da Sua justiça e da Sua capacidade de restituir Seus filhos. Embora sendo usados por Deus para revelar Seus projetos aos homens, os profetas daquela época tinham os pensamentos permeados com a opinião humana e a visão limitada de algo que não conseguiam entender nem imaginar (1 Co 14: 32). Em outras palavras, eles não poderiam imaginar que o Pai enviaria Jesus da forma que enviou, enfatizando o Seu reinado espiritual e mostrando à humanidade que ela precisava ser restituída de algo muito maior do que havia perdido no sentido material como casas, terras, propriedades e o poder de governar súditos; o homem precisava entender que a coisa mais preciosa que ele havia perdido era a sua intimidade com Deus e a inocência que um dia esteve presente em um ser semelhante a ele no Éden. Também precisava conhecer seu verdadeiro inimigo.

Jesus trouxe uma nova dispensação para a humanidade, que foi como um 'Apocalipse' para as pessoas daquele tempo (Isaías é um exemplo disso), como uma nova Criação. Apocalipse significa 'revelação'. Ezequiel, Daniel, Zacarias, Joel e outros, sem dúvida, deixaram algo sobre os eventos escatológicos, mas é Jesus quem mais nos dá a certeza dos acontecimentos presentes e futuros através da Sua profecia colocada nos evangelhos. O que acontece hoje e vai acontecer na Sua segunda vinda é resultado do que Ele profetizou sobre o final dos tempos. A Sua profecia está se cumprindo. Vendo sob certo ângulo, sobrou pouco dos profetas do AT para ser cumprido ainda como um evento apocalíptico (escatológico), principalmente para quem já tem a salvação em Cristo. A maior parte das profecias já se cumpriu. Jesus deixou, por assim dizer, o que é importante para nós sabermos sobre a Sua segunda vinda; e Seus apóstolos João e Paulo deixaram sua complementação sobre o tema, usando as palavras dos profetas do AT para corroborar seus escritos e as revelações dadas por Deus a eles. Em relação aos judeus já é outra história.

Nos escritos dos profetas menores nós podemos ver praticamente a mesma mensagem sendo entregue várias maneiras diferentes: buscar a Deus, deixar a idolatria e crer na Sua justiça sempre presente, obedecendo-lhe em tudo para não provocar Sua ira e Seu juízo, que infalivelmente vêm sobre os que cometem perversidade. Podemos ver, sobretudo, Sua misericórdia e longanimidade dando sempre ao homem uma chance de se arrepender e ser abençoado. Nenhum dos profetas mediu as palavras, mas exortaram o povo como atalaias do Senhor, conscientizando-os sobre seu pecado.

Que o Espírito Santo seja o seu guia e professor nesta leitura!

Notas:

- A versão evangélica aqui utilizada é a ‘Revista e Atualizada’ de João Ferreira de Almeida (ARA), 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- As palavras ou frases colocadas entre colchetes [] ou parêntesis (), em *itálico*, foram colocadas por mim para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham. Neste caso, o texto entre colchetes não está em itálico.
- NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).
- Em alguns textos, nós vamos usar a ‘Concordância Lexicon Strong’. A Concordância de Strong é uma concordância da Bíblia King James (KJV), criada pelo teólogo inglês Dr. James Strong (1822-1894), junto com uma equipe de teólogos, e publicada pela primeira vez em 1890. Trata-se uma referência cruzada entre cada palavra na KJV e no texto original em Hebraico ou Grego. A cada palavra no idioma original foi dado um número de entrada para a concordância bíblica da KJV. Léxico significa um dicionário de línguas clássicas antigas. Para interpretar corretamente a Concordância Lexicon Strong é preciso levar em conta o contexto cultural da época, pois os números de Strong não consideram figuras de linguagem, metáforas, expressões idiomáticas, frases comuns, referências culturais, referências a eventos históricos ou significados alternativos utilizados pelos escritores daquele período de tempo para expressar seus pensamentos em sua própria língua (fonte: Wikipedia.org).

Fontes de pesquisa:

- Douglas, J.D., O novo dicionário da bíblia, 2ª ed. 1995, Ed. Vida Nova.
- wikipedia.org e crystalinks.com (para algumas imagens).

E-mail: relacionamentosearaagape@gmail.com

Índice

Oséias

Introdução	8
Capítulo 1	10
Capítulo 2	13
Capítulo 3	19
Capítulo 4	21
Capítulo 5	27
Capítulo 6	31
Capítulo 7	35
Capítulo 8	38
Capítulo 9	41
Capítulo 10	45
Capítulo 11	48
Capítulo 12	52
Capítulo 13	55
Capítulo 14	58
Conclusão	59

Joel

Introdução	61
Capítulo 1	63
Capítulo 2	66
Capítulo 3	70
Conclusão	81

Amós

Introdução	82
Capítulo 1	84
Capítulo 2	94
Capítulo 3	100
Capítulo 4	102
Capítulo 5	105
Capítulo 6	110
Capítulo 7	115
Capítulo 8	121
Capítulo 9	124
Conclusão	127

Obadias

Introdução	128
Conclusão	145

Volumes 2 e 3 deste livro:

<https://www.searaagape.com.br/osprofetasmenores2.pdf>

<https://www.searaagape.com.br/osprofetasmenores3.pdf>

Oséias

Oséias, profeta de Israel, do reino do norte, exerceu seu ministério profético de 755 a 715 AC. Seu nome, Oséias (em hebraico, Hoshea, הושע, Strong #1954), significa ‘salvador, libertador’. O livro conta o amor de Oséias por Gômer, sua esposa infiel (Os 1: 1; Os 3: 5), que ilustra o amor de Deus por nós, mesmo quando Lhe somos infiéis. Jeroboão II (782-753 AC) foi um rei ímpio cujo domínio produziu uma sociedade materialista, imoral e injusta. Os seis reis que se seguiram nos próximos trinta anos contribuíram para a queda de Israel em 722 AC. Oséias anuncia a corrupção, o orgulho e a idolatria de Israel (Os 2: 8; 13; 16-17; Os 4: 2; 8: 14). Também é contra as alianças políticas com potências estrangeiras que provocam dependência, exploração econômica e opressão (Os 7: 8-12; Os 8: 9-10); denuncia os golpes de Estado que preservam interesses de uma pequena minoria (Os 7: 3-7), a confiança no poder militar e nas riquezas (Os 8: 14; Os 10: 13), todo tipo de injustiça e as violências (Os 4: 1-2; Os 6: 7-10; Os 7: 1; Os 10: 12-13). O profeta repreende principalmente as classes dominantes da sociedade: os reis corruptos e os sacerdotes ignorantes e cobiçosos, que levaram o povo à ruína. Também critica a hipocrisia religiosa: os sacrifícios e os rituais externos (Os 6: 6), sem devoção.



Ele descreve a certeza do julgamento (Os 9: 1 e Os 10: 5), o triunfo do amor e da misericórdia de Deus (Os 11: 1-11; Os 14: 1-9) e a infidelidade e a rebelião de Israel que resultarão em julgamento e destruição (Os 11: 12; Os 13: 16). Seu livro mostra seu amor pela nação e pela humanidade, assim como seu amor pela esposa, Gômer, uma

prostituta, filha de Diblaim. E essa relação familiar refletia a relação ‘adúltera’ que Israel tinha para com o Senhor, adorando os falsos deuses. Seu sofrimento se transformou num espelho de sofrimento de Deus, expresso no grito: “Como te deixaria, ó Efraim?” (Os 11: 8).

Como todos os seus irmãos do passado, Oséias encontrou a paz no Senhor através do seu sofrimento, ou seja, no desencontro com a esposa encontrou Deus. A época do seu exercício profético foi um período de instabilidade política (mais ou menos sete reis estiveram no poder), sendo que Israel vacilava entre a Assíria e o Egito, menos em direção a Deus (Os 5: 13; Os 7: 11; Os 12: 1). Porém, a vacilação jamais poderia salvar a nação, que terminou com a queda de Samaria, em 722 AC. Oséias deixou bem claro o que Deus pedia ao povo (Os 6: 6: ‘Hesedh’ ou ‘Chesed’, ‘misericórdia’). No passado, a misericórdia de Deus tinha chamado Israel (Os 11: 1). No presente, Sua misericórdia era a esperança de Israel, que estava sem direção moral (Os 5: 4; Os 11: 7) e precisava de uma conversão sincera. No fim, o amor de Deus por Seu povo seria mais bem sucedido do que o do profeta para com Gômer. Tanto Oséias quanto Amós apresentam o exílio como algo que aguardava Israel no futuro como castigo pelo seu pecado.

Os nomes dos seus filhos eram:

1) Jezreel [Yizre’e’el (Os 1: 4), que significa: ‘Deus semeia’; um contraste com o símbolo desse nome que seria a condenação de Israel quanto à casa real, pois Jezreel era uma cidade de Issacar onde o exército acampou antes da batalha de Gilboa; também foi o lugar da tragédia de Nabote e sua vinha; ali Jorão, o rei, foi assassinado por Jeú como foi profetizado por Elias para exterminar a casa de Acabe; portanto, Jezreel era um símbolo do juízo de Deus sobre a nação, além de ser um prenúncio do Dia do Juízo final: Os 1: 11]. Jezreel simbolizava a queda da casa real de Israel.

2) Desfavorecida (Os 1: 6, Lo-Ruama) = ‘Deus não terá misericórdia’ ou ‘não amada’.

3) Lo-Ami (Os 1: 9, ‘Não-Meu-Povo’), o que mostra o descontentamento de Deus com todo o Seu povo, a ponto de rejeitá-lo como Seu povo (Lo-Ami).

Gômer foi deixada sozinha pelo profeta até que não mais se apegasse à sua idolatria e concupiscência do passado. Era a mesma disciplina que YHWH estava usando, abandonando aqueles que não toleravam Suas condições até que despertassem para a realidade espiritual. A falta de conhecimento que Israel tinha dEle resultara em todas as formas de iniquidade. Oséias comprou Gômer de volta de seu possuidor, como segunda esposa ou concubina (Os 3: 2-3).

Capítulo 1

- Os 1: 1-11 – O casamento de Oséias, símbolo da infidelidade de Israel

• Os 1: 1-3: “Palavra do Senhor, que foi dirigida a Oséias, filho de Beerí, nos dias de Uzias, Jotão, Acáz e Ezequias, reis de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel. Quando, pela primeira vez, falou o Senhor por intermédio de Oséias, então, o Senhor lhe disse: Vai, toma uma mulher de prostituições e terás filhos de prostituição, porque a terra se prostituiu, desviando-se do Senhor [NVI: porque a nação é culpada do mais vergonhoso adultério por afastar-se do Senhor]. Foi-se, pois, e tomou a Gômer, filha de Diblaim, e ela concebeu e lhe deu um filho”.

Oséias exerceu seu ministério profético de 755 a 715 AC, abrangendo o reinado de quatro reis de Judá e sete reis de Israel. Jeroboão II (782-753 AC) foi um rei ímpio cujo domínio produziu uma sociedade materialista, imoral e injusta. Na época de Jeroboão II (2 Rs 14: 23-29), a opressão da Síria tinha diminuído sobre Israel devido às vitórias que Deus tinha dado a Jeoás, o pai de Jeroboão II (2 Rs 13: 22-25), e este resolveu estender suas fronteiras (2 Rs 14: 25) e a desenvolver um comércio lucrativo, o que criou uma poderosa classe de negociantes em Samaria. Mas a riqueza não era distribuída equitativamente entre o povo. Permanecia nas mãos dos negociantes ricos. A opressão contra os pobres era comum (Am 2: 6). Os ricos eram de coração endurecido e indiferente para com as aflições dos famintos (Am 6: 3-6). A justiça se inclinava para os que podiam pagar subornos mais elevados (Am 2: 6; Am 8: 6). Nos períodos de seca (Am 4: 7-9) os pobres só podiam obter recursos entre os agiotas (Am 5: 11; Am 8: 4-6) a quem eram obrigados a hipotecar suas terras e suas pessoas, até seus entes queridos.

Mas como um pai pune seus filhos quando é preciso (Dt 8: 5; Jó 5: 17; Pv 3: 12; Hb 12: 6-7; Ap 3: 19), Ele os puniria por causa do que fizeram, pelos seus pecados (2 Rs 17: 7-23): temeram a outros deuses, ao invés de temer o Senhor; andaram nos estatutos das nações pagãs e nos costumes estabelecidos pelos reis de Israel (Jeroboão I – 1 Rs 12: 25-33); edificaram para si altos ídólatras; levantaram colunas e postes-ídolos para adorar; queimaram incenso em todos os altos; cometeram ações perversas para provocarem o Senhor à ira e serviram os ídolos; fizeram para si imagens de fundição, dois bezerros; fizeram um poste-ídolo, e adoraram todo o exército do céu, e serviram a Baal; queimaram a seus filhos e a suas filhas como sacrifício, deram-se à prática de adivinhações e criam em agouros. Por isso, Ele rejeitou a toda a descendência de Israel, e os entregou nas mãos dos assírios, que os despojaram, e os expulsou da Sua presença.

• v. 2b-3: “Vai, toma uma mulher de prostituições e terás filhos de prostituição, porque a terra se prostituiu, desviando-se do Senhor. Foi-se, pois, e tomou a Gômer, filha de Diblaim, e ela concebeu e lhe deu um filho”.

O casamento do profeta retrata as relações infieis de Israel com seu Deus (Os 1: 1 – Os 3: 5).

‘Uma mulher de prostituições’ – isso indica que Gômer era uma prostituta quando Oséias se casou com ela, ou que ela viria a tornar-se uma prostituta após se casar com Oséias. Os filhos nascidos dela poderiam não ser de Oséias.

• Os 1: 4-5: “Disse-lhe o Senhor: Põe-lhe o nome de Jezreel, porque, daqui a pouco, castigarei, pelo sangue de Jezreel, a casa de Jeú e farei cessar o reino da casa de Israel [NVI: castigarei a dinastia de Jeú por causa do massacre ocorrido em Jezreel, e darei fim ao reino de Israel]. Naquele dia, quebrarei o arco de Israel no vale de Jezreel”.

Jezreel [Yizre'e'el (Os 1: 4) significa: 'Deus semeia', um contraste com o símbolo desse nome que seria a condenação de Israel quanto à casa real, pois Jezreel era uma cidade de Issacar onde Jorão, o rei de Israel, foi assassinado por Jeú como foi profetizado por Elias para exterminar a casa de Acabe; portanto, Jezreel era um símbolo do juízo de Deus sobre a nação].

'Castigarei, pelo sangue de Jezreel, a casa de Jeú e farei cessar o reino da casa de Israel' – Em 841 AC, por ordem de Deus, Jeú destruiu toda a casa de Acabe e Jezabel (1 Rs 19: 16-17; 1 Rs 21: 1-16; 1 Rs 21: 21-24; 2 Rs 9: 16; 24; 27; 2 Rs 10: 6-7; 11). Então, ele recebeu de Deus uma palavra: seus descendentes até a quarta geração sentariam no trono de Israel (2 Rs 10: 30; 2 Rs 14: 8; 2 Rs 15: 12): Jeú → Jeoacaz → Jeoás → Jeroboão II → Zacarias. Jezreel simbolizava a queda da casa real de Israel.

'Quebrarei o arco de Israel' – significa destruir o poder militar (1 Sm 2: 4; Sl 46: 9; Jr 49: 35).

- Os 1: 6-7: "Tornou ela a conceber e deu à luz uma filha. Disse o Senhor a Oséias: Põe-lhe o nome de Desfavorecida [NVI: Lo-Ruama], porque eu não mais tornarei a favorecer a casa de Israel, para lhe perdoar [NVI: pois não mais mostrarei amor para com a nação de Israel, não ao ponto de perdoá-la]. Porém da casa de Judá me compadecerei e os salvarei pelo Senhor, seu Deus, pois não os salvarei pelo arco, nem pela espada, nem pela guerra, nem pelos cavalos, nem pelos cavaleiros".

'Desfavorecida', em hebraico, Lo-Ruama, significa: 'Deus não terá misericórdia' ou 'não amada', pois o Senhor não teria mais misericórdia de Israel por causa dos seus pecados. Entretanto, Ele disse que se compadeceria da casa de Judá.

'Os salvarei pelo Senhor, seu Deus, pois não os salvarei pelo arco, nem pela espada, nem pela guerra, nem pelos cavalos, nem pelos cavaleiros' – se refere ao salvamento milagroso de Judá durante o cerco de Senaqueribe, em 701 AC, quando seu exército foi completamente dizimado pelo anjo do Senhor (2 Rs 19: 32-36; 2 Cr 32: 21-22; Is 37: 33-37).

- Os 1: 8-9: "Depois de haver desmamado a Desfavorecida [NVI: Lo-Ruama], concebeu e deu à luz um filho. Disse o Senhor a Oséias: Põe-lhe o nome de Não-Meu-Povo [NVI: Lo-Ami], porque vós não sois meu povo, nem eu serei vosso Deus".

Lo-Ami (Os 1: 9) significa: 'Não-Meu-Povo', e mostra o descontentamento de Deus com eles, a ponto de rejeitá-los como Seu povo.

- Os 1: 10-11: "Todavia, o número dos filhos de Israel será como a areia do mar, que se não pode medir, nem contar; e acontecerá que, no lugar onde se lhes dizia: Vós não sois meu povo, se lhes dirá: Vós sois filhos do Deus vivo. Os filhos de Judá e os filhos de Israel se congregarão, e constituirão sobre si uma só cabeça, e subirão da terra [NVI: e se levantarão da terra], porque grande será o dia de Jezreel".

Apesar do que o Senhor estava dizendo para Oséias, Ele não rejeitaria Seu povo eternamente, pois seria fiel à promessa feita a Abraão (Gn 22: 17) e Jacó (Gn 28: 14; Gn 32: 12). É interessante que a família de Rebeca, ao despedi-la de casa, quando ela partiu para Canaã para ser esposa de Isaque, a abençoou com a mesma bênção (Gn 24: 60).

'Vós sois filhos do Deus vivo. Os filhos de Judá e os filhos de Israel se congregarão, e constituirão sobre si uma só cabeça, e subirão da terra, porque grande será o dia de Jezreel' – aqui se refere à vinda de Jesus, que seria uma só cabeça sobre eles, unindo Israel e Judá sob Seu governo (cf. Os 3: 5). Jezreel significa: 'Deus planta', 'Deus semeia', o que significa que Ele mesmo seria responsável por plantar a nova

semente da Sua palavra no coração do Seu povo (Os 2: 23; Os 3: 5), que passaria a buscá-lo e adorá-lo como seu Rei.

Capítulo 2

- Os 2: 1: “Chamai a vosso irmão Meu-Povo e a vossa irmã, Favor [NVI: e a suas irmãs ‘Minhas Amadas’]”.

O concerto de Deus com Seu povo seria novamente restaurado, e Seus filhos e filhas teriam outros nomes: ‘Meu-Povo’ e ‘Favor’ ou ‘Minhas Amadas’, aqui chamados de irmãos e irmãs do profeta.

- Os 2: 2-23 (A infidelidade do povo e a fidelidade de Deus):

- Os 2: 2-5: “Repreendei vossa mãe, repreendei-a, porque ela não é minha mulher, e eu não sou seu marido, para que ela afaste as suas prostituições de sua presença e os seus adultérios de entre os seus seios; para que eu não a deixe despida, e a ponha como no dia em que nasceu, e a torne semelhante a um deserto, e a faça como terra seca, e a mate à sede, e não me compadeça de seus filhos, porque são filhos de prostituições [NVI: são filhos de adultério]. Pois sua mãe se prostituiu; aquela que os concebeu houve-se torpemente [NVI: está coberta de vergonha], porque diz: Irei atrás de meus amantes, que me dão o meu pão [NVI: comida] e a minha água, a minha lã e o meu linho, o meu óleo e as minhas bebidas”.

Deus fala a Oséias sobre a terra de Israel a quem chama de esposa, e pede para que ele a repreenda pela sua idolatria (‘suas prostituições’), antes que Ele tire dela a Sua proteção e a deixe sozinha e envergonhada publicamente (‘despida’), sem um Deus para protegê-la, e retire dela todo o seu sustento de água (uma terra estéril), e mate seus habitantes (‘filhos’). Deus continua reprovando Israel, que, como uma mulher adúltera, seguiu outros deuses e atribuía a eles o seu pão, sua água e todas as bênçãos dos rebanhos e da lavoura (‘minha lã e o meu linho, o meu óleo e as minhas bebidas’). Essa reação do povo israelita, da nação de Israel, era semelhante ao que Gômer fizera com Oséias. Portanto, seu casamento instável ainda era um reflexo das relações de Israel com seu Deus.

- Os 2: 6-7: “Portanto, eis que cercarei o seu caminho com espinhos; e levantarei um muro contra ela, para que ela não ache as suas veredas [NVI: a cercarei de tal modo que ela não poderá encontrar o seu caminho]. Ela irá em seguimento de seus amantes, porém não os alcançará; buscá-los-á, sem, contudo, os achar; então, dirá: Irei e tornarei para o meu primeiro marido, porque melhor me ia então do que agora”.

A partir daqui até o v. 13, o Senhor dá à terra de Israel a justa retribuição pela sua traição.

‘Cercarei o seu caminho com espinhos; e levantarei um muro contra ela, para que ela não ache as suas veredas’ – antecipa o exílio, quando os israelitas se separariam dos seus ídolos, em especial de Baal.

‘Ela irá em seguimento de seus amantes, porém não os alcançará; buscá-los-á, sem, contudo, os achar’ – o povo tentará voltar às suas antigas práticas, mas para onde eles vão, não conseguirão achar seus antigos deuses.

‘Irei e tornarei para o meu primeiro marido’ – se refere ao retorno para o Deus verdadeiro.

- Os 2: 8-9: “Ela, pois, não soube que eu é que lhe dei o trigo, e o vinho, e o óleo, e lhe multipliquei a prata e o ouro, que eles usaram para Baal. Portanto, tornar-me-ei, e

reterei, a seu tempo, o meu trigo e o meu vinho, e arrebatarei a minha lã e o meu linho, que lhe deviam cobrir a nudez”.

Deus fala ao profeta que Israel precisava reconhecer quem era o seu abençoador, quem lhe dava o trigo, o vinho, o óleo, a prata e o ouro. Por isso, Ele removeria deles as bênçãos da natureza, da lavoura e dos rebanhos, para que eles pudessem se dar conta disso. As necessidades da nação não seriam supridas.

- Os 2: 10-13: “Agora, descobrirei as suas vergonhas aos olhos dos seus amantes, e ninguém a livrará da minha mão. Farei cessar todo o seu gozo, as suas Festas de Lua Nova, os seus sábados e todas as suas solenidades [NVI: suas festas anuais, suas luas novas, seus dias de sábado e todas as suas festas fixas]. Devastarei a sua vide e a sua figueira, de que ela diz: Esta é a paga que me deram os meus amantes; eu, pois, farei delas um bosque [NVI: um matagal], e as bestas-feras do campo [NVI: os animais selvagens] as devorarão. Castigá-la-ei pelos dias dos baalins, nos quais lhes queimou incenso, e se adornou com as suas arrecadas [NVI: se enfeitou com anéis] e com as suas jóias, e andou atrás de seus amantes, mas de mim se esqueceu, diz o Senhor”.

A partir de agora Deus envergonharia Seu povo, fazendo com que sua alegria cessasse, assim como as suas festas, pois as vides e as figueiras não dariam seu fruto, e Israel seria punido por causa das inúmeras vezes que queimou incenso aos falsos deuses e se enfeitou para celebrar suas festas e seus sacrifícios, se esquecendo do Senhor. Isso era para que eles percebessem que não eram seus falsos deuses que lhes concediam prosperidade em troca de adoração.

A Festa da Lua Nova (Nm 28: 11; 14; 1 Sm 20: 5; 18; 24; Is 66: 23; 2 Cr 8: 13), assim como o Sábado (Êx 23: 12; Êx 35: 1-3), eram dias sagrados, quando as ocupações normais eram proibidas, pois eram dias de descanso. O mês (yerah ou yare’ach = lua) tinha início (Nm 10: 10) quando o crescente da lua nova era visto pela primeira vez ao pôr-do-sol. Assim, a Festa da Lua Nova comemorava a entrada dos meses.

A palavra ‘arrecadas’ ou ‘pendentes’ ou ‘argolas’ refere-se a anéis usados nas orelhas (Gn 35: 4; Ex 32: 2-3) ou no nariz (Gn 24: 47; Is 3: 21; Ez 16: 12), muito comum naquela época entre as mulheres.

- Os 2: 14-17: “Portanto, eis que eu a atrairei, e a levarei para o deserto, e lhe falarei ao coração [NVI: vou levá-la para o deserto e falar-lhe com carinho]. E lhe darei, dali, as suas vinhas e o vale de Acor (cf. Is 65: 10) por porta de esperança [NVI: Ali devolverei a ela as suas vinhas, e farei do vale de Acor uma porta de esperança]; será ela obsequiosa como nos dias da sua mocidade [NVI: Ali ela me responderá como nos dias de sua infância] e como no dia em que subiu da terra do Egito. Naquele dia, diz o Senhor, ela me chamará: Meu marido e já não me chamará: Meu Baal. Da sua boca tirarei os nomes dos baalins, e não mais se lembrará desses nomes [NVI: seus nomes não serão mais invocados]”.

Aqui (v. 14-17), o Senhor começa a falar sobre a restituição da nação de Israel. Primeiro, Ele fala que terá de levá-la ao deserto, onde falará com ela. Isso se refere ao exílio ou a um período de privação espiritual muito grande, que pode ser comparado à peregrinação no deserto do tempo de Moisés.

‘E lhe darei, dali, as suas vinhas e o vale de Acor por porta de esperança’ ou ‘Ali devolverei a ela as suas vinhas, e farei do vale de Acor (cf. Is 65: 10; Js 7: 24-26) uma porta de esperança’ – em terra estrangeira, eles se lembrariam de suas vinhas (símbolo de prosperidade, paz, e do favor divino; também um símbolo do povo escolhido que foi tirado do Egito e plantado numa terra prometida por Deus) e teriam suas mentes abertas para entender que longe do Senhor só havia aflição, mas se eles O buscassem, mesmo

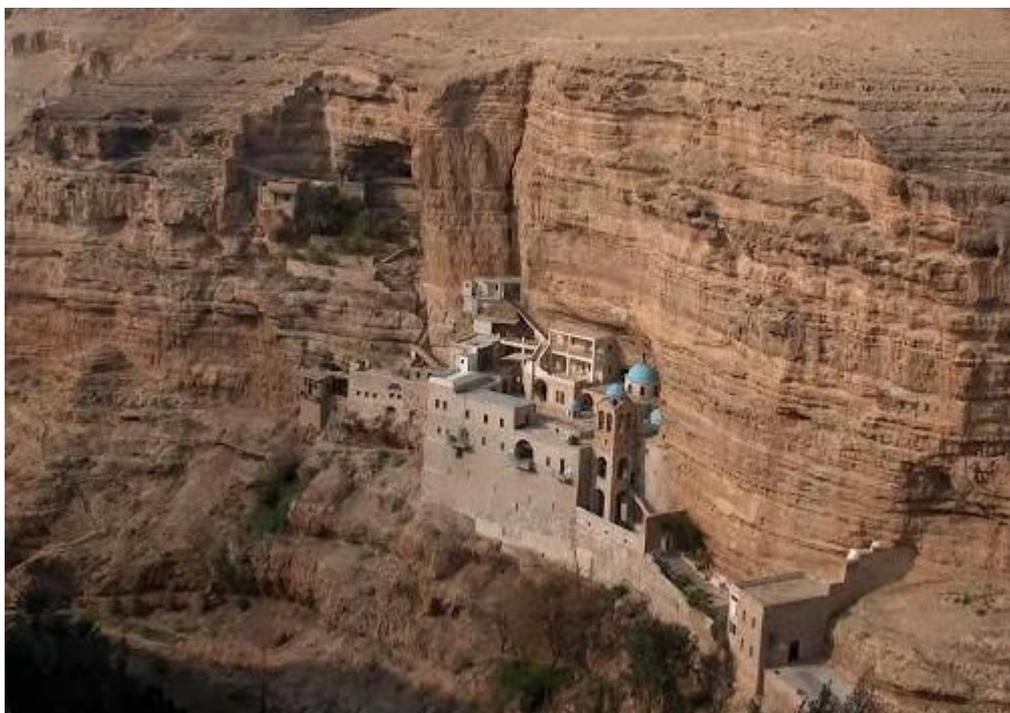
naquele lugar de opressão, Ele lhes mostraria o Seu favor, e renovaria neles a esperança de poder voltar à sua terra e reconstruir suas vidas, sendo restituídos de tudo o que perderam. Quando nos lembramos do que Jeremias escreveu em relação ao cativo na Babilônia (Jr 29: 4-7), nós podemos ver que os babilônios permitiram que os exilados judeus formassem famílias, construísem suas casas, cultivassem pomares e pudessem consultar os seus próprios chefes e anciãos (Ez 20: 1-44); dessa forma, eles aprenderam a viver em comunidade. Além da agricultura, alguns judeus se dedicaram ao comércio, a fim de terem sua sobrevivência. Por isso, muitos se acostumaram naquela terra e não quiseram voltar a Israel, mesmo após a liberação de Ciro. Mas em se tratando da Assíria, parece que não houve isso, pois o comportamento dos assírios foi outro para com os exilados. Os assírios tinham métodos bem cruéis de tratar seus prisioneiros; usavam de tortura e mutilação e matavam-nos por muito pouca coisa e sem necessidade alguma. Eles eram conhecidos por decapitar os povos vencidos, fazendo pirâmides com seus crânios; também crucificavam ou empalavam os prisioneiros, arrancavam seus olhos e os esfolavam vivos.

Assim, o termo ‘vale de Acor’ (cf. Is 65: 10; Js 7: 24-26) parece ter sido bem empregado, lembrando-os do pecado de Acã (Js 7: 24-26), e da disciplina que Ele teve que exercer para manter os israelitas no caminho correto, a fim de tomarem posse da Terra Prometida. Depois de terem tomado Jericó, os israelitas, sob o comando de Josué, tentaram tomar a cidade de Ai, mas foram vencidos, feridos e perseguidos pelos seus cidadãos. Isso porque Acã tinha escondido uma boa capa babilônica, duzentos siclos de prata (dois quilos e trezentos gramas) e uma barra de ouro de cinqüenta siclos (quinhentos e setenta e cinco gramas) na terra, no meio de sua tenda. Acã significa: o que dá trabalho, perturbador, e deriva de Acor ou Acar, em hebraico, derivado do verbo cãkhar = afligir, perturbar, causar transtorno, atribular. Portanto, Acar (‘ãkhar) significa: homem da tribulação. Como punição de Deus, ele, sua família, seu gado, sua tenda e seus pertences foram queimados no vale de Acor. E todo o Israel os apedrejou e os queimou. Isso foi necessário para limpar a nação da mancha do pecado gerada pela desobediência e pela rebeldia de um homem. Portanto, o vale de Acor seria conhecido como ‘o vale da tribulação’ ou ‘o vale da aflição’.



O Vale de Acor no Wadi Qelt em Israel

O vale de Acor (Js 7: 24-26; Is 65: 10; Os 2: 25), na fronteira de Judá (Js 15: 7), é provavelmente o Wadi Qelt, localizado 1,6 km ao sul de Jericó. No Wadi Qelt pode-se ver hoje um monastério do Cristianismo Bizantino, chamado de Monastério de São Jorge, construído em 340 EC e destruído pelos persas em 614 EC (a dinastia Sassânida: 224–651). Foi novamente reconstruído e abandonado no século XII e finalmente reconstruído e habitado por monges Greco-Ortodoxos no século XIX. Seu nome em árabe é Mar Jaras.



Detalhes do Monastério de São Jorge

O que Deus falava para os israelitas cativos na Assíria é que aquele vale de aflição seria transformado numa porta de esperança quando os exilados passassem por ele ao retornar para a terra de Canaã, como no passado ele tinha sido uma porta de esperança para quem estava entrando na terra da promessa de Deus.

Quando a bíblia fala ‘dali’ ou ‘ali’ pode significar também: ‘a partir do momento do seu arrependimento’, ou seja, do arrependimento de Israel. Para o Israel arrependido, depois de passar pelo vale de Acor (pela tribulação e angústia), haverá uma porta de esperança, que talvez possa ser interpretada também como a primeira vinda de Jesus, que trouxe a Seu povo desesperançado, uma nova chance e uma nova esperança de redenção (cf. Jr 31: 31-34).

‘Será ela obsequiosa como nos dias da sua mocidade e como no dia em que subiu da terra do Egito’ ou ‘Ali ela me responderá como nos dias de sua infância’ – significa uma regeneração da nação no seu relacionamento com o Senhor, em pureza, quando Ele a tirou da terra do Egito. Para Ele, ela era pura naquela época. Portanto, no ‘deserto’, no exílio na Assíria (ou no deserto espiritual), Deus a purificaria de sua idolatria e ela o ouviria e Lhe responderia novamente.

‘Naquele dia’ – o dia do seu arrependimento.

‘Naquele dia, diz o Senhor, ela me chamará: Meu marido e já não me chamará: Meu Baal. Da sua boca tirarei os nomes dos baalins, e não mais se lembrará desses nomes [NVI: seus nomes não serão mais invocados]’ – Em Gn 18: 3, nós podemos ver

que Abraão usou uma palavra comum no sentido de servos e patrões ou senhores, que foi 'adon (‘senhor, amo’, ‘mestre’) ou 'adhoni ou 'adni' (‘meu senhor’). Entretanto, havia outra palavra comum para ‘senhor’ ou ‘marido’, que era baal (‘senhor, possuidor, amo, marido’), usada pelas mulheres para chamar seus maridos: meu ‘baal’, i.e., meu senhor, meu marido. Mas a palavra ‘senhor’ era também usada para os falsos deuses de Canaã, Fenícia, Síria, Mesopotâmia e todas as regiões ao redor, especialmente Baal. Quando os israelitas entraram em Canaã notaram que cada trecho da terra tinha sua própria deidade, seu ‘dono’ ou ‘senhor’. Assim sendo, havia muitos baals; e o plural hebraico be'âlim aparece em português como ‘baalins’ (1 Rs 18: 18). O Deus hebreu era o ‘Senhor’ ou ‘marido’ dos israelitas, e, portanto, chamavam-no de ‘baal’, e isso levou a uma grande confusão entre a adoração ao único Deus vivo e verdadeiro e os rituais de Baal, pelo que se tornou essencial chamar o Senhor por um nome diferente, como 'ish (ישׁ – Os 2: 16-17), que significa ‘marido’ ou ‘homem’. Por isso, a orientação de Deus nesse versículo. Israel chamaria a Deus de ‘Meu Marido’ ('ish), não mais de ‘meu Baal’, ‘meu senhor’, como a nação costumava chamar a este falso deus. O Senhor não admitiria ser chamado pelo nome de um deus pagão.

- Os 2: 18: “Naquele dia, farei a favor dela aliança com as bestas-feras do campo, e com as aves do céu, e com os répteis da terra; e tirarei desta o arco, e a espada, e a guerra e farei o meu povo repousar em segurança [NVI: Naquele dia, em favor deles farei um acordo com os animais do campo, com as aves do céu e com os animais que rastejam pelo chão. Arco, espada e guerra, eu os abolirei da terra, para que todos possam viver em paz]”.

O Senhor garante que haverá paz, e os animais selvagens (v. 12) não mais devorarão as videiras e as figueiras. Haverá paz na terra, quando o Senhor resolver agir e libertá-los do exílio. Exércitos hostis não invadirão mais o território israelita.

‘Naquele dia’ – pode ser no dia do retorno do exílio, após o arrependimento de Israel, ou nos dias do evangelho, que o Senhor já estava preparando para que Seu povo o conhecesse e pudesse viver em paz com Deus.

- Os 2: 19-20: “Desposar-te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça, e em juízo, e em benignidade, e em misericórdias [NVI: com justiça e retidão, com amor e compaixão]; desposar-te-ei comigo em fidelidade, e conhecerás ao Senhor”.

Desposar alguém significa se comprometer com essa pessoa. A união de Deus com Sua nação a quem Ele chama de esposa será uma aliança de fidelidade, justiça, retidão, amor e compaixão. E será uma aliança eterna. Num relacionamento sincero e amoroso, Seu povo conhecerá o Senhor, não de uma maneira intelectual, mas emocional e espiritual, no coração, através das novas experiências com Ele (cf. Jr 31: 34).

- Os 2: 21-23: “Naquele dia, eu serei obsequioso [NVI: Naquele dia eu responderei], diz o Senhor, obsequioso aos céus, e estes, à terra [NVI: Responderei aos céus, e eles responderão à terra]; a terra, obsequiosa ao trigo, e ao vinho, e ao óleo; e estes, a Jezreel [NVI: e a terra responderá ao cereal, ao vinho e ao azeite, e eles responderão a Jezreel]. Semearei Israel para mim na terra e compadecer-me-ei da Desfavorecida; e a Não-Meu-Povo direi: Tu és o meu povo! Ele dirá: Tu és o meu Deus!”

‘Naquele dia’ – os dias do evangelho: graça, renovação da aliança de Deus com Seu povo. Ele fará com que os céus enviem a chuva para a terra, e a terra faça germinar as sementes da videira, do trigo e da oliveira. Mais do que bênçãos naturais e materiais,

Ele lhes dará a bênção de ter renovada a sua aliança com Ele, e eles passarão a ser Seu povo e Ele será o seu Deus e se compadecerá deles.

‘Semearei Israel para mim na terra’ – Deus os multiplicará na terra como sementes que são semeadas. Jezreel significa ‘Deus semeia’, por isso a palavra foi usada aqui como um símbolo dessa semeadura, como símbolo de Israel.

Capítulo 3

- Os 3: 1-5 – A longanimidade de Deus

- Os 3: 1-2: “Disse-me o Senhor: Vai outra vez, ama uma mulher, amada de seu amigo e adúltera, como o Senhor ama os filhos de Israel, embora eles olhem para outros deuses e amem bolos de passas [NVI: O Senhor me disse: Vá, trate novamente com amor sua mulher, apesar de ela ser amada por outro e ser adúltera. Ame-a como o Senhor ama os israelitas, apesar de eles se voltarem para outros deuses e de amarem os bolos sagrados de uvas passas]. Comprei-a, pois, para mim por quinze peças de prata [NVI: cento e oitenta gramas, ou ‘quinze siclos’; 1 siclo equivalia a aproximadamente 12 g] e um ômer e meio de cevada [264,30 litros, ou 330 litros em medida americana; ômer era uma medida para secos; 1 ômer = 176,2 litros ou 220 litros em medida americana]”.

Ainda neste capítulo, o casamento do profeta retrata as relações de Israel com seu Deus.

O Senhor falou a Oséias para reconquistar Gômer, dando a entender a Sua intenção de redimir Israel. Se ele a comprou significa que ela era propriedade de outro homem.

‘Comprei-a, pois, para mim por quinze peças de prata’, ou seja, quinze siclos de prata, metade do preço de um escravo (Êx 21: 32). A compra de Gômer por Oséias simbolizou o grande amor de Deus, que o move a buscar reconciliação até mesmo quando, para isso, Ele tem de humilhar-se (Fp 2: 8). A única diferença entre o preço que Oséias pagou por Gômer e o que Jesus pagou por nós foi o valor da ‘compra’. O preço que Ele pagou pela nossa vida foi bastante alto. Ele nos comprou das mãos do diabo com Sua própria vida, pois para Ele nós valemos mais do que o preço de um escravo.

‘Bolos de passas’ ou ‘bolos sagrados de uvas passas’ deviam ser usados, provavelmente, na adoração aos deuses da fertilidade dos cananeus.

- Os 3: 3-4: “... e lhe disse: tu esperarás por mim muitos dias; não te prostituirás, nem serás de outro homem; assim também eu esperarei por ti. Porque os filhos de Israel ficarão por muitos dias sem rei, sem príncipe [NVI: sem líder], sem sacrifício, sem coluna [NVI: sem colunas sagradas], sem estola sacerdotal ou ídolos do lar”.

Essa espera que Oséias estava falando em relação a Gômer representava o exílio de Israel, quando a nação não teria mais líder, nem chance de realizar os sacrifícios aos seus deuses. As colunas de pedra eram usadas pelos cananeus em sua adoração a Baal e a outros deuses (1 Rs 14: 23; 2 Rs 3: 2; 2 Rs 10: 26-27; 2 Rs 17: 10).

A estola sacerdotal, o éfode, era a vestimenta usada pelo sumo sacerdote (Êx 28: 4-30) e que continha duas pedras (o Urim e o Tumim) pelas quais se consultavam o Senhor [Êx 28: 30 (Arão); 1 Sm 23: 6; 9-14 (Davi e Abiatar)], mas não se misturava com adoração pagã nem era usada para ‘adivinhação’. No caso de Oséias isso é mencionado para mostrar o tipo de idolatria no reino do norte quando foi feita essa profecia. Em Jz 17: 1; 4-6; 7; 9-12; Jz 18: 14, 17, 18, 19, 20; 30, a estola é mencionada junto com um moço levita de Belém de Judá e as imagens de Mica, um homem Efraimita que o contratou para ser sacerdote de sua casa. Essas imagens eram ídolos do lar (hebraico: Teraphim ou Traphiyim – Strong#8655: ídolo familiar, imagem (de um ídolo); idolatria; como os ídolos de Gn 31: 19, 30, 32, 35 (os ídolos de Labão, furtados por Raquel); 2 Rs 23: 24, usados na prática da adivinhação.

• Os 3: 5: “Depois, tornarão os filhos de Israel, e buscarão ao Senhor, seu Deus, e a Davi, seu rei; e, nos últimos dias, tremendo, se aproximarão do Senhor e da sua bondade [NVI: Virão tremendo atrás do Senhor e das suas bênçãos]”.

‘Davi, seu rei’ – uma referência a Jesus. Para os judeus, a figura do Messias era a do Messias davídico, por isso todos os profetas se referem a Jesus dessa forma, ainda que eles não entendessem que Deus traria Sua salvação de outro jeito; mas Deus sabia, e é isso o que importa, e Ele usava essa visão presente no meio do Seu povo ao se referir ao Seu Filho.

‘Nos últimos dias’ – nos tempos do Messias, no tempo do evangelho, quando os que cressem se aproximariam de Jesus e da Sua bondade, pois necessitavam de Suas bênçãos. ‘Virão tremendo’ expressa a reverência e o temor de Deus no coração dos judeus contritos.

Muitos profetas se referiram a Jesus, o Messias, o Filho de Davi: ‘tronco de Jessé’ ou ‘ a raiz de Jessé’ (Is 11: 1-10); ‘Renovo justo’ (Jr 23: 5); Renovo de justiça (Jr 33: 15). Outros chamam o Messias de Davi (Jr 30: 9; Ez 34: 23-24; Ez 37: 24-25).

O Reino do Norte (Israel) rejeitou o reinado de Davi (o Reino do Sul – Judá) em sua rebeldia contra Roboão (1 Rs 12: 16-19). O retorno de Israel para Deus envolveria a união entre Israel e Judá, com o reconhecimento da dinastia de Davi estabelecida pelo Senhor.

Capítulo 4

- Os 4: 1-19 – A corrupção geral de Israel

A partir daqui, Oséias denuncia a corrupção, o orgulho e a idolatria de Israel (4: 1 – 7: 16; 8: 4). Então, por suas más ações, Israel é reprovado diante de Deus.

- Os 4: 1-2: “Ouvi a palavra do Senhor, vós, filhos de Israel, porque o Senhor tem uma contenda com os habitantes da terra [NVI: o Senhor tem uma acusação contra vocês que vivem nesta terra], porque nela não há verdade, nem amor, nem conhecimento de Deus. O que só prevalece é perjurar, mentir, matar, furtar e adulterar, e há arrombamentos e homicídios sobre homicídios [NVI: Só se vêem maldição, mentira e assassinatos, roubo e mais roubo, adultério e mais adultério; ultrapassam todos os limites! E o derramamento de sangue é constante]”.

‘O Senhor tem uma contenda’ – contenda se refere a uma reclamação formal que acusa Israel de infringir o concerto com Deus.

‘Porque nela não há... conhecimento de Deus’ – não o conhecimento intelectual, mas o reconhecimento da Sua autoridade como o Senhor que fez a aliança com Israel. Mais do que isso, a revelação pessoal do Seu caráter, a informação revelada sobre Sua pessoa e sobre Suas intenções para com eles.

Perjurar significa ‘quebrar um juramento’, ‘jurar falso’, o que pode se referir ao mau uso do nome do Senhor em juramentos e em blasfêmias (Êx 20: 7). Mas Oséias lista outros pecados que parecem ser os mais frequentes: mentir, matar, furtar e adulterar [NVI: Só se vêem maldição, mentira e assassinatos, roubo e mais roubo, adultério e mais adultério; ultrapassam todos os limites! E o derramamento de sangue é constante].

- Os 4: 3-6: “Por isso, a terra está de luto [ou ‘está seca’], e todo o que mora nela desfalece, com os animais do campo e com as aves do céu; e até os peixes do mar perecem. Todavia, ninguém contenda, ninguém repreenda; porque o teu povo é como os sacerdotes aos quais acusa [NVI: Mas, que ninguém discuta, que ninguém faça acusação, pois sou eu quem acusa os sacerdotes]. Por isso, tropeçarás de dia, e o profeta contigo tropeçará de noite [NVI: Vocês tropeçam dia e noite, e os profetas tropeçam com vocês]; e destruirei a tua mãe. O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento. Porque tu, sacerdote, rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos”.

Por causa de tudo aquilo, a terra estará seca e estéril, e os animais morrerão de fome, os animais terrestres, as aves e os peixes.

Então, o Senhor fala para que ninguém questione ou acuse os sacerdotes porque o povo é igual a eles, e quem pode acusá-los é Ele. Os sacerdotes e os profetas tropeçam dia e noite por causa da sua negligência em relação à lei. Eles fracassaram no ensino verdadeiro dela e, por isso, o povo não tinha o conhecimento de Deus.

‘destruirei a tua mãe’ – Deus destruirá a nação rebelde que se recusa a ouvi-lo e rejeita Seus mandamentos e Sua correção.

‘também eu me esquecerei de teus filhos’ – se refere à destruição da linhagem sacerdotal.

- Os 4: 7-9: “Quanto mais estes se multiplicaram, tanto mais contra mim pecaram; eu mudarei a sua honra em vergonha. Alimentam-se do pecado do meu povo e da maldade dele têm desejo ardente [NVI: e têm prazer em sua iniquidade]. Por isso, como é o povo, assim é o sacerdote; castigá-lo-ei pelo seu procedimento e lhe darei o pago das suas obras [NVI: Portanto, castigarei tanto o povo quanto os sacerdotes por causa dos seus caminhos, e lhes retribuirei seus atos]”.

Quanto mais numerosos fossem os sacerdotes, mais pecado haveria, por isso, o Senhor transformaria sua honra em vergonha. Eles estimulavam o pecado e sentiam prazer com isso. O sacerdócio era uma grande honra, mas os sacerdotes ímpios de Israel manchavam esta honra.

‘Alimentam-se do pecado do meu povo’ significa não apenas o prazer no erro moral dos israelitas, mas os sacerdotes aceitavam a carne dos sacrifícios hipócritas dos adoradores por causa da sua ganância e cobiça (Os 6: 9; Os 8: 11-13).

O povo e os sacerdotes eram iguais, ‘farinha do mesmo saco’. Não havia diferença nenhuma entre o nível moral dos sacerdotes e dos leigos. Eles seriam castigados, todos. Na verdade, os filhos de Israel andaram em todos os pecados que Jeroboão I tinha cometido (1 Rs 12: 25-33). Com medo de que o povo voltasse a adorar em Jerusalém e retornasse para Roboão, o rei de Israel fez dois bezerros de ouro e disse ao povo que aqueles eram os deuses que os fizeram sair do Egito. E pôs um em Betel e o outro, em Dã. Também fez santuários nos altos e, dentre o povo, constituiu sacerdotes que não eram dos filhos de Levi. Ali se queimava incenso. A seu bel-prazer instituiu uma festa no 15º dia do 8º mês, igual à festa dos Tabernáculos que se fazia em Judá, e sacrificou no altar em Betel e em Dã. O povo e os reis de Israel seguiram o seu exemplo por dois séculos.

Eram esses os sacerdotes idólatras que ministravam em Israel, não mais os sacerdotes levitas instituídos por Deus, pois a bíblia diz que estes fugiram para Roboão quando Jeroboão I começou a fazer suas reformas religiosas e os expulsou de Israel para que não mais ministrassem ao Senhor (2 Cr 11: 13-17).

- Os 4: 10-11: “Comerão, mas não se fartarão; entregar-se-ão à sensualidade, mas não se multiplicarão, porque ao Senhor deixaram de adorar. A sensualidade, o vinho e o mosto tiram o entendimento [NVI: eles comerão, mas não terão o suficiente; eles se prostituirão, mas não aumentarão a prole, porque abandonaram o Senhor para se entregarem à prostituição, ao vinho velho e ao novo, prejudicando o discernimento do meu povo]”.

Não haveria bênçãos sobre eles porque haviam abandonado o Senhor. Não se fartariam com o alimento e, ainda que se entregassem à sensualidade, não gerariam descendência, pois não era Baal que lhes daria isso. Eles haviam se entregado ao vinho, que lhes tirava o discernimento das coisas espirituais e, conseqüentemente, o povo também ficava privado desse entendimento. Neste versículo, a luxúria se refere à prostituição associada à adoração a Baal, assim como o vinho era empregado na adoração a ele.

- Os 4: 12-14: “O meu povo consulta o seu pedaço de madeira, e a sua vara lhe dá resposta [NVI: de um pedaço de pau recebem resposta]; porque um espírito de prostituição os enganou, eles, prostituindo-se, abandonaram o seu Deus. Sacrificam sobre o cimo dos montes e queimam incenso sobre os outeiros, debaixo do carvalho, dos choupos [NVI: estoraque; NIV: ‘poplar’, álamo] e dos terebintos, porque é boa a sua sombra; por isso, vossas filhas se prostituem, e as vossas noras adulteram. Não castigarei vossas filhas, que se prostituem, nem vossas noras, quando adulteram, porque

os homens mesmos se retiram com as meretrizes e com as prostitutas cultuais sacrificam [NVI: porque os próprios homens se associam a meretrizes e participam dos sacrifícios oferecidos pelas prostitutas cultuais], pois o povo que não tem entendimento corre para a sua perdição.”

Oséias fala aqui da prostituição espiritual a que se referiu antes. Os israelitas consultavam os ídolos e achavam que estavam recebendo as respostas às suas perguntas. ‘Sua vara’ se refere aos ídolos de madeira que o povo consultava. O espírito de prostituição de que ele fala era a índole à idolatria, que os afastava de Deus e os fazia sacrificar no alto dos montes e queimar incenso aos ídolos sobre os montes e debaixo dos carvalhos e dos terebintos. Os ídolos consistiam em pilares de pedra e postes de madeira. Na adoração a Baal se usava o vinho, assim como a adivinhação, os sacrifícios e os ritos sexuais. Havia a prostituição cultural junto com a prostituição espiritual a que o profeta se refere. Mas Deus diz que não castigaria as mulheres por causa disso, uma vez que os homens também adulteravam com as meretrizes. O povo não tinha entendimento.



Terebinto (*Pistacia terebinthus* ou *Pistacia palaestina*)



Flor do Terebinto (*Pistacia terebinthus* ou *Pistacia palaestina*)

‘Debaixo do carvalho, dos choupos e dos terebintos’ – as palavras em hebraico usadas aqui são: ’allown (carvalho; Strong #437), libneh (choupo ou álamo; Strong #3839) e ’elâ (elah; Strong #424), traduzida na KJV como ‘olmo’ (olmeiro), ou nas versões em português, como ‘terebinto’ ou ‘carvalho’. Na verdade, a tradução ‘olmo’ ou ‘olmeiro’ para o terebinto é errada. O olmeiro não é árvore nativa da Palestina, mas é mais freqüente na Península Ibérica. Em hebraico, a palavra usada para terebinto pode ser a mesma para ‘carvalho’, ou seja, ‘allâ, ’allôn (ou ’allown) e ’elâ. Pode ser traduzida também como tília, mas a tília não cresce no Oriente Médio atualmente, onde os versículos da bíblia estão descrevendo agora. A tília ou a árvore é nativa do norte da Europa e Ásia. O terebinto, sim, está presente nas colinas quentes e secas da Palestina, mas também é nativa da região do Mediterrâneo como Marrocos, Portugal e Ilhas Canárias; presente também na Turquia e na Síria. O terebinto (*Pistacia therebinthus* ou *Pistacia terebinthus* ou *Pistacia palaestina*), como descrito em Is 6: 1-13, é uma árvore decídua, pequena, de até seis metros de altura, parecendo um arbusto, e que tem flores. Suas folhas têm de dez a vinte centímetros de comprimento, e suas flores são de cor púrpura avermelhada, que desabrocham na primavera. Seus frutos pequenos são carnosos, com o tamanho de cinco a sete centímetros de comprimento, e cuja cor varia do vermelho ao negro quando estão maduros. A resina da planta tem um odor forte e penetrante, de onde se extrai a terebintina, possivelmente a mais antiga fonte deste composto. A terebintina é um solvente muito usado na preparação de tintas, vernizes e polidores. O terebinto é uma árvore isolada, ou seja, não cresce em bosques. Na Antiguidade eram comuns as práticas idólatras debaixo de terebintos.

O carvalho (cf. Is 3: 13; Is 61: 3) é uma árvore do gênero *Quercus*, que tem vinte e quatro espécies na Palestina. O carvalho era a árvore favorita sob cujas sombras os israelitas se assentavam (1 Rs 13: 14) ou sepultavam seus mortos (Gn 35: 8; 1 Cr 10: 12, onde está escrito ‘arvoredo’) ou ídolos, como fez Jacó, que enterrou os ídolos do seu clã ao sair de Siquém para Betel: Gn 35: 2; 4. Sua madeira, embora dura, não era empregada em construção. Era usada na fabricação de remos (Ez 27: 6) e de imagens de escultura (Is 44: 14-15). Basã era região repleta de carvalhos (Is 2: 13; Ez 27: 6; Zc 11: 2). Algumas espécies são perenemente verdes, mas a maioria muda de folhas anualmente (Is 6: 13). É uma árvore vigorosa, de madeira dura, que vive muitos séculos. Portanto, simboliza poder, força, longevidade, estabilidade e determinação.



Carvalho (*Quercus pedunculata* B.)

Quanto à palavra choupo ou álamo (KJV; NIV), a palavra hebraica é libneh ou libneh (Strong #3839), que significa: algum tipo de árvore esbranquiçada, talvez o

estoraque; álamo ou choupo. Entretanto, não parece ser o caso do estoraque aqui, a árvore da qual se extraía a goma aromática para se fazer o incenso sagrado usado no Tabernáculo, pois a palavra hebraica para estoraque é nātāph (Êx 30: 34), a *Styrax officinalis* (uma das cento e trinta espécies do gênero *Styrax*, distribuído em toda a Palestina). *Populus L.* é um gênero ao qual pertencem cerca de 40 espécies arbóreas ou arbustivas da família *Salicaceae* (à qual também pertence o salgueiro), vulgarmente conhecidas como choupos ou álamos. O álamo fornece uma sombra densa, e quando plantada formando bosques bem poderia servir para os ritos pagãos mencionados em Os 4: 13. A frase escrita em Os 14: 5 (‘lançará as suas raízes como o cedro do Líbano’) é traduzida na versão em inglês (RSV) como: ‘lançará raízes como o álamo’. Na ARA é traduzida como choupo. É uma árvore característica das florestas do hemisfério norte, mas também presentes nas regiões mais temperadas, geralmente ao longo de rios ou em áreas pantanosas. As folhas caem no inverno e, em algumas espécies, tornam-se amarelas antes de caírem. Essas árvores têm raízes invasivas, podendo perfurar as tubulações de água. As raízes muitas vezes dão origem a novas árvores e, por essa razão, essas espécies podem sobreviver a incêndios.



Bosque de álamos

• Os 4: 15-16: “Ainda que tu, ó Israel, queres prostituir-te [NVI: Embora você adultere, ó Israel], contudo, não se faça culpado Judá [NVI: que Judá não se torne culpada]; nem venhais a Gilgal e não subais a Bete-Áven [Nota NVI: significa ‘casa da impiedade’, um nome para Betel, que significa ‘casa de Deus’], nem jureis, dizendo: Vive o Senhor [NVI: E não digam: Juro pelo nome do Senhor]. Como vaca rebelde, se rebelou Israel; será que o Senhor o apascenta como a um cordeiro em vasta campina? [NVI: Como pode o Senhor apascentá-los como cordeiros na campina?].”

Israel havia se tornado culpado, mas o Senhor advertia a Judá para não seguir o exemplo de seus irmãos do norte, tampouco vir para adorar em Gilgal ou Betel (aqui chamado pelo nome pejorativo de Bete-Áven, ‘casa da iniquidade’ ou ‘casa da impiedade’), pois nestes lugares estavam os santuários idólatras. Com a rebeldia de

Israel o Senhor não mais poderia tratá-los como um rebanho de cordeiros na campina; eles haviam se tornado muito independentes para serem guiados pela Sua mão.

Gilgal, que desde o início da entrada nos israelitas na terra de Canaã foi um grande centro para as ações de justiça de Deus (Js 4: 20; Js 5: 9-10; Js 14: 6; Jz 2: 1; 1 Sm 7: 16; 1 Sm 15: 12; 22-23; 26-31; 33-35; 2 Rs 2: 1; Mq 6: 5), agora havia se tornado um centro de adoração idólatra, ligada a Betel por uma estrada importante (2 Rs 2: 1-2). Não só Oséias repreendia Gilgal (Os 4: 15; Os 9: 15; Os 12: 11), mas também Amós (Am 4: 4; Am 5: 5).

Gilgal e Betel eram centros de adoração criados por Jeroboão I (desde a época da separação da nação em dois reinos) e seguidos por todos os demais reis de Israel. Betel, Gilgal, Berseba se tornaram centros de cultos corruptos. Betel ficava na tribo de Efraim; Gilgal, no território de Manassés do oeste, próximo à fronteira de Efraim; e Berseba, ao sul, no território de Simeão. Quanto a Dã, onde estava o outro bezerro de ouro de Jeroboão I, ficava ao norte de Israel, na tribo de Naftali.

- Os 4: 17-19: “Efraim está entregue aos ídolos; é deixá-lo. Tendo acabado de beber, eles se entregam à prostituição; os seus príncipes amam apaixonadamente a desonra. O vento os envolveu nas suas asas; e envergonhar-se-ão por causa dos seus sacrifícios [NVI: Um redemoinho os varrerá para longe, e os seus altares lhes trarão vergonha]”.

Efraim, uma das maiores tribos de Israel, é mencionada neste versículo para representar todo o Reino do Norte.

‘É deixá-lo’ – uma expressão de frustração ou resignação de quem não tem mais o que fazer para mudar alguém ou alguma situação. Isso refletia a rebeldia de Israel a Deus.

‘O vento os envolveu nas suas asas’ ou ‘Um redemoinho os varrerá para longe’ – simboliza o vento do juízo divino afastando-os para o exílio e envergonhando-os por causa de sua idolatria.

Capítulo 5

- Os 5: 1-14 – Repreensão contra sacerdotes e príncipes

Oséias continua denunciar a corrupção, o orgulho e a idolatria de Israel (4: 1 – 7: 16; 8: 4), pelo que Israel é reprovado diante de Deus.

- Os 5: 1: “Ouvi isto, ó sacerdotes; escutai, ó casa de Israel; e dai ouvidos, ó casa do rei, porque este juízo é contra vós outros, visto que fostes um laço em Mispa e rede estendida sobre o Tabor [*o monte Tabor*]”.

O profeta começa convocando o povo, a casa do rei e os sacerdotes para ouvi-lo, porque o juízo de Deus é para todos eles. Pelo seu comportamento idólatra e injusto, os líderes, especialmente os sacerdotes, aprisionavam almas como caçadores pegavam passarinhos em suas armadilhas, pois promoveram adoração pagã nos montes altos de Israel.

O Monte Tabor é um monte na planície de Jezreel a 562 metros acima do nível do mar, de frente para o Mediterrâneo e a sudoeste do mar da Galiléia. Um santuário idólatra foi estabelecido ali nos dias de Oséias (Os 5: 1) e, por isso, ele diz que Israel foi ‘rede estendida sobre o Tabor’.

Mispa é uma aldeia em Gileade a leste do Jordão, e que alguns autores acham que se trata de Ramote-Gileade, mas ainda sem comprovação. É diferente da cidade de Mispa em Benjamim (Js 18: 26) perto de Gibeão e Ramá (1 Rs 15: 22). Benjamim fazia parte do reino de Judá, o reino do sul.

- Os 5: 2: “Na prática de excessos, vos aprofundastes; mas eu castigarei a todos eles [NVI: Os rebeldes estão envolvidos em matança. Eu disciplinarei todos eles]”.

Os rebeldes provavelmente eram os líderes e sacerdotes que haviam se rebelado contra Deus ao rejeitar Seus mandamentos. A matança ou os excessos talvez se refira aos seus atos de violência ou aos sacrifícios pagãos. O Senhor não deixaria isto passar impune.

- Os 5: 3-4: “Conheço a Efraim, e Israel não me está oculto; porque, agora, te tens prostituído, ó Efraim, e Israel está contaminado [NVI: Israel se corrompeu]. O seu proceder não lhes permite voltar para o seu Deus, porque um espírito de prostituição está no meio deles [NVI: no coração deles], e não conhecem ao Senhor”.

O profeta volta a usar a palavra ‘prostituição’ para se referir à adoração idólatra daquele povo e de seus líderes, e diz que Deus os conhece profundamente, conhece sua índole voltada à idolatria, e por isso eles estão contaminados. Eles não conhecem ao Senhor.

- Os 5: 5-7: “A soberba de Israel, abertamente, o acusa [NVI: testifica contra eles]; Israel e Efraim cairão por causa da sua iniquidade, e Judá cairá juntamente com eles. Estes irão com os seus rebanhos e o seu gado à procura do Senhor, porém não o acharão; ele se retirou deles. Aleivosamente se houveram contra o Senhor [NVI: Traíram o Senhor], porque geraram filhos bastardos; agora, a Festa da Lua Nova os consumirá com as suas porções [NVI: Agora suas festas de lua nova os devorarão, tanto a eles como as suas plantações]”.

‘Aleivosamente se houveram contra o Senhor, porque geraram filhos bastardos’ – aleive ou aleivosia significa deslealdade, traição, fraude, injúria. Num ato de traição

contra o Senhor os filhos de Judá passaram a adorar deuses estranhos e se esqueceram dEle, por isso a expressão ‘filhos bastardos’, porque Deus deixara de ser Pai deles.

A Festa da Lua Nova, comemorando a entrada dos meses, seria para eles todos, agora, um momento de aflição, não de regozijo. ‘Porções’ se refere às suas plantações (NVI), suas terras, que por permissão de Deus seriam invadidas por animais selvagens e exércitos invasores, que a devorariam (Os 2: 11-12; Os 11: 6).

Nesta fase da profecia, Oséias não menciona apenas o erro de Israel, condenando a si mesmo, mas diz que Judá seguiu seu exemplo (2 Rs 17: 19), por isso podemos pensar que os reis de Israel a que Oséias estava se dirigindo poderiam ser Peca ou Oséias, contemporâneos de Acaz, quando Judá absorveu os atos de idolatria do reino do norte e de seus vizinhos, como a Síria.

O que se sabe, pelo relato bíblico é que nos dias de Acaz, ele fez altares em todos os lugares de Jerusalém e Judá (2 Cr 28: 24-25; 2 Rs 16: 4) e queimou seu próprio filho em sacrifício (2 Rs 16: 3; 2 Cr 28: 3). Urias (2 Reis 16: 10; 11; 15-16) era o sacerdote que, a mando de Acaz, havia construído o altar idólatra (2 Rs 16: 10-12) que este tinha visto em Damasco quando foi se encontrar com Tiglate-Pileser III, sendo intimado a pagar-lhe tributo. Isso levou à adoração de divindades sírias dentro do templo de Jerusalém (2 Cr 28: 23); ele juntou os utensílios do templo e os fez em pedaços, fechando suas portas e (2 Cr 28: 24) fazendo um altar idólatra igual ao que viu em Damasco e colocando na Casa do Senhor. O altar de bronze que estava diante do Senhor ele removeu da frente da casa, do lugar entre o seu altar e a casa do Senhor, e colocou-o no lado norte do seu altar; e fez sacrifícios no novo altar (2 Rs 16: 10-18). Além do que o rei fez altares em todos os lugares de Jerusalém e Judá (2 Cr 28: 24-25; 2 Rs 16: 4). Por isso, não apenas Peca e Rezim vieram contra ele. Os Edomitas invadiram Judá e levaram presos em cativo. Também os filisteus (2 Cr 28: 18) invadiram o sul de Judá e tomaram algumas aldeias, porque o Senhor humilhou Acaz, principalmente, por causa de seus pecados de idolatria (2 Cr 28: 17-19).

- Os 5: 8-15 – É provável que esta passagem se refira ao período da guerra Siro-Efraimita (734-732 AC – 2 Rs 16: 5-9; Is 7: 1-9), quando Israel lutou para se tornar independente do domínio sírio, mas fracassou.

- Os 5: 8-9: “Tocai a trombeta em Gibeá e em Ramá tocai a rebate! Levantai gritos em Bete-Áven! Cuidado, Benjamim! Efraim tornar-se-á assolação no dia do castigo; entre as tribos de Israel, tornei conhecido o que se cumprirá”.

‘Tocai a rebate’ – um toque de trombeta avisando de um ataque e convocando os soldados para uma batalha (Nm 10: 9).

Gibeá era um cidade em Benjamim, e se tornou famosa como o lugar de nascimento de Saul (1 Sm 10: 26), ‘Gibeá de Saul’ (1 Sm 11: 4; Is 10: 29). Pode ser identificada com o sítio arqueológico de Tell el-Ful, que fica a cerca de quinze quilômetros ao norte de Jerusalém.

Ramá aqui é a cidade do território de Benjamim, também ao norte de Jerusalém. Ramá de Benjamim ficava perto de Betel, na área de Gibeom (Js 18: 25). Ramá, mencionada aqui em Os 5: 8 é a mesma Ramá de Isaías 10: 29 e Jeremias 31: 15 (cf. Mt 2: 18). Pode ser identificada com Er-Ram, a oito quilômetros ao norte de Jerusalém, perto do túmulo de Raquel (Gn 35: 19; Jr 31: 15 (cf. Mt 2: 18); 1 Sm 10: 2).

Bete-Áven se refere a Betel, em Efraim.

O profeta afirma que estava fazendo conhecido a eles o que sucederia. Avisa a Benjamim que Efraim se tornara uma assolação pelo exército inimigo, e que buscava invadir Judá, provavelmente Tiglate-Pileser III, que conquistou três regiões de Israel

entre 734-732 AC: Zebulom, Naftali e Galiléia. Damasco foi capturada em 732 AC e foi reduzida a cidade subsidiária dentro da província Assíria de Hamate. Também reduziu o reino do norte de Israel à região montanhosa de Efraim, sendo Samaria sua capital. Além de ter matado Rezim, rei da Síria, Tiglate-Pileser III confirmou o reino a Oséias, que matou Peca (2 Rs 15: 29; 2 Rs 17: 1), deixando-o governar em Samaria. O rei assírio pretendia vir a Judá e, em seguida, invadir Jerusalém. Mesmo que não tivessem entrado na Cidade Santa (Is 37: 6-7; 33-35) os assírios vieram e destruíram grande parte das terras de Judá (2 Rs 18: 13; 2 Cr 32: 1-2; Is 8: 8; 36: 1-3).

O Senhor afirmou que o julgamento anunciado seria um decreto inalterável.

- Os 5: 10-11: “Os príncipes de Judá são como os que mudam os marcos; derramarei, pois, o meu furor sobre eles como água [NVI: como uma inundação]. Efraim está oprimido e quebrantado pelo castigo, porque foi do seu agrado andar após a vaidade [NVI: esmagado pelo juízo, porque decidiu ir atrás de ídolos]”.

‘Os marcos’ eram pedras colocadas pelos proprietários de terra para demarcar os limites da sua propriedade. Se um ladrão decidia se apossar da terra de alguém era só mudar os marcos de lugar. A lei proibia isso, porque invadir a terra de alguém era uma violação de direitos, e acarretaria julgamento por parte de Deus (Dt 19: 14; Dt 27: 17; Jó 24: 2; Pv 22: 28; Pv 23: 10; 1 Rs 21: 16-19).

‘Os príncipes de Judá são como os que mudam os marcos’ – se refere em especial a Acaz e seus cortesãos, que derrubaram toda ordem política e a religião de seus ancestrais para servirem a outros deuses também, e pior ainda, invadindo o templo do Senhor e colocando ali os deuses de Damasco (2 Cr 28: 23). Ele ajuntou os utensílios do templo e os fez em pedaços, fechando suas portas (2 Cr 28: 24) e fazendo um altar idólatra igual ao que viu em Damasco e colocando na Casa do Senhor. O altar de bronze que estava diante do Senhor ele removeu da frente da casa, do lugar entre o seu altar e a casa do Senhor, e colocou-o no lado norte do seu altar; e fez sacrifícios no novo altar (2 Rs 16: 10-18). Além do que o rei fez altares em todos os lugares de Jerusalém e Judá (2 Cr 28: 24-25; 2 Rs 16: 4). Também queimou seus próprios filhos em sacrifício (2 Rs 16: 3; 2 Cr 28: 3), segundo as abominações dos pagãos. Por isso, não apenas Peca e Rezim vieram contra ele. Os Edomitas invadiram Judá e levaram presos em cativo. Também os filisteus (2 Cr 28: 18) invadiram o sul de Judá e tomaram algumas aldeias, porque o Senhor humilhou Acaz, principalmente, por causa de seus pecados de idolatria (2 Cr 28: 17-19).

‘Efraim está oprimido e quebrantado pelo castigo, porque foi do seu agrado andar após a vaidade [NVI: esmagado pelo juízo, porque decidiu ir atrás de ídolos]’ – o reino do norte foi assolado pelos assírios.

- Os 5: 12-13: “Portanto, para Efraim serei como a traça e para a casa de Judá, como a podridão. Quando Efraim viu a sua enfermidade, e Judá, a sua chaga, subiu Efraim à Assíria e se dirigiu ao rei principal, que o acudisse [NVI: e mandou buscar a ajuda do grande rei]; mas ele não poderá curá-los, nem sarar a sua chaga”.

A traça rói as roupas. Da mesma forma o Senhor destruiria Israel, as tribos do norte. Desde o tempo de Jeroboão I, já vinha fazendo isso. E como a podridão, Ele agiria destruindo o reino de Judá. Isso significa: consumindo secretamente.

As duas nações se corromperam buscando alianças políticas para se livrar dos invasores, mas acabaram pior do que estavam antes.

‘Efraim viu a sua enfermidade,... subiu Efraim à Assíria’ – No tempo de Menaém ele deu a Pul, rei da Assíria (Tiglate-Pileser III), 1.000 talentos de prata para que este o

ajudasse a consolidar seu reino, e o inimigo deixou a terra (2 Rs 15: 19-20). Sua enfermidade significa uma fraqueza, como um consumo, ameaçando de morte.

‘E Judá, a sua chaga’ – No tempo de Acaz, para se livrar da invasão de Rezim, da Síria, e de Peca, de Israel, aquele fez aliança com Tiglate-Pileser III. Assim, o rei assírio subiu contra Damasco e matou Rezim. Em troca dos favores que Tiglate-Pileser lhe havia prestado, Acaz tomou a prata e o ouro do templo, da casa real e da casa dos príncipes e os deu ao rei assírio (2 Rs 16: 7-9; 2 Cr 28: 20-21), mas depois, foi intimado a pagar tributo a este.

- Os 5: 14-15: “Porque para Efraim serei como um leão e como um leãozinho, para a casa de Judá [NVI: e como um leão grande para Judá]; eu, eu mesmo, os despedaçarei e ir-me-ei embora; arrebatá-los-ei, e não haverá quem os livre. Irei e voltarei para o meu lugar, até que se reconheçam culpados e busquem a minha face; estando eles angustiados, cedo me buscarão, dizendo:...”.

O Senhor será como um leão que despedaça tanto Israel como Judá por causa de sua traição. Depois, o Senhor se retirará deles até que haja arrependimento e O busquem. Quando eles tiverem angustiados, eles O buscarão. Esse versículo dá seqüência com o capítulo 6, cujo título é ‘Conversão insincera’.

Capítulo 6

- Os 6: 1-11 – Conversão insincera

- Os 6: 1-3: “Vinde, e tornemos para o Senhor, porque ele nos despedaçou e nos sarará; fez a ferida e a ligará [NVI: ele nos feriu, mas sarará nossas feridas]. Depois de dois dias, nos revigorará; ao terceiro dia, nos levantará, e viveremos diante dele [NVI: nos restaurará, para que vivamos em sua presença]. Conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor; como a alva, a sua vinda é certa; e ele descera sobre nós como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra [NVI: Tão certo como nasce o sol, ele aparecerá; virá para nós como as chuvas de inverno, como as chuvas de primavera que regam a terra]”.

Aqui nós vemos o povo que foi afligido pelo Senhor exortando uns aos outros, e reconhecendo que foi Ele o autor da ferida, por causa dos pecados deles. Assim, eles buscariam a renovação da aliança com Deus. Ele fez a ferida e Ele mesmo a sarará.

‘Depois de dois dias, nos revigorará; ao terceiro dia, nos levantará’ – isso diz respeito a um curto período de tempo em que ocorre a restauração deles, pois quando Deus vê arrependimento no coração de Seus filhos, Ele prontamente entra com a cura de suas almas e restaura seu relacionamento com Ele (Dt 30: 1-3).

Ao morrer na cruz, Jesus realizou uma grande vitória sobre as trevas. Mas a vitória foi mais além, quando após Sua morte, Ele ficou no túmulo por três dias, como Jonas na barriga do peixe, ressuscitou daquele lugar e mostrou-se novamente vivo.

Oséias 6: 1-2 (cf. Lc 24: 46; 1 Co 15: 3-4) tem relação com a cruz: “Vinde, e tornemos para o Senhor, porque ele nos despedaçou e nos sarará; fez a ferida e a ligará. Depois de dois dias, nos revigorará; ao terceiro dia, nos levantará, e viveremos diante dele”. O ‘ontem’ na nossa vida, quando estávamos no ‘Egito’ (mundo) e não conhecíamos Jesus, foi um momento que Deus nos feriu e nos despedaçou para podermos nos chegar a Ele e sermos resgatados e sarados. ‘Depois de dois dias nos revigorará’ fala do hoje (do segundo dia) em que temos Jesus e somos revigorados pelo Seu poder e pela Sua graça que operam em nós; e o terceiro dia se refere ao nosso futuro, que logicamente está ligado à nossa escolha de hoje de andarmos com Ele e O servirmos, ou seja, à ressurreição e à vida eterna. Por isso, é importante vivermos todo dia o nosso hoje na Sua presença, pois, assim, nosso passado será apenas um testemunho de vitória, cura e libertação; já nenhuma acusação pesa mais sobre a nossa vida. O nosso presente é momento de vitória e ressurreição dos problemas do ontem, e o nosso futuro será sempre glorioso, pois foi gerado e moldado pelas nossas atitudes do presente. Viveremos eternamente com Ele. Segundo a interpretação judaica até o 1º século, o 1º dia correspondia ao tempo de pecado; o 2º dia, o dia do perdão de Deus, e o 3º, ao tempo da redenção do povo de Deus.

Depois desses versículos, o Senhor diz para nós prosseguirmos em conhecê-LO, pois com certeza, a Sua vinda é certa. Isso não só se refere à Sua primeira vinda, quando Ele derramaria o Espírito Santo sobre os que cressem nEle (‘chuva’), mas à Sua segunda vinda (‘chuva serôdia que rega a terra’). É interessante perceber que tanto Oséias como Joel mencionam a chuva temporã e a serôdia.

Na bíblia, os termos ‘chuva temporã’ e ‘serôdia’ são usados como símbolo do derramamento do Espírito Santo e estão relacionados com a estação das chuvas anuais da Palestina. A chuva temporã caía durante o outono (mês de Outubro, início do inverno) no tempo de semear a terra garantindo assim, a colheita do inverno. Era o período do plantio. Essa chuva era necessária para a semente germinar, para fazer brotar

a semente. A chuva serôdia caía durante as primeiras semanas da primavera (mês de Abril, início do verão) antes da colheita, e era necessária para fazer com que a plantação amadurecesse para a colheita. Em outras palavras, era o período do amadurecimento e colheita dos frutos. Simbolicamente, a chuva temporã significa o derramamento do Espírito Santo que aconteceu no início da igreja primitiva (Atos 2: 1-47). Essa manifestação do Espírito Santo veio para germinar a semente do evangelho que estava sendo semeada. Em outras palavras: a chuva temporã capacitou os apóstolos para realizar a obra prodigiosa de Deus. A chuva serôdia representa o derramamento do Espírito Santo que se manifestará nos últimos dias da história da humanidade e irá preparar a terra para a colheita que Cristo realizará na Sua 2ª vinda (Os 6: 3; Os 10: 12; Jl 2: 23):

- Os 6: 3: “Conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor; como a alva, a sua vinda é certa; e ele descerá sobre nós como a chuva, como **chuva serôdia** que rega a terra”.

- Jl 2: 23: “Alegrai-vos, pois, filhos de Sião, regozijai-vos no Senhor, vosso Deus, porque ele vos dará em justa medida a chuva; fará descer, como outrora, **a chuva temporã e a serôdia**”.

Por isso, precisamos receber a chuva temporã, que o Espírito Santo derramou e quer continuar a derramar sobre nós, para que possamos receber a chuva serôdia para o arrebatamento, ou seja, uma força especial para pregar o evangelho como a última chance de arrependimento dada ao homem antes do juízo divino. É para separar definitivamente os que se destinam à Salvação.

Como um resumo de tudo isso, nós podemos dizer que devemos deixar o Espírito Santo trabalhar em nossa alma como numa terra que precisa ser lavrada e semeada para poder dar fruto, mesmo que pareçamos feridos por Deus. Ele mesmo curará a nossa ferida, pois ela foi necessária para o nosso crescimento. Em segundo lugar, devemos estar abertos ao Seu avivamento, buscando os dons do Espírito Santo e sendo instrumentos em Suas mãos para continuar a obra que foi iniciada por Jesus.



- Os 6: 4: “Que te farei, ó Efraim? Que te farei, ó Judá? Porque o vosso amor é como a nuvem da manhã e como o orvalho da madrugada, que cedo passa”.

Aqui o Senhor volta a fazer um novo discurso contra esse povo, pois parece que o seu amor é pequeno ainda, e logo termina. Ele pergunta o que deve fazer com eles por causa dessa instabilidade de coração. O amor de Israel podia ser instável, mas o de Deus é imutável.

- Os 6: 5-7: “Por isso, os abati por meio dos profetas; pela palavra da minha boca, os matei; e os meus juízos sairão como a luz [NVI: os meus juízos reluziram como relâmpagos sobre vocês]. Pois misericórdia quero, e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos. Mas eles transgrediram a aliança, como Adão; eles se portaram aleivosamente contra mim [NVI: eles quebraram a aliança, e me foram infiéis]”.

Então, Oséias continua denunciando a corrupção, o orgulho e a idolatria de Israel (4: 1 – 7: 16; 8: 4); por isso a nação é reprovada diante de Deus.

Por causa desse amor instável Deus os tinha repreendido através de Seus profetas, e Suas palavras foram bastante duras, quase que os matando. Seu juízo reluziu e ainda reluziria como um relâmpago; seria súbito e evidente. Ele já estava farto de holocaustos e sacrifícios; o que Ele mais queria era que eles praticassem a misericórdia e tivessem conhecimento dEle. E esse conhecimento só seria possível após o abandono das práticas idólatras, pois assim Ele se voltaria para eles com o Seu favor e perdão; Ele se revelaria a eles. Isso implicaria num reconhecimento da autoridade do Senhor e, portanto, em obediência aos Seus mandamentos.

Deus volta a repetir que da mesma forma que Adão fez no Éden, eles transgrediram a aliança que Ele tinha feito. Aleive ou aleivosia significa deslealdade, traição, fraude e injúria; e Seu próprio povo o traiu quando decidir adorar outros deuses.

- Os 6: 8-9: “Gileade é a cidade dos que praticam a injustiça, manchada de sangue. Como hordas de salteadores que espreitam alguém, assim é a companhia dos sacerdotes [NVI: assim fazem também os bandos de sacerdotes], pois matam no caminho para Siquém; praticam abominações”.

‘Gileade é a cidade dos que praticam a injustiça, manchada de sangue’ – isso se refere ao assassinato de Pecaías por Peca (2 Rs 15: 23-25). Entretanto, Gileade também sofreu nas mãos de Tiglate-Pileser III (745-727 AC). Ele conquistou três regiões de Israel entre 734-732 AC: Zebulom, Naftali e Galiléia (2 Rs 15: 29: “Nos dias de Peca, rei de Israel, veio Tiglate-Pileser, rei da Assíria, e tomou a Ijom, a Abel-Bete-Maaca, a Janoa, a Quedes, a Hazor, a Gileade e à Galiléia, a toda a terra de Naftali, e levou os seus habitantes para a Assíria”). As cidades de Naftali que foram conquistadas são: Ijom (1 Rs 15: 20; 2 Rs 15: 29; 2 Cr 16: 4, ao norte de Naftali), Abel-Bete-Maaca (1 Rs 15: 20; 2 Rs 15: 29; 2 Cr 16: 4 – chamada de Abel-Maim; Abel-Bete-Maaca = ‘prado da casa da opressão’), Janoa (2 Rs 15: 29. Significa ‘descanso’), Quedes (2 Rs 15: 29) e Hazor (2 Rs 15: 29. Significa ‘vila, povoação’. Fica a sudoeste do lago Hulé da Galiléia).

A cidade da região de Gileade à qual o profeta se refere é, provavelmente, Ramote-Gileade, na tribo de Gade, quase na fronteira com Manassés do leste, na região montanhosa de Gileade (1 Rs 4: 13; Gn 31: 21-25). Ramote-Gileade era uma das seis cidades de refúgio para o homicida, junto com: Hebrom, Quedes, Siquém, Bezer e Golã – Nm 35: 9-15; 22-28; Dt 4: 41-43; Dt 19: 1-3; 4; 6; 10; Js 20: 7-8.

‘Como hordas de salteadores que espreitam alguém, assim é a companhia dos sacerdotes, pois matam no caminho para Siquém; praticam abominações’ – a cidade de refúgio para o homicida involuntário era um lugar onde ele era acolhido para ser preservado do vingador de sangue, um parente da pessoa que ele matou. E ali ele ficava

até que houvesse julgamento; após ser inocentado pela congregação, ele ali permanecia até a morte do sumo sacerdote (Nm 35: 25; 28). Siquém também era cidade de refúgio, e por muito tempo foi a capital civil de Efraim, enquanto Siló foi a capital religiosa. Siquém foi a cidade onde morou Jeroboão I (1 Rs 12: 25). O que Oséias está dizendo aqui é que até mesmo nas cidades de refúgio o homicida não tinha mais segurança, pois até os sacerdotes estavam corrompidos e cometiam crimes.

• Os 6: 10-11: “Vejo uma coisa horrenda na casa de Israel: ali está a prostituição de Efraim; Israel está contaminado. Também tu, ó Judá, serás ceifado”.

‘A prostituição’ se refere à idolatria.

‘Coisa horrenda’ – essa expressão é usada no livro de Jeremias para se referir à idolatria, aos pecados dos profetas e sacerdotes, ou à corrupção no meio da corte (Jr 5: 30; Jr 18: 13; Jr 23: 14).

‘Ceifado’ – ‘ceifar’ se refere ao juízo divino, cortando definitivamente (Jr 51: 33; Jl 3: 13; Ap 14: 15) os atos ou as pessoas perversas. Deus disse que também Judá seria cortado da sua terra e de diante dos olhos misericordiosos de Deus. O resultado dessa ceifa ou dessa colheita (Os 8: 7; Os 10: 12; Jó 4: 8; Pv 22: 8) era derivado do que esse reino plantara, ou seja, as mesmas abominações idólatras de Israel. Isso aconteceu principalmente no reinado de Acaz, contemporâneo de Oséias e Peca, reis de Israel. O primeiro cativo para Israel foi por Tiglate-Pileser III, seguido por Salmaneser e Sargom II. Depois, Senaqueribe capturou as cidades fortificadas de Judá e cercou Jerusalém, que se livrou pela mão de Deus, mas caiu sob Nabucodonosor.

Capítulo 7

- Os 7: 1-16 – Iniquidade dos reis e príncipes

Oséias continua a denunciar a corrupção, o orgulho e a idolatria de Israel (4: 1 – 7: 16; 8: 4), que o faz reprovado diante de Deus.

- Os 7: 1-2: “Quando me disponho a mudar a sorte do meu povo e a sarar a Israel, se descobre a iniquidade de Efraim, como também a maldade [NVI: os crimes] de Samaria, porque praticam a falsidade; por dentro há ladrões, e por fora rouba a horda de salteadores [NVI: ladrões entram nas casas, bandidos roubam nas ruas]. Não dizem no seu coração que eu me lembro de toda a sua maldade; agora, pois, os seus próprios feitos os cercam; acham-se diante da minha face [NVI: eu os vejo constantemente].”

Oséias enumera os pecados do reino do norte: crimes, falsidade, roubo, falta de vergonha e falta de arrependimento. O Senhor diz que eles estão presos nos próprios laços que armaram, e os seus pecados estão sempre diante da Sua face.

- Os 7: 3: “Com a sua malícia, alegram ao rei e com as suas mentiras, aos príncipes [NVI: Eles alegram o rei com as suas impiedades, os líderes, com as suas mentiras].”

O povo alegrava ao rei com a sua malícia, e ele, ao invés de ter aversão a elas, se comprazia com tudo aquilo. Os príncipes eram enganados com mentiras e bajulações.

- Os 7: 4-7: “Todos eles são adúlteros: semelhantes ao forno aceso pelo padeiro, que somente cessa de atizar o fogo desde que sovou a massa até que seja levedada. No dia da festa do nosso rei, os príncipes se tornaram doentes com o excitação do vinho, e ele deu a mão aos escarnecedores [NVI: os líderes são inflamados pelo vinho, e o rei dá as mãos aos zombadores]. Porque prepararam o coração como um forno, enquanto estão de espreita; toda a noite, dorme o seu furor, mas, pela manhã, arde como labaredas de fogo [NVI: Quando se aproximam com suas intrigas, seus corações ardem como um forno. A fúria deles arde lentamente, a noite toda; pela manhã queima como chama abrasadora]. Todos eles são quentes como um forno e consomem os seus juizes [NVI: os seus governantes]; todos os seus reis caem; ninguém há, entre eles, que me invoque”.

Tanto o rei quanto os príncipes e conselheiros adulteravam. E o que o profeta quer dizer aqui é que havia muita intriga no meio do governo, pois a disputa de poder era grande. Havia escárnio, ira e planos iníquos sendo urdidos para derrubar os que estavam na liderança. Vários reis foram assassinados depois de Jeroboão II, inclusive por seus próprios capitães ou homens de confiança. Depois de Jeroboão II vieram: Zacarias (seu filho – 2 Rs 14: 29), Salum (conspirou contra Zacarias – 2 Rs 15: 10), Menaém (conspirou contra Salum – 2 Rs 15: 14), Pecaías (seu filho – 2 Rs 15: 22-23), Peca (um capitão, conspirou contra Pecaías – 2 Rs 15: 25) e Oséias (conspirou contra Peca e o matou – 2 Rs 15: 30). Assim, num período de vinte anos (752-732 AC), cinco reis subiram ao trono através de intrigas e conspirações, cada um deles matando o seu antecessor. Todos eles eram como um forno aceso, que havia esquentado por muitas horas até que a massa do pão fermentasse, e pela manhã era um fogo destruidor. Nenhum deles consultou a Deus.

- Os 7: 8-9: “Efraim se mistura com os povos e é um pão que não foi virado. Estrangeiros lhe comem a força, e ele não o sabe; também as cãs já se espalham sobre ele [NVI: ‘a cinza’ espalha-se pelo seu cabelo], e ele não o sabe”.

Os reis faziam aliança com nações estrangeiras sem consultar o Senhor, e o resultado disso podia ser comparado a um pão que não foi virado, ou seja, queimava de um lado só e depois de torrado, ninguém podia mais comer.

‘As cãs já se espalham sobre ele’ ou ‘a cinza espalha-se pelo seu cabelo’ – significa um declínio, como o envelhecimento traz cabelos brancos, pouco a pouco, e a pessoa mal se dá conta disso.

• Os 7: 10-12: “A soberba de Israel, abertamente, o acusa; todavia, não voltam para o Senhor, seu Deus, nem o buscam em tudo isto. Porque Efraim é como uma pomba enganada, sem entendimento; chamam o Egito e vão para a Assíria [NVI: ora apela para o Egito, ora volta-se para a Assíria]. Quando forem, sobre eles estenderei a minha rede e como aves do céu os farei descer; castigá-los-ei, segundo o que eles têm ouvido na sua congregação”.

Israel tinha uma instabilidade política muito grande, desde o reinado de Menaém (752-742 AC). Tiglate-Pileser III (Pul) da Assíria veio contra Israel durante o reinado de Menaém (2 Rs 15: 19-20) e este deu ao rei assírio mil talentos de prata, para que este o ajudasse a consolidar o seu reino. A bíblia diz que ‘Menaém arrecadou este dinheiro de Israel para pagar ao rei da Assíria, de todos os poderosos e ricos, cinquenta siclos de prata por cabeça; assim, voltou o rei da Assíria e não se demorou ali na terra’.

Nos dias de Peca (740-732 AC), rei de Israel, Tiglate-Pileser veio e tomou cinco cidades de Naftali (Ijom, Abel-Bete-Maaca, Janoa, Quedes e Hazor), além de Gileade, Galiléia e Zebulom, e levou os seus habitantes para a Assíria (no período de 734-732 AC – 2 Rs 15: 29). Tiglate-Pileser também reduziu o reino do norte de Israel à região montanhosa de Efraim, sendo Samaria sua capital. Além de ter matado Rezim, rei da Síria, o rei assírio confirmou o reino a Oséias, que matou Peca (2 Rs 15: 30; 2 Rs 17: 1), deixando-o governar em Samaria (732-723 AC). Tiglate-Pileser pretendia vir a Judá e, em seguida, invadir Jerusalém. Mesmo que não tivessem entrado na Cidade Santa (Is 37: 6-7; 33-35) os assírios vieram e destruíram grande parte das terras de Judá (2 Rs 18: 13; 2 Cr 32: 1-2; Is 8: 8; Is 36: 1-3).

No sétimo ano de Oséias (725 AC), Salmaneser V da Assíria subiu contra Israel e o derrotou porque este pediu auxílio a Faraó Sô do Egito (2 Rs 17: 4; provavelmente uma abreviatura de (O)so(rkon), Osorkon IV, da 22ª dinastia – 730-712 AC, que reinou em Tânis e Bubástis – ou Tefnacte, da 24ª dinastia, e que reinou em Saís, 732-725 AC). Mas Tefnacte (Sô) não pôde ajudá-lo porque estava com problemas internos no país, em guerra contra faraós de Cuxe, que disputavam o trono do Egito. Oséias foi encarcerado. Samaria foi sitiada por três anos. No nono ano, Israel foi tomado por Sargom II e exilado. No reinado de Sargom II (722-705 AC) o Egito também caiu em poder dos assírios (716 AC), no ano que Ezequias subiu ao poder em Judá.

Assim, Israel, pela sua soberba, como diz Oséias, não consultou o Senhor e preferiu ficar como uma pomba voando de lá para cá, oscilando entre Assíria e Egito. Até tentou manter sua independência jogando uma potência contra a outra, mas essa política não teve sucesso. O Senhor os puniria por sua inconstância espiritual.

• Os 7: 13-14: “Ai deles! Porque fugiram de mim; destruição sobre eles, porque se rebelaram contra mim! Eu os remiria, mas eles falam mentiras contra mim. Não clamam a mim de coração, mas dão uivos nas suas camas [NVI: Eles não clamam a mim do fundo do coração quando gemem orando em suas camas]; para o trigo e para o vinho se ajuntam, mas contra mim se rebelam”.

A rebeldia de Israel teria um preço. Eles fugiam para longe de Deus. O Senhor diz que tinha poder para redimi-los, mas como eles mentiam e o traíam, orando para outros

deuses livrá-los, teriam que acertar as contas com Ele. A seca que o Senhor enviou acabou com o trigo e com o vinho; ainda assim buscaram a Baal, pois pensavam que a sua desaprovação ou o seu afastamento era a causa da seca. Por isso Oséias diz que ‘davam uivos nas suas camas’ ou ‘gemiam orando em suas camas’. Suas lágrimas não eram para Deus.

- Os 7: 15-16: “Adestrei e fortaleci os seus braços; no entanto, maquinam contra mim. Eles voltam, mas não para o Altíssimo. Fizeram-se como um arco enganoso [NVI: defeituoso]; caem à espada os seus príncipes, por causa da insolência da sua língua; este será o seu escárnio na terra do Egito [NVI: E por isso serão ridicularizados no Egito].”

‘Adestrei e fortaleci os seus braços’ – pode se referir à época de Jeroboão II (782-753 AC), quando Deus o adestrou para a guerra. Naquela época (2 Rs 14: 23-29), a opressão da Síria tinha diminuído sobre Israel devido às vitórias que Deus tinha dado a Jeoás, o pai de Jeroboão II (2 Rs 13: 22-25), e este resolveu estender suas fronteiras (2 Rs 14: 25-28), portanto, conquistou Hamate e Damasco. Os israelitas pareciam não ter gratidão a Deus por causa disso, e se voltavam para outros deuses, por isso o Senhor disse que eles maquinavam contra Ele.

Eles tinham se transformado num ‘arco enganoso’ ou ‘defeituoso’, ou seja, uma arma danificada, que não acerta no alvo; e eles eram uma arma como essa, na qual Deus não confiava mais para realizar Seus projetos, pois foram infiéis a Ele (cf. Sl 78: 57).

Por causa da sua insolência, seus príncipes morriam à espada; talvez esteja falando dessa série de reis um período de vinte anos, ou de nobres ou capitães que morriam nessas batalhas de invasão da sua terra.

‘Este será o seu escárnio na terra do Egito’ – isso significa que, quando o Senhor trouxesse Seu julgamento, o Egito, em quem eles tinham buscado apoio, zombaria deles.

Capítulo 8

- Os 8: 1-14 – O castigo está próximo

A partir daqui (Os 8: 1 – Os 13: 16), Oséias cessa de denunciar os pecados de Israel; portanto, terminam as reprovações de Deus, e começam as profecias de retribuição pelos atos da nação.

- Os 8: 1-3: “Emboca a trombeta! [NVI: Coloquem a trombeta em seus lábios!] Ele vem como a águia contra a casa do Senhor, porque transgrediram a minha aliança e se rebelaram contra a minha lei. A mim, me invocam: Nosso Deus! Nós, Israel, te conhecemos [NVI: Ó nosso Deus, nós te reconhecemos]. Israel rejeitou o bem; o inimigo o perseguirá”.

O Senhor diz para os israelitas colocarem a trombeta na boca e dar o alarme, pois a punição de Deus está vindo e o inimigo (Assíria) está chegando veloz e vorazmente (‘águia’) contra eles, por terem se rebelado contra Sua lei (Am 5: 14-15; Mq 6: 8). A casa do Senhor se refere a toda a terra de Israel. Não adianta mais dizer que o conhecem e que Ele é o seu Deus, quando transgrediram tanto seus mandamentos e os rejeitaram. Eles não quiseram a aliança com Ele.

- Os 8: 4: “Eles estabeleceram reis, mas não da minha parte; constituíram príncipes, mas eu não o soube [NVI: escolheram líderes sem a minha aprovação]; da sua prata e do seu ouro fizeram ídolos para si, para serem destruídos”.

A nomeação de governantes sem a direção do Senhor iniciou com a divisão dos dois reinos, e a liderança de Jeroboão I (931-910 AC) como seu primeiro rei. A partir dali, os reis não eram nomeados por Deus como havia sido com o reino de Judá. Nos últimos anos desde a morte de Jeroboão II (782-753 AC) e da de Zacarias (seu filho 753-752 AC), por causa da instabilidade política, cinco reis subiram ao trono em Samaria, através de conspirações e assassinatos, logicamente, sem a aprovação divina. ‘Príncipes’ ou ‘líderes’ não apenas se refere à área política, mas à liderança eclesiástica da nação. Com medo de que o povo voltasse a adorar em Jerusalém e retornasse para Roboão, Jeroboão I (1 Rs 12: 25-33) fez dois bezerros de ouro e disse ao povo que aqueles eram os deuses que os fizeram sair do Egito. E pôs um em Betel e o outro, em Dã. Também fez santuários nos altos e, dentre o povo, constituiu sacerdotes que não eram dos filhos de Levi. Ali se queimava incenso. A seu bel-prazer instituiu uma festa no 15º dia do 8º mês, igual à festa dos Tabernáculos que se fazia em Judá, e sacrificou no altar em Betel e em Dã. O povo e os reis de Israel seguiram o seu exemplo por dois séculos.

- Os 8: 5-7: “O teu bezerro, ó Samaria, é rejeitado; a minha ira se acende contra eles; até quando serão eles incapazes da inocência? Porque vem de Israel, é obra de artífice, não é Deus; mas em pedaços será desfeito o bezerro de Samaria. Porque semeiam ventos e segarão tormentas; não haverá seara; a erva não dará farinha; e, se a der, comê-la-ão os estrangeiros [NVI: Ainda que produzisse trigo, estrangeiros o devorariam]”.

As suas práticas idólatras não eram do agrado do Senhor e, por isso, Ele destruiria suas imagens, em especial, os dois bezerros de ouro. O que eles semearam, eles colheriam. Semearam idolatria e corrupção moral, portanto, colheriam o julgamento vindouro. Igualmente, suas alianças fúteis com ídolos e nações estrangeiras só trariam

desgosto, problemas e devastação ('semeiam ventos e segarão tormentas'). Não mais poderiam comer dos produtos da seara, pois o Senhor não lhes daria o trigo; mesmo que o trigo crescesse, quem o comeria seriam os estrangeiros.

- Os 8: 8-10: "Israel foi devorado; agora, está entre as nações como coisa de que ninguém se agrada, porque subiram à Assíria; o jumento montês anda solitário, mas Efraim mercou amores [NVI: O jumento selvagem mantém-se livre, mas Efraim vendeu-se para os seus amantes]. Todavia, ainda que eles merquem socorros entre as nações, eu os congregarei; já começaram a ser diminuídos por causa da opressão do rei e dos príncipes [NVI: Embora tenham se vendido às nações, agora os ajuntarei, e logo começarão a definhar sob a opressão do poderoso rei]".

- 'Israel foi devorado' – por causa de alianças com nações estrangeiras, a nação estava sendo consumida aos poucos, pois ímpios só tiravam vantagem delas. Quem saía perdendo era Israel. Economicamente falando, eles só sofriam perdas.

- 'O jumento montês anda solitário' ou 'O jumento selvagem mantém-se livre' – dependendo da versão bíblica em português e em inglês (ARA, NVI; NRSV, NIV), esta frase tem uma pontuação diferente, muitas vezes dando a entender que se trata do rei da Assíria, como um rei teimoso, pérfido, insociável, desumano e que via apenas o que era vantajoso para si; ainda assim, era livre, pois sua nação dominava sobre muitas outras, inclusive sobre Israel, e não estava necessitado de nenhuma aliança política ('mercar amores') para ser ajudado. Israel, sim, precisava de ajuda e, por isso, o 'jumento selvagem' ou 'jumento montês' pode ser visto como a nação Israelita, que era tão estúpida e obstinada como um jumento selvagem, rejeitando a disciplina de Deus e desejando ser livre, seguindo a impetuosidade das suas concupiscências, e estava 'solitário' nessa empreitada.

- 'Efraim mercou amores' ou 'Efraim vendeu-se para os seus amantes' – Israel se vendeu não só para seus ídolos, mas para governantes pagãos, em busca de auxílio político, em especial a Assíria.

- 'Porque subiram à Assíria' – pode se tratar de Menaém (752-742 AC), que deu a Pul, rei da Assíria (Tiglath-Pileser III – 745-727 AC), 1.000 talentos de prata para que este o ajudasse a consolidar seu reino, e o inimigo deixou a terra (2 Rs 15: 19-20). O nome de Menaém é lido nas inscrições no palácio de Ninrude, como um tributário do rei assírio no oitavo ano do governo daquele, ou seja, 744 AC.

- 'Todavia, ainda que eles merquem socorros entre as nações, eu os congregarei; já começaram a ser diminuídos por causa da opressão do rei e dos príncipes [NVI: Embora tenham se vendido às nações, agora os ajuntarei, e logo começarão a definhar sob a opressão do poderoso rei]' – Deus congregará Seu povo, não para libertá-lo, mas para que sigam para o cativeiro. Ele também fala que logo Israel 'começaria a definhar sob a opressão do poderoso rei' ou 'começaram a ser diminuídos por causa da opressão do rei e dos príncipes', o que fala do rei da Assíria, dos seus comandantes de exército e dos seus governadores colocados nas nações conquistadas para coletar os tributos (cf. Is 10: 8).

- Os 8: 11-14: "Porquanto Efraim multiplicou altares para pecar, estes lhe foram para pecar. Embora eu lhe escreva a minha lei em dez mil preceitos, estes seriam tidos como coisa estranha. Amam o sacrifício; por isso, sacrificam, pois gostam de carne e a comem, mas o Senhor não os aceita; agora, se lembrará da sua iniquidade e lhes castigará o pecado; eles voltarão para o Egito. Porque Israel se esqueceu do seu Criador e edificou palácios, e Judá multiplicou cidades fortes; mas eu enviarei fogo contra as suas cidades, fogo que consumirá os seus palácios".

O profeta fala mais uma vez sobre os altares idólatras que haviam se disseminado, e de quanto os sacrifícios já tinham se tornado desagradáveis para Deus. Quando ele fala que eles gostam de carne, lembra o que já havia dito sobre os sacerdotes e suas abominações (Os 4: 8; Os 6: 9), pois aceitavam a carne dos sacrifícios hipócritas dos adoradores por causa da sua ganância e cobiça ('Alimentam-se do pecado do meu povo' – Os 4: 8).

Mas Deus se lembrará da sua iniquidade e lhes castigará o pecado. Eles voltarão a ser escravos de estrangeiros, como o foram no Egito, pois tinham se esquecido do seu Deus. O Egito simbolizava exílio e escravidão; e é isso que eles experimentarão na Assíria. Israel edificou palácios e cidades fortificadas e tinha orgulho disso. Entretanto, o Senhor faria com que fossem queimadas. O Senhor não era mais a fortaleza deles.

Capítulo 9

- Os 9: 1-17 – Israel já antes castigado

Oséias continua a falar sobre a retribuição de Deus pelos atos da nação. Ela pode ter certeza do julgamento (Os 9: 1 – Os 10: 15).

- Os 9: 1-2: “Não te alegres, ó Israel, não exultes, como os povos; porque, com prostituir-te, abandonaste o teu Deus, amaste a paga de prostituição em todas as eiras de cereais. A eira e o lagar não os manterão; e o vinho novo lhes faltará”.

Além de atribuir a Baal a produtividade de suas colheitas, as eiras de trigo onde as festas de celebração eram feitas eram os lugares onde o povo oferecia sacrifícios a esse falso deus. Por isso, o Senhor tiraria deles a alegria da colheita de trigo e da colheita de uvas. A eira e o lagar ficariam vazios, pois a produção seria destruída. Israel não tinha motivo de se alegrar com sua imoralidade.

- Os 9: 3: “Na terra do Senhor, não permanecerão; mas Efraim tornará ao Egito e na Assíria comerá coisa imunda [NVI: comerá comida impura]”.

‘Na terra do Senhor’ – significa que a terra era dEle, e Ele a havia dado a Israel (Lv 25: 23).

O profeta reforça a idéia do cativo na Assíria, aqui simbolizado pelo Egito, a ali comerá o seu pão imundo, ou seja, o pão da ira de Deus e sem Sua a bênção (cf. Ez 4: 13). O ‘pão imundo’ seria uma forma de dizer que já que eles rejeitaram o pão espiritual vindo de Deus, assim como o pão material como um sinal de Sua bênção pela fidelidade deles e tiveram prazer na idolatria se alimentando de comida consagrada a ídolos, então eles comeriam o imundo, e isso seria vergonha para eles diante das nações, até porque não fizeram distinção entre o alimento dos judeus e dos gentios.

- Os 9: 4-5: “Não derramarão libações de vinho ao Senhor, nem os seus sacrifícios lhe serão agradáveis; seu pão será como pão de pranteadores, todos os que dele comerem serão imundos; porque o seu pão será exclusivamente para eles e não entrará na Casa do Senhor. Que fareis vós no dia da solenidade e no dia da festa do Senhor? [NVI: O que farão vocês no dia de suas festas fixas, nos dias de festa do Senhor]”.

Os pranteadores, por terem tocado um cadáver, ficavam cerimonialmente impuros e contaminavam tudo que tocavam (Nm 19: 14; 19; 22). Repetindo um pouco o que foi escrito acima, eles comeriam o ‘pão imundo’, pois seria o pão da aflição comido em cativo, como o pão de quem pranteava por um morto. O seu contato com os ímpios em terra estranha os fazia cerimonialmente impuros, pois aqueles eram como ‘mortos’, não tinham relacionamento com o Deus Vivo. Estando impuros, portanto, os israelitas estavam impossibilitados de adorar ao Senhor com holocaustos e ofertas. Aí vem uma pergunta: o que eles fariam nos dias das festas instituídas pelo Senhor? Estavam como que excluídos delas. Assim, mais um motivo para não terem do que se alegrar: o exílio em terra estranha e seu afastamento das solenidades do Senhor e da adoração a Ele.

A libação era uma oferta de líquidos (em geral o vinho e o azeite), derramados em sacrifício de dedicação a Deus; uma parte do líquido era derramada **junto com a oferta de manjares** das ofertas contínuas (ou ‘ofertas regulares’) apresentadas todos os dias (Êx 29: 38-41; Nm 28: 1-8), ou das ofertas voluntárias ou nos dias de sábado (Nm 28: 9; 10) e nas festas fixas (Nm 15: 3; 5; 7; 10): nas festas da Lua Nova (Nm 28: 14), na Páscoa (Nm 28: 24), Pentecostes ou Festa das Colheitas (Shavuot – Nm 28: 26; 31),

Rosh haShaná (Ano Novo – Nm 29: 1; 6), Dia da Expição (Yom Kippur – Nm 29: 7; 11), Festa dos Tabernáculos (Sucot – Nm 29: 12; 16; 19; 22; 25; 28; 31; 34; 38).

- Os 9: 6: “Porque eis que eles se foram por causa da destruição, mas o Egito os ceifará, Mênfis os sepultará; as preciosidades da sua prata, as urtigas as possuirão [NVI: Os seus tesouros de prata as urtigas vão herdar]; espinhos crescerão nas suas moradas”.

Mais uma vez, o Egito é colocado aqui como uma metáfora para a Assíria. Mênfis era uma cidade egípcia que tinha muitos cemitérios, tumbas e pirâmides, e simbolizava a terra impura do exílio de Israel (a Assíria) para onde estavam sendo levados cativos. Eles seriam sepultados naquela terra.

Israel seria uma terra abandonada e os bens dos israelitas seriam herdados pelas urtigas. Espinheiros cresceriam nas suas casas. Qual o motivo de Israel se alegrar quando sabia que seria preso?

- Os 9: 7: “Chegaram os dias do castigo, chegaram os dias da retribuição; Israel o saberá; o seu profeta é um insensato, o homem de espírito é um louco [NVI: o profeta é considerado um tolo, e o homem inspirado, um louco violento], por causa da abundância da tua iniquidade, ó Israel, e o muito do teu ódio”.

O dia do juízo de Deus estava chegando, e mais uma vez, o profeta falava que os profetas de Israel (os falsos profetas que tinham profetizado prosperidade à nação) seriam tidos como loucos ao presenciar a verdade de Deus sendo realizada. ‘O homem de espírito’ era aquele que fingia estar recebendo as inspirações de Deus. Este também seria considerado louco, insano (Lm 2: 14; Ez 13: 3; Mq 3: 11; Sf 3: 4). Israel tinha desprezado os verdadeiros profetas de Deus, considerando-os loucos, mas eram eles os cegos espirituais por causa dos seus muitos pecados e do seu ódio e violência; o ódio de Israel aos profetas verdadeiros enviados por Deus e à Sua lei.

- Os 9: 8: “O profeta é sentinela contra Efraim, ao lado de meu Deus [ou ‘O profeta é a sentinela que vigia Efraim, o povo do meu Deus’], laço do passarinho em todos os seus caminhos e inimizado na casa do seu Deus [NVI: contudo, laços o aguardam em todas as suas veredas, e a hostilidade, no templo do seu Deus]”.

‘Sentinela ou vigia ou atalaia’ – seu papel era ver se exércitos inimigos estavam chegando e avisar o povo, para que eles pudessem se preparar para a batalha (Ez 33: 6) e se defender. Os profetas eram as sentinelas de Deus para alertar o povo acerca do seu comportamento e, portanto, do julgamento de Deus, fazendo-os com que se arrependessem (Ez 3: 17; 19; Ez 2: 7).

Mas os profetas de Israel tinham se mostrado contra seu povo, pois não se comportaram como verdadeiros vigias; foram laços de passarinho para a nação.

- Os 9: 9: “Mui profundamente se corromperam, como nos dias de Gibeá. O Senhor se lembrará das suas injustiças e castigará os pecados deles”.

‘Nos dias de Gibeá’ – uma referência ao caso do levita e sua concubina (Jz 19: 1-30). Esse incidente deu início a uma guerra civil. Muitos naquela época se alegraram por ter sido o crime mais violento de toda a história de Israel. Contudo, os pecados da geração de Oséias se equiparavam a esse infame assassinato.

Portanto, o terceiro motivo para Israel não ter do que se alegrar era a negligência de alguns de seus habitantes para com o seu chamado como profetas do Senhor, e que participaram das injustiças.

- Os 9: 10: “Achei a Israel como uvas no deserto, vi a vossos pais como as primícias da figueira nova; mas eles foram para Baal-Peor, e se consagraram à vergonhosa idolatria, e se tornaram abomináveis como aquilo que amaram”.

Quando Deus os chamou pela primeira vez, Ele se deleitou neles como quem acha uvas num lugar tão improvável como o deserto. Para Ele aquele povo era como os primeiros frutos de uma figueira nova, uma novidade, e as primícias de uma semente plantada, algo irresistível (figos temporãos: Is 28: 4; Jr 24: 2; Mq 7: 1). Porém, o Senhor acabou se decepcionando com eles quando eles estavam para entrar na Terra Prometida e se sentiram atraídos pela idolatria, cedendo à adoração de Baal-Peor (Nm 25: 1-18; Dt 4: 3; Sl 106: 28-31 cf. Mq 6: 5). Naquele lugar, em Peor (uma montanha na região ao norte do Mar Morto e defronte de Jericó e perto do acampamento deles em Sitim, na terra de Moabe), os israelitas participaram de ritos de fertilidade com mulheres moabitas, ocasionando, assim, o juízo de Deus sobre a nação.

- Os 9: 11-13: “Quanto a Efraim, a sua glória voará como ave; não haverá nascimento, nem gravidez, nem concepção. Ainda que venham a criar seus filhos, eu os privarei deles, para que não fique nenhum homem. Ai deles, quando deles me apartar! Efraim, como planejei, seria como Tiro, plantado num lugar aprazível; mas Efraim levará seus filhos ao matador”.

O Senhor diz que por causa de Baal-Peor e por causa do que continuavam a fazer até aquele momento, depois de muitos séculos de caminhada com Ele, ao invés de fertilidade, Ele lhes traria a esterilidade. Assim, a honra de Efraim, sua glória, fugiria dele como um pássaro, pois para os israelitas, a esterilidade era uma maldição. As crianças eram sua glória; e sua fama de povo fértil fugiria deles, pois Deus os tornaria estéreis. Ainda que eles criassem filhos, estes seriam mortos durante a invasão. Depois, Ele profere um ‘ai’ sobre eles, quando Ele se afastar completamente, isto é, quando Ele os deixar entregues a si mesmos e aos assírios. Deus tinha planejado Efraim para ser como Tiro, uma cidade erguida num lugar muito bonito, e ‘mãe’ de muitas colônias além do Mar Mediterrâneo, pois sua prosperidade, seu comércio e seus marinheiros levaram sua fama para lugares distantes e Tiro fundou muitas colônias. Porém, Israel, aqui chamado Efraim, levará seus filhos para o matador, os assírios.

- Os 9: 14-17: “Dá-lhes, ó Senhor; que lhes darás? Dá-lhes um ventre estéril e seios secos. Toda a sua malícia se acha em Gilgal, porque ali passei a aborrecê-los [NVI: de fato, ali os odiei]; por causa da maldade das suas obras, os lançarei fora de minha casa; já não os amarei; todos os seus príncipes [NVI: seus líderes] são rebeldes. Ferido está Efraim, secaram-se as suas raízes; não dará fruto; ainda que gere filhos, eu matarei os mais queridos do seu ventre [NVI: eu matarei sua prole querida]. O meu Deus os rejeitará, porque não o ouvem; e andarão errantes entre as nações [NVI: serão peregrinos entre as nações]”.

O profeta continua a falar sobre a esterilidade das mulheres (‘ventre estéril e seios secos’).

Gilgal (cf. Js 5: 9), que desde o início da entrada dos israelitas na terra de Canaã foi um grande centro para as ações de justiça de Deus (Js 4: 20; Js 5: 9-10; Js 14: 6; Jz 2: 1; 1 Sm 7: 16; 1 Sm 15: 12; 22-23; 26-31; 33-35; 2 Rs 2: 1; Mq 6: 5), agora havia se tornado um centro de adoração idólatra (Os 12: 11; Os 4: 15), ligada a Betel por uma estrada importante (2 Rs 2: 1-2). Gilgal e Betel eram centros de adoração criados por Jeroboão I (desde a época da separação da nação em dois reinos) e seguidos por todos os demais reis de Israel. Betel, Gilgal, Berseba se tornaram centros de cultos corruptos. Betel ficava na tribo de Efraim; Gilgal, no território de Manassés do oeste, próximo à

fronteira de Efraim; e Berseba, ao sul, no território de Simeão. Quanto a Dã, onde estava o outro bezerro de ouro de Jeroboão I, ficava ao norte de Israel, na tribo de Naftali.

Por causa das suas atitudes desleais a Deus, Gilgal estava sendo rejeitada por Ele, e Ele lançaria seus habitantes para fora, como uma esposa infiel é expulsa de casa pelo marido traído: ‘por causa da maldade das suas obras, os lançarei fora de minha casa’. ‘Minha casa’ era a terra de Canaã, que Ele tinha dado para os israelitas. Ele deixaria de cuidar dessa terra (‘já não os amarei’).

Seus líderes eram rebeldes e, agora, estéreis: ‘Ferido está Efraim, secaram-se as suas raízes; não dará fruto; ainda que gere filhos, eu matarei os mais queridos do seu ventre’.

Por serem rejeitados por Deus, eles seriam levados ao exílio, e dispersos entre as nações, por onde andariam errantes, como aconteceu com Caim, após ter sido amaldiçoado por Deus pela morte de Abel (Gn 4: 11; 12; 14; 16).

Encerrando esse capítulo, podemos dizer que o quarto motivo para Israel não ter do que se alegrar era a esterilidade e o repúdio por parte de Deus.

Resumindo: o julgamento de Deus sobre Israel tiraria deles toda a alegria. Eles teriam motivo para não se alegrar: sua imoralidade; o exílio em terra estranha e seu afastamento das solenidades do Senhor e da adoração a Ele; a negligência dos seus profetas para com o Senhor; a esterilidade e o repúdio por parte de Deus.

Capítulo 10

- Os 10: 1-15 – Israel semeou malícia e segará destruição

Oséias continua a falar sobre a retribuição de Deus pelos atos da nação. A punição de Israel é ilustrada por meio de metáforas.

- Os 10: 1-2: “Israel é vide luxuriante, que dá o fruto; segundo a abundância do seu fruto, assim multiplicou os altares; quanto melhor a terra, tanto mais belas colunas fizeram. O seu coração é falso; por isso, serão culpados; o Senhor quebrará os seus altares e deitará abaixo as colunas”.

Aqui, Israel é comparada a uma frondosa e exuberante vide que dá fruto. Isso simbolizava a bênção de Deus sobre eles. Mas essa comparação passa a ser feita com o lado negativo, ou seja, para a multiplicação dos seus altares idólatras. Quanto mais extensa fosse a terra, mais santuários eram erguidos. O coração de seus habitantes era propício a isso, pois abrigavam a falsidade, e Deus os culpava por isso. Seus altares e colunas seriam completamente despedaçados.

- Os 10: 3-6: “Agora, pois, dirão eles: Não temos rei, porque não tememos ao Senhor. E o rei, que faria por nós? Falam palavras vãs, jurando falsamente, fazendo aliança; por isso, brota o juízo como erva venenosa nos sulcos dos campos [NVI: por isso brotam as demandas como ervas venenosas num campo arado]. Os moradores de Samaria serão atemorizados por causa do bezerro de Bete-Áven [*referência a Betel*]; o seu povo se lamentará por causa dele, e os sacerdotes idólatras tremerão por causa da sua glória, que já se foi [NVI: porque foi tirado deles e levado para o exílio]. Também o bezerro será levado à Assíria como presente ao rei principal [NVI: como tributo para o grande rei]; Efraim se cobrirá de vexame, e Israel se envergonhará por causa de seu próprio capricho [NVI: por causa do seu ídolo de madeira]”.

Eles veriam que não tinham mais rei e reconheceriam que isso aconteceu por não temerem o Senhor. O juízo de Deus destruiria a estabilidade e a independência política de Israel. Mas ainda que tivessem um rei, a desordem do reino era tão grande que ele teria pouco a fazer por eles. Só falavam futilidades e juravam falsamente, fazendo aliança; o povo com os falsos deuses, e o rei com nações estrangeiras. Por causa disso, o juízo de Deus virá sobre eles como uma erva venenosa num campo que foi arado, e que sufoca a safra.

‘Os moradores de Samaria serão atemorizados por causa do bezerro de Bete-Áven [*referência a Betel – 1 Rs 12: 28-29*]; o seu povo se lamentará por causa dele, e os sacerdotes idólatras tremerão por causa da sua glória, que já se foi’ – o bezerro, que era a glória de Betel, não existe mais, pois foi levado pelos assírios como presente ao rei. Os assírios tinham o costume de tomar para si os ídolos dos povos que derrotavam. Israel ficará envergonhado por isso.

- Os 10: 7-10: “O rei de Samaria será como lasca de madeira na superfície da água [NVI: Samaria e seu rei serão arrastados como um graveto nas águas]. E os altos de Áven [*referente a Bete-Áven; uma forma depreciativa de chamar Betel*], pecado de Israel, serão destruídos; espinheiros e abrolhos crescerão sobre os seus altares; e aos montes se dirá: Cobri-nos! E aos outeiros: Caí sobre nós! Desde os dias de Gibeá, pecaste, ó Israel, e nisto permaneceste. A peleja contra os filhos da perversidade não há de alcançar-te em Gibeá? [NVI: Acaso a guerra não os alcançou em Gibeá por causa

dos malfeitores?] Castigarei o povo na medida do meu desejo; e congregar-se-ão contra eles os povos, quando eu o punir por causa de sua dupla transgressão”.

Para completar a descrição desse estado de anarquia, o profeta diz que o rei não terá domínio sobre a situação e será arrastado por ela como um graveto é carregado pelas águas. Foi o que aconteceu com Oséias nas mãos da Assíria. Tiglate-Pileser III o deixou no poder, no lugar de Peca, que este havia matado (2 Rs 15: 29; 2 Rs 17: 1). Salmaneser V subiu contra Israel e o derrotou porque Oséias pediu auxílio a Faraó Sô do Egito (2 Rs 17: 4; provavelmente uma abreviatura de (O)so(rkon), Osorkon IV, da 22ª dinastia – 730-712 AC, que reinou em Tânis e Bubástis – ou Tefnacte, da 24ª dinastia, e que reinou em Saís, 732-725 AC). Mas Tefnacte (Sô) não pôde ajudá-lo porque estava com problemas internos no país, em guerra contra faraós de Cuxe, que disputavam o trono do Egito. Oséias foi encarcerado. Samaria foi sitiada por três anos. No nono ano (722 AC), Israel foi tomado por Sargom II e exilado. No reinado de Sargom II (722-705 AC) o Egito também caiu em poder dos assírios (716 AC).

Depois, o profeta diz que os altos idólatras de Áven [referente a Bete-Áven; uma forma depreciativa de chamar Betel], serão destruídos, e sobre seus altares crescerão espinheiros e abrolhos. A destruição será tão grande que as pessoas vão desejar que os montes caiam sobre elas. Oséias volta a falar sobre o caso do levita e sua concubina (Jz 19: 1-30), que aconteceu em Gibeá de Benjamim (Jz 19: 14), e a violência que foi feita permaneceu no coração dos israelitas (‘e nisto permaneceste’). A guerra civil desencadeada na nação acabou por dizimar quase por completo os homens de Benjamim. Da mesma forma, o Senhor castigaria o povo da maneira que quisesse. Ele ajuntaria as nações ímpias contra eles, quando Ele os punisse.

‘Por causa de sua dupla transgressão’ – por causa do episódio de crime em Gibeá e do pecado coletivo da geração de Oséias.

- Os 10: 11-13: “Porque Efraim era uma bezerra domada, que gostava de trilhar; coloquei o jugo sobre a formosura do seu pescoço; atrelei Efraim ao carro. Judá lavrará, Jacó lhe desfará os torrões [NVI: Judá terá que arar, e Jacó fará sulcos no solo]. Então, eu disse: semeai para vós outros em justiça, ceifai segundo a misericórdia; arai o campo de pousio; porque é tempo de buscar ao Senhor, até que ele venha, e chova a justiça sobre vós [NVI: Semeiem a retidão para si, colham o fruto da lealdade, e façam sulcos no seu solo não arado; pois é hora de buscar o Senhor, até que ele venha e faça chover justiça sobre vocês]. Arastes a malícia, colhestes a perversidade; comestes o fruto da mentira, porque confiastes nos vossos carros e na multidão dos vossos valentes”.

Nestes versículos, Israel (‘Efraim’) é comparado com uma bezerra domada que gostava de trilhar o trigo numa eira só para ela, e comia do capim livremente enquanto trilhava (Dt 25: 4); gostava da sua liberdade. Mas foi colocada sob o jugo de Deus, sob Seu comando, pois era como um gado rebelde que precisa ser atrelado a uma carroça e ser colocado debaixo de uma canga para poder trabalhar duro. ‘Trilhar’, neste contexto, segundo alguns estudiosos, parece estar relacionado ao serviço de Israel ao Senhor, enquanto que ‘lavar’ se refere à disciplina que Israel teria de desenvolver por meio do juízo divino e do exílio. O povo de Judá também estava incluído nos planos disciplinadores de Deus. Judá teria que lavar a terra também, ou seja, se libertar igualmente da rebeldia e da idolatria em que tinha caído. Jacó (ou Israel) iria atrás, desfazendo os torrões de terra que eram deixados pelo trilho, ou seja, Israel teria que desfazer o seu malfeito, uma vez que foi ele que induziu Judá à idolatria.

O profeta, então, induz o povo ao arrependimento, enquanto ainda há tempo: ‘semeai para vós outros em justiça, ceifai segundo a misericórdia; arai o campo de pousio; porque é tempo de buscar ao Senhor, até que ele venha, e chova a justiça sobre

vós'. Pousio é a interrupção do cultivo da terra por um ou mais anos para que se torne fértil – cf. Jr 4: 3: “Porque assim diz o Senhor aos homens de Judá e Jerusalém: Lavrai para vós outros campo novo e não semeis entre espinhos”. Isso significava semear a retidão, a justiça social e a misericórdia para poder colher o fruto da lealdade, e fazer sulcos no solo dos seus corações, permitindo que o Senhor colocasse as sementes certas ali e pudesse lhes fazer justiça. Primeiro se ara a terra e a planta, para que depois a chuva faça crescer as sementes e haja colheita. Semelhantemente, o arrependimento deles traria a chuva de bênçãos do Senhor.

Entretanto, a realidade era outra: eles haviam plantado a malícia e colheram perversidade. Por confiarem em sua própria força de guerra, eles acabaram por comer o fruto da sua mentira, isto é, suas alianças políticas foram um laço para eles, assim como sua fidelidade a Deus falhara por adorarem outros deuses.

• Os 10: 14-15: “Portanto, entre o teu povo se levantará tumulto de guerra, e todas as tuas fortalezas serão destruídas, como Salmã destruiu a Bete-Arbel no dia da guerra; as mães ali foram despedaçadas com seus filhos. Assim vos fará Betel, por causa da vossa grande malícia; como passa a alva, assim será o rei de Israel totalmente destruído”.

Por causa da falta de arrependimento, virá a guerra e as cidades fortificadas serão destruídas. A identificação parece incerta, tanto do nome Salmã, quanto do nome Bete-Arbel. Alguns sugerem Salamanu, rei de Moabe, mencionado nos anais de Tiglate-Pileser III; mas de qualquer forma deve ter sido uma guerra muito violenta, a ponto de ser mencionada por Oséias. A destruição seria tão repentina que o rei da nação seria totalmente destruído antes mesmo que a guerra começasse. Por causa da malícia de Betel e sua idolatria, será grande a assolação ali.

Capítulo 11

- Os 11: 1-12 – O amor de Deus Pai. A ingratidão de Israel

Oséias continua a falar sobre a retribuição de Deus pelos atos da nação, e faz mais uma comparação de Israel; agora com um menino. E mostra o amor sofrido de Deus por Seu povo. Ele é o Pai que ensina Seus filhos a andar e o faz com todo carinho; Ele jamais desiste deles.

- Os 11: 1-4: “Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho. Quanto mais eu os chamava, tanto mais se iam da minha presença; sacrificavam a baalins e queimavam incenso às imagens de escultura. Todavia, eu ensinei a andar a Efraim; tomei-os nos meus braços, mas não atinaram que eu os curava. Atraí-os com cordas humanas, com laços de amor [NVI: Eu os conduzi com laços de bondade humana e de amor]; fui para eles como quem alivia o jugo de sobre as suas queixadas e me inclinei para dar-lhes de comer [NVI: tirei do seu pescoço o jugo e me inclinei para alimentá-los]”.



Primeiro Deus diz que do Egito chamou Seu filho. Ele o libertou do Egito, de um jugo muito pesado, como faz conosco, nos libertando do jugo do mundo. Essa profecia foi usada por Mateus ao descrever a volta de Jesus à Galiléia após ter ficado no Egito com Maria e José para fugir de Herodes (cf. Mt 2: 15).

Deus fala de Israel agora como um menino pequeno a quem Ele muito amou e a quem Ele chamou muitas vezes para estar com Ele. Quanto mais chamava, mais Israel se afastava dos Seus ensinamentos e se voltava para a idolatria. Mas o Senhor diz que foi Ele que ensinou este menino a andar, que o segurou nos braços quando ele se machucava, e o curou. Ele fez de tudo para chamá-los através do amor. Uma vez que a nação se mostrou rebelde, a profecia muda de ‘tom’ passando a compará-los com animais que são usados numa fazenda e que precisam ser domesticados com freios e cabrestos para servir para o trabalho (Sl 32: 9). Tirou todo jugo do seu pescoço, como um fazendeiro tira a canga de seus animais para que descansem e possam se alimentar.

- Os 11: 5-7: “Não voltarão para a terra do Egito, mas o assírio será seu rei, porque recusam converter-se [NVI: a arrepender-se]. A espada cairá sobre as suas cidades, e consumirá os seus ferrolhos, e as devorará, por causa dos seus caprichos [NVI: dará fim aos seus planos]. Porque o meu povo é inclinado a desviar-se de mim; se é concitado a dirigir-se acima, ninguém o faz [NVI: Embora sejam conclamados a servir ao Altíssimo, de modo algum o exaltam]”.

Como Deus mesmo havia prometido a Moisés (Dt 17: 16), o povo não mais voltaria ao Egito. Mas agora, o assírio seria seu governante porque não quiseram se converter, se voltar para Ele. A guerra (‘a espada’) virá sobre as cidades de Israel, quebrará suas defesas, por causa dos seus planos contrários aos do Senhor. Ele sabe que eles têm uma tendência a se desviar dEle, e se são chamados a buscá-LO e reverenciá-LO, nenhum deles Lhe dá louvor e glória.

- Os 11: 8-9: “Como te deixaria, ó Efraim? Como te entregaria, ó Israel? [NVI: Como posso desistir de você, Efraim? Como posso entregá-lo nas mãos de outros, Israel?] Como te faria como a Admá? Como fazer-te um Zeboim? [NVI: o que fiz com Zeboim] Meu coração está comovido dentro de mim, as minhas paixões, à uma, se acendem [NVI: O meu coração está enternecido, despertou-se toda a minha paixão]. Não executarei o furor da minha ira; não tornarei para destruir a Efraim, porque eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti; não voltarei em ira”.

Deus se lamenta aqui por não querer deixá-los nas mãos do inimigo; parece um pai que enfrenta um dilema: usar de autoridade e firmeza para disciplinar um filho, ou ser mais manso e indulgente, mantendo seu amor e sua doçura, dando mais um tempo para que o filho por si mesmo perceba seu erro (‘Meu coração está comovido dentro de mim, as minhas paixões, à uma, se acendem’ ou ‘O meu coração está enternecido, despertou-se toda a minha paixão’). Assim, Sua paixão por eles se manifesta, e Ele retira Sua ira, pois é Deus e não homem, o Santo no meio deles. Talvez, isso tenha ocorrido no tempo de Menaém, que por oferecer 1.000 talentos de prata a Tiglate-Pileser III, fez o inimigo deixar a terra (2 Rs 15: 19-20). Ou, talvez, a medida da iniquidade de Efraim ainda não estivesse cheia o bastante para o Senhor entrar com destruição. Podemos imaginar que Deus ainda pensava em preservá-los de um julgamento mais severo. A paciência de Deus é muito grande e Ele sempre busca meios para trazer Seus filhos de volta aos Seus caminhos (“Porque eu, o Senhor, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos” – Ml 3: 6).

Admá e Zeboim (Gn 14: 8) eram cidades localizadas na planície ao longo do vale do Jordão inferior e da planície do Mar Morto, juntamente com Zoar, onde Ló escolheu para morar (Gn 13: 10-12; Gn 19: 30), mais especificamente numa caverna perto de Zoar, antes chamada Bela (Gn 14: 8; Gn 19: 20; 22). Ali estavam as outras cidades descritas em Gênesis 14: 8, que Deus destruiu: Sodoma e Gomorra. Bela (Zoar) foi

poupada da destruição (Gn 19: 23-25; 29; 30; Dt 29: 23). Porém, Deus destruiu Sodoma, Gomorra, Admá e Zeboim.



• Os 11: 10-12: “Andarão após o Senhor; este bramará como leão, e, bramando, os filhos, tremendo, virão do Ocidente; tremendo, virão, como passarinhos, os do Egito, e, como pombas, os da terra da Assíria, e os farei habitar em suas próprias casas, diz o Senhor. Efraim me cercou por meio de mentiras, e a casa de Israel, com engano; mas Judá ainda domina com Deus e é fiel com o Santo”.

Apesar do Seu desejo de poupá-los, Ele sabia que teria de fazer Seu juízo para que aprendessem o que é viver sem Ele. Ele os deixaria ir para o exílio, assim como faria em breve com Judá; no futuro, Ele os chamaria com voz forte, como o bramido de um leão, que domina sobre todos os animais da floresta. Chamaria Seu povo de volta do exílio na Assíria, e os que se refugiaram no Egito para fugir do cativeiro. Virão rapidamente (voando) como passarinhos e pombas para habitar em sua própria terra. ‘Virão tremendo’ – significa com temor e reverência a Ele, pois agora conheciam Sua força e reconheciam Seu senhorio. A disciplina foi conseguida.

No versículo 12 Ele diz: “Efraim me cercou por meio de mentiras, e a casa de Israel, com engano; mas Judá ainda domina com Deus e é fiel com o Santo”. Embora tivesse cometido pecados de idolatria desde a época de Salomão, Judá começou realmente a andar nos pecados de Israel no reinado de Acaz (732-716 AC), já nos

últimos dias do reino do norte, no reinado de Peca e Oséias. Quando Deus diz ‘Efraim me cercou’ pode significar que Efraim o havia ‘cercado’ com mentira como se Ele fosse uma cidade sitiada, sem deixá-lo enxergar uma gota de verdade neles para que pudesse poupá-los da destruição.

‘Judá ainda domina com Deus’ – significa reinar junto com Deus, servindo-o e mantendo a adoração a Ele. Efraim desejava governar sem Deus; nem mesmo o deixava escolher seus reis. Em Judá a sucessão de reis e sacerdotes foi legítima.

‘E é fiel com o Santo’ – em Isaías é comum a expressão ‘O Santo de Israel’ ao se referir a Deus. Jeremias também usa a mesma expressão: Is 1: 4; Is 5: 19; Is 5: 24; Is 10: 20; Is 12: 6; Is 17: 7; Is 29: 19; Is 30: 11; 12; 15; Is 31: 1; Is 37: 23; Is 41: 14; 16; 20; Is 43: 3; 14; Is 45: 11; Is 47: 4; Is 48: 17; Is 54: 5; Is 55: 5; Is 60: 9; 14; Jr 50: 29; Jr 51: 5. Isso nos confirma que era do Senhor (‘O Santo de Israel’) que o profeta Oséias estava falando.

Capítulo 12

- Os 12: 1-14 – Jacó, modelo para o povo de Israel

Oséias continua a falar sobre a retribuição de Deus pelos atos da nação. A punição de Israel é ilustrada por meio de metáforas, sendo que aqui, Israel é como alguém que apascenta o vento (Os 12: 1-14).

- Os 12: 1: “Efraim apascenta o vento e persegue o vento leste todo o dia; multiplica mentiras e destruição [NVI: mentiras e violência] e faz aliança com a Assíria, e o azeite se leva ao Egito”.

Quando o profeta diz que Efraim apascenta o vento significa que a nação está querendo controlar o que não tem controle, nem depende de sua vontade; ou, então, algo fútil, sem frutos nem compensações. Ele faz uma comparação entre o vento oriental (vento leste) e a Assíria, com quem eles estavam tentando uma aliança política. Isso só multiplicaria mentiras e violência, e quando ele menciona ‘mentiras’, muito provavelmente, se refere não apenas aos enganos políticos que poderiam ocorrer nesse intercâmbio, mas à idolatria, pois a Assíria, em especial, Nínive, influenciava também muitas nações com seus falsos deuses. O vento oriental vindo do deserto (Jó 1: 19; Jó 15: 2) é muito seco e faz enrugar, murchar as ervas. Muitas vezes, sopra com violência, o que é uma ótima metáfora para a Assíria. Foi pelo vento oriental enviado por Deus que as águas do Mar Vermelho se abriram, permitindo a travessia pelos israelitas (Êx 14: 21). Alguns estudiosos judeus explicam que esse vento oriental se refere ao Simoom. Simoom (em árabe, ‘envenenar’ ou ‘vento venenoso’) é um vento forte, seco e carregado de poeira, e que se move em forma circular como um ciclone, que produz um efeito sufocante sobre seres humanos e animais. Sua alta temperatura traz muito calor aos seres vivos, mais do que eles conseguem eliminá-lo do corpo através da transpiração. Chega a queimar a pele, da mesma forma como queima plantas, por isso, é nocivo, muito prejudicial mesmo. Sua temperatura pode exceder 54° C (129° F) e a umidade pode cair abaixo de 10%. É um vento local que sopra no deserto do Saara, no leste da Palestina, na Jordânia, na Síria e nos desertos da Península Arábica. Também chamado de Samoon, Samun, Simoun, Samūm (Árabe), Samiel (Em Persa) ou em Turco, Samyeli, da raiz Árabe sām, que significa ‘envenenar’ e do Turco, yel, que significa ‘vento’. É de curta duração (vinte minutos, mais ou menos), mas dura o suficiente para destruir.

‘O azeite se leva ao Egito’ – provavelmente como um presente de Israel para conquistar a amizade e assegurar a aliança com o Egito (Is 30: 6). A Palestina era famosa pelo azeite, e o comercializava com outras nações (Ez 27: 17); aqui neste texto, muito provavelmente, não se tratava do azeite comum para o comércio, mas de óleos ricos e preciosos. Em Gênesis há uma referência a este tipo de produto, que era trazido ao Egito: Gn 37: 25; Gn 43: 11.

A verdade é que Israel estava oscilando entre Egito e Assíria como um valoroso aliado.

- Os 12: 2-4: “O Senhor também com Judá tem contenda e castigará Jacó segundo o seu proceder; segundo as suas obras, o recompensará. No ventre, pegou do calcanhar de seu irmão; no vigor da sua idade, lutou com Deus [NVI: como homem lutou com Deus]; lutou com o anjo e prevaleceu; chorou e lhe pediu mercê; em Betel, achou a Deus, e ali falou Deus conosco”.

Não apenas com Israel o Senhor tem uma controvérsia, mas também com Judá, muito provavelmente por sua idolatria também ou por seus atos reprováveis em relação ao governo e à área social. ‘Tem contenda’ – contenda se refere a uma reclamação formal que acusa Seu povo de infringir o concerto com Deus.

‘Segundo as suas obras, o recompensará’ – de acordo com os nossos feitos, somos recompensados ou julgados.

Jacó, nesta primeira frase (v. 2), é usado para a nação de Israel. Agora, Oséias passa a falar do patriarca Jacó como um exemplo do povo israelita. Desde o ventre de sua mãe já lutava com seu irmão, Esaú (Gn 25: 22). Nasceu segurando o calcanhar do irmão (Gn 25: 26). Seu caráter competitivo, enganador e ávido por bênçãos foi transformado na sua caminhada com Deus até que reconheceu sua necessidade dEle. Já um adulto, antes de se encontrar com Esaú, lutou com um homem durante toda a noite, e que na verdade era o próprio Deus, e conseguiu a bênção que desejava (Gn 32: 24-30). Àquele lugar deu o nome de Peniel (Gn 32: 30). Ali, Jacó se rendeu à vontade do Senhor.

‘No vigor da sua idade, lutou com Deus; lutou com o anjo e prevaleceu’ – o Anjo do Senhor, muitas vezes no AT é usado como uma manifestação de Jesus, antes de Sua encarnação humana: Gn 16: 9-13; Jz 6.11-24; Jz 13: 3; 9; 13; 15; 17-22.

‘Em Betel, achou a Deus, e ali falou Deus conosco’ – em Betel (antes chamada Luz) foi que Jacó se encontrou com o Senhor pela primeira vez quando fugia de Esaú (Gn 28: 17; 19; 22), e ali Ele lhe deu a promessa para a Sua descendência (Gn 28: 13: “Perto dele estava o Senhor e lhe disse: Eu sou o Senhor, Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaque. A terra em que agora estás deitado, eu ta darei, a ti e à tua descendência”).

Oséias usa Jacó com um modelo de fidelidade e perseverança, ao mesmo tempo de rendição à vontade de Deus.

- Os 12: 5-6: “O Senhor, o Deus dos Exércitos, o Senhor é o seu nome; converte-te a teu Deus, guarda o amor e o juízo e no teu Deus espera sempre [NVI: Portanto, volte para o seu Deus, e pratique a lealdade e a justiça; confie sempre no seu Deus]”.

Ele reafirma que o Senhor é Deus. Ele é o Senhor dos Exércitos, o Deus que luta pelo Seu povo e o defende. Também completa a frase afirmando o nome do Senhor, YHWH, o nome dado a Moisés no Sinai, o nome que os israelitas bem conheciam e que era o nome próprio de Deus, pelo qual Ele seria chamado apenas por aqueles que tivessem uma verdadeira aliança de fidelidade a Ele.

Era nEle que eles deviam esperar sempre, ou seja, crer e confiar, praticando a justiça e o amor. Da mesma forma que Jacó creu em Deus e reconheceu sua dependência dEle, a nação também deveria se firmar novamente na justiça e no amor do Deus verdadeiro, e confiar nEle.

- Os 12: 7-8: “Efraim, mercador, tem nas mãos balança enganosa e ama a opressão [NVI: Como os descendentes de Canaã, comerciantes que usam balança desonesta e gostam muito de extorquir...]; mas diz [NVI:... Efraim orgulha-se e exclama]: Contudo, me tenho enriquecido e adquirido grandes bens; em todos esses meus esforços, não acharão em mim iniquidade alguma, nada que seja pecado”.

O profeta volta a falar dos roubos, da ganância e da extorsão que eram praticados em Israel, e seus comerciantes tinham orgulho do que possuíam, ainda que de maneira desonesta; alteravam suas balanças, para que seus clientes sássem no prejuízo quando compravam a peso. E fingiam inocência, negavam seu pecado e se orgulhavam na sua própria força. Sua arrogante auto-suficiência de hoje parecia com a de Jacó, antes de se

converter ao Senhor e lhe pedir mercê. Por se colocar na dependência de Deus é que Jacó foi abençoado de verdade.

• Os 12: 9-11: “Mas eu sou o Senhor, teu Deus, desde a terra do Egito; eu ainda te farei habitar em tendas, como nos dias da festa. Falei aos profetas e multipliquei as visões; e, pelo ministério dos profetas, propus símiles [NVI: falava em parábolas]. Se há em Gileade transgressão, pura vaidade são eles; se em Gilgal sacrificam bois, os seus altares são como montões de pedra nos sulcos dos campos.”

O Senhor era o mesmo que os tirou da terra do Egito; Ele os conhecia desde aquela época. Por intermédio dos profetas, Israel recebeu a direção de Deus; infelizmente, rejeitou a mensagem.

‘Eu ainda te farei habitar em tendas, como nos dias da festa’ – ele se referia à Festa dos Tabernáculos, que celebrava a peregrinação no deserto (Lv 23: 33-43). O povo seria exilado e moraria em tendas, como foi no princípio, para ensiná-los a depender de Deus. Gileade (Ramote-Gileade), citada em Os 6: 8, e Gilgal, citada em Os 4: 15; Os 9: 15 foram cidades onde se praticou a idolatria; elas se tornariam ruínas. Seus altares se tornariam montões de pedras.

• Os 12: 12-14: “Jacó fugiu para a terra da Síria [NVI: para a terra de Arã], e Israel serviu por uma mulher e por ela guardou o gado [NVI: Israel trabalhou para obter uma mulher; por ela cuidou de ovelhas]. Mas o Senhor, por meio de um profeta, fez subir a Israel do Egito e, por um profeta, foi ele guardado. Efraim mui amargamente provocou à ira; portanto, o Senhor deixará ficar sobre ele o sangue por ele derramado; e fará cair sobre ele o seu opróbrio [NVI: a culpa do sangue que derramou e lhe devolverá o seu desprezo]”.

Deus sempre guardou Seu povo, desde os tempos dos patriarcas, quando Jacó fugiu para Harã (depois, Síria), e lá trabalhou como pastor de ovelhas por amor de Raquel. O Senhor também usou Moisés para livrar Seu povo do Egito e introduzi-lo na Terra Prometida. Mas eles foram ingratos e o provocaram à ira com a idolatria e outros pecados, inclusive derramando sangue inocente. Por causa disso, o Senhor os julgará e os desprezará.

Capítulo 13

- Os 13: 1-16 – Castigo definitivo

Oséias continua a falar sobre a retribuição de Deus pelos atos da nação. A punição de Israel continua sendo ilustrada por meio de metáforas. Nestes versículos, Israel ('Efraim') é comparado com alguém que está morto espiritualmente.

- Os 13: 1: “Quando falava Efraim, havia tremor; foi exaltado em Israel, mas ele se fez culpado no tocante a Baal e morreu [NVI: tornou-se culpado da adoração a Baal e começou a morrer]”.

Quando Efraim servia a Deus, a tribo falava e havia tremor no coração de todo Israel, pois ela tinha uma posição de proeminência entre as outras tribos; e ela tinha vida e honra. Mas depois que começou a servir Baal se tornou culpada diante de Deus, e morreu espiritualmente.

- Os 13: 2: “Agora, pecam mais e mais, e da sua prata fazem imagens de fundição, ídolos segundo o seu conceito, todos obra de artífices, e dizem: Sacrificai a eles. Homens até beijam bezeros! [NVI: Eles oferecem sacrifício humano e beijam os ídolos feitos em forma de bezerro]”.

Agora, o que se via em Efraim eram ídolos feitos de prata, aos quais os israelitas oferecem sacrifícios. Os bezeros de ouro de Jeroboão I eram ainda reverenciados, e até os homens o beijavam para demonstrar sua honra (1 Rs 19: 18).

- Os 13: 3: “Por isso, serão como nuvem de manhã [NVI: a neblina da manhã], como orvalho que cedo passa, como palha que se lança da eira e como fumaça que sai por uma janela”.

O juízo de Deus destruiria Efraim subitamente, assim como o sol dissolve a neblina e seca o orvalho da madrugada, ou como o vento dissipa a fumaça e leva a palha.

- Os 13: 4-5: “Todavia, eu sou o Senhor, teu Deus, desde a terra do Egito; portanto, não conhecerás outro deus além de mim, porque não há salvador, senão eu. Eu te conheci no deserto, em terra muito seca”.

Deus repete para Israel que Ele é o seu Deus desde o momento em que eles saíram do Egito. Não admite mais que eles venham a adorar outro deus, pois Ele é o único que pode salvá-los. Foi numa terra muito seca e sem vida que Ele conheceu esse povo, cuidou dele, lhes deu água e esperança, e uma terra para viver. Por tudo o que fizera por eles, Ele esperava lealdade exclusiva.

- Os 13: 6-9: “Quando tinham pasto, eles se fartaram, e, uma vez fartos, ensoberbeceu-se-lhes o coração; por isso, se esqueceram de mim. Sou, pois, para eles como leão; como leopardo, espreito no caminho. Como urso, roubada de seus filhos, eu os atacarei e lhes romperei a envoltura do coração [NVI: Como uma urso de quem roubaram os filhotes, eu os atacarei e os rasgarei]; e, como leão, ali os devorarei, as feras do campo os despedaçarão. A tua ruína, ó Israel, vem de ti, e só de mim, o teu socorro [NVI: Você foi destruído, ó Israel, porque está contra mim, contra o seu ajudador]”.

Depois que o Senhor lhes havia dado comida e tudo o que necessitavam, como um bom pastor que cuida bem do seu rebanho, eles se exaltaram, se tornaram orgulhosos e

cheios de si, e se esqueceram dEle. Ao se afastarem do seu Deus, seu relacionamento com Ele piorou e Ele passou a ser visto como um inimigo, um predador que despedaça as ovelhas. Por causa da revolta e da rebeldia deles contra seu verdadeiro pastor, a partir de agora Ele vai ser realmente um predador; como uma urso enraivecida Ele os destruirá. A ruína de Israel vinha deles mesmos por causa do que fizeram, mas a salvação só poderia vir do Senhor.

- Os 13: 10-11: “Onde está, agora, o teu rei, para que te salve em todas as tuas cidades? E os teus juízes [NVI: oficiais], dos quais disseste: Dá-me rei e príncipes? [NVI: Dá-me um rei e líderes] Dei-te um rei na minha ira e to tirei no meu furor”.

Quando a nação estava sendo governada por juízes e profetas, ela pediu um rei, e o profeta Samuel levou o caso a Deus, que lhes deu Saul. Ele não gostou da opção dos Seus filhos, mas lhes deu o rei que pediram (1 Sm 8: 1-22). Alguns anos depois, Saul morreu porque desagradou a Deus profundamente (1 Sm 15: 28; 1 Sm 16: 1; 1 Sm 28: 18-19; 1 Sm 31: 6).

Agora, nem mesmo o rei poderia proteger a nação, nem seus oficiais e comandantes. Nenhum deles poderia proteger o povo do juízo de Deus. Até eles seriam destruídos.

- Os 13: 12-14: “As iniquidades de Efraim estão atadas juntas, o seu pecado está armazenado [NVI: A culpa de Efraim foi anotada; seus pecados são mantidos em registro]. Dores de parturiente lhe virão; ele é filho insensato, porque é tempo, e não sai à luz, ao abrir-se da madre [NVI: mas é uma criança insensata; quando chega a hora, não sai do ventre que a abrigou]. Eu os remirei do poder do inferno e os resgatarei da morte; onde estão, ó morte, as tuas pragas? Onde está, ó inferno, a tua destruição? Meus olhos não vêem em mim arrependimento algum [NVI: Não terei compaixão alguma]”.

A culpa de Efraim foi anotada por Deus, e seus pecados foram registrados minuciosamente, como um juiz junta as provas para julgar um caso.

‘Ele é filho insensato, porque é tempo, e não sai à luz, ao abrir-se da madre’ – isso mostra a indiferença espiritual deles. Quando Deus os chamou para uma nova vida e um novo relacionamento com Ele, eles preferiram rejeitar o convite e permanecer mortos nos seus delitos. Não se arrependeram; pelo contrário, eles se recusaram a nascer.

‘Eu os remirei do poder do inferno e os resgatarei da morte; onde estão, ó morte, as tuas pragas? Onde está, ó inferno, a tua destruição?’ – mesmo assim, Deus anuncia a salvação a Efraim, pois Ele é o único que tem poder para livrar da morte e do inferno (cf. 1 Co 15: 55).

‘Meus olhos não vêem em mim arrependimento algum’ – a NVI traduz como: ‘Não terei compaixão alguma’ – é bem diferente das palavras pronunciadas no capítulo 11 (Os 11: 8), quando o Senhor menciona a compaixão por eles e a relutância em deixá-los nas mãos do inimigo. Agora, depois que todas as chances foram dadas, Ele agiria de outra forma, não os pouparia mais da destruição.

- Os 13: 15-16: “Ainda que ele viceje entre os irmãos, virá o vento leste, vento do Senhor, subindo do deserto, e secará a sua nascente, e estancará a sua fonte; ele saqueará o tesouro de todas as coisas preciosas. Samaria levará sobre si a sua culpa, porque se rebelou contra o seu Deus; cairá à espada, seus filhos serão despedaçados, e as suas mulheres grávidas serão abertas pelo meio [NVI: suas mulheres grávidas terão rasgados os seus ventres]”.

Efraim, nome usado para descrever Israel, era como uma planta frutífera e bem regada, mas o juízo de Deus viria. Efraim significa ‘frutífero’. Então, Deus começa a

falar claramente da destruição deste povo, mencionando o vento leste, o vento destruidor que simboliza o exército assírio. Ninguém será poupado por ele, nem os inocentes.

Capítulo 14

- Os 14: 1-9 – Promessas de perdão

A partir daqui (Os 14: 1-8), começam as profecias de restauração da nação para um povo arrependido.

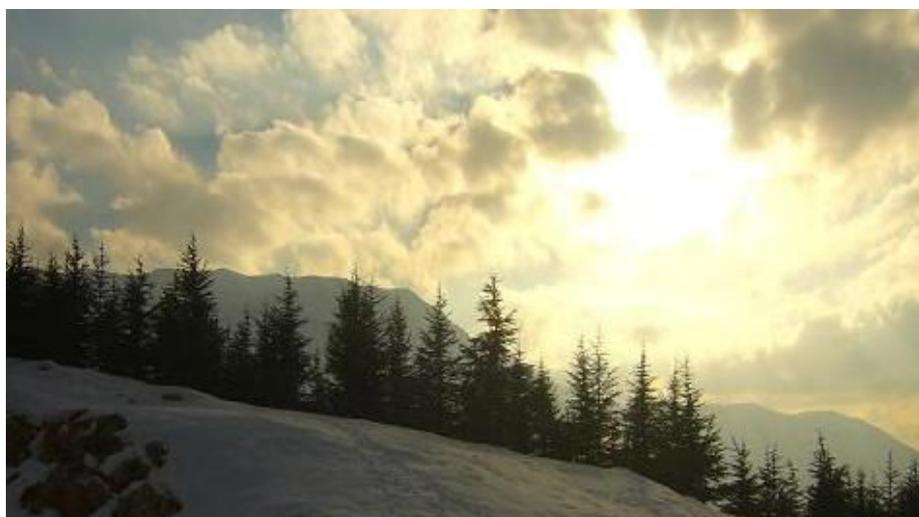
- Os 14: 1-3: “Volta, ó Israel, para o Senhor, teu Deus, porque, pelos teus pecados, estás caído. Tende convosco palavras de arrependimento e convertei-vos ao Senhor; dizei-lhe: Perdoa toda iniquidade, aceita o que é bom e, em vez de novilhos, os sacrifícios dos nossos lábios [NVI: Perdoa todos os nossos pecados e, por misericórdia, recebe-nos, para que te ofereçamos o fruto dos nossos lábios]. A Assíria já não nos salvará, não iremos montados em cavalos e não mais diremos à obra das nossas mãos: tu és o nosso Deus; por ti o órfão alcançará misericórdia”.

Oséias, pela última vez, os exorta ao arrependimento, e diz que eles estão caídos por causa de seus próprios pecados. Ele os chama à conversão ao Senhor, e até ensina o que eles devem dizer: pedir perdão pela sua maldade e, em vez de sacrifícios, que Deus aceite o louvor de seus lábios. Eles devem dizer que reconhecem o Seu poder de salvá-los, ao invés da Assíria, e devem renunciar aos falsos deuses. Não mais buscarão a guerra (‘não iremos montados em cavalos’), e clamarão pela misericórdia de Deus sobre o órfão. Na verdade, todo Israel é um órfão que precisa de um Pai.

- Os 14: 4-8: “Curarei a sua infidelidade, eu de mim mesmo os amarei, porque a minha ira se apartou deles [NVI: Eu curarei a infidelidade deles e os amarei de todo o meu coração, pois a minha ira desviou-se deles]. Serei para Israel como orvalho, ele florescerá como o lírio e lançará as suas raízes como o cedro do Líbano. Estender-se-ão os seus ramos, o seu esplendor será como o da oliveira, e sua fragrância, como a do Líbano. Os que se assentam de novo à sua sombra voltarão; serão vivificados como o cereal e florescerão como a vide; a sua fama será como a do vinho do Líbano. Ó Efraim, que tenho eu com os ídolos? [NVI: O que Efraim ainda tem com ídolos] Eu te ouvirei e cuidarei de ti; sou como o cipreste verde; de mim procede o teu fruto”.

O Senhor ouve a oração e responde que removerá Sua ira e os amará. Ele lhes trará a prosperidade e derramará bênçãos sobre eles como o orvalho cai do céu. Eles florescerão como o lírio e se estabelecerão na sua terra como o cedro lança profundamente suas raízes no chão. Eles se espalharão e se multiplicarão como ramos de árvores e serão tão belos e vistosos como uma oliveira. Sua fragrância será como a das coníferas e pomares do Líbano. Seus filhos voltarão para sua terra e serão vivificados como o trigo ou a cevada que crescem em seus campos, e darão flores como uma videira. Sua fama crescerá por toda a terra como o vinho do Líbano é conhecido pelo seu buquê e pelo seu sabor especial. Efraim não terá mais comprometimento com a idolatria. Quando orar, Deus o ouvirá e cuidará dele. Deus se compara a um cipreste verde e que provê sombra e abrigo. Os frutos da nação (sua fecundidade e produtividade) procedem do Senhor.

Essa é a promessa divina feita ao Israel arrependido que recebeu o Messias como seu Senhor em Sua primeira vinda e, como Igreja, espalhou seus ramos entre as nações, tendo sempre um Deus e Pai para protegê-la em sua missão e nos momentos difíceis. Essa promessa só será cumprida plenamente em Sua segunda vinda até que o Israel rebelde se arrependa e volte para Aquele que o chamou.



• Os 14: 9: “Quem é sábio, que entenda estas coisas; quem é prudente [NVI: Quem tem discernimento], que as saiba, porque os caminhos do Senhor são retos, e os justos andarão neles, mas os transgressores neles cairão”.

Oséias termina seu livro dizendo aos leitores para serem sábios e prudentes, pois só assim entenderão o que Deus falou ali. Os caminhos de Deus são sempre retos; em Sua boca não há nenhuma palavra torta, perversa ou mentirosa (Pv 8: 8). Todas as Suas promessas se cumprirão. Os justos andarão sempre por um caminho iluminado por essas palavras, mas os rebeldes à lei de Deus acharão nelas uma pedra de tropeço para sua vida.

Conclusão:

Observando o perfil profético de Oséias, podemos tirar a conclusão de que ele proclamou a impiedade do seu povo e o conclamou mais uma vez à aliança e ao compromisso com o Senhor, reforçando neles a idéia do inevitável juízo divino sobre todo o tipo de pecado. Mesmo tendo vivido muito tempo depois de outros irmãos que trouxeram a Israel a mesma mensagem de YHWH, e que foi rejeitada e desobedecida, esse profeta obedeceu à voz do Altíssimo para exortar novamente o Seu povo; ele não desistiu de clamar, continuou a profetizar a Palavra de justiça, juízo, misericórdia e

restauração, como uma forma de dizer que o Criador sempre nos dá uma nova chance de reavaliar a nossa vida, de repensar sobre as nossas atitudes e de exercer nosso livre-arbítrio, escolhendo entre a salvação e a punição. Por isso, o profeta de Deus não deve desistir de exortar, mesmo já tendo proclamado a mesma mensagem anteriormente, até que Ele execute aquilo que prometeu. Deve também chamar seus irmãos à aliança e à comunhão com seu Criador, assumindo o perfeito compromisso de ser Seu instrumento na terra. Muitas vezes, é o exemplo de vida do profeta a melhor maneira de testemunhar que o que prega é verdadeiro e de poder revelar ao mundo o seu Deus.

Joel

O livro de Joel foi escrito numa época desconhecida. O período do seu ministério também é interrogado. Pode ter sido quando o rei Joás (835-796 AC) ainda era uma criança [o que pode coincidir com o período do ministério de Eliseu (848-797 AC)]. Joel significa 'YHWH é Deus'. Profetiza a descida do Espírito Santo e vincula a obra de Deus no AT ao nascimento da Igreja no NT. Mostra o desejo intenso que Deus tem de manter intimidade com todo o Seu povo. Joel o conclamou a se voltar para Ele. Descreve uma praga de gafanhotos (Jl 1: 1-20) que atacavam sucessivamente em bandos de dimensões espantosas, que devoravam as cascas das figueiras, os campos de trigo, vinhas e pomares, extinguindo os materiais para os sacrifícios dos sacerdotes. Em Jl 1: 9; 13, o profeta fala que o sacrifício foi cortado da Casa do Senhor, mais especificamente, a oferta de manjares e a libação do vinho. A oferta de manjares era feita com a fina flor de farinha, ou seja, a farinha de melhor qualidade e com azeite de oliva. Havendo um período de seca e fome, com más colheitas e com a praga de gafanhotos devorando figueiras, campos de trigo, vinhas e pomares (macieiras, palmeiras e romeiras) fica entendido porque o sacrifício de oferta de manjares foi cortado do templo. Em Jl 1: 18; 20 a bíblia diz que os animais também estavam sofrendo por falta de pasto, por causa das queimadas que aconteciam no período da seca (Jl 1: 19). A praga é símbolo da ira divina e Seu castigo contra o pecado. Os desastres da natureza mencionados no capítulo 1 são uma linguagem figurada em relação aos inimigos estrangeiros que assolariam Judá (Jl 2: 1-11). A invasão dos gafanhotos torna a terra numa desolação.



Os judeus deveriam se lamentar no dia da indignação de Deus, ou seja, no dia do Seu julgamento (Jl 1: 13-16). O profeta menciona ‘O Dia do Senhor’ várias vezes: Jl 1: 15; Jl 2: 1; Jl 2: 11; Jl 2: 31; Jl 3: 14, ou seja, o dia no qual Ele se levanta para executar Seu juízo. Entretanto, nunca é tarde para o arrependimento, e uma nova chamada para a adoração especial no templo é lançada, tanto para os sacerdotes como para o povo (Jl 1: 13-16 cf. Jl 2: 12-17). Deus quer conversão sincera para poder agir. A devastação dos gafanhotos será, então, substituída pela abundância que o Senhor proporcionará (Jl 2: 18-27) através do derramamento do Espírito (Jl 2: 28-32), cumprido no dia de Pentecostes (At 2: 17-21); as manifestações da natureza podem ter um significado apocalíptico (Jl 2: 30-32; cf. Ap 6: 12-13). Assim, depois do arrependimento virá a restauração do povo. Joel também relata os juízos de Deus contra as nações inimigas (Jl 3: 13 cf. Ap 14: 15-20; Ap 19: 15).

Em Jl 3: 8 o Senhor menciona o nome de um povo, os sabeus (Shba’iy ou Shba’), se referindo aos primeiros progenitores de um distrito da Etiópia. Shba’iy é uma variação da palavra hebraica Cba’iy, ou Cba’ (Is 45: 14), se referindo aos descendentes de Cuxe, filho de Cam, que estabeleceu sua nação (Seba ou Sebá; em hebraico: Sheba), que mais tarde veio a ser a Etiópia. Seba está relacionado com Sabá, também filho de Cuxe, que se estabeleceu ao sul da Arábia. Seba (sebha’) e Sabá (shebha’) são as formas (árabe antiga e hebraica) do povo do reino de Sabá. A bíblia fala sobre ‘vender os filhos dos tírios e dos filisteus para os sabeus’ (Jl 3: 4-8, com enfoque no v. 8) – Dario II e Artaxerxes II (404-358 AC), seu filho, e principalmente Alexandre, o Grande, reduziram os poderes fenícios e filisteus. Segundo o historiador Flávio Josefo, após a captura de Tiro e Gaza por este último conquistador, trinta mil tírios e multidões de filisteus foram vendidas como escravos. Assim, Deus fala aos judeus (Jl 3: 8), da mesma forma, para venderem estes escravos estrangeiros para os Sabeus.

Outra citação interessante está em Jl 3: 18, onde o profeta fala de uma fonte de água que sairá da Casa do Senhor e regará o vale de Sitim (ou vale das acácias). Sitim (Nm 25: 1; Js 2: 1; Mq 6: 5) era lugar de idolatria e imoralidade, defronte de Jericó, nas planícies de Moabe, a leste do Jordão. Isso quer dizer que após o arrependimento sincero, o povo que antes era depravado receberá a água doadora de vida no Dia do Senhor (A primeira vinda de Cristo). A acácia é um arbusto que só cresce em regiões áridas; portanto, isso também significa que mesmo o deserto, um lugar árido de vida, será regado pela bênção (água) de Jerusalém. Por isso, Ezequiel (Ez 47: 1-12) descreve as águas saindo do limiar da casa como fluindo para o Mar Morto e purificando-o. Também em Zc 14: 8 as águas fluem de um lado para o Mediterrâneo, do outro lado para o Mar Morto, perto do qual Sitim estava situado, significando o evangelho brotando como uma fonte de água ininterrupta para todo o mundo, para conversão de judeus e gentios.

Capítulo 1

• Jl 1: 1-20 (A carestia causada pelo gafanhoto e pela seca): “Palavra do Senhor que foi dirigida a Joel, filho de Petuel. Ouvi isto, vós, velhos [ou ‘autoridades do povo’], e escutai, todos os habitantes da terra [NVI: do país]: Aconteceu isto em vossos dias? Ou nos dias de vossos pais? [NVI: dos seus antepassados]. Narrai isto a vossos filhos, e vossos filhos o façam a seus filhos, e os filhos destes, à outra geração. O que deixou o gafanhoto cortador, comeu-o o gafanhoto migrador; o que deixou o migrador, comeu-o o gafanhoto devorador [NVI: devastador]; o que deixou o devorador, comeu-o o gafanhoto destruidor [NVI: devorador]. Ébrios, despertai-vos e chorai; uivai, todos os que bebeis vinho, por causa do mosto [NVI: vinho novo], porque está ele tirado da vossa boca. **6** Porque veio um povo contra a minha terra, poderoso e inumerável; os seus dentes são dentes de leão, e ele tem os queixais [NVI: suas presas] de uma leoa. Fez de minha vide uma assolação, destroçou a minha figueira, tirou-lhe a casca, que lançou por terra; os seus sarmentos [NVI: galhos] se fizeram brancos. Lamenta com a virgem que, pelo marido da sua mocidade, está cingida de pano de saco. Cortada está da Casa do Senhor a oferta de manjares e a libação [NVI: As ofertas de cereal e as ofertas derramadas]; os sacerdotes, ministros do Senhor, estão enlutados. O campo está assolado, e a terra, de luto [ou ‘a terra chora’], porque o cereal está destruído, a vide se secou, as olivas se murcharam. Envergonhai-vos, lavradores, uivai, vinhateiros, sobre o trigo e sobre a cevada, porque pereceu a messe do campo [NVI: Desesperem-se, agricultores, chorem, produtores de vinho; fiquem aflitos pelo trigo e pela cevada, porque a colheita foi destruída]. A vide se secou, a figueira se murchou, a romeira também, e a palmeira e a macieira; todas as árvores do campo se secaram, e já não há alegria entre os filhos dos homens. Cingi-vos de pano de saco e lamentai, sacerdotes; uivai [NVI: chorem alto], ministros do altar; vinde, ministros de meu Deus; passai a noite vestidos de panos de saco; porque da casa de vosso Deus foi cortada a oferta de manjares e a libação. Promulgai um santo jejum, convocai uma assembléia solene, congregai os anciãos, todos os moradores desta terra, para a Casa do Senhor, vosso Deus, e clamai ao Senhor. Ah! Que dia! Porque o Dia do Senhor está perto e vem como assolação do Todo-Poderoso [NVI: como destruição poderosa da parte do Todo-Poderoso, ele virá]. Acaso, não está destruído o mantimento diante dos vossos olhos? E, da casa do nosso Deus, a alegria e o regozijo? A semente mirrou debaixo dos seus torrões, os celeiros foram assolados, os armazéns, derribados, porque se perdeu o cereal. Como geme o gado! As manadas de bois estão sobremodo inquietas, porque não têm pasto; também os rebanhos de ovelhas estão perecendo. A ti, ó Senhor, clamo, porque o fogo consumiu os pastos do deserto, e a chama abrasou todas as árvores do campo. Também todos os animais do campo bramam suspirantes por ti [NVI: Até os animais do campo clamam a ti]; porque os rios se secaram, e o fogo devorou os pastos do deserto”.

Joel descreve uma praga de gafanhotos que atacavam sucessivamente em bandos de dimensões espantosas, que devoravam as cascas das figueiras, os campos de trigo, vinhas e pomares, extinguindo os materiais para os sacrifícios dos sacerdotes.

No v. 6 o profeta menciona a palavra ‘povo’ que veio contra a sua terra. Em hebraico, a palavra é *gowy* (Strong #1471), e significa: uma nação estrangeira; portanto, um gentio; pagão, nação, pessoas; também (de maneira figurada): uma tropa de animais ou um enxame de gafanhotos. Assim, podemos pensar que no v. 6, ‘*gowy*’ se refere aos gafanhotos, enquanto que em Jl 2: 2 ‘*gowy*’ diz respeito a um exército de estrangeiros, inimigos de Judá, como assírios ou babilônios.

Quanto ao fato da descrição desse povo parecer um tanto imprecisa por parte de Joel, talvez seja porque ele ainda não tinha a consciência de quem eles eram (ao contrário de Jeremias e Ezequiel), ou seja, com o seu exercício profético (por volta de 830 AC) situado na época de Joás (835-796 AC), o profeta ainda não tinha notícia das intenções da Assíria sobre Israel ou Judá, pois a bíblia só começa mesmo a falar sobre a opressão da Assíria no reinado de Tiglate-Pileser III (745-727 AC), quando Isaías (740-681 AC) fala com Acaz (Is 7: 1-9) às vésperas da guerra Siro-Efraimita, iniciada em 734 AC. Nem havia ainda menção sobre Nabucodonosor (605-562 AC). Portanto, eram personagens que só apareceriam em cena quase cem anos depois. Mesmo porque ele só poderia profetizar o que Deus estava mostrando a ele. É diferente de Isaías, a quem Deus revelou o nome de Ciro, quase 150 anos antes do seu nascimento.

Em Jl 1: 9; 13, o profeta fala que o sacrifício foi cortado da Casa do Senhor, mais especificamente, a oferta de manjares e a libação do vinho. A oferta de manjares era feita com flor de farinha, ou seja, a farinha fina, de melhor qualidade, e com azeite de oliva. A libação era uma oferta de líquidos (em geral o vinho e o azeite), derramados em sacrifício de dedicação a Deus; uma parte do líquido era derramada **junto com a oferta de manjares** das ofertas contínuas (ou ‘ofertas regulares’) apresentadas todos os dias (Êx 29: 38-41; Nm 28: 1-8), ou das ofertas voluntárias ou nos dias de sábado (Nm 28: 9; 10) e nas festas fixas (Nm 15: 3; 5; 7; 10): nas festas da Lua Nova (Nm 28: 14), na Páscoa (Nm 28: 24), Pentecostes ou Festa das Colheitas (Shavuot – Nm 28: 26; 31), Rosh haShaná (Ano Novo – Nm 29: 1; 6), Dia da Expição (Yom Kippur – Nm 29: 7; 11), Festa dos Tabernáculos (Sucot – Nm 29: 12; 16; 19; 22; 25; 28; 31; 34; 38).

Havendo um período de seca e fome, com más colheitas e com a praga de gafanhotos devorando figueiras, campos de trigo, vinhas e pomares (macieiras, palmeiras e romeiras) fica entendido porque o sacrifício de oferta de manjares foi cortado do templo. Em Jl 1: 18; 20 a bíblia diz que os animais também estavam sofrendo por falta de pasto, por causa das queimadas que aconteciam no período da seca (Jl 1: 19). A invasão dos gafanhotos toma a terra numa desolação. A praga é símbolo da ira divina e Seu castigo contra o pecado. Os desastres da natureza mencionados no capítulo 1 são uma linguagem figurada em relação aos inimigos estrangeiros que assolariam Judá (Jl 2: 1-11).

Eles deveriam se lamentar no dia da indignação de Deus, ou seja, no dia do Seu julgamento (Jl 1: 13-16 cf. Jl 2: 12-17). O profeta menciona ‘O Dia do Senhor’ várias vezes: Jl 1: 15; Jl 2: 1; Jl 2: 11; Jl 2: 31; Jl 3: 14, ou seja, o dia no qual Ele se levanta para executar Seu juízo.

O versículo 13 diz: “Cingi-vos de pano de saco e lamentai, sacerdotes; uivai [NVI: chorem alto], ministros do altar; vinde, ministros de meu Deus; passai a noite vestidos de panos de saco; porque da casa de vosso Deus foi cortada a oferta de manjares e a libação”.

O **pano de saco** era um tecido grosseiro [em hebraico: saq – Strong #8242: Uma malha (como permitindo que um líquido traspasse), isto é, um pano grosso (usado em luto e para ensacamento); portanto, um saco (para grãos, etc.): saco (roupa de cama, roupas); em grego, sakkos (Strong #g4526), de onde se deriva nosso vocábulo em português – Mt 11: 21; Lc 10: 13], usualmente feito de pêlo de cabras ou de pêlo do camelo e de cor negra (Ap 6: 12). A mesma palavra hebraica algumas vezes significa ‘saco’ (de se guardar dinheiro ou mantimento – Gn 42: 27), que evidentemente era feito do mesmo material. O pano de saco era um sinal de lamentação pelos mortos (Gn 37: 34; 2 Sm 3: 31; Jl 1: 8), ou de lamentação por desastre nacional ou pessoal (Jó 16: 15 – palavra que, na nossa versão em Português, é traduzida como ‘cilício’, embora não seja exatamente a mesma coisa; Lm 2: 10 – palavra que, na nossa versão em Português, é

traduzida como ‘cilício’, embora não seja exatamente a mesma coisa; Et 4: 1), ou de penitência pelos pecados (1 Rs 21: 27; Ne 9: 1; Jn 3: 5; Mt 11: 21), ou de oração especial pedindo livramento (2 Rs 19: 1; 2; Dn 9: 3). A forma do pano de saco, como símbolo da humilhação diante de Deus, era freqüentemente uma faixa ou saíote preso ao redor da cintura (1 Rs 20: 31; 32; Is 3: 24 – traduzido como cilício; Is 20: 2; Ez 27: 31). Era usualmente usado pegado à pele (2 Rs 6: 30; Jó 16: 15), e às vezes era usado durante uma noite inteira (1 Rs 21: 27; Jl 1: 13). Em certo caso substituía um manto presumivelmente por cima de outras roupas (Jn 3: 6). Algumas vezes o pano de saco era estendido no chão para deitar-se em cima (2 Sm 21: 10; Is 58: 5). Os pastores da Palestina usavam pano de saco por ser barato e durável. Algumas vezes os profetas usavam-no como símbolo do arrependimento que pregavam (Is 20: 2; Ap 11: 3). Conforme Jn 3: 8, até mesmo os animais eram vestidos em pano de saco como sinal de súplica nacional. O uso de pano de saco como lamentação e penitência era praticado não somente em Israel, mas também em Damasco (1 Rs 20: 31), em Moabe (Is 15: 3), em Amom (Jr 49: 3 – traduzido como cilício), em Tiro (Ez 27: 31) e em Nínive (Jn 3: 5).

A NVI costuma traduzir ‘pano de saco’ por ‘vestes de lamento’. O ‘cilício’ se trata de uma peça de penitência medieval.

Fonte: O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995.

Capítulo 2

• Jl 2: 1-11: “Tocai a trombeta em Sião e dai voz de rebate no meu santo monte; [NVI: dêem o alarme no meu santo monte] perturbem-se todos os moradores da terra, porque o Dia do Senhor vem, já está próximo; dia de escuridade e densas trevas, dia de nuvens e negridão! Como a alva por sobre os montes, assim se difunde um povo grande e poderoso [NVI: um grande e poderoso exército se aproxima], qual desde o tempo antigo nunca houve, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração. À frente dele vai fogo devorador, atrás, chama que abrasa; diante dele, a terra é como o jardim do Éden; mas, atrás dele, um deserto assolado. Nada lhe escapa. A sua aparência é como a de cavalos; e, como cavaleiros, assim correm [NVI: como cavalaria, atacam galopando]. Estrondeando como carros, vêm, saltando pelos cimos dos montes, crepitando como chamas de fogo que devoram o restolho, como um povo poderoso posto em ordem de combate. Diante deles, tremem os povos; todos os rostos empalidecem. Correm como valentes; como homens de guerra, sobem muros [NVI: escalam muralhas como soldados]; e cada um vai no seu caminho e não se desvia da sua fileira [NVI: Todos marcham em linha, sem desviar-se do curso]. Não empurram uns aos outros; cada um segue o seu rumo [NVI: cada um marcha sempre em frente]; arremetem contra lanças e não se detêm no seu caminho [NVI: Avançam por entre os dardos sem desfazer a formação]. Assaltam a cidade, correm pelos muros [NVI: correm ao longo da muralha], sobem às casas; pelas janelas entram como ladrão. Diante deles, treme a terra, e os céus se abalam; o sol e a lua se escurecem, e as estrelas retiram o seu resplendor. O Senhor levanta a voz diante do seu exército; porque muitíssimo grande é o seu arraial; porque é poderoso quem executa as suas ordens; sim, grande é o Dia do Senhor e mui terrível! Quem o poderá suportar?”

• v. 2; 5 – a descrição do inimigo como um povo poderoso e grande, inumerável, se repete como em Jl 1: 6, bem como a menção do fogo novamente. No v. 7 dá a impressão de estar falando novamente de gafanhotos, pela tradução que foi feita na NVI: “Correm como valentes; como homens de guerra, sobem muros [NVI: **escalam muralhas como soldados**]; e cada um vai no seu caminho e não se desvia da sua fileira [NVI: Todos marcham em linha, sem desviar-se do curso]”. De qualquer forma, é uma metáfora para algum exército invasor.

O exército assírio ou o exército babilônico era bastante rápido em suas ações de guerra, assim como trazia junto com ele um rastro de destruição (v. 3). Para fazer suas obras de cerco, derrubavam muitas árvores e ateavam fogo às cidades que eram conquistadas, após pilhá-las e matar ou capturar seus habitantes. Por isso, Joel menciona o fogo aqui. Seus soldados eram ágeis, velozes e não se detinham por nada (v. 4-9).

• v.2 – ‘Povo posto em ordem de combate’ – conheciam a arte da guerra e eram disciplinados, organizados.

• ‘dias de escuridade e densas trevas, dia de nuvens e negridão’ – em se tratando de gafanhotos, sabe-se que seus bandos são tão numerosos que encobrem o sol, como aconteceu no Egito com a praga de gafanhotos enviada pelo Senhor (Êx 10: 15); o dia se torna sombrio com a invasão deles. Em se tratando de um exército invasor sobre Judá, essa frase pode expressar um período de grandes aflições e calamidades.

• v. 4 – ‘A sua aparência é como a de cavalos; e como cavaleiros, assim correm’ – a cabeça de um gafanhoto ou de uma locusta, se parece com a cabeça de um cavalo. Por outro lado, os caldeus são freqüentemente representados como fortes, poderosos,

ferozes e furiosos, e cavalgando em cavalos ligeiros como águias (Jr 4: 13; 5: 15-16; Hc 1: 6-8).



Gafanhoto



Locusta

Em Is 5: 27-30 há uma descrição do exército dos assírios: “Não há entre elas cansado, nem quem tropece; ninguém tosqueneja, nem dorme; não se lhe desata o cinto dos seus lombos, nem se lhe rompe das sandálias a correia. As suas flechas são agudas, e todos os seus arcos, retesados; as unhas dos seus cavalos dizem-se de pederneira [NVI: ‘os cascos dos seus cavalos são duros como pedra’], e as rodas dos seus carros, um redemoinho (*furacão*). O seu rugido é como o do leão; rugem como filhos de leão [NVI: ‘rugem como leões ferozes’], e, rosnando, arrebatam a presa, e a levam, e não há quem a livre. Bramam contra eles (*sobre Judá*) naquele dia, como o bramido do mar; se alguém olhar para a terra (*de Israel*), eis que só há trevas e angústia, e a luz se escurece em densas nuvens [NVI: ‘até a luz do dia será obscurecida pelas nuvens’]”.

Isaías descreve o exército assírio como um exército de soldados ferozes, ágeis, vigilantes e habilitados para a guerra. Seus carros são rápidos e eles gritam enquanto lutam. Judá sofrerá angústia, e a fumaça da destruição e do fogo escurecerá o céu.

Também em Is 10: 16 ele diz que os guerreiros assírios são muito fortes (v.16: ‘homens, todos gordos’); e em Is 10: 18-19 ele diz que seu exército é tão numeroso como uma floresta, mas seria consumido pelo Senhor.

- Jl 2: 12-17 (A misericórdia do Senhor): “Ainda assim, agora mesmo, diz o Senhor: Converti-vos a mim de todo o vosso coração; e isso com jejuns, com choro e com pranto. Rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e converti-vos ao Senhor, vosso Deus, porque ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-se, e grande em benignidade, e se arrepende do mal [NVI: arrepende-se, e não envia a desgraça]. Quem sabe se não se voltará, e se arrependerá, e deixará após si uma bênção, uma oferta de manjares e libação para o Senhor, vosso Deus? [NVI: Talvez ele volte atrás, arrependase, e ao passar deixe uma bênção. Assim vocês poderão fazer ofertas de cereal e ofertas derramadas para o Senhor, o seu Deus]. Tocai a trombeta em Sião, promulgai um santo jejum, proclamai uma assembléia solene. Congregai o povo, santificai a congregação, ajuntai os anciãos, reuni os filhinhos e os que mamam; saia o noivo da sua recâmara, e a noiva, do seu aposento [NVI: Até os recém-casados devem deixar os seus aposentos]. Chorem os sacerdotes, ministros do Senhor, entre o pórtico e o altar, e orem: Poupa o teu povo, ó Senhor, e não entregues a tua herança ao opróbrio, para que as nações façam escárnio dele. Por que hão de dizer entre os povos: Onde está o seu Deus?”

- v. 12-17 – O Senhor chama tanto os sacerdotes como o povo para um novo momento de oração, confissão de pecados e arrependimento (Jl 1: 13-16 cf. Jl 2: 12-17). Deus quer conversão sincera para poder agir.

- Jl 2: 18-27: “Então, o Senhor se mostrou zeloso da sua terra, compadeceu-se do seu povo e, respondendo, lhe disse: Eis que vos envio o cereal, e o vinho, e o óleo, e deles sereis fartos, e vos não entregarei mais ao opróbrio entre as nações. Mas o exército que vem do Norte, eu o removerei para longe de vós, lançá-lo-ei em uma terra seca e deserta; lançarei a sua vanguarda para o mar oriental [Nota NVI: Mar Morto], e a sua retaguarda, para o mar ocidental [Nota NVI: Mar Mediterrâneo]; subirá o seu mau cheiro, e subirá a sua podridão; porque agiu poderosamente [NVI: Ele tem feito coisas grandiosas!]. Não temas, ó terra, regozija-te e alegra-te, porque o Senhor faz grandes coisas. Não temais, animais do campo, porque os pastos do deserto reverdecerão, porque o arvoredo dará o seu fruto, a figueira e a vide produzirão com vigor. Alegrai-vos, pois, filhos de Sião, regozijai-vos no Senhor, vosso Deus, porque ele vos dará em justa medida a chuva [NVI: “conforme a sua justiça”; Nota NVI: “Ou no tempo certo”]; fará descer, como outrora, a chuva temporã [NVI: “as chuvas de outono”] e a serôdia [NVI: “muitas chuvas, as de outono e as de primavera”]. As eiras se encherão de trigo, e os lagares transbordarão de vinho e de óleo. Restituir-vos-ei os anos que foram consumidos [NVI: Vou compensá-los pelos anos de colheitas que os gafanhotos destruíram] pelo gafanhoto migrador, pelo destruidor e pelo cortador, o meu grande exército que enviei contra vós outros. Comereis abundantemente, e vos fartareis, e louvareis o nome do Senhor, vosso Deus, que se houve maravilhosamente convosco; e o meu povo jamais será envergonhado. Sabereis que estou no meio de Israel e que eu sou o Senhor, vosso Deus, e não há outro; e o meu povo jamais será envergonhado”.

- v. 18 – Quando o Senhor viu que eles fizeram suas súplicas no templo, então, Ele se voltou para eles com misericórdia e começou a falar sobre restituição dos anos

consumidos tanto pela seca quanto pelos gafanhotos, e é interessante que Ele fala com os animais e com a natureza também (Jl 2: 21-22), e garante ao Seu povo que não o entregará nas mãos dos ímpios (v.19), nem deixará que eles zombem de Israel. Na NVI, está escrito: “O Senhor respondeu ao seu povo: ‘Estou lhes enviando trigo, vinho novo e azeite, o bastante para satisfazê-los plenamente; nunca mais farei de vocês objeto de zombaria para as nações’” (Jl 2: 19).

- v. 20 – “Mas o exército que vem do Norte, eu o removerei para longe de vós, lançá-lo-ei em uma terra seca e deserta; lançarei a sua vanguarda para o mar oriental, e a sua retaguarda, para o mar ocidental; subirá o seu mau cheiro, e subirá a sua podridão; porque agiu poderosamente” (Jl 2: 20 – ARA); “Levarei o invasor que vem do norte para longe de vocês, empurrando-o para uma terra seca e estéril, a vanguarda para o mar oriental e a retaguarda para o mar ocidental. E a sua podridão subirá; o seu mau cheiro se espalhará’. Ele tem feito coisas grandiosas!” (Jl 2: 20 – NVI).

Como nota na NVI, está escrito que o Mar Oriental corresponde ao Mar Morto, e o Mar Ocidental, ao Mar Mediterrâneo.

‘Do Norte’ – Assíria (Sf 2: 13) ou Babilônia (Jr 1: 14-15).

‘E a sua podridão subirá; o seu mau cheiro se espalhará’ – pode significar os cadáveres dos inimigos, mortos em guerra contra outras nações. A seca e a devastação dos gafanhotos serão, então, substituídas pela abundância que o Senhor proporcionará (Jl 2: 18-27) através do derramamento do Espírito (Jl 2: 28-32), o que foi cumprido no dia de Pentecostes (At 2: 17-21). Assim, depois do arrependimento virá a restauração do povo.

- Jl 2: 28-32 (Promessa do derramamento do Espírito): “E acontecerá, depois, que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões; até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias. Mostrarei prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça [NVI: nuvens de fumaça]. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor. E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; porque, no monte Sião e em Jerusalém, estarão os que forem salvos, como o Senhor prometeu; e, entre os sobreviventes, aqueles que o Senhor chamar [NVI: no monte Sião e em Jerusalém haverá livramento para os sobreviventes, para aqueles a quem o Senhor chamar]”.

- v. 28-32 – aqui podemos ver uma referência ao retorno dos judeus após o cativeiro, bem como uma referência messiânica, pois o derramamento completo e abundante do Espírito Santo ocorreu mesmo após a primeira vinda de Cristo. Dessa forma, as figuras de linguagem usadas para descrever os eventos estranhos na natureza (v. 30-31) podem ser uma referência às grandes mudanças de nações e governantes durante todo o período pós-exílio até o nascimento de Jesus (Período Intertestamentário), ou ser um símbolo da ira e do horror que Sua vinda tem para os incrédulos. A santidade e a palavra da verdade de Jesus julgaram Jerusalém. Desde o retorno dos exilados da Babilônia os prodígios físicos, massacres e conflagrações precederam a destruição da Cidade Santa e do Templo pelos romanos em 70 DC. Houve revoluções na política e nos governantes poderosos do mundo, prognosticados por desastres e grandes aflições em meio a um tempo de aparente prosperidade e plenitude (‘meio-dia’ – Am 8: 9), antes da mudança total na política judaica. Tais manifestações podem também ter um significado apocalíptico (Jl 2: 30-32; cf. Ap 6: 12-13; Mt 24: 29-31; Lc 21: 25-27), onde esses eventos ocorrerão de uma maneira mais espantosa até a destruição final da impiedade (O grande e terrível Dia do Senhor). Ml 4: 5 também pode ser uma alusão a isso, como também se refere à primeira vinda de Jesus.

Capítulo 3

• Jl 3: 1-17 (Os juízos de Deus contra as nações inimigas): “Eis que, naqueles dias e naquele tempo, em que mudarei a sorte de Judá e de Jerusalém, congregarei todas as nações e as farei descer ao vale de Josafá [*Josafá significa: o Senhor julga*]; e ali entrarei em juízo contra elas por causa do meu povo e da minha herança, Israel, a quem elas espalharam por entre os povos, repartindo a minha terra entre si. Lançaram sortes sobre o meu povo, e deram meninos por meretrizes [NVI: deram meninos em troca de prostitutas], e venderam meninas por vinho, que beberam. Que tendes vós comigo, Tiro, e Sidom, e todas as regiões da Filístia? É isso vingança que quereis contra mim? [NVI: Vocês estão me retribuindo algo que eu lhes fiz?] Se assim me quereis vingar, farei, sem demora, cair sobre a vossa cabeça a vossa vingança. Visto que levastes a minha prata e o meu ouro, e as minhas jóias preciosas metestes nos vossos templos, e vendestes os filhos de Judá e os filhos de Jerusalém aos filhos dos gregos, para os apartar para longe dos seus limites, [NVI: mandando-os para longe da sua terra natal] eis que eu os suscitarei [NVI: Vou tirá-los] do lugar para onde os vendestes e farei cair a vossa vingança sobre a vossa própria cabeça. Venderei vossos filhos e vossas filhas aos filhos de Judá, e estes, aos sabeus, a uma nação remota, porque o Senhor o disse. Proclamai isto entre as nações: Apregoai guerra santa e suscitai os valentes; cheguem-se, subam todos os homens de guerra [NVI: Todos os homens de guerra aproximem-se e ataquem]. Forjai espadas das vossas relhas de arado e lanças, das vossas podadeiras [NVI: foices]; diga o fraco: Eu sou forte [NVI: Sou um guerreiro]. Apressai-vos, e vinde, todos os povos em redor, e congregai-vos; para ali, ó Senhor, faze descer os teus valentes [NVI: Faze descer os teus guerreiros, ó Senhor]. Levantem-se as nações e sigam para o vale de Josafá; porque ali me assentarei para julgar todas as nações em redor. Lançai a foice, porque está madura a seara; vinde, pisai, porque o lagar está cheio, os seus compartimentos transbordam, porquanto a sua malícia é grande [NVI: tão grande é a maldade dessas nações]. Multidões, multidões no vale da Decisão! Porque o Dia do Senhor está perto, no vale da Decisão. O sol e a lua se escurecem, e as estrelas retiram o seu resplendor [NVI: as estrelas já não brilharão]. O Senhor brama de Sião e se fará ouvir de Jerusalém, e os céus e a terra tremerão; mas o Senhor será o refúgio do seu povo e a fortaleza dos filhos de Israel. Sabereis, assim, que eu sou o Senhor, vosso Deus, que habito em Sião, meu santo monte; e Jerusalém será santa; estranhos não passarão mais por ela [NVI: estrangeiros jamais a conquistarão]”.

• v. 1-2 – ‘Naqueles dias e naquele tempo’ é uma expressão que se refere ao retorno dos judeus após o cativeiro, bem como à primeira vinda de Cristo, o que se completará com Sua segunda vinda, pois há versículos que se encaixam no contexto. Esses versículos (1-17) se referem à restauração de Israel.

O ‘Vale de Josafá’ ou ‘Vale de Bênção’ (Hebr., Beracah = bênção, louvor) foi onde Josafá derrotou os amonitas, os moabitas e os do Monte Seir (2 Cr 20: 26), ou meunitas (2 Cr 20: 1). Meunita se refere a um povo hostil da Transjordânia, ligado aos amalequitas e outros opressores de Israel (Jz 10: 12, onde está escrito maonitas – ARA; na Septuaginta, midianitas), e cuja terra de origem é Ma’ân, ao oriente da Arábia, a sudeste de Petra (na atual Jordânia). Contra este povo hostil da Transjordânia é que Josafá e Uzias tiveram vitória (2 Cr 20: 1; 2 Cr 26: 7). O texto bíblico de 2 Cr 20: 1-2; 16; 20 nos mostra muito bem a localização do vale de Josafá, perto de outras localizações: ele fica a vinte e cinco quilômetros ao sul de Jerusalém, no deserto de Jeruel (2 Cr 20: 16), que pode ser outro nome do deserto de Tecoá, ou pelo menos parte

da mesma região, sendo que ela se estende desde as praias ocidentais do Mar Morto até o norte de En-Gedi. Tecoa (2 Cr 20: 20 – Tqowa`) era uma cidade de Judá cerca de dez quilômetros ao sul de Belém. Depois do exílio a cidade foi novamente ocupada (Ne 3: 5; 27). No tempo dos macabeus e no período romano o seu nome passou a ser o que é hoje: Khirbet Taqū`a, uma vila arruinada de cerca de 5 acres (20 km²), que até quase o final do século XX não havia sido escavada. Em 2 Cr 20: 16 é mencionado a ladeira de Ziz, perto de En-Gedi, onde a corrente deságua no Mar Morto. En-Gedi (‘en-gedhī, ‘fonte da cabra’ ou ‘fonte do cabrito’) é uma fonte de água fresca a oeste do Mar Morto, no deserto de Judá. A fertilidade dessa área, em meio a uma região tão estéril, tornava-a local ideal para os fora-da-lei, para encontrar alimento (Ct 1: 14) e como lugar de esconderijo (Davi, por exemplo: 1 Sm 23: 29; 1 Sm 24: 1-3). Seu antigo nome era Hazazom-Tamar, ‘fendas das palmeiras’ (Gn 14: 7; 2 Cr 20: 2), porque era banhada por uma quente e constante corrente, e foi outrora célebre pelas suas palmeiras e vinhas (Ct 1: 14). En-Gedi (Js 15: 62; Ct 1: 14; Ez 47: 10) é a moderna Ain Jidi, ao ocidente do mar Morto, e a meio caminho entre as extremidades norte e sul. Por En-Gedi passava a estrada que os Moabitas e Amonitas seguiram quando foram atacar Josafá (2 Cr 20: 1-2). A fonte ainda existe, surgindo uma fina nascente de água numa espécie de terraço e vai formando uma corrente que vem pelo monte, de uma altura de cento e vinte metros acima do nível do mar Morto, onde deságua. Ali começava uma escarpa íngreme, ‘a ladeira de Ziz’ (2 Cr 20: 16), que parece ter sido o atual desfiladeiro que é ainda atravessado. Assim, o vale de Josafá pode ser entendido como um lugar do juízo de Deus contra as nações ímpias.

Alguns pontos merecem ser salientados:

- Jl 3: 2 – a bíblia escreve ‘vale de Josafá’
- Jl 3: 12 – a bíblia escreve ‘vale de Josafá’
- Jl 3: 14 – a bíblia escreve ‘vale da Decisão’
- Jl 3: 16 – a bíblia sugere a proximidade com Sião, enquanto a frase idêntica a Am 1: 2 não se permite qualquer conclusão a respeito, confirmando essa proximidade.

Josafá significa ‘O Senhor julga’ ou ‘YHWH tem julgado’; portanto, ‘vale de Josafá’ pode ser simbólico, não topográfico, de **um lugar do juízo de Deus**. Em outras palavras, ‘o vale de Josafá’ pode um termo genérico a ser usado para um local dos julgamentos finais de Deus sobre os inimigos de Israel, com uma alusão ao julgamento que lhes foi atribuído por Josafá. Mesmo porque a bíblia fala sobre a batalha do Armagedom (Ap 16: 16; 2 Rs 23: 29; 2 Cr 35: 22), quando ocorrerá o grande Dia do Deus Todo-Poderoso (Ap 16: 14b). A palavra ‘Armagedom’ vem da palavra Latina ‘Har-Magedone’, que significa Monte Megido (em hebraico); assim, Armagedom (em Grego) pode se referir também ao vale de Megido, onde o rei Josias morreu no combate com faraó Neco. Megido (ou Armagedom, ou Esdrelom) significa: ‘lugar de tropas’; Armagedom (ou monte de Megido) significa: ‘monte do lugar das multidões’. Portanto, Armagedom é o mesmo nome para Megido e Esdrelom (a forma grega do nome Jezreel). Jezreel (yizre`e`el) significa: ‘Deus semeia’; por isso, é símbolo de fertilidade e favor divino (Os 2: 21-23). Entretanto, também é símbolo do juízo final (Os 1: 4; 11). Pelo Vale de Esdrelom (ou Jezreel) flui o ribeiro de Quisom (Jz 4: 13; Jz 5: 21) onde Baraque venceu os cananeus. Ali está o Monte Tabor, onde sob o comando de Débora, Baraque atacou seus inimigos. No vale de Esdrelom o exército de Saul acampou antes da batalha de Gilboa (1 Sm 28: 4; 1 Sm 29: 1; 1 Sm 31: 1) e onde Jorão e Acazias foram assassinados por Jeú (2 Rs 9: 16; 24; 27). Ele fica no norte de Israel, oposto ao vale de Bênção ou ‘vale de Josafá’, ao sul; portanto, não há razão para se fazer a ligação do ‘vale de Josafá’ com o ‘vale do Armagedom’, topograficamente falando, no que diz respeito ao Dia do Juízo. Então, quando Joel fala sobre o ‘vale da Decisão’ pode estar se

referindo a qualquer lugar onde Deus fez ou fará Seu juízo, uma vez que este foi feito tanto nos vales do norte como nos vales do sul de Israel.



‘Vale de Josafá’ ou ‘Vale de Bênção’



Vale de Cedrom visto da Cidade Velha de Jerusalém
(Foto de Mark Wilson – wikipedia.org)

Desde o século IV DC, o nome ‘vale de Josafá’ tem sido dado ao vale de Cedrom, onde na Antiguidade corria o riacho ou ribeiro de Cedrom. O vale de Cedrom começa ao norte de Jerusalém, passa entre o monte do templo e o monte das Oliveiras em direção ao Mar Morto, que ele atinge depois de atravessar o deserto da Judéia.

A menção do Monte das Oliveiras em Zc 14: 4, e o fato de que este foi o cenário da ascensão (At 1: 9; 12; Lc 24: 50; Lc 19: 29), faz com que seja o mesmo cenário da vinda de Cristo (At 1: 11).

Voltando ao raciocínio sobre Jl 3: 1-2, ‘Naqueles dias e naquele tempo’ é uma expressão que se refere ao retorno dos judeus após o cativeiro, bem como à primeira vinda de Cristo, o que se completará com Sua segunda vinda. Por isso, no versículo 2

está escrito que o Senhor congregaria todas as nações e entraria em juízo com elas no ‘vale de Josafá’, ou seja, os que maltrataram Judá e Jerusalém, tomando posse daquela terra sem direito da parte de Deus.

Depois, o profeta fala sobre algumas situações que ocorreram por parte dessas nações contra o povo de Deus: “Lançaram sortes sobre o meu povo, e deram meninos por meretrizes [NVI: ‘deram meninos em troca de prostitutas’], e venderam meninas por vinho, que beberam. Que tendes vós comigo [NVI: ‘O que vocês têm contra mim’], Tiro, e Sidom, e todas as regiões da Filístia? É isso vingança que quereis contra mim? Se assim me quereis vingar, farei, sem demora, cair sobre a vossa cabeça a vossa vingança. Visto que levastes a minha prata e o meu ouro, e as minhas jóias preciosas metestes nos vossos templos, e vendestes os filhos de Judá e os filhos de Jerusalém aos filhos dos gregos, para os apartar para longe dos seus limites, eis que eu os suscitarei do lugar para onde os vendestes e farei cair a vossa vingança sobre a vossa própria cabeça. Venderei vossos filhos e vossas filhas aos filhos de Judá, e estes, aos sabeus, a uma nação remota [NVI: ‘e eles os venderão à distante nação dos sabeus’], porque o Senhor o disse” (Jl 3: 3-8).

- v. 3: ‘Lançaram sortes sobre o meu povo, e deram meninos por meretrizes, e venderam meninas por vinho, que beberam’ – as nações ímpias dividiram os prisioneiros judeus entre eles como num sorteio. Parece ser um costume, entre os povos da Antiguidade, dividir prisioneiros por sorteio (Ob 11; Na 3: 10). Em vez de pagar uma prostituta por sua prostituição em dinheiro, eles lhe davam um menino cativo judeu como escravo. Eles consideravam uma garota judia tão sem valor que eles a vendiam pelo vinho que bebiam.

- v. 4: ‘Que tendes vós comigo, Tiro, e Sidom, e todas as regiões da Filístia? É isso vingança que quereis contra mim? Se assim me quereis vingar, farei, sem demora, cair sobre a vossa cabeça a vossa vingança’, ou seja, o que temos em comum? Isso quer dizer que não há acordo entre as duas partes. O povo do Senhor foi entregue a Edom, pelos filisteus e pelos tírios ou sidônios (Am 1: 6; 9). Se os filisteus quiserem se vingar dos judeus (Ez 25: 15-17), Deus fará cair a Sua vingança sobre a cabeça deles. Amós repreendia os tírios por terem entregado prisioneiros hebreus aos edomitas (Am 1: 9-10), e Joel (Jl 3: 6), por terem vendido prisioneiros hebreus como escravos aos gregos. Deus usou muitos profetas para profetizar a queda de Tiro: Is 23: 1-18; Ez 26: 1 – 28: 26; Am 1: 9-10; Zc 9: 2-4. A cidade de Sidom foi denunciada pelos profetas juntamente com Tiro: Is 23: 4-5; 12; Jr 25: 22; Jr 27: 3; Jr 47: 4; Ez 28: 21-22; Jl 3: 4; Zc 9: 2-4. A Filístia (os filisteus) também é repreendida: Is 14: 29-31; Jr 47: 1-7; Ez 25: 15-17; Am 1: 6-8; Sf 2: 4-7; Zc 9: 5-7.

- v. 5: ‘Visto que levastes a minha prata e o meu ouro, e as minhas jóias preciosas metestes nos vossos templos’ – O ouro e a prata do povo de Deus foram levados pelos inimigos e colocados nos templos de seus deuses. Os filisteus e os arábios levaram todos os tesouros da casa do rei Jeorão (2 Cr 21: 16-17), filho de Josafá. O mesmo aconteceu em 1 Reis 15: 18 (Asa, com os siros); 2 Reis 12: 18 (Joás, com os siros), 2 Reis 14: 14 (Jeoás, rei de Israel, saqueou os tesouros de Amazias, rei de Judá). Outros reis de Judá e Israel fizeram o mesmo para se livrar do jugo do inimigo: Acáz (2 Rs 16: 8; 2 Cr 28: 21) e Ezequias (2 Rs 18: 15-16; 2 Cr 28: 21) deram os tesouros ao rei da Assíria.

• v. 6: ‘... e vendestes os filhos de Judá e os filhos de Jerusalém aos filhos dos gregos, para os apartar para longe dos seus limites’ – Gregos, literalmente, ‘javanitas’, isto é, os Ionianos, eram habitantes de uma colônia grega na costa da Ásia Menor, e o nome pelo qual os primeiros gregos foram conhecidos pelos judeus. Os gregos eram descendentes de Javã (Gn 10: 2; 4). Provavelmente o germe da civilização grega veio, em parte, através dos escravos judeus importados para a Grécia pelos traficantes da Fenícia. Ezequiel (Ez 27: 13) menciona Javã e Tiro como que negociando pessoas.

‘Para os apartar para longe dos seus limites’ (ARA) ou ‘mandando-os para longe da sua terra natal’ (NVI), ou seja, para longe da Judéia, de forma que os cativos perderam toda esperança de retorno.

• v. 7: ‘... eis que eu os suscitarei do lugar para onde os vendestes e farei cair a vossa vingança sobre a vossa própria cabeça’. ‘Eu os suscitarei’ significa: eu os trarei de volta. Segundo o historiador Flávio Josefo, Alexandre e seus sucessores rejeitaram os escravos judeus da Grécia e os deixaram retornar ao seu país. Foi o cumprimento da profecia, libertando os judeus que haviam sido vendidos aos gregos pelos filisteus e tírios. Por sua vez, a cidade de Tiro foi invadida em 332 AC por Alexandre, o Grande, quando ele tomou o império persa e estabeleceu o seu (‘farei cair a vossa vingança sobre a vossa própria cabeça’).

• v. 8: ‘Venderei vossos filhos e vossas filhas aos filhos de Judá, e estes, aos sabeus, a uma nação remota [NVI: ‘e eles os venderão à distante nação dos sabeus’], porque o Senhor o disse’ – ou seja, vender os filhos dos tírios e dos filisteus para os sabeus. Dario II e Artaxerxes II (404-358 AC), seu filho, e principalmente Alexandre, o Grande, reduziram os poderes fenícios e filisteus. Após a captura de Tiro e Gaza por este último conquistador, multidões de filisteus e trinta mil tírios e foram vendidos como escravos. Assim, Deus fala para os judeus, da mesma forma, venderem estes escravos estrangeiros para os sabeus. Os sabeus (Shba’iy ou Shba’) foram aos primeiros progenitores de um distrito da Etiópia. Shba’iy é uma variação da palavra hebraica Cba’iy, ou Cba’ (Is 45: 14), se referindo aos descendentes de Cuxe, filho de Cam, que estabeleceu sua nação (Seba ou Sebá; em hebraico: Sheba), que mais tarde veio a ser a Etiópia. Seba está relacionado com Sabá, também filho de Cuxe, que se estabeleceu ao sul da Arábia. Seba (sebha’) e Sabá (shebha’) são as formas (árabe antiga e hebraica) do povo do reino de Sabá.

• v. 9: ‘Proclamai isto entre as nações: Apregoai guerra santa e suscitai os valentes; cheguem-se, subam todos os homens de guerra’ – as nações hostis a Israel são convocadas por Deus para fazerem subir seus homens de guerra contra Jerusalém (porque Jerusalém estava em uma colina), não para destruí-la, mas para serem destruídas pelo Senhor (Ez 38: 7-23; Zc 12: 2-9; Zc 14: 2-3). ‘Apregoai guerra’ – Como Babilônia foi planejada por Deus para avançar contra ela para sua destruição (Jr 6: 3-8), então agora, todos os seus inimigos irão avançar contra ela para sua própria destruição. Os assírios, os caldeus e os gregos vieram sucessivamente, mas o Senhor vingou Sua cidade, de uma forma ou de outra. Senaqueribe não conseguiu invadir Jerusalém; os caldeus a destruíram, mas foram destruídos da mesma forma, e Jerusalém foi reconstruída. Os selêucidas, na pessoa de Antíoco IV Epifânio, invadiram Jerusalém, mas Judas Macabeu os expulsou de lá. O profeta não só fala com as nações gentias, para virem, mas também com os próprios judeus. Esta parte da profecia se refere a todas as épocas antes da primeira vinda de Jesus, pré e pós-exílio, quando as nações umas após outras viriam contra Jerusalém, mas o Senhor sempre derrotaria os inimigos do Seu

povo. Também pode ser estendida à Sua segunda vinda, com a derrota definitiva dos inimigos espirituais da Igreja de Cristo.

• v. 10: ‘Forjai espadas das vossas relhas de arado e lanças, das vossas podadeiras; diga o fraco: Eu sou forte’ [NVI: Sou um guerreiro] – aqui o Senhor fala com Seus filhos, mais ou menos o que disse a Ezequias diante da ameaça de Senaqueribe: “Não temas por causa das palavras que ouviste, com as quais os servos do rei da Assíria blasfemaram contra mim. Eis que meterei nele um espírito, e ele, ao ouvir certo rumor, voltará para a sua terra; e nela eu o farei cair morto à espada” (Is 37: 6-7). Isso queria dizer que haveria guerras reais, sim; sangue seria derramado, mas para os filhos de Deus as guerras seriam ‘guerras santas’, onde eles não se estribariam na força nem nas armas humanas, mas confiariam na força e na justiça divina. Como em muitas passagens do AT Deus fez os inimigos matarem uns aos outros (como aconteceu com os inimigos de Josafá e de Gideão), Ele os estava estimulando, de certa forma, a fazerem armas e virem contra Jerusalém, sem saber que eles seriam derrotados e pegos de surpresa. Deus lutaria pelo Seu povo e o vingaria. Esse versículo transmite a idéia de um aviso da parte de Deus alertando os judeus sobre os perigos e tribulações por vir, e ninguém seria poupado. Por isso, eles deveriam estar preparados, principalmente com a fé no Seu Deus. É como se o profeta dissesse: ‘Que ninguém se ausente da guerra, nem mesmo o fraco’.

Podemos comparar esta passagem com Lc 22: 36: “Então, lhes disse: Agora, porém, quem tem bolsa, tome-a, como também o alforje; e o que não tem espada, venda a sua capa e compre uma”. Jesus não estava dizendo que era para eles comprarem uma espada, mas estava dizendo que a partir daquele momento eles estariam correndo perigo de vida, haveria perseguições, e eles deveriam estar preparados, não para matar, mas para se apoiar na força de Deus, que poderia livrá-los da morte física ou lhes daria força para enfrentá-la. No versículo anterior Ele os lembrou de quando os enviou para pregar, sem levar nada com eles, porque a missão era diferente. Agora, eles precisariam de cajado, bolsa, sandálias, alforje, ou seja, dos recursos materiais do mundo; necessitariam, inclusive, saber se defender das perseguições dos inimigos. Foi Ele mesmo que disse: “Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel, até que venha o Filho do Homem” (Mt 10: 23). Não era desejo de Deus que matassem pessoas, nem que fossem mortos sem motivo, sem cumprir sua verdadeira missão.

Voltando a Jl 3: 10, se pensarmos no Período Intertestamentário, pois esse versículo se segue a eventos que ocorreram nessa época (v. 7-8), podemos chamar de ‘guerra santa’ a revolução dos macabeus, que expulsaram Antíoco IV de Jerusalém. Os judeus lutaram pelo templo do Senhor e por suas vidas.

É interessante que, se pensarmos nos tempos Messiânicos mencionados por Isaías e Miquéias sobre o templo do Senhor ser erguido no cimo dos montes, e para onde afluirão os povos para ouvirem a doutrina de Jesus, a frase acima está escrita de maneira inversa, ou seja:

“Ele julgará entre os povos e corrigirá muitas nações [NVI: ‘resolverá contendas de muitos povos’]; estas converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras [NVI: ‘foices’]; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra” (Is 2: 4);

“Ele julgará entre muitos povos e corrigirá nações poderosas e longínquas; estes converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra” (Mq 4: 3).

Isso significa a conversão dos gentios ao evangelho, cessando a guerra. Até os fracos, os doentes, os velhos e as crianças se sentiriam fortes por poderem participar dessa ‘guerra santa’ do Senhor, na conversão dos gentios e na derrota de Satanás.

Essa profecia também se estende ao final dos tempos onde todo filho de Deus, crianças, jovens, adultos e idosos, desejarão participar da guerra contra o mal, pois já têm a promessa de vitória da parte do Senhor.

- v. 11: ‘Apressai-vos, e vinde, todos os povos em redor [NVI: ‘nações vizinhas’], e congregai-vos; para ali, ó Senhor, faze descer os teus valentes’.

O chamado continua para os povos inimigos de Jerusalém e para os moradores dela, a quem o profeta chama, aqui, de ‘valentes’. Os guerreiros inimigos que se consideram poderosos estão prestes a serem derrubados por Deus.

- v. 12: ‘Levantem-se as nações e sigam para o vale de Josafá; porque ali me assentarei para julgar todas as nações em redor [NVI: ‘todas as nações vizinhas’]’ – pensando na tradução da NVI (‘todas as nações vizinhas’), a 2ª parte do versículo significa as nações mais comumente mencionadas nas profecias e que estavam ao redor de Israel, sempre tentando um ataque e uma destruição: Edom, Moabe, Amom, Filístia, Fenícia, Egito. Entretanto, se pensarmos mais amplamente sobre a profecia, ‘julgar todas as nações ao redor’ diz respeito a todas as nações de todas as partes da terra que maltrataram Israel, não meramente as nações em volta de Jerusalém, ou seja, a Assíria, a Babilônia (Jr 34: 22; Mq 4: 11-13; Sf 3: 15-19; Zc 12: 9; Zc 14: 3-11; Ml 4: 1-3) e a Grécia (os Selêucidas), por exemplo, símbolo dos opressores espirituais do seu povo. Cada nação, em seu tempo determinado, veio a Jerusalém. Isso tem relação com o julgamento de Deus contra as nações que vieram contra ela no período pré e pós-exílio (no Período Intertestamentário), inclusive no período messiânico, como Roma. Apesar do seu longo domínio sobre Israel e Jerusalém, o império romano achou oposição por parte dos judeus (os zelotes e as guerras judaico-romanas), a quem Deus deu vitórias, até mesmo através do evangelho que estava sendo pregado. A palavra de Cristo já estava julgando os incrédulos, e o fará plenamente nos últimos dias com todos os inimigos espirituais do Seu povo (Ez 38: 15-23; Zc 14: 3-11; Ap 20: 9).

Nós falamos em Jl 3: 2 que o Senhor congregaria todas as nações e entraria em juízo com elas no ‘vale de Josafá’, ou seja, os que maltrataram Judá e Jerusalém, tomando posse daquela terra sem direito da parte de Deus. Dissemos também que Josafá significa: ‘O Senhor julga’ ou ‘YHWH tem julgado’; portanto, ‘vale de Josafá’ pode ser simbólico, não topográfico, de um lugar do juízo de Deus, com uma alusão ao julgamento que lhes foi atribuído por Josafá. Então, quando Joel fala sobre o ‘vale de Josafá’ ou o ‘vale da Decisão’ pode estar se referindo a qualquer lugar onde Deus fez ou fará Seu juízo, uma vez que este foi feito tanto nos vales do norte como nos vales do sul de Israel. Vamos nos lembrar também que desde o século IV DC, o nome ‘vale de Josafá’ tem sido dado ao vale de Cedrom, onde na Antiguidade corria o riacho ou ribeiro de Cedrom. O vale de Cedrom começa ao norte de Jerusalém, passa entre o monte do templo e o monte das Oliveiras em direção ao Mar Morto, que ele atinge depois de atravessar o deserto da Judéia. Foi no vale de Cedrom onde o general de Senaqueribe se colocou (na extremidade do aqueduto do açude superior – 2 Rs 18: 17) para afrontar Ezequias.

- v. 13: ‘Lançai a foice, porque está madura a seara; vinde, pisai, porque o lagar está cheio, os seus compartimentos transbordam, porquanto a sua malícia é grande [NVI: tão grande é a maldade dessas nações!]’ – essa era uma direção dada aos executores da

vingança de Deus, pois se encheu a medida da iniquidade do inimigo (por exemplo, ‘a iniquidade dos amorreus’, Gn 15: 16). A justiça de Deus no AT é comparada com o ato de trilhar o trigo ou pisar as uvas no lagar: Jr 51: 33; Is 63: 2-3 e Lm 1: 15.

Joel também relata os juízos de Deus contra as nações inimigas, usando elas mesmas para realizar Sua vingança contra outra nação ímpia que destruiu Seu povo: Tiglate-Pileser III destruiu a Síria, que havia oprimido Israel. A Assíria, por sua vez, foi derrotada pelos Medos e Babilônios; estes, pelos Persas. Nabucodonosor foi instrumento da vingança de Deus sobre as nações inimigas de Israel: Amom, Moabe, Filístia, Egito, Edom, Sidom e Tiro, entre outras. Alexandre Magno derrotou os Medos e Persas, e os romanos causaram divisão dentro do seu próprio império, levando-o à sua derrota. Assim, Deus usará os poderosos para aniquilar Seus inimigos até o Dia do Julgamento final quando todos eles serão para sempre destruídos. No NT, a bíblia compara a ceifa à consumação do século (Mt 3: 10; 12; Mt 13: 27-30, Mt 13: 38-42, Ap 14: 15-19; Ap 19: 15; Ap 20: 9).

‘Lançai a foice’ é uma metáfora em relação ao ato de ‘cortar’, ‘desarraigir’, os inimigos da Igreja, assim como ‘pisar o lagar’, que compara o vinho que escorre dele ao sangue derramado dos inimigos do Senhor.

Deus deixa a maldade dos perversos chegar ao seu limite para poder executar o Seu juízo da maneira apropriada.

- v. 14: ‘Multidões, multidões no vale da Decisão! Porque o Dia do Senhor está perto, no vale da Decisão’ – essa exclamação do profeta se refere à visão que ele teve de uma grande variedade de nações se juntando. ‘Multidões, multidões!’ é a forma hebraica para designar imensas multidões. Como expliquei anteriormente, o ‘vale da Decisão’ se refere a qualquer lugar onde Deus faz Seu juízo, ou seja, onde os ímpios encontram sua condenação já determinada por Ele, onde a controvérsia entre Deus e os inimigos do Seu povo será decidida de uma vez por todas. A repetição da expressão: ‘vale da Decisão’ aumenta seu efeito e expressa a terrível certeza de sua destruição, o número prodigioso de pessoas que são mortas ali.

Não se sabe ao certo a quais personagens Joel estava se referindo; talvez, a todas as nações ao longo dos séculos, destruídas pelo próprio Deus, até a 1ª vinda de Jesus, não necessariamente num único dia, uma vez que os versículos que se seguem (v. 18-21) falam sobre a restauração de Israel, com uma linguagem que lembra bastante o aparecimento da nova dispensação da graça.

Como em todos os julgamentos divinos descritos pelos profetas na bíblia, pode-se extrapolar o raciocínio para o Dia do Juízo Final.

- v. 15: ‘O sol e a lua se escurecem, e as estrelas retiram o seu resplendor’ – essa frase é muito parecida com as que foram escritas em Isaías para simbolizar grandes mudanças de governo ou um grande mover espiritual de Deus. Muitas vezes na bíblia, fogo, carros, torvelinho ou turbilhão e espada (Is 66: 15-17) são símbolos do juízo de Deus sobre os que rejeitam Sua correção e o desprezam. Ele entra em juízo contra os ímpios da maneira que Ele quer, seja usando exércitos humanos sobre a terra, seja por calamidades da natureza ou qualquer outra forma. Ele sempre executa a Sua justiça e o Seu juízo, ainda que nós não entendamos Seus métodos. A bíblia diz que Ele retém Sua fúria, é tardio em irar-se, mas quando Ele se levanta contra algo, ninguém pode detê-lo.

- v. 16: ‘O Senhor brama de Sião e se fará ouvir de Jerusalém, e os céus e a terra tremerão; mas o Senhor será o refúgio do seu povo e a fortaleza dos filhos de Israel’ – a primeira frase (‘o Senhor brama de Sião’) pode significar que Ele atingirá os ímpios

com espanto, como o rugido de leão assombra os animais da floresta. Rugir como um leão (Jr 25: 30; Am 1: 2; Am 3: 8) simboliza a autoridade de Deus sobre o mundo material e espiritual. A bíblia usa outras figuras de linguagem para se referir a essa autoridade: ‘voz de trovão’, ‘voz de muitas águas’, ‘chamas de fogo’ (Sl 18: 13-14; Sl 29: 3-4; Sl 29: 7).

‘Se fará ouvir de Jerusalém’ enfatiza a sua preferência pelo Monte Sião (Sl 78: 68), onde Ele se manifestará aos homens. Foi no Monte Sião, no templo em Jerusalém, onde Jesus se revelou como o Filho de Deus e o Messias.

O monte da Casa do Senhor, em muitas passagens proféticas é chamado de Monte Sião. ‘Sião’ significa ‘lugar seco’, ‘banhado de sol’, ou ‘cume’. O Monte Sião é o nome de uma das colinas de Jerusalém e que pela definição bíblica é a Cidade de Davi, e mais tarde se tornou sinônimo da Terra de Israel. Sião (em hebraico צִיּוֹן – Tzion ou Tsion; em árabe, Şuhyūn) era o nome dado especificamente à fortaleza Jebusita que ficava na colina a sudeste de Jerusalém, chamada de Monte Sião, e que foi conquistada por Davi. Após sua morte, o termo ‘Sião’ passou a se referir ao monte onde se encontrava o Templo de Salomão, e depois, ao próprio templo e aos seus terrenos. Depois disso ainda, a palavra ‘Sião’ foi usada para simbolizar Jerusalém e a terra de Israel.

- v. 17: ‘Sabereis, assim, que eu sou o Senhor, vosso Deus, que habito em Sião, meu santo monte; e Jerusalém será santa; estranhos não passarão mais por ela [NVI:... e estrangeiros jamais a conquistarão]’.

Deus dá a certeza de que Ele habita na cidade santa; e estranhos não passarão mais por ela, ou seja, estrangeiros jamais a conquistarão (NVI), não virão mais para assolá-la. A palavra ‘estranhos’ ou ‘estrangeiros’ neste texto significam as pessoas que não têm parte com Deus, com o Espírito Santo, com a Sua vontade. Nenhum estranho passará para atacar ou para profanar a cidade sagrada (Is 35: 8; Is 52: 1; Is 60: 18; Ob 17; Zc 8: 3; Zc 14: 16).

Deus não foi derrotado nem deixou de existir com a destruição do templo em Jerusalém pelos romanos. Embora esta figura de linguagem (‘habito em Sião, meu santo monte’) seja comum no AT pelos profetas ao se referirem ao reino Messiânico, Jesus deixou bem claro que habitaria em um santuário de carne (Jo 2: 20-21), e que após Sua ascensão Seu Espírito passaria a habitar dentro do espírito de todos os crentes (1 Co 3: 16; 1 Co 6: 19; 2 Co 6: 16); por isso, Sião é símbolo do nosso espírito onde Deus está, e da Igreja de Cristo, como Sua noiva, Seu Corpo na terra. Nenhum estranho passará por ela ou poderá destruí-la (Mt 16: 18).

- Jl 3: 18-21 (A restauração de Israel): “E há de ser que, naquele dia, os montes destilarão mosto, e os outeiros manarão leite, e todos os rios de Judá estarão cheios de águas [NVI: todos os ribeiros de Judá terão água corrente]; sairá uma fonte da Casa do Senhor e regará o vale de Sitim [NVI: o vale das Acácias]. O Egito se tornará uma desolação, e Edom se fará um deserto abandonado, por causa da violência que fizeram aos filhos de Judá, em cuja terra derramaram sangue inocente. Judá, porém, será habitada para sempre, e Jerusalém, de geração em geração. Eu expiarei o sangue dos que não foram expiados, porque o Senhor habitará em Sião”.

- v. 18: ‘E há de ser que, naquele dia, os montes destilarão mosto [NVI: ‘gotejarão vinho novo’], e os outeiros manarão leite [NVI: ‘das colinas manará leite’], e todos os rios de Judá estarão cheios de águas; sairá uma fonte da Casa do Senhor e regará o vale de Sitim’ – ‘naquele dia’ significa: o dia da primeira vinda de Cristo. Vinho é símbolo da abundância de videiras que foram cultivadas em áreas terraplanadas nas colinas da

Palestina, entre as rochas (Am 9: 13), vinhas plantadas sobre as montanhas. Por isso, o profeta diz que os montes destilarão mosto (vinho novo).

- ‘Os outeiros manarão leite’ – isto é, rebanhos produzindo leite abundantemente, através da riqueza das pastagens nas regiões montanhosas.

- ‘Os rios de Judá estarão cheios de água’ – na Palestina, onde a chuva cai somente durante certo período do ano, a paisagem é recortada por muitos vales estreitos e leitos de riachos (em hebraico, nahal; ou em árabe, wadīs), que só exibem água durante a estação chuvosa. Frequentemente pode ser encontrada água subterrânea nesses wadis durante os meses de estio (Gn 26: 17; 19). Os rios perenes atravessam vales (no hebraico, ‘emeq = vales) e planícies mais largas, ou então cortam gargantas estreitas através da rocha. Assim, na vinda de Cristo, o Senhor promete abundância da água da Sua palavra e da presença do Seu Espírito enchendo Seu povo e saciando sua sede.

- ‘Sairá uma fonte da Casa do Senhor e regará o vale de Sitim’ (ou vale das acácias) – Sitim (Nm 25: 1; Js 2: 1; Mq 6: 5) era lugar de idolatria e imoralidade, defronte de Jericó, nas planícies de Moabe, a leste do Jordão. Isso quer dizer que após o arrependimento sincero, o povo que antes era depravado, receberá a água doadora de vida, no Dia do Senhor (A primeira vinda de Cristo). A acácia é um arbusto que só cresce em regiões áridas; portanto, isso também significa que mesmo o deserto, um lugar árido de vida, será regado pela bênção (água) de Jerusalém. Por isso, Ezequiel (Ez 47: 1) descreve as águas saindo de debaixo do limiar do templo e fluindo para o Mar Morto, tornando saudáveis as suas águas (Ez 47: 8). Também em Zc 14: 8 as águas fluem de um lado para o Mediterrâneo, do outro lado para o Mar Morto, perto do qual Sitim estava situado, significando o evangelho brotando como uma fonte de água ininterrupta para todo o mundo, para conversão de judeus e gentios.

- v. 19: ‘O Egito se tornará uma desolação, e Edom se fará um deserto abandonado, por causa da violência que fizeram aos filhos de Judá, em cuja terra derramaram sangue inocente’ – Egito é o símbolo do mundo e, portanto, o símbolo de tudo o que está à sua disposição para desencaminhar, afrontar, corromper, oprimir e aprisionar a igreja, afastando-a do contato com o Senhor, com a Sua luz, levando-a ao pecado e à morte espiritual. Assim, a profecia fala que com a vinda de Jesus, a comunhão de Israel com Deus seria renovada, e os valores do mundo seriam removidos e destruídos do meio da igreja. Isso vale para nós hoje, quando os valores espirituais verdadeiros em nós se vêm afrontados por tudo o que está presente no mundo, parecendo maior e mais poderoso. O Senhor fala que vai destruir esse ‘Egito’ para que a nossa santidade seja preservada, assim como a vida eterna. Seus valores são mais fortes.

Mas falando um pouco da História, o Egito sob o governo de Shoshenk I ou Sheshonk I (ou Sisaque I – 945-924 AC) invadiu o reino de Roboão (930-913 AC – 2 Cr 12: 1-12; 1 Rs 14: 25-28), tomou as cidades fortificadas de Judá e subiu contra Jerusalém e tomou os tesouros da Casa do Senhor e os tesouros da casa do rei; também levou todos os escudos de ouro que Salomão tinha feito. Entretanto, o Egito caiu nas mãos dos assírios no reinado de Sargom II, Esar-Hadom e Assurbanipal, cada um deles deixando uma destruição maior; e mais tarde caiu nas mãos de Nabucodonosor da Babilônia. Depois do cativo na Babilônia, no período após a morte de Alexandre, o Grande, um dos seus generais (Ptolomeu I Sóter) ficou com o Egito como a sua parte do império grego, e ele e a dinastia Ptolomaica dominaram por mais ou menos 125 anos (323-198 AC), antes que Israel passasse a ser domínio selêucida, fundado por outro general de Alexandre (Seleuco Nicator I). O reino selêucida dominou sobre Israel (198-167 AC), e um de seus reis, Antíoco IV Epifânio, tomou o Egito (Dn 11: 41-43), que

logo depois foi tomado pelos romanos. Ao longo do tempo, a nação foi reduzida a um estado deplorável, perdendo quase que toda a glória do seu passado.

Edom (ou Esaú) era um implacável inimigo de Judá em sua maior angústia. Judá (descendente de Jacó) é símbolo do povo de Deus, da Igreja de Cristo. Edom foi subjugado por Davi, mas se revoltou sob Jeorão (2 Cr 21: 8-10), filho de Josafá; e em todas as oportunidades subseqüentes tentou ferir Judá. Edom foi conquistado em 736 AC por Tiglate-Pileser III (745-727 AC), conforme as inscrições assírias deste rei, encontradas pelos arqueólogos. Foi destruído por Nabucodonosor em 581 AC, cinco anos depois do cativeiro de Judá pela Babilônia (Ml 1: 2). Depois, caiu nas mãos dos persas (539 AC) e no séc. III AC foi dominado pelos Nabateus (árabes), que acabaram por empurrar os habitantes de Edom para o sul da Judéia, e que mais tarde, foi chamado Iduméia. Judas Macabeu subjugou os edomitas (séc. II AC) e João Hircano I (séc. II-I AC) os obrigou a circuncidar-se para poderem ser incorporados pelo povo judeu. Herodes, o Grande, descendia dos edomitas. O povo de Edom definitivamente foi destruído por Tito em 70 DC.

Como símbolo dos inimigos espirituais da igreja de Cristo, Edom será completamente destruído na segunda vinda do Senhor.

Assim, os dois países sofreram o juízo de Deus e as profecias foram cumpridas (Is 19: 1-25; Jl 3: 19, além das profecias de Jeremias).

- v. 20: ‘Judá, porém, será habitada para sempre, e Jerusalém, de geração em geração’ – Deus cumpriu Sua promessa de restauração de Israel por meio desses profetas com a 1ª vinda de Jesus, por exemplo, em Amós, onde fala sobre restaurar o tabernáculo caído de Davi, o que diz respeito ao Israel espiritual e uma profecia sobre a futura conversão dos gentios (Am 9: 11-12 cf. At 15: 16-18). Em Am 9: 11-12 está escrito: “Naquele dia, levantarei o tabernáculo caído de Davi [NIV, ‘a tenda caída de Davi’], repararei as suas brechas; e, levantando-o das suas ruínas, restaurá-lo-ei como fora nos dias da antiguidade; para que possuam o restante de Edom e todas as nações que são chamadas pelo meu nome, diz o Senhor, que faz estas coisas”... cf. At 15: 14-18: “... expôs Simão [*Pedro*] como Deus, primeiramente, visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome. Conferem com isto as palavras dos profetas, como está escrito: Cumpridas estas coisas, voltarei e reedificarei o tabernáculo caído de Davi; e, levantando-o de suas ruínas, restaurá-lo-ei. Para que os demais homens busquem o Senhor, e também todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o meu nome, diz o Senhor, que faz estas coisas conhecidas desde séculos”.

Levantar a tenda caída de Davi [o tabernáculo caído de Davi] é uma referência profética sobre o reino espiritual de Jesus, onde Israel e Judá estariam juntos e poderiam viver livres diante do Senhor, adorando-o sem rituais desnecessários e vazios, e um reinado do qual os gentios também poderiam ter o direito de participar, pois Jesus seria o pastor de todos. ‘A tenda caída de Davi’ significava a humilhação em que estava a Casa de Davi, sem governante à altura para que Deus pudesse manter Sua promessa de um descendente davídico no trono. E isso tinha acontecido por causa da idolatria e da rebeldia de Israel, que contaminou a casa de Judá, provocando sobre ela também a ira de Deus. Porém, Jesus veio trazendo um reino espiritual para todos os que o aceitassem como Senhor e Salvador. Nós, gentios, somos o Israel espiritual de Deus.

Como falei no versículo anterior, Judá é o símbolo do povo de Deus, da Igreja de Cristo, dos Seus redimidos. Daniel expressa o mesmo pensamento em outras palavras: Dn 7: 14; 18; 27; Dn 2: 44 (o significado da pedra que esmiúça os pés da estátua de Nabucodonosor, e que corresponde à igreja de Cristo). Jesus disse: “Também eu te digo

que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16: 18).

- v. 21: ‘Eu expiarei o sangue dos que não foram expiados, porque o Senhor habitará em Sião [NVI: Sua culpa de sangue, ainda não perdoada, eu a perdoarei. O Senhor habita em Sião!]. ‘Expiarei o sangue dos que não foram expiados’ é uma profecia cumprida na cruz, através dos sofrimentos que Jesus passou. Quando a bíblia fala ‘culpa de sangue’ ou ‘culpa do sangue’ ela está se referindo ao derramamento de sangue inocente (Is 4: 4; Ez 22: 13; Ez 23: 37; 45; Ez 24: 7).

O Senhor eliminou de Judá a culpa pelos seus crimes de sangue (Is 1: 15), pois seus reis e príncipes derramaram sangue inocente naquela terra. Com Seu Espírito e Seu sacrifício Ele os perdoou e os purificou (Is 4: 4).

Conclusão:

Observando o perfil profético de Joel, podemos tirar a conclusão de que ele proclamou a impiedade do seu povo e o conclamou mais uma vez à aliança e ao compromisso com o Senhor, reforçando neles a idéia do inevitável juízo divino sobre todo o tipo de pecado. Mesmo tendo vivido em um tempo diferente de outros irmãos que trouxeram a Israel a mesma mensagem de YHWH, e que foi rejeitada e desobedecida, esse profeta obedeceu à voz do Altíssimo para exortar novamente o Seu povo; ele não desistiu de clamar, continuou a profetizar a Palavra de justiça, juízo, misericórdia e restauração, como uma forma de dizer que o Criador sempre nos dá uma nova chance de reavaliar a nossa vida, de repensar sobre as nossas atitudes e de exercer nosso livre-arbítrio, escolhendo entre a salvação e a punição. Por isso, o profeta de Deus não deve desistir de exortar, mesmo já tendo proclamado a mesma mensagem anteriormente, até que Ele execute aquilo que prometeu. Deve também chamar seus irmãos à aliança e à comunhão com seu Criador, assumindo o perfeito compromisso de ser Seu instrumento na terra. Muitas vezes, é o exemplo de vida do profeta a melhor maneira de testemunhar que o que prega é verdadeiro e de poder revelar ao mundo o seu Deus.

Amós

Amós (עמוס – Amos – Strong #5986) viveu durante os reinados de Uzias, rei de Judá (781-740 AC) e Jeroboão II, rei de Samaria (782-753 AC). Provavelmente, Amós atuou no meio do caminho entre os reinados paralelos desses dois reis, entre 760 e 750 AC, antes do exílio de Israel em 722 AC. Seu nome significa ‘carregador de fardo’, ‘condutor de carga’; ‘pesado’; ‘penoso’; diferente de ‘Amoz’ (’ãmôç ou amots, אַמֹּץ, Strong #531, o nome do pai de Isaías: 2 Rs 19: 2; 20; 2 Rs 20: 1; 2 Cr 26: 20, 22, 32; Is 1: 1; Is 2: 1; Is 13: 1; Is 20: 2; Is 37: 2, 21; Is 38: 1), que significa: ‘forte, firme’. Nascido em Tecoa, ao sul de Jerusalém (Am 1: 1), ele era um pastor de Judá, além de ‘colhedor de sicômoros’ (Am 7: 14-15), o que significava que ele não pertencia à classe da qual os profetas usualmente se originavam, nem foi treinado para o ofício profético nas escolas dos profetas. Era, sim, um profeta sem credenciais conhecidas, a não ser o fato de que tinha uma palavra da parte de Deus. Tecoa ficava ao sul de Belém, na região montanhosa de Judá, o que a tornava uma cidade de defesa (2 Cr 11: 6). As terras ao redor forneciam pasto para os rebanhos, dos quais Amós cuidava. Embora nascido em Judá, Deus o levou a profetizar em Samaria, no reino do norte. Foi expulso pelo sacerdote idólatra Amazias, que o fez retornar à sua terra natal (Am 7: 10-15).



Sicômoro (hebraico, shiqmâ; em grego, sykomōraia) ou figo-sicômoro (*Ficus sycomorus* L.), uma espécie de figueira brava, é uma árvore grande e vigorosa, abundante no Egito e nas terras baixas da Palestina (1 Rs 10: 27; 2 Cr 1: 15; 2 Cr 9: 27). Os frutos eram comestíveis (um sabor de figo misturado com amora) e de grande valor para Israel, como as oliveiras, pois fazia parte da produção agrária da nação. Aqui em Am 7: 14, a tradução ‘colhedor de sicômoros’ é incorreta, uma vez que o vocábulo

hebraico ('balac' – Strong #1103) significa 'cultivador' dessa árvore, podando o topo de cada fruto para assegurar que ficaria maduro; ou, segundo alguns estudiosos, fazendo incisões na sua casca com um instrumento especial para soltar o excesso de suco antes de amadurecer; depois de quatro dias é que se colhia a fruta.

Amós, como Isaías, ataca os grupos dominantes da sociedade: autoridades, magistrados, latifundiários, políticos, assim como as madames de Samaria (Am 4: 1-3). Fala sobre o descontentamento de Deus contra a exploração dos mais pobres e indefesos (Am 2: 6-7) e critica o materialismo e o baixo nível moral de Israel que tinha absorvido isso dos seus vizinhos pagãos (Am 2: 8-16). A justiça se inclinava para os que podiam pagar subornos. Embora seguissem os rituais religiosos, permaneciam interiormente na impiedade e na imoralidade, tentando mascarar as injustiças do dia a dia, e Deus rejeitava esses rituais (Am 4: 4-5; Am 5: 21-27). Ele proclama Seu julgamento contra os povos circundantes, contra Judá e Samaria pelos pecados contra as leis morais que alicerçam a sociedade (Am 6: 1-14) e fala também sobre o Dia do Senhor, quando a Assíria haveria de ser Sua vara para ferir Israel (Am 9: 1-10). As visões que Amós teve são símbolos do juízo de Deus (gafanhotos: Am 7: 1-7; fogo: Am 7: 4-6; prumo: Am 7: 7-9; um cesto de frutos de verão: Am 8: 1-14).

A mensagem central de sua profecia é a soberania divina sobre todas as coisas (natureza, nações, seres humanos). Amós também considerava a justiça o atributo moral mais importante da natureza do Senhor sobre a injustiça, a imoralidade e a desonestidade.

O livro termina com uma profecia sobre a futura conversão dos gentios (Am 9: 11-12 cf. At 15: 16-18) – 'Levantar a tenda caída de Davi [o tabernáculo caído de Davi]', que é uma referência profética sobre o reino espiritual de Jesus, onde Israel e Judá estariam juntos e poderiam viver livres diante do Senhor, adorando-o sem rituais desnecessários e vazios, e um reinado do qual os gentios também poderiam ter o direito de participar, pois Jesus seria o pastor de todos. Jesus veio trazendo um reino espiritual para todos os que o aceitassem como Senhor e Salvador. Nós, gentios, somos o Israel espiritual de Deus. O que no passado (AT) era físico, agora é espiritual (Ef 6: 12; 2 Co 10: 3-6).

Há uma referência interessante em Am 8: 11-13 sobre a 'sede da palavra de Deus' nos últimos dias, o que nos faz pensar não somente no provável teor apocalíptico da profecia como também no Período Intertestamentário, em que o povo viveu um longo período de silêncio de Deus, que já não falava mais pela boca dos Seus profetas. Também este trecho é considerado pelos estudiosos como o momento do cativo na Assíria ou a rejeição dos Judeus a Cristo, que fez com que Sua palavra e Sua graça fossem retiradas deles e passadas aos gentios.

Capítulo 1

- Am 1: 1-15 – Ameaças contra diversas nações

• Am 1: 1-2: “Palavras que, em visão, vieram a Amós, que era entre os pastores de Tecoa [NVI: criador de ovelhas em Tecoa], a respeito de Israel, nos dias de Uzias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel, dois anos antes do terremoto. Ele disse: O Senhor rugirá de Sião e de Jerusalém fará ouvir a sua voz; os prados dos pastores estarão de luto, e secar-se-á o cimo do Carmelo [NVI: secam-se (ou pranteiam) as pastagens dos pastores, e murcha o topo do Carmelo]”.

O profeta recebe uma visão de Deus e que parece ser algo muito importante para a nação, uma vez que ele usa figuras de linguagem compatíveis com a ira de Deus (‘O Senhor rugirá de Sião e de Jerusalém fará ouvir a sua voz’ – cf. Jl 3: 16) e com Seu julgamento sobre Israel: ‘os prados dos pastores estarão de luto, e secar-se-á o cimo do Carmelo’ ou ‘pranteiam as pastagens dos pastores, e murcha o topo do Carmelo’.

O terremoto que aconteceu nos dias de Uzias não é relatado na bíblia, mas deve ter sido de importância para o povo, pois quase trezentos anos depois, nos tempos de Zacarias, ele ainda era lembrado (Zc 14: 5).

• Am 1: 3-5 (profecia contra Damasco): “Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Damasco e por quatro, não sustarei o castigo, porque trilharam a Gileade com trilhos de ferro. Por isso, meterei fogo à casa de Hazael, fogo que consumirá os castelos de Ben-Hadade. Quebrarei o ferrolho de Damasco e eliminarei o morador de Biqueate-Áven [NVI: ‘destruirei o rei que está no vale de Áven’ ou ‘destruirei os habitantes do vale de Áven’, que significa ‘iniquidade’] e ao que tem o cetro de Bete-Éden [significa: Casa do prazer]; e o povo da Síria será levado em cativo a Quir, diz o Senhor”.

• v. 3 – ‘Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Damasco e por quatro, não sustarei o castigo, porque trilharam a Gileade com trilhos de ferro’ – isso pode ter ocorrido nos tempos de Jeú (2 Rs 10: 32-33) e de seu filho Jeoacaz (2 Rs 13: 3-4; 7; 22) por terem voltado aos pecados de idolatria de Jeroboão I, antigo rei de Israel (931-910 AC). Como punição, Deus trouxe Hazael, rei da Síria, que feriu grande número de cidades de Gileade e Basã, pertencentes às tribos de Gade, Rúben e Manassés do leste. Nos tempos de Jeoacaz, filho de Jeú, Israel foi novamente atacado por Hazel e Ben-Hadade III, seu filho (2 Rs 13: 3; 22). Jeoás (filho de Jeoacaz e neto de Jeú) também enfrentou os Siros (2 Rs 13: 19), agora governados por Ben-Hadade III, filho de Hazael, que havia morrido.

A expressão ‘Por três transgressões... e por quatro’ se refere aos incontáveis atos maus que foram cometidos pelos sírios [transgressão, neste texto em hebraico, *pesha*], Strong #6588 significa: uma revolta (nacional, moral ou religiosa), insurreição, pecado, transgressão, ofensa] e indica que a paciência de Deus já estava se esgotando. Por isso, Ele diz que não sustará o castigo, ou seja, não vai suspender, não vai interromper, não vai parar o castigo; Sua punição será inevitável. ‘Trilharam a Gileade com trilhos de ferro’ mostra a violência da guerra, onde os corpos das vítimas eram rasgados como um campo de cereal é trilhado pelos dentes das debulhadoras.

• v. 4 – ‘Por isso, meterei fogo à casa de Hazael, fogo que consumirá os castelos de Ben-Hadade’. Por causa do que tinham feito ao Seu povo, o Senhor destruiria agora os descendentes de Hazael e poria fogo nos palácios construídos por Ben-Hadade. Hazael teve sua subida ao trono predita por Eliseu (2 Rs 8: 7-13), e foi o fundador da dinastia síria que governou nos tempos dos reis de Israel: Jorão (852-841 AC – 2 Rs 3: 1; 2 Rs 8:

29), Jeú (841-814 AC – 2 Rs 10: 30-32) e Jeoacaz (814-798 AC – 2 Rs 13: 22). O filho de Hazael, Ben-Hadade III, foi seu sucessor (2 Rs 13: 3; 24-25).

• v. 5 – ‘Quebrarei o ferrolho de Damasco e eliminarei o morador de Biqueate-Áven [NVI: ‘destruirei o rei que está no vale de Áven’ ou ‘destruirei os habitantes do vale de Áven’] e ao que tem o cetro de Bete-Éden [significa: Casa do prazer]; e o povo da Síria será levado em cativo a Quir, diz o Senhor’.

‘O ferrolho de Damasco’ era a barra de ferro colocada nas portas das cidades fortificadas. Deus quebraria as defesas de Damasco.

‘Eliminarei o morador de Biqueate-Áven’ ou ‘destruirei o rei que está no vale de Áven’ ou ‘destruirei os habitantes do vale de Áven’. Em Am 1: 5 esse nome (Biqueate-Áven ou vale de Áven) provavelmente se refere ao vale de Beqa’ (chamado El-Bekaa), entre o Líbano e o Anti-Líbano, no reino arameu de Damasco, onde estão as ruínas do templo Baal-Bek, o deus-sol. Fica a quatro horas de viagem de Damasco.

Áven (cf. Os 10: 8) é a forma abreviada de Bete-Áven, um apelido de Betel (Os 4: 15). Áven, em hebraico, ’awen ou ’áven, significa ‘perversidade, iniquidade, tribulação, idolatria; mais especificamente, um ídolo, vaidade’. Beyth ’Aven (Bete-Áven) significa: ‘Casa da vaidade’ ou ‘casa da iniquidade’. Betel significa ‘Casa de Deus’, e foi onde Jacó viu a escada para o céu (Gn 28: 17; 19; 22), quando fugia de Esaú, no seu caminho para Harã. Mas também foi o lugar onde Jeroboão I (1 Rs 12: 25-31) colocou um dos bezerros de ouro para a adoração idólatra em Israel. Colocou um em Dã, outro em Betel (1 Rs 12: 28-29), onde foi repreendido por um homem de Deus por causa dessa atitude (1 Rs 13: 1-5). Por isso, apelidaram Betel de Bete-Áven.

Portanto, Biqueate-Áven (no reino de Damasco) era ‘o vale da vaidade’ ou ‘o vale da iniquidade’, por causa da adoração idólatra nele.

‘O que tem o cetro de Bete-Éden’ – significa o governante de Bete-Éden, ou o mais alto oficial.

Assim, Deus destruiria tanto os habitantes do vale quanto o governante. Bete-Éden é uma comparação com Bete-Áven. Nós vimos que Áven significa: ‘perversidade, iniquidade, tribulação, idolatria; mais especificamente, um ídolo, vaidade’. O termo Éden ou Edin apareceu primeiramente na Suméria, a região da Mesopotâmia que produziu a primeira língua escrita do mundo. Isto ocorreu no terceiro milênio AC. Em sumério, a palavra ‘Éden’ significa, simplesmente: ‘a planície fértil’ (em hebraico, significa: deleite, lugar de delícias). Portanto, se Deus disse que destruiria os moradores de Biqueate-Áven, ele destruiria o governante daquele lugar de prazer e delícias para eles, que era um lugar de idolatria e iniquidade. Deus destruiria o que governava aquela ‘Casa do prazer’. Bete-Éden parece ter sido a residência de verão do rei, não muito longe de Damasco. Por acaso, esse lugar teria relação com Telassar, onde habitavam os filhos de Éden (Bete-Éden; Hebr.: b^enê ‘edhen – 2 Rs 19: 12; Is 37: 12), na área entre os rios Eufrates e Bali (ou Belikh), que os assírios chamavam de Bīti-Adini ou ‘A Casa de Adinu’, ‘casa do mal’ ou ‘casa do deleite?’

‘O povo da Síria será levado em cativo a Quir, diz o Senhor’ – cogita-se que os 65 anos da profecia mencionada em Is 7: 8 (cf. Is 17: 1-3) correspondem a este mesmo trecho escrito em Am 1: 1; 3-5. De acordo com o profeta, o povo da Síria foi levado pelos Assírios para Quir (local desconhecido). Quir significa ‘cidade’. Embora alguns estudiosos a coloquem na planície da Mesopotâmia, entre as cidades de Cuta, Babilônia e Borsipa, é mais provável que nesta localização esteja-se falando da cidade de Kish; em Sumério: Kiš; transliteração: Kiški; Acadiano: kiššatu; moderna Tell al-Uhaymir na província de Babilônia no Iraque, a cerca de doze quilômetros a leste da cidade de Babilônia e a oitenta quilômetros ao sul de Bagdá.

Quanto aos anos profetizados por Isaías e a esta profecia de Amós, provavelmente, trata-se da Assíria entre os reinados de Tiglate-Pileser III (745-727 AC), Salmaneser V (727-722 AC) e Sargom II (722-705 AC). Tiglate-Pileser III conquistou Damasco em 732 AC e ela foi reduzida a cidade subsidiária dentro da província Assíria de Hamate. Daí por diante perdeu sua influência política, ficando apenas com a influência econômica (Ez 27: 18). Depois passou novamente a ser capital durante o governo selêucida de Antíoco IX em 111 AC. Aretas (Nabateu) conquistou a cidade em 85 AC, entregando-a depois para Tigranes da Armênia (83-69 AC). A partir de 64 AC até 30 DC foi domínio Romano. Salmaneser V e Sargom II conquistaram Samaria, e em 722 AC ela caiu, também sendo levada para o cativeiro na Assíria. Jeremias (Jr 49: 23-27) profetizou sobre a Síria bem mais tarde. O reino de Damasco foi destruído pela Assíria, mas a cidade permaneceu, e é para ela que Jeremias profetiza. O cumprimento da profecia de Jeremias se deu, provavelmente em 581 AC, cerca de cinco anos após a destruição de Jerusalém (586 AC) por Nabucodonosor. Tiglate-Pileser III cumpriu esta profecia de Amós quando Acaz lhe pediu ajuda contra Rezim, rei da Síria, que ameaçava Judá, juntamente com Peca, o rei de Israel. Tiglate-Pileser III matou Rezim e levou os damascenos cativos para Quir.

- Am 1: 6-8 (profecia contra a Filístia): “Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Gaza e por quatro, não sustarei o castigo, porque levaram em cativeiro todo o povo, para o entregarem a Edom [NVI: Porque levou cativas comunidades inteiras e as vendeu a Edom]. Por isso, meterei fogo aos muros de Gaza, fogo que consumirá os seus castelos [NVI: suas fortalezas]. Eliminarei o morador de Asdode e o que tem o cetro de Asquelom [NVI: Ascalom] e voverei a mão contra Ecrom; e o resto dos filisteus perecerá, diz o Senhor [NVI: até que morra o último dos filisteus]”.

- v. 6 – ‘Por três transgressões de Gaza e por quatro, não sustarei o castigo, porque levaram em cativeiro todo o povo, para o entregarem a Edom’ – Edom recebeu prisioneiros israelitas, tanto das mãos dos filisteus quanto das mãos dos tírios. Joel (Jl 3: 4-8) repreendia os filisteus e os tírios por terem vendido prisioneiros hebreus como escravos aos gregos. Amós repreendia os filisteus (v. 6) e os tírios (v. 9) por terem entregado prisioneiros hebreus aos edomitas (Am 1: 9-10). Os filisteus se rebelaram contra Jeorão (filho de Josafá) durante seu reinado (848-841 AC). Nos dias de Acaz (732-716 AC), os edomitas invadiram Judá e apoderaram-se dos cativos israelitas (2 Cr 28: 17) e ainda receberam prisioneiros israelitas capturados por Tiro e Gaza (Am 1: 6; 9). Gaza era a cidade mais importante das cinco cidades filistéias (1 Sm 6: 17). Ela ficava num lugar onde passavam algumas rotas comerciais, e estava acostumada com o tráfico de escravos.

- v. 7-8: “Por isso, meterei fogo aos muros de Gaza, fogo que consumirá os seus castelos [NVI: suas fortalezas]. Eliminarei o morador de Asdode e o que tem o cetro de Asquelom [NVI: Ascalom] e voverei a mão contra Ecrom; e o resto dos filisteus perecerá, diz o Senhor [NVI: até que morra o último dos filisteus]” – cf. Is 14: 20-31; Jr 47: 1-7; Ez 25: 15-17; Jl 3: 4-8; Sf 2: 4-7; Zc 9: 5-7.

Podemos ver que Uzias (2 Cr 26: 6-7) guerreou contra os filisteus e quebrou o muro de Gate, e de Jabné e o de Asdode; e edificou cidades no território de Asdode e entre os filisteus. A bíblia diz que Deus o ajudou contra os filisteus e contra os arábios (árabes) que habitavam em Gur-Baal (local desconhecido), e contra os meunitas (2 Cr 20: 1; 2 Cr 26: 7; na verdade o termo correto é maonitas – ver adiante). Meunitas eram descendentes do ramo calebita de Judá (de Calebe). Meunita é o nome do habitante de Maon, cuja aldeia ficava nas terras altas da tribo de Judá (Js 15: 55; 1 Cr 4: 41)

identificado nos tempos modernos com Khirbet Ma'in (ou em hebraico, Horvat Ma'on), treze quilômetros e meio ao sul de Hebrom. Em Ed 2: 50 e Ne 7: 52 está escrito 'Meunim'. De acordo com 1 Sm 23: 24, o deserto de Maom, na planície ao sul de Jesimom, era um dos lugares onde Davi se escondeu do rei Saul. Nabal (1 Sm 25: 1-11) era de Maom. Na versão da Septuaginta de 1 Samuel (1 Sm 23: 24), Davi recuou para o deserto de Maom após a morte de Samuel, mas no Texto Massorético ele foi ao deserto de Parã. Aqui houve um erro, pois Parã (Hc 3: 3) é um deserto situado na região centro-oriental da península do Sinai, a nordeste do Sinai tradicional e a sudoeste de Cades, com a Arabá e o Golfo de Aqaba em sua fronteira oriental. Para lá Abraão enviou Ismael e Agar (Gn 21: 21). Fez parte dos locais de parada dos Israelitas em sua peregrinação pelo deserto (Nm 10: 12; Nm 12: 16), e de lá Moisés enviou os espias para investigar as condições da terra de Canaã (Nm 13: 3; 26). Foi atravessado por Hadade, o edomita, em sua fuga para o Egito (1 Rs 11: 18). O Monte Parã do cântico de Moisés (Dt 33: 2) e de Habacuque (Hc 3: 3), provavelmente era um pico proeminente na serra montanhosa na margem ocidental do Golfo de Aqaba.

Talvez, por isso, a confusão feita com o outro significado da palavra Meunita, que também se refere a um povo hostil da Transjordânia, ligado aos amalequitas e outros opressores de Israel (Jz 10: 12, onde está escrito maonitas – ARA; na Septuaginta, midianitas), e cuja terra de origem é Ma'ân, ao oriente da Arabá, a sudeste de Petra (na atual Jordânia). Contra este povo hostil da Transjordânia é que Josafá e Uzias tiveram vitória (2 Cr 20: 1; 2 Cr 26: 7).

No reinado de Ezequias, este guerreou contra os filisteus e os feriu até Gaza e seus limites (2 Rs 18: 8). Mas foram vitórias muito pequenas e que não trouxeram, na verdade, uma grande expansão para o território de Israel, nem eliminou significativamente o inimigo.

• **Gaza:** Tiglate-Pileser III (745-727 AC) capturou Gaza em 734 AC, e depois seu neto Sargom II (722-705 AC) repetiu o feito, pois a cidade ficou por um tempo fora do controle da Assíria; talvez, por disputa com o Egito, que caiu nas mãos de Sargom em 716 AC. Faraó do Egito um dia viria para ferir os filisteus e entrar em Gaza (Jr 47: 1). Dario II e Artaxerxes II (404-358 AC), seu filho, e principalmente Alexandre, o Grande, reduziram os poderes dos fenícios e filisteus. Após capturar Tiro (trinta mil tírios foram vendidos como escravos), Alexandre o Grande seguiu pela linha costeira até o Egito, tomando as cidades da Filístia. Ao passar por Gaza, encontrou resistência. A cidade era fortificada e construída perto de montanhas, e os macedônicos a cercaram por cinco meses. Alexandre foi ferido durante a batalha, mas seu exército destruiu a cidade (332 AC), matando dez mil dos seus habitantes e vendendo milhares de outros como escravos. Gaza ocupava uma importante posição nas rotas comerciais entre o Egito e a Ásia ocidental. Alexandre seguiu pela costa do Mediterrâneo, tomando todas as cidades dos filisteus e entrou no Egito, saudado como libertador do povo, e fundando a cidade de Alexandria em 332 AC. Os gregos e os Macabeus empreenderam vários ataques a Gaza por sua contínua idolatria. A cidade foi finalmente desolada por Alexandre Janeu, em 93 AC, conforme havia sido profetizado por Am 1: 6-7; Sf 2: 4 e Zc 9: 5. Alexandre Janeu era de linhagem hasmoneana e governou como sumo sacerdote em Judá no período de 103-76 AC. Em 57 AC, Aulo Gabínio (procônsul romano na Síria – 57-55 AC) reedificou a cidade num novo local, ao sul da antiga localização, mais próximo do mar, que continua ocupado até hoje, mas os sítios arqueológicos pouco descobriram.

Se lermos o texto de Zc 9: 5-7, podemos ver que não apenas Gaza, mas as outras cidades filistéias importantes foram conquistadas e destruídas por Alexandre o Grande, seguido por Alexandre Janeu. Zacarias menciona a destruição de Asquelom, Gaza,

Ecrom e Asdode. Gate é omitida aqui, talvez por estar um pouco afastada da rota de Alexandre o Grande para o Egito.

- **Asdode:** em 711 AC Asdode foi saqueada por Sargom II (Is 20: 1; Is 14: 29). Em 604 AC Asdode havia recusado pagar tributo para Nabucodonosor e foi saqueada por ele também. Herodes a restaurou e lhe deu o nome de Azoto (At 8: 40).

Sofonias (Sf 2: 4-5) cita as mesmas cidades (Gaza, Asquelom, Asdode e Ecrom) e também menciona o povo dos quereítas ou queretitas, e emite um ‘ai’ sobre eles. Quereítas ou queretitas são mencionados igualmente em Ez 25: 16 e se refere a uma tribo habitante do sul da terra dos filisteus (1 Sm 30: 14; 16). A ilha de Creta era uma colônia dos filisteus. A terra dos filisteus era chamada de Filistina (por isso, o termo ‘Palestina’); Keritha, pelos árabes; Creth, pelos sírios; e pelos hebreus: terra dos queratitas ou quereítas ou quereiteus. Eles eram um povo originário da ilha de Creta (Grego: Κρήτη, Kríti) e espalhado entre os filisteus e que fizeram parte da guarda pessoal de Davi (2 Sm 23: 8-39; 1 Cr 11: 10-47; 11: 36). Os quereítas eram mercenários. A palavra quereítas vem do hebraico Cherethites ou Cherethims. O singular é Krethiy (Strong #3774), que se origina de ‘karath’ (Strong #3772) e significa: carrasco; queretita ou membro da guarda real, que por sua vez, deriva de ‘tabbach’ (Strong #2876), que significa: um açougueiro; portanto, um membro da guarda real (porque ele estava agindo como um carrasco), guarda.

- Am 1: 9-10 (profecia contra Tiro): “Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Tiro e por quatro, não sustarei o castigo, porque entregaram todos os cativos a Edom [NVI: Porque vendeu comunidades inteiras de cativos a Edom] e não se lembraram da aliança de irmãos. Por isso, meterei fogo aos muros de Tiro, fogo que consumirá os seus castelos [NVI: suas fortalezas]”.

Muitos profetas profetizaram contra Tiro: Is 23: 1-18; Ez 26: 3-9; Am 1: 9-10. A cidade de Sidom foi denunciada pelos profetas juntamente com Tiro (Is 23: 1-18; Jr 25: 22; Jr 27: 3; Jr 47: 4; Ez 28: 21-22; Jl 3: 4; Zc 9: 2-4).

Como comentei no v. 6, Edom recebeu prisioneiros israelitas, tanto das mãos dos filisteus quanto das mãos dos tírios. Joel (Jl 3: 4-8) repreendia os filisteus e os tírios por terem vendido prisioneiros hebreus como escravos aos gregos. Amós repreendia os filisteus (v. 6) e os tírios (v. 9) por terem entregado prisioneiros hebreus aos edomitas (Am 1: 9-10). Nos dias de Acáz (732-716 AC), os edomitas invadiram Judá e apoderaram-se dos cativos israelitas (2 Cr 28: 17) e ainda receberam prisioneiros israelitas capturados por Tiro e Gaza (Am 1: 6; 9).

Tiro, tal como Gaza, ocupava-se com o tráfico de escravos (Ez 27: 13).

‘Não se lembraram da aliança de irmãos’ – esta é uma referência à aliança entre Salomão e Hirão (1 Rs 5: 12), que tinha implicações espirituais além de acordos políticos (1 Rs 5: 7), e talvez proibisse o comércio de escravos hebreus. Hirão chama Salomão de irmão (1 Rs 9: 13). Durante um longo tempo Israel e Tiro desfrutaram de relações amistosas (2 Sm 5: 11; 1 Rs 5: 1-12). Hirão havia sido amigo de Davi: 1 Rs 5: 1 e ajudou a Salomão na construção do porto de Eziom-Geber, no mar Vermelho (Golfo de Aqaba) para facilitar o comércio para o sul. Um dos sucessores de Hirão I, quase um século mais tarde, foi Etbaal (ou Itobal I – 915-856 AC), cuja filha Jezabel se casou com Acabe (874-853 AC), rei de Israel (1 Rs 16: 31). Na época, era comum os habitantes de Tiro serem chamados sidônios; os sidônios, porém, é que nunca são chamados tírios. Por isso está escrito na bíblia que Etbaal era rei dos sidônios, mas na verdade, ele era rei de Tiro e tinha usurpado o trono do seu antecessor.

Tiro é uma antiga cidade fenícia no Líbano na costa do mar Mediterrâneo. Era o principal porto marítimo da costa da Fenícia. Na Antiguidade, Tiro estava dividida em

duas partes: uma chamada ‘Antiga Tiro’, que ficava no continente (onde estava o porto ‘velho’), e a cidade construída numa pequena e rochosa ilha a cerca de setecentos metros da costa (a ‘Nova Tiro’). Hoje permanecem antigas ruínas da cidade antiga de Tiro, ao lado da cidade nova, chamada Sur. Por volta de 1200 AC, os filisteus cercaram Sidom, e os seus habitantes fugiram para Tiro, que passou a ser conhecida como ‘filha de Sidom’ (Is 23: 12). Era chamada de ‘feira das nações’ ou ‘o suprimento das nações’ por causa do seu grande comércio com inúmeras nações (Is 23: 2-3). Seus mercadores foram os primeiros a navegar através do Mediterrâneo, fundando colônias na costa e ilhas vizinhas do mar Egeu (Grécia), na costa do norte da África (em Cartago), na Sicília, na Córsega e na península Ibérica. A cidade foi domínio assírio por quase dois séculos e sofreu muitos sítios:

- Salmaneser III (859-824 AC) – cercou Tiro em 841 AC
- Salmaneser V (727-722 AC) + Sargom II (722-705 AC) – 724-720 AC
- Senaqueribe (705-681 AC) – 701 AC
- Esar-Hadom (681-669 AC) – 671 AC,
- Assurbanipal (669-627 AC) – mas a cidade caiu em 664 AC

A profecia de Is 23: 12 parece se referir à destruição pelos babilônios, pois insinua que, depois de setenta anos, Tiro deveria recuperar algum poder e glória anteriores, antes de sua destruição por Alexandre.

- Nabucodonosor (605-562 AC) – pôs sítio em Tiro por treze anos (582-569 AC) e, quando ela se rendeu ele colocou juizes para governá-la; mas não conseguiu capturar a Tiro da ilha (Nova Tiro).

Em 539 AC Ciro conquistou a cidade para o império persa e ela se manteve sob seu domínio. Os habitantes de Tiro supriram Israel com de madeira de cedro para a reconstrução do templo de Jerusalém (Esdras 3: 7). Neste momento da História, Tiro era uma cidade arrogante e orgulhosa que confiava em si mesma, achando-se inexpugnável por causa de suas fortalezas; também se vangloriava em suas riquezas e no poder do seu comércio (Zc 9: 3). Ela fechou os portões para os gregos sob o comando de Alexandre o Grande, mas depois do cerco de sete meses e da construção de um novo molhe (um istmo artificial) até a fortaleza da ilha (a Nova Tiro), Alexandre a conquistou em 332 AC. Esse molhe existe até hoje e liga o continente à ilha onde estava situada a cidade de Tiro. Ele tem 1 km de comprimento e 2 metros de profundidade. Assim a profecia de Ezequiel (Ez 26-28) foi cumprida plenamente. A grande e arrogante Tiro finalmente tornou-se um lugar para os pescadores secarem as suas redes.

Mesmo assim, Tiro ainda sofreu vários sítios nos séculos posteriores:

- Antígono I Monoftalmo, sucessor de Alexandre – 315-314 AC
- Califado Fatímida – 996-998 DC
- Os Cruzados (Balduíno I de Jerusalém) – 1111-1112 DC
- Cruzados Venezianos – 1124 DC
- Aiúbidas, sob Saladino – 1187 DC

- Am 1: 11-12 (profecia contra Edom): “Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Edom e por quatro, não sustarei o castigo, porque perseguiu o seu irmão à espada e banuiu toda a misericórdia; e a sua ira não cessou de despedaçar, e reteve a sua indignação para sempre [NVI: Assim diz o SENHOR: “Por três transgressões de Edom, e ainda mais por quatro, não anularei o castigo. Porque com a espada perseguiu seu irmão e reprimiu toda a compaixão, mutilando-o furiosamente e perpetuando para sempre a sua ira]. Por isso, meterei fogo a Temã, fogo que consumirá os castelos de Bozra”.

Outros profetas profetizaram contra Edom: Is 34: 1-10; Is 63: 1-6; Jr 49: 7-22; Ez 25: 12-14; Ez 35: 1-15; Ob 1-14.

Esaú ou Edom (Gn 36: 19) foi o irmão de Jacó, e habitou em Seir, uma montanha que antes pertencia a Seir, o horeu (Gn 36: 8- 9; Gn 36: 20); por isso, Edom é freqüentemente chamado de Seir. É de longa data a discórdia entre Edom e Israel. Alguns exemplos são: Nm 20: 17-21; 2 Rs 8: 20-22; 2 Cr 21: 8-10.

Josafá, rei de Judá, venceu na terra de Edom, os moradores do monte Seir, Moabe e os filhos de Amom (2 Cr 20: 22) com a ajuda do Senhor, pois ao colocar os levitas adiante do exército, esses povos acabaram por guerrear entre si e mataram-se uns aos outros. A bíblia fala que Edom se rebelou contra Jeorão, o filho de Josafá (2 Rs 8: 20-22; 2 Cr 21: 8-10). Nos dias de Acaz (2 Cr 28: 1-6; 2 Rs 16: 1-4), os edomitas invadiram Judá e apoderaram-se dos cativos israelitas (2 Cr 28: 17) e ainda receberam prisioneiros israelitas capturados por Tiro e Gaza (Am 1: 6; 9), porque o Senhor o humilhou por causa de seus pecados de idolatria.

Durante o período do exílio na Babilônia, os edomitas não apenas olharam a destruição de Jerusalém, como ajudaram os Babilônios na pilhagem, e mataram os judeus que estavam fugindo da invasão. Por isso, Deus os repreendeu e os puniu (Ob 10-14).

As inscrições assírias mostram que Edom se tornou estado vassalo da Assíria em 736 AC no reinado de Tiglate-Pileser III (745-727 AC). Edom foi destruído cinco anos depois do cativeiro de Judá por Nabucodonosor, ou seja, em 581 AC. Depois, caiu nas mãos dos persas (539 AC) e no séc. III AC foi dominado pelos Nabateus (uma das tribos árabes), que acabaram por empurrar os habitantes de Edom para o sul da Judéia, e que mais tarde, foi chamado Iduméia. Judas Macabeu os subjugou (séc. II AC) e João Hircano I (séc. II-I AC) os obrigou a circuncidar-se para poderem ser incorporados pelo povo judeu. Herodes, o Grande, descendia dos Edomitas.

Bozra, ou Botsra, Botzrah, Bozrah (em hebraico: בֹּצְרָה) foi a capital do povo de Edom, e cujo rei foi Jobabe (Gn 36: 33; 1 Cr 1: 44). Bozra significa ‘curral de ovelhas’ ou ‘aprisco de ovelhas’, indicando que era uma cidade de pastores no sudeste do Mar Morto, na terra de Edom. Hoje ela é uma pequena cidade da Jordânia no estado de Tafilah, chamada de Buseirah. Os profetas Amós e Jeremias predisseram a destruição de Bozra (capital de Edom) por Nabucodonosor em 581 AC. O povo de Edom definitivamente foi destruído por Tito em 70 DC.

Temã (têmã) era filho de Elifaz e neto de Esaú (Gn 36: 9-11; 1 Cr 1: 36), e talvez tenha dado seu nome ao distrito ao norte de Edom (Jr 49: 20; Ez 25: 13; Am 1: 12; Ob 8-9). Seus habitantes eram famosos por causa de sua sabedoria (cf. Jr 49: 7). Elifaz, o temanita, foi um dos consoladores de Jó (Jó 2: 11). Um príncipe de Temã é nomeado entre os chefes de Edom (Gn 36: 15; 42; 1 Cr 1: 53), e Husã (Husão) foi um de seus primeiros governantes (Gn 36: 34). Em sua visão, Habacuque viu Deus, o Santo, vindo de Temã (Hc 3: 3). Embora a localização exata de Temã permaneça desconhecida, há fortes evidências a favor da cidade Jordaniana de Ma’ân. Havia muitas nascentes de água na região, e isso a tornava atraente para as caravanas entre a Península Arábica e o Levante. Aqui, Temã é usado como um sinônimo de Edom.

‘Porque perseguiu o seu irmão à espada e banuiu toda a misericórdia; e a sua ira não cessou de despedaçar, e reteve a sua indignação para sempre [NVI: Porque com a espada perseguiu seu irmão e reprimiu toda a compaixão, mutilando-o furiosamente e perpetuando para sempre a sua ira]’ – essa atitude de Edom é muito parecida com a descrita em Ob 10-14, que se encaixa no período do exílio de Judá na Babilônia, e que, nessa profecia de Amós, ainda não tinha ocorrido.



Edom – Monte Seir



Ruínas de Bozra

• Am 1: 13-15 (profecia contra Amom): “Assim diz o Senhor: Por três transgressões dos filhos de Amom e por quatro, não sustarei o castigo, porque rasgaram o ventre às grávidas de Gileade, para dilatarem os seus próprios limites. Por isso, meterei fogo aos muros de Rabá, fogo que consumirá os seus castelos, com alarido no dia da batalha, com turbilhão no dia da tempestade [NVI: em meio a gritos de guerra no dia do combate, em meio a ventos violentos num dia de tempestade]. O seu rei irá para o cativoiro, ele e os seus príncipes juntamente, diz o Senhor [NVI: O seu rei irá para o exílio, ele e toda a sua corte, diz o Senhor]” – cf. Jr 49: 1-6; Ez 21: 28-32; 25: 1-7; Sf 2: 8-11.

Amom ou Ben-Ami era o nome da terra do descendente de Ló (Gn 19: 37), de seu relacionamento incestuoso com a filha mais nova, e significa: filho de meu povo (Ben-Ami) e artesão (Amom). Era irmão de Moabe, nome da terra do descendente de Ló (Gn 19: 37), de seu relacionamento incestuoso com a filha mais velha. Moabe significa: desejo, família de um pai. Eram, portanto, povos aparentados com Israel.

O casamento entre moabitas e judeus não era proibido pelo Senhor; apenas, os moabitas e amonitas eram proibidos de entrar no tabernáculo (Dt 23: 3-4), não propriamente pelo pecado de incesto dos seus ancestrais, e sim porque alugaram Balaão para amaldiçoar os israelitas (Nm 22: 1-6).

Embora povos aparentados com Israel, por meio de Ló, os filhos de Amom estiveram sempre em guerra com os israelitas, da mesma forma que Moabe e Edom.

Quando Deus fala: ‘porque rasgaram o ventre às grávidas de Gileade, para dilatarem os seus próprios limites’, Ele estava se referindo aos dias dos juízes (Jefté), quando o povo se corrompeu com os deuses amonitas (Jz 10: 6) e o Senhor os entregou nas mãos dos filisteus e dos amonitas por dezoito anos (Jz 10: 8). Estes passaram a oprimir Israel, principalmente as tribos que estavam além do Jordão (Rúben, Gade e Manassés, na região de Gileade – Jz 10: 8; Jz 11: 4). Depois, passaram o Jordão para pelejar também contra Judá e Benjamim (Jz 10: 9), mas foram repelidos por Jefté (Jz 11: 32-33). Antes do período de Jefté, os amonitas ajudaram Eglom (rei dos moabitas) e Moabe a subjugar o território israelita (Jz 3: 13). No tempo de Samuel, Naás, rei dos amonitas, cercou Jabes-Gileade pouco antes de tornar-se rei. Saul reuniu Israel e repeliu Naás (1 Sm 11: 1-2; 1 Sm 12: 12; 1 Sm 14: 47). Naás se tornou amigo de Davi (2 Sm 10: 1-2), mas seu filho Hanum não, o que levou Joabe, o general de Davi, à guerra (2 Sm 10: 1-19; 1 Cr 19: 1-19). Um ano depois os israelitas capturaram Rabá, a capital amonita (2 Sm 12: 26-31; 1 Cr 20: 1-3) e submeteram o povo a trabalhos forçados.

Salomão teve muitas mulheres amonitas e passou a adorar Milcom (Moloque) e Quemus (1 Rs 11: 1, 5, 7, 33). Uma dessas mulheres, Naamá, foi mãe de Roboão (1 Rs 14: 21; 31; 2 Cr 12: 13). Por isso, o Senhor o desamparou e o entregou nas mãos de inimigos. No tempo de Josafá (2 Cr 20: 1-30), os amonitas se aliaram com os moabitas e os edomitas contra Judá, mas foram vencidos. Nos dias de Uzias e Jotão os amonitas pagaram tributo a Judá (2 Cr 26: 8; 2 Cr 27: 5). Nos tempos de Jeoaquim, os amonitas, os moabitas, os siros e os caldeus foram levantados pelo Senhor contra o rei de Judá, por causa dos seus atos pecaminosos e, após a queda de Jerusalém (586 AC), o rei amonita, Baalis, provocou outras tribulações (Jr 40: 11-14 cf. 2 Rs 25: 25).

‘Por isso, meterei fogo aos muros de Rabá, em meio a gritos de guerra’, provavelmente, se refere à tomada de Amom pelos babilônios, não muito tempo depois da queda de Jerusalém (Jr 49: 2-5; Ez 21: 28-32; Ez 25: 2-7; Sf 2: 8-11; Am 1: 13-15). Rabá (2 Sm 12: 26-31) era a capital dos amonitas. Pode ser pensado também nos assírios, embora não esteja muito clara na bíblia esta referência, se levarmos em conta alguns achados arqueológicos que dizem ter se achado nas inscrições do palácio de Tiglate-Pileser III (745-727 AC) uma lista de reis que foram obrigados a lhe pagar

tributo, entre eles o rei de Amom, Sanipu. Outras nações e seus reis também foram registrados: Salamanu, rei de Moabe; Qaushmalaca, rei de Edom; Mitinti, rei de Asquelom; Hanno, rei de Gaza; Acaz, rei de Judá e Menaém, rei de Samaria. Senaqueribe (705-681 AC) também deixou escritos os nomes de outras nações e reis que o reverenciaram e pagaram tributo: Buduilu, rei de Amom; Etbaal, rei de Sidom; e o rei de Asdode.

‘O seu rei irá para o cativo, ele e os seus príncipes juntamente [NVI: ele e toda a sua corte, diz o Senhor]’ – provavelmente é de Baalis que estava se falando (Jr 40: 14). Da mesma forma que Edom, Amom também se alegrou com o cativo de Judá e, por isso também, o Senhor os puniria.

Após o exílio, Tobias o governador de Amom, tentou impedir a construção dos muros por Neemias (Ne 2: 10-19; Ne 4: 3; 7).

No período helenístico ocorreu a ascensão de um partido judaico pró-helênico que se desenvolveu pela primeira vez na diáspora judaica de Alexandria e Antioquia (na Síria), e depois se espalhou para a Judéia, por exemplo, na família dos Tobíadas, da qual Menelau ou Menaém, o sumo sacerdote, provavelmente fazia parte, sendo um desses simpatizantes. Os Tobíadas eram da terra de Amom. Willreich (um bispo alemão de Bremen, Alemanha, século IX) os associa com Tobias, o servo amonita mencionado por Neemias que, conseqüentemente, veio do distrito jordaniano oriental. Antíoco IV Epifânio apoiou o partido que favorecia a helenização e a romanização. Entre os judeus e os sumo sacerdotes havia incrédulos, como Menelau (provavelmente da família dos Tobíadas) e Jason (outro amonita), que facilitaram a infiltração de Antíoco Epifânio na Cidade Santa. O profeta Daniel, na sua profecia, os chama de ‘os violadores da aliança’ (Dn 11: 32).

Esta situação (romanização e helenização da Judéia) gerou descontentamento entre os judeus fiéis como Matatias e seus filhos: João, Simão, Judas (o Macabeu), Eleazar e Jônatas (a família Hasmoneana, conhecida como Macabeus). Os amonitas sobreviveram até o século II AC. Judas Macabeu teve de combatê-los em seus dias.

Capítulo 2

• Am 2: 1-3 (profecia contra Moabe): “Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Moabe e por quatro, não sustarei o castigo, porque queimou os ossos do rei de Edom, até os reduzir a cal [NVI: cinzas]. Por isso, meterei fogo a Moabe, fogo que consumirá os castelos de Querioté [NVI: ‘as fortalezas de Querioté’ ou ‘de suas cidades’; Querioté significa ‘cidade’]; Moabe morrerá entre grande estrondo, alarido e som de trombeta [NVI: em meio a gritos de guerra e ao toque da trombeta]. Eliminarei o juiz do meio dele [NVI: o seu governante] e a todos os seus príncipes [NVI: todas as autoridades] com ele matarei, diz o Senhor”.

Querioté era uma cidade de Moabe (Jr 48: 24). Ali havia um santuário dedicado a Camos ou Quemos, o deus moabita. Essa cidade adquiriu importância por causa de outra cidade a leste do Jordão, chamada Atarote, e que foi uma cidade edificada pelos reis de Israel para os homens de Gade. Ela foi capturada por Mesa, rei dos moabitas, que matou seus habitantes; e seu chefe, Arel (ou Oriél), foi arrastado perante Quemos, em Querioté.

Como falei no trecho sobre Amom, Moabe era o nome da terra do descendente de Ló (Gn 19: 37), de seu relacionamento incestuoso com a filha mais velha. Moabe significa: desejo, família de um pai. Era irmão de Ben-Ami ou Amom, descendente do incesto de Ló com a filha mais nova e significa: filho de meu povo (Ben-Ami) e artesão (Amom). Eram, portanto, povos aparentados com Israel. O casamento entre moabitas e judeus não era proibido pelo Senhor; apenas, os moabitas e amonitas eram proibidos de entrar no tabernáculo (Dt 23: 3-4), não propriamente pelo pecado de incesto dos seus ancestrais, e sim porque alugaram Balaão para amaldiçoar os israelitas (Nm 22: 1-6).

Outros profetas profetizaram contra Moabe: Is 15: 1 – 16: 14; Is 25: 10-12; Jr 48: 1-47; Ez 25: 8-11; Sf 2: 8-11.

Geograficamente falando, Moabe é o nome histórico de uma faixa de terra montanhosa no que é atualmente a Jordânia, ao longo da margem oriental do Mar Morto. Moabe era uma terra de cidades fortificadas e com muitos rios e correntes de água para regar os campos, propícios a pastos e cultivo de uvas e muitas espécies de árvores, como o bálsamo.

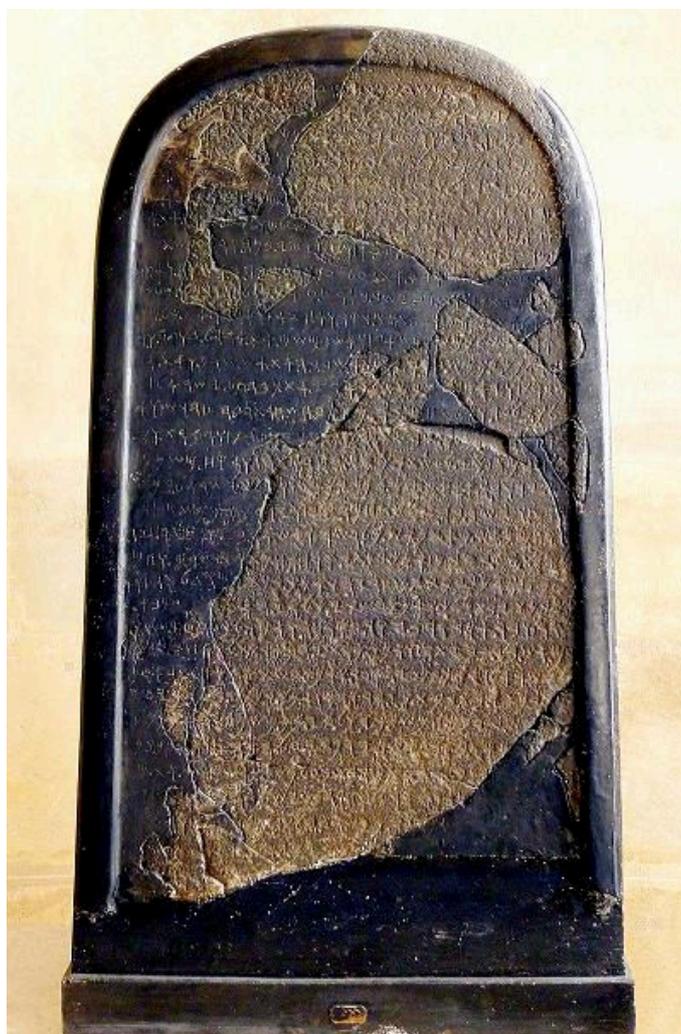
Por isso, Ló escolheu aquela região para morar (Gn 13: 10-12); mais especificamente numa caverna perto de Zoar, antes chamada Bela (Gn 14: 8), na planície localizada ao longo do vale do Jordão inferior e da planície do Mar Morto. Devido às águas que descem das montanhas de Moabe, Zoar era um oásis florescente. Zoar significa ‘pequeno’. Este lugar, provavelmente, pode ser atualmente identificado como Safi (uns dizem que se chama Tell Esh-Shaghur), por detrás do qual o terreno se vai elevando pelo espaço de três ou cinco quilômetros, existindo ali muitas cavernas. Zoar era uma das cinco cidades descritas em Gn 14: 8 [Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim, Bela (Zoar – Gn 19: 20; 22)], a qual foi poupada na destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19: 23-25; 29; 30; Dt 29: 23).

Desde o tempo de Davi, Moabe e Edom eram submissos a Israel e pagava tributo ao rei de Judá (2 Sm 8: 2). Depois, os reis de Moabe começaram a pagar seu tributo aos reis de Israel com cem mil cordeiros e a lã de cem mil carneiros até a morte de Acabe (2 Rs 3: 4-5, por volta de 853 AC), quando Mesa, rei dos Moabitas se rebelou e deixou de pagar o tributo. Ameaçou invadir Israel no reinado de Jorão, filho de Acabe, que junto com Josafá (rei de Judá) e o rei de Edom foram à guerra contra Moabe (2 Rs 3: 7-9). A guerra estava tendo sucesso a favor de Josafá e Jorão, até que Mesa, em desespero, sacrificou seu filho mais velho a seu deus Quemos (2 Rs 3: 26-27). Quando Amós fala

‘queimou os ossos do rei de Edom, até os reduzir a cal’, ele se refere à vingança do rei de Moabe por causa da guerra, ou seja, pelo fato de ter sacrificado o próprio filho e não ter podido matar o rei de Edom naquela ocasião, ele profanou o túmulo deste rei e queimou seus ossos, anos mais tarde, quando este já estava morto, segundo a opinião de alguns historiadores.

Mesa reconstruiu algumas cidades de Moabe à custa de trabalhos forçados dos israelitas, inclusive reservatórios e cisternas, muros, portões, torres e o palácio do rei, construído na cidade de Qarhoh (Karchah).

Todos os detalhes das conquistas de Mesa, o rei moabita, podem ser encontrados na ‘estela de Mesa’ (com data de 840-810 AC), também conhecida como ‘Pedra Moabita’, descoberta intacta em 1868 por um missionário anglicano (Frederick Augustus Klein) na antiga cidade de Dibom (agora Dhiban, Jordânia). Posteriormente a pedra foi quebrada por aldeões locais durante uma disputa sobre sua propriedade. Os fragmentos com a maior parte da inscrição (613 das 1.000 letras que a pedra contém) foram posteriormente recuperados e reunidos. A pedra moabita, reconstruída na década de 1870 por um francês, Ganneau, se encontra no Museu do Louvre.



Pedra Moabita (Estela de Mesa): Os fragmentos castanhos são peças da estela original, enquanto o material preto mais suave é a reconstrução de Ganneau da década de 1870 – Wikipedia.org

Durante a última metade do século VIII AC, Moabe foi subjugado pela Assíria (Salmaneser, Senaqueribe ou Esar-Hadom), e compelida a pagar tributo, mas depois da queda da Assíria, Moabe ficou novamente livre. Moabitas penetraram em Judá nos dias de Jeoaquim (2 Rs 24: 2). Por ocasião da queda de Jerusalém (586 AC), alguns judeus encontraram refúgio em Moabe, mas retornaram quando Gedalias foi nomeado governador (Jr 40: 11). Moabe foi finalmente subjugado por Nabucodonosor e caiu sucessivamente debaixo do controle dos persas e de vários grupos árabes do norte da Arábia, incluindo os quedaritas (aliados dos Nabateus). Os moabitas deixaram de ter existência independente como nação, embora nos tempos pós-exílicos continuassem a ser reconhecidos como uma raça (Ed 9: 1; Ne 13: 1; 23), i.e., a terra de Moabe continuou sendo conhecida por seu nome bíblico por algum tempo. Alexandre Janeu (103-76 AC), rei da Judéia de linhagem sacerdotal Hasmoneana, os subjugou no final do segundo século AC, anexando seu território aos de Samaria e de Iduméia, que já estavam sob o controle de Jerusalém. Mais tarde, a antiga terra de Moabe foi ocupada pelos Nabateus.

- Am 2: 4-5 (Ameaças contra Judá): “Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Judá e por quatro, não sustarei o castigo, porque rejeitaram a lei do Senhor e não guardaram os seus estatutos; antes, as suas próprias mentiras os enganaram, e após elas andaram seus pais [NVI: porque se deixou enganar por deuses falsos, deuses que os seus antepassados seguiram]. Por isso, meterei fogo a Judá, fogo que consumirá os castelos de Jerusalém”.

O profeta dirigiu as profecias anteriores ao povo de Israel, falando que as nações ímpias sofreriam a punição de Deus. Agora, ele fala sobre o reino do sul, Judá, que por seguir conscientemente a idolatria e se desviar dos Seus mandamentos também terão que acertar as contas com Deus. Quando o Senhor fala ‘meterei fogo a Judá, fogo que consumirá os castelos de Jerusalém’ Ele se refere à invasão babilônica, que destruirá o palácio real e as grandes casas dos nobres de Jerusalém. Os falsos deuses enganavam o povo quanto à sua capacidade de salvá-los das suas tribulações. E o povo acreditava nessas mentiras, mas se decepcionariam depois. Judá havia caído nos mesmos pecados de Israel (2 Rs 17: 19; 2 Cr 36: 14-16).

Esse discurso de Amós era preparatório para o próximo, dirigido especificamente à nação de Israel.

- Am 2: 6-16 – Ameaças contra Israel:

- Am 2: 6-7: “Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Israel e por quatro, não sustarei o castigo, porque os juízes vendem o justo por dinheiro [NVI: prata; pois em hebraico, a palavra é keseph, que significa ‘prata’. Nossa versão da bíblia traduz Keseph (‘prata’) usualmente como dinheiro] e condenam o necessitado por causa de um par de sandálias. Suspiram pelo pó da terra sobre a cabeça dos pobres [NVI: Pisam a cabeça dos necessitados como pisam o pó da terra] e pervertem o caminho dos mansos [NVI: e negam justiça ao oprimido]; um homem e seu pai coabitam com a mesma jovem e, assim, profanam o meu santo nome [NVI: Pai e filho possuem a mesma mulher e assim profanam o meu santo nome]”.

Na época de Jeroboão II (782-753 AC – 2 Rs 14: 23-29), a opressão da Síria tinha diminuído sobre Israel devido às vitórias que Deus tinha dado a Jeoás, o pai de Jeroboão II (2 Rs 13: 22-25), e este resolveu estender suas fronteiras (2 Rs 14: 25) e a desenvolver um comércio lucrativo, o que criou uma poderosa classe de negociantes em Samaria. Mas a riqueza não era distribuída equitativamente entre o povo. Permanecia

nas mãos dos negociantes ricos. A opressão contra os pobres era comum (Am 2: 6). Os ricos eram de coração endurecido e indiferente para com as aflições dos famintos (Am 6: 3-6). A justiça se inclinava para os que podiam pagar subornos mais elevados (Am 2: 6; Am 8: 6). Nos períodos de seca (Am 4: 7-9) os pobres só podiam obter recursos entre os agiotas (Am 5: 11; Am 8: 4-6) a quem eram obrigados a hipotecar suas terras e suas pessoas, até seus entes queridos.

Amós fala sobre o descontentamento de Deus contra a exploração dos mais pobres e indefesos (Am 2: 6-7). Os juízes vendiam o justo por dinheiro e, por um par de sandálias condenavam o necessitado; humilhavam os menos privilegiados ('Pisam a cabeça dos necessitados como pisam o pó da terra') e negavam justiça aos oprimidos. Transgrediam a lei de Deus até em relação ao matrimônio, pois pai e filho mantinham relação com a mesma moça e tudo ficava por isso mesmo. O nome do Senhor era profanado com essas atitudes. Provavelmente, o profeta estava se referindo à prostitutas cultuais que participavam do ritual do culto à fertilidade dos Cananeus no templo de Astarte, ritual com o qual os israelitas tinham se envolvido.

- Am 2: 8: "E se deitam ao pé de qualquer altar sobre roupas empenhadas [NVI: Inclinam-se diante de qualquer altar com roupas tomadas como penhor] e, na casa do seu deus, bebem o vinho dos que foram multados [NVI: No templo do seu deus bebem vinho recebido como multa]".

Amós também critica o materialismo e o baixo nível moral de Israel que tinha absorvido isso dos seus vizinhos pagãos (Am 2: 8-16).

A religião era pervertida, com a adoração de falsos deuses, inclusive com ricos cerimoniais e sacrifícios oferecidos à custa dos pobres. As roupas dos pobres eram peças quadradas de tecido, que serviam como cobertas à noite. Os credores estavam exigindo em penhor pela dívida até as vestimentas necessárias para a sobrevivência. O dinheiro coletado dos pobres, de maneira injusta, era gasto para comprar vinho para as festas aos deuses. A lei falava sobre o penhor (Êx 22: 26-27; Dt 24: 12-13), mas ninguém se lembrava dela:

- Êx 22: 26-27: "Se do teu próximo tomares em penhor a sua veste, lha restituirás antes do pôr-do-sol; porque é com ela que se cobre, é a veste do seu corpo; em que se deitaria? Será, pois, que, quando clamar a mim, eu o ouvirei, porque sou misericordioso".

- Dt 24: 12-13: "Porém, se for homem pobre, não usarás de noite o seu penhor; em se pondo o sol, restituir-lhe-ás, sem falta, o penhor para que durma no seu manto e te abençoe; isto te será justiça diante do Senhor, teu Deus".

- Am 2: 9-10: "Todavia, eu destruí diante deles o amorreu, cuja altura era como a dos cedros, e que era forte como os carvalhos [NVI: Fui eu que destruí os amorreus diante deles, embora fossem altos como o cedro e fortes como o carvalho]; e destruí o seu fruto por cima e as suas raízes por baixo. Também vos fiz subir da terra do Egito e quarenta anos vos conduzi no deserto, para que possuísseis a terra do amorreu".

Aqui o Senhor os lembra de que foi Ele que destruiu os amorreus diante deles, quando entraram na Terra Prometida, pois os amorreus eram uma das tribos mais fortes de Canaã, povo de grande estatura, força, poderio e magnificência, semelhante às grandes árvores como os cedros e os carvalhos.

- Am 2: 11-12: "Dentre os vossos filhos, suscitei profetas e, dentre os vossos jovens, nazireus. Não é isto assim, filhos de Israel? — diz o Senhor. Mas vós aos

nazireus destes a beber vinho e aos profetas ordenastes, dizendo: Não profetizeis” (cf. Is 28: 7).

Os Nazireus (consagrados a Deus, como Samuel, Sansão e João Batista) deviam seguir certas regras, entre elas, a de não beber vinho. Mas no meio de uma sociedade corrompida e de sacerdotes irreverentes, eles faziam até o que lhes era proibido.

Nazireu vem do hebraico *nāzīr* (vinha), derivado de *nāzar*: separar, consagrar, abster-se, comparada com a palavra *nezer*: diadema; coroa de Deus, algumas vezes identificada com os cabelos compridos dos Nazireus. Embora na lei de Moisés se fale sobre o Nazireado (Nm 6: 1-21), a origem da prática é pré-mosaica e obscura (semitas e outros povos primitivos). Existiam três regras a serem respeitadas pelo Nazireu:

- Renunciar ao vinho e bebidas tóxicas, vinagre, uvas, passas e tudo o que provém da vinha, desde as sementes até as cascas (Nm 6: 3-4), para manter sua integridade e santidade e não ser possuído por qualquer espírito que não o de Deus (Pv 20: 1; Lv 10: 9-11). Assim, se aproximava dEle de modo mais digno. O significado espiritual para nós dessa abstinência é renunciar às paixões carnis e aos descontroles emocionais, se submetendo ao controle do Espírito Santo.

- Não cortar os cabelos (Nm 6: 5). Os cabelos, para os judeus daquela época, simbolizavam a sede da vida, assim como a vinha (*nāzīr* = vinha não podada – Lv 25: 5; 11; no final do período do voto os cabelos eram queimados sobre o altar – Nm 6: 18-19). Para nós o significado espiritual desta prática é não sair da cobertura espiritual de Deus, mas ter consciência da Sua proteção e da presença do Seu Espírito.

- Não se aproximar de qualquer cadáver (Nm 6: 6), até mesmo no caso de parentes e isso se aplicava também ao sumo sacerdote (Arão não pôde chorar a morte dos seus filhos Nadabe e Abiú que foram mortos pelo Senhor por queimar incenso no altar sem Sua ordem, nem ir ao enterro, pois era o sumo sacerdote: Lv 10: 6-7). Outras referências: Lv 21: 1-4; 10-12. Para nós, o significado disso é não voltar a tocar no que é velho, nas coisas passadas, nas coisas mortas, no pecado.

O Nazireado era normalmente praticado para se conseguir certos favores da parte de Deus. Alguns faziam o voto temporário (no mínimo por trinta dias, como no caso de Paulo – At 18: 18; At 21: 23-24); outros o fizeram como voto vitalício: Samuel, Sansão, João Batista.

- Am 2: 13-16: “Eis que farei oscilar a terra debaixo de vós, como oscila um carro carregado de feixes [NVI: eu os amassarei como uma carroça amassa a terra quando carregada de trigo]. De nada valerá a fuga ao ágil, o forte não usará a sua força, nem o valente salvará a sua vida. O que maneja o arco não resistirá, [NVI: O arqueiro não manterá a sua posição] nem o ligeiro de pés se livrará, nem tampouco o que vai montado a cavalo salvará a sua vida. E o mais corajoso entre os valentes fugirá nu naquele dia, disse o Senhor”.

Por causa de tanta transgressão de Israel (cf. 2 Rs 17: 7-23), o Senhor os entregou nas mãos dos assírios, que os levaram para o cativeiro.

‘Eis que farei oscilar a terra debaixo de vós, como oscila um carro carregado de feixes’ ou ‘eu os amassarei como uma carroça amassa a terra quando carregada de trigo’ – significa que a segurança seria tirada deles; aquilo em que eles confiavam seria removido e eles experimentariam a privação para dar valor àquilo que Deus lhes dava e ao que era profetizado por Seus profetas.

‘O que maneja o arco não resistirá; nem o ligeiro de pés se livrará, nem tampouco o que vai montado a cavalo salvará a sua vida. E o mais corajoso entre os valentes fugirá nu naquele dia, disse o Senhor’ – significa que nem o mais experiente guerreiro poderia

manter-se na sua posição, nem os mais ágeis e capacitados poderiam fugir. O Senhor os entregaria totalmente nas mãos do inimigo.

Oséias (732-723 AC) foi o último rei de Israel (o reino do norte, governando em Samaria, a capital). Salmaneser V da Assíria, no sétimo ano de Oséias (725 AC), subiu contra Israel e o derrotou, mesmo porque este pediu auxílio a Faraó Sô do Egito (2 Rs 17: 4; provavelmente uma abreviatura de (O)so(rkon), Osorkon IV, da 22ª dinastia – 730-712 AC, que reinou em Tânis e Bubástis – ou Tefnacte, da 24ª dinastia, e que reinou em Saís, 732-725 AC). Oséias foi encarcerado. Samaria foi sitiada por três anos (2 Rs 17: 5-6; 2 Rs 18: 9-11). No 9º de Oséias (2 Rs 18: 9-11), Samaria foi tomada por Sargom II (722-705 AC). O rei da Assíria transportou a Israel para a Assíria e o fez habitar em Hala, junto a Habor (2 Rs 17: 6; 2 Rs 18: 11; 1 Cr 5: 26) e ao rio Gozã, e nas cidades dos Medos. Habor – um rio (atualmente Habür), que deságua no Eufrates. Atravessava a província Assíria de Gozã (n^ohar gôzân, ‘rio de Gozã’). No lugar da população israelita, foram trazidos (2 Rs 17: 24; 30-31) os habitantes da Babilônia, de Cuta, Ava, Hamate e Sefarvaim. Ninrode habitou entre Nínive e Cala (Gn 10: 11; provavelmente Hala).

Capítulo 3

- Am 3: 1-15 – O castigo contra a maldade de Israel

- Am 3: 1-2: “Ouvi a palavra que o Senhor fala contra vós outros, filhos de Israel, contra toda a família que ele fez subir da terra do Egito, dizendo: De todas as famílias da terra, somente a vós outros vos escolhi; portanto, eu vos punirei por todas as vossas iniquidades”.

O Senhor diz ao Seu povo que dentre todas as famílias da terra, Ele os escolheu, e os fez sair do Egito. E quando Ele fala ‘toda a família’ Ele está se referindo a todas as doze tribos. Ele os escolheu para ter um relacionamento especial com Ele e ser Sua voz no meio de todas as nações. Através deles, todas as famílias da terra seriam abençoadas; e isso era uma responsabilidade que Deus dava a eles.

Mas como um pai pune seus filhos quando é preciso (Dt 8: 5; Jó 5: 17; Pv 3: 12; Hb 12: 6-7; Ap 3: 19), Ele os puniria por causa do que fizeram, pelos seus pecados (2 Rs 17: 7-23): temeram a outros deuses, ao invés de temer o Senhor; andaram nos estatutos das nações pagãs e nos costumes estabelecidos pelos reis de Israel (Jeroboão I – 1 Rs 12: 25-33); edificaram para si altos idólatras; levantaram colunas e postes-ídolos para adorar; queimaram incenso em todos os altos; cometeram ações perversas para provocarem o Senhor à ira e serviram os ídolos; fizeram para si imagens de fundição, dois bezerros; fizeram um poste-ídolo, e adoraram todo o exército do céu, e serviram a Baal; queimaram a seus filhos e a suas filhas como sacrifício, deram-se à prática de adivinhações e criam em agouros. Por isso, Ele rejeitou a toda a descendência de Israel, e os entregou nas mãos dos assírios, que os despojaram, e os expulsou da Sua presença. Os filhos de Israel andaram em todos os pecados que Jeroboão I tinha cometido. O Senhor advertiu a Israel e a Judá por intermédio de todos os profetas e de todos os videntes, para guardarem os Seus mandamentos e os Seus estatutos, porém eles não lhes deram ouvidos e se tornaram ainda mais obstinados. Judá seguiu o exemplo de Israel.

Quanto a Jeroboão I (1 Rs 12: 25-33), o rei de Israel (as dez tribos que se separaram), com medo de que o povo voltasse a adorar em Jerusalém e retornasse para Roboão, fez dois bezerros de ouro e disse ao povo que aqueles eram os deuses que os fizeram sair do Egito. E pôs um em Betel e o outro, em Dã. Também fez santuários nos altos e, dentre o povo, constituiu sacerdotes que não eram dos filhos de Levi. Ali se queimava incenso. A seu bel-prazer instituiu uma festa no 15º dia do 8º mês, igual à festa dos Tabernáculos que se fazia em Judá, e sacrificou no altar em Betel e em Dã.

O povo e os reis de Israel seguiram o seu exemplo por dois séculos.

- Am 3: 3-7: “Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo? [NVI: Duas pessoas andarão juntas se não estiverem de acordo? (ou ‘tiverem combinado’)] Rugirá o leão no bosque, sem que tenha presa? Levantará o leãozinho no covil a sua voz, se nada tiver apanhado? Cairá a ave no laço em terra, se não houver armadilha para ela? [NVI: Cai o pássaro numa armadilha que não foi armada?] Levantar-se-á o laço da terra, sem que tenha apanhado alguma coisa? Tocar-se-á a trombeta na cidade, sem que o povo se estremeça? Sucederá algum mal à cidade, sem que o Senhor o tenha feito? [NVI: a tenha mandado]. Certamente, o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo [NVI: o seu plano] aos seus servos, os profetas”.

Aqui, o Senhor usa várias metáforas para dizer coisas aos israelitas: duas pessoas não podem andar juntas se não concordarem a respeito de alguma coisa (ou seja, se não

tiverem um compromisso); e que nenhum animal ruge sem que tenha apanhado a presa, como nenhuma ave cai no laço se não houver uma armadilha pronta para ela. Da mesma forma, o laço não se move até que tenha apanhado a presa; um povo não treme de medo na cidade se a trombeta não tocar avisando de um ataque, nem uma cidade sofrerá algum mal (uma calamidade) sem que o Senhor tenha ordenado ou permitido. Tudo isso quer dizer que nada acontece por acaso, e que há sempre uma consequência em todos os atos, sempre há uma reciprocidade, sempre há um aviso primeiro.

Por isso, Ele diz que não vai fazer coisa alguma sem que primeiro Ele use Seus profetas para lhes dar o aviso: ‘Certamente, o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo [NVI: o seu plano] aos seus servos, os profetas’. Quando Deus envia uma calamidade, Ele também revela o propósito dela.

- Am 3: 8-10: “Rugiu o leão, quem não temerá? Falou o Senhor Deus, quem não profetizará? Fazei ouvir isto nos castelos de Asdode [a Septuaginta diz: Assíria] e nos castelos da terra do Egito e dizei: Ajuntai-vos sobre os montes de Samaria e vede que grandes tumultos há nela e que opressões há no meio dela. Porque Israel não sabe fazer o que é reto, diz o Senhor, e entesoura nos seus castelos a violência e a devastação [NVI: acumulam em seus palácios o que roubaram e saquearam]”.

Então, o profeta diz que o leão já rugiu (o leão pode ser o símbolo da marcha do exército assírio). Ele já falou e continua falando pela boca de Seus profetas o que vai acontecer, e até o inimigo já está sabendo. A Filístia, a Assíria e o Egito estão sendo chamados para vir a Samaria e ver quantos pecados há na cidade, quanta corrupção. Há violência, roubo e ganância, dinheiro ganho de maneira ilícita acumulada em seus palácios. Israel perdeu todo o senso moral.

- Am 3: 11-15: “Portanto, assim diz o Senhor Deus: Um inimigo cercará a tua terra, derribará a tua fortaleza, e os teus castelos serão saqueados. Assim diz o Senhor: Como o pastor livra da boca do leão as duas pernas ou um pedacinho da orelha, assim serão salvos os filhos de Israel que habitam em Samaria com apenas o canto da cama e parte do leito. Ouve e protesta contra a casa de Jacó, diz o Senhor Deus, o Deus dos Exércitos: No dia em que eu punir Israel, por causa das suas transgressões, visitarei também os altares de Betel; e as pontas do altar serão cortadas e cairão por terra. Derribarei a casa de inverno com a casa de verão; as casas de marfim perecerão, e as grandes casas serão destruídas, diz o Senhor”.

Então, Amós avisa outra vez que um inimigo (Assíria) cercará a terra de Israel, derrubará as cidades fortificadas e saqueará seus castelos. O Senhor salvará apenas um remanescente, um restinho do que ficar nas garras do inimigo, aqueles pobres e insignificantes dos quais ele não fez conta; ou aqueles que, pela sua pobreza, têm apenas um canto ou um pedaço de cama para se deitar; e sua fuga será como um milagre. No dia que Ele os punir por causa de suas transgressões, o altar de Betel também será destruído; não sobrá nada. As pontas do altar (os chifres) eram o lugar onde se amarravam os animais para o sacrifício. Elas eram sagradas para os israelitas porque o sangue do sacrifício era aplicado nelas (Lv. 4: 30), portanto, cortá-las fora era um ato de profanação. Quem pegava nas pontas do altar estava protegido por Deus, até que fosse provada a sua culpa ou a sua inocência, como aconteceu com Adonias (1 Rs 1: 50). Os palácios dos reis e as casas dos nobres serão totalmente arruinadas.

Capítulo 4

- Am 4: 1-3 – Ameaças contra as mulheres de Samaria

- Am 4: 1-3: “Ouvi esta palavra, vacas de Basã, que estais no monte de Samaria, oprimis os pobres, esmagais os necessitados e dizeis a vosso marido: Dá cá, e bebamos [NVI: Tragam bebidas e vamos beber]. Jurou o Senhor Deus, pela sua santidade, que dias estão para vir sobre vós, em que vos levarão com anzóis [NVI: ganchos] e as vossas restantes com físga de pesca [NVI: e os últimos de vocês com anzóis]. Saireis cada uma em frente de si pelas brechas [NVI: Cada um de vocês sairá pelas brechas do muro] e vos lançareis para Hermom [NVI: e serão atirados na direção do Harmom; ‘montanha de opressão’], disse o Senhor”.

- O profeta Amós, da mesma forma que Isaías (Is 3: 16-26; Is 4: 1; Is 32: 9-19), é um pouco duro com as mulheres de Samaria, que pareciam gozar de um bom status social e ainda participavam da cobiça e da ganância dos seus maridos. Elas tinham sua parcela de culpa nas injustiças cometidas por eles. Amós se refere a elas como ‘vacas de Basã’, pois, tinham uma aparência de quem é bem-alimentado, e tem uma vida luxuosa. Basã ficava a leste do Mar da Galiléia. Ali se plantava trigo e havia muitas pastagens. Seu gado era gordo e com o pêlo brilhante (Dt 32: 14; Sl 22: 12; Ez 39: 18).

- ‘Jurou o Senhor Deus, pela sua santidade’ – talvez por causa desta frase, nós podemos dizer que além das injustiças sociais das quais essas mulheres faziam parte, havia a prática de cultos formais com mistura de ritos pagãos em seus santuários. Por isso, o Senhor as entregaria ao exílio para vindicar Sua santidade.

- ‘Brechas’ se referem às brechas feitas pelos inimigos na muralha da cidade.

- ‘Saireis cada uma em frente de si pelas brechas’ – O Senhor já estava falando que elas iriam para o cativeiro, em fila, uma atrás da outra. É interessante notar que a versão ARA escreve ‘Saireis cada uma em frente de si’, como se referindo às mulheres, mas a NVI escreve: ‘Cada um de vocês sairá pelas brechas do muro’, dando a entender que o artigo indefinido masculino (‘um’) se refere a homens e mulheres de Samaria, levados cativos.

- ‘E vos lançareis para Hermom’ ou ‘e serão atirados na direção do Harmom’ – a palavra Harmon, em hebraico é, Harmown (Strong #2038), diferente de Hermom (Strong #2768 – Chermown, o monte ao norte de Israel). Harmown significa: um castelo, um palácio, uma fortaleza. Isso significa que eles seriam lançados como prisioneiros na fortaleza, no castelo, no palácio (do inimigo), que é a ‘montanha de opressão’ à qual a NVI se refere, ou seja, a fortaleza do inimigo é ironicamente chamada de ‘palácio’, e os habitantes de Samaria seriam atirados nele.

- Am 4: 4-13 – A cegueira espiritual de Israel:

- Am 4: 4-5: “Vinde a Betel e transgredi [NVI: ponham-se a pecar], a Gilgal, e multiplicai as transgressões [NVI: e pequem ainda mais]; e, cada manhã, trazei os vossos sacrifícios e, de três em três dias, os vossos dízimos [ou, no original, ‘a cada três anos’]; e ofereci sacrifício de louvores (*se referia às ofertas pacíficas*) do que é levedado [NVI: Queimem pão fermentado como oferta de gratidão], e apregoai ofertas voluntárias, e publicai-as, porque disso gostais, ó filhos de Israel, disse o Senhor Deus”.

Embora seguissem os rituais religiosos, eles permaneciam interiormente na impiedade e na imoralidade, tentando mascarar as injustiças do dia a dia, e Deus rejeitava esses rituais (Am 4: 4-5; Am 5: 21-27). Os israelitas continuavam a adorar em

Betel, onde estavam também os bezerros de ouro de Jeroboão I (cf. Os 10: 5). Quanto mais eles visitavam os seus santuários, mais se afastavam de Deus; por isso, o profeta fala com ironia: ‘Vinde a Betel e transgredi, a Gilgal, e multiplicai as transgressões’ ou ‘pequem ainda mais’. Mesmo que oferecessem seus dízimos a cada três anos (‘o segundo dízimo’ – Dt 14: 28; Dt 26: 12), e suas ofertas contínuas*, suas ofertas pacíficas (‘sacrifício de louvores’ ou ‘oferta de gratidão’) e suas ofertas voluntárias (Dt 12: 6-7), elas não seriam ofertas aceitas pelo Senhor. O pão sem fermento era usado na Páscoa (Êx 23: 18) e nas ofertas de manjares (Lv 2: 11), mas nas ofertas pacíficas (Lv 7: 12-13), onde o sacerdote participava das refeições comunitárias era permitido o fermento. As ofertas voluntárias (Dt 12: 6-7) referem-se às ofertas espontâneas, que eram a expressão sincera da sua devoção a Deus.

Ofertas contínuas (*) – em Êx 29: 39-42; Êx 30: 7-8 e Nm 28: 1-8 está escrito sobre as ofertas contínuas que eram oferecidas: um cordeiro de um ano, a décima parte de um efa de flor de farinha (1 efa = 17,60 litros), amassada com a quarta parte de um him de azeite batido (1 him = 3,47 litros), e a quarta parte de um him de vinho como libação duas vezes por dia, além do incenso sagrado queimado no altar de ouro por Arão e seus filhos pela manhã e à tarde.

Oferta de manjares	Lv 2: 1-16	Flor de farinha, azeite de oliva, incenso, bolos ou obreias (cozidos, assados ou fritos), com sal. Nada de fermento nem mel. Acompanhava os holocaustos e as ofertas pacíficas (junto com uma libação). Obs.: Obreia: pasta de massa de que é feito o pão asmo.	Ato voluntário de adoração. Reconhecimento da bondade e da providência de Deus. Dedicação a Deus. O azeite simboliza alegria.
Oferta pacífica (simboliza a ceia com o Senhor)	Lv 3: 1-17	Qualquer animal sem defeito do rebanho. Variedade de pães.	Ato voluntário de adoração. Ação de graças e comunhão (era acompanhada de uma refeição comunitária).

• Am 4: 6-9: “Também vos deixei de dentes limpos [NVI: estômagos vazios] em todas as vossas cidades e com falta de pão [NVI: falta de alimentos] em todos os vossos lugares; contudo, não vos convertestes a mim, disse o Senhor. Além disso, retive de vós a chuva, três meses ainda antes da ceifa [NVI: quando ainda faltavam três meses para a colheita]; e fiz chover sobre uma cidade e sobre a outra, não; um campo teve chuva, mas o outro, que ficou sem chuva, se secou. Andaram duas ou três cidades, indo a outra cidade para beberem água, mas não se saciaram; contudo, não vos convertestes a mim, disse o Senhor. Feri-vos com o crestamento e a ferrugem [NVI: castiguei-os com pragas e ferrugem]; a multidão das vossas hortas, e das vossas vinhas, e das vossas figueiras, e das vossas oliveiras, devorou-a o gafanhoto; contudo, não vos convertestes a mim, disse o Senhor”.

O Senhor os havia castigado com seca, fome, queimadas na lavoura (crestamento e ferrugem = queimar pelo sol ou frio intensos, tostar, secar), mas nem mesmo assim eles

se converteram dos seus maus caminhos. As hortas, as vinhas, as figueiras e as oliveiras foram devoradas pelo gafanhoto (cf. Am 7: 1-3), mas isso também não os trouxe de volta a Deus.

- Am 4: 10-11: “Enviei a peste contra vós outros à maneira do Egito; os vossos jovens, matei-os à espada, e os vossos cavalos, deixei-os levar presos, e o mau cheiro dos vossos arraiais fiz subir aos vossos narizes [NVI: Enchi os seus narizes com o mau cheiro dos mortos em seus acampamentos]; contudo, não vos convertestes a mim, disse o Senhor. Subverti alguns dentre vós, como Deus subverteu a Sodoma e Gomorra [NVI: Destruí algumas de suas cidades, como destruí Sodoma e Gomorra], e vós fostes como um tição arrebatado da fogueira [NVI: como um tição tirado do fogo]; contudo, não vos convertestes a mim, disse o Senhor”.

Da mesma maneira que Deus castigou o Egito, Ele os castigou, com pragas e doenças. Seus jovens morreram à espada e seus cavalos foram roubados. Os acampamentos ficaram com mau cheiro por causa dos mortos, entretanto, eles não se lembraram do Senhor nas suas tribulações. O Senhor chegou a destruir algumas de suas cidades como Sodoma e Gomorra, e muitos chegaram a morrer queimados, mas não se converteram. Tudo isso é uma referência à severidade do castigo e à destruição provocada pelas pragas egípcias (cf. Dt 28: 21-27; 31; 45; 48; 60).

- Am 4: 12-13: “Portanto, assim te farei, ó Israel! E, porque isso te farei, prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus. Porque é ele quem forma os montes, e cria o vento, e declara ao homem qual é o seu pensamento; e faz da manhã trevas e pisa os altos da terra; Senhor, Deus dos Exércitos, é o seu nome”.

O Senhor traria sobre eles um julgamento muito maior e que os faria se voltar para Ele em busca de socorro. Não era um aviso para que Israel se preparasse para enfrentar o castigo, mas um chamado ao arrependimento (A Septuaginta diz: prepara-te, ó Israel, para clamar ao teu Deus). O profeta termina descrevendo a majestade, o poder e a soberania de Deus sobre todas as coisas. A natureza revela Sua majestade.

Capítulo 5

- Am 5: 1-20 – Buscai a Deus e vivei

• Am 5: 1-3: “Ouvi esta palavra que levanto como lamentação sobre vós, ó casa de Israel: Caiu a virgem de Israel, nunca mais tornará a levantar-se; estendida está na sua terra, e não há quem a levante. Porque assim diz o Senhor Deus: A cidade da qual saem mil conservará cem, e aquela da qual saem cem conservará dez à casa de Israel [NVI: A cidade que mandar mil para o exército ficará com cem; e a que mandar cem ficará com dez]”.

O profeta se lamenta sobre a terra de Israel, que será assolada de tal maneira que não mais será a mesma. Ele já a vê destruída, sem ter quem a ajude. Seus príncipes e seus habitantes foram mortos pela espada, pela fome e pela peste, ou levados em cativeiro, e assim não podem lhe dar assistência; seus ídolos, a quem ela adorou, também não podem. Amós lembra seu povo do seu passado, quando as cidades tinham um exército grande que saía à guerra, e voltavam vitoriosos. Mas depois que o Senhor começou a lidar com eles, as cidades serão reduzidas no número de seus habitantes, e até do seu exército. 90% dos soldados serão destruídos. Ele chama Israel de virgem porque, até então, a nação nunca tinha sido subjugada por estrangeiros (cf. Jr 18: 13; Jr 31: 4; Jr 31: 21; Lm 2: 13), ou porque sob o ponto de vista espiritual, a nação foi acolhida pelo Senhor como uma virgem casta e, ironicamente, agora, tinha se tornado uma adúltera, adorando os bezerros em Dã e Betel.

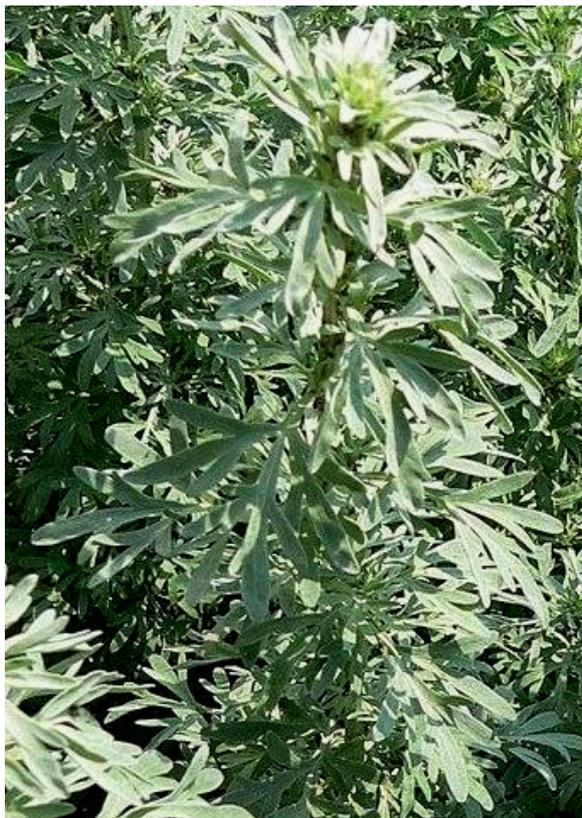
• Am 5: 4-6: “Pois assim diz o Senhor à casa de Israel: Buscai-me e vivei. Porém não busqueis a Betel, nem venhais a Gilgal, nem passeis a Berseba [NVI: não façam peregrinação a Berseba] porque Gilgal, certamente, será levada cativa, e Betel será desfeita em nada. Buscai ao Senhor e vivei, para que não irrompa na casa de José como um fogo que a consuma, e não haja em Betel quem o apague”.

O Senhor faz como que um último apelo: ‘Buscai-me e vivei’. Ele os advertia a não buscar os falsos deuses nos centros de adoração criados por Jeroboão I (desde a época da separação da nação em dois reinos) e seguidos por todos os demais reis de Israel. Betel, Gilgal, Berseba se tornaram centros de cultos corruptos. Betel ficava na tribo de Efraim; Gilgal, no território de Manassés do oeste, próximo à fronteira de Efraim; e Berseba, ao sul, no território de Simeão. Quanto a Dã, onde estava o outro bezerro de ouro de Jeroboão I, ficava ao norte de Israel, na tribo de Naftali.

Se o povo buscasse a Deus e voltasse a fazer sua adoração em Jerusalém, como foi prescrito na lei, eles alcançariam o favor do Senhor e teriam vida. Caso contrário, eles seriam consumidos no fogo da Sua ira.

Embora eles seguissem os rituais religiosos (ainda mais, misturados com adoração idólatra), permaneciam interiormente na impiedade e na imoralidade, tentando mascarar as injustiças do dia a dia, e Deus rejeitava esses rituais.

• Am 5: 7-9: “Vós que converteis o juízo em alosna [NVI: em amargura] e deitais por terra a justiça, procurai o que faz o Sete-estrela [NVI: aquele que fez as Plêiades] e o Órion, e torna a densa treva em manhã, e muda o dia em noite; o que chama as águas do mar e as derrama sobre a terra; SENHOR (YHWH, יהוה – Strong #3068, o mesmo nome dado a Moisés no Sinai) é o seu nome. É ele que faz vir súbita destruição sobre o forte [NVI: sobre a fortaleza] e ruína contra a fortaleza [NVI: sobre a cidade fortificada]”.



Artemisia absinthium – planta



Artemisia absinthium – inflorescência

Deus continua falando que os líderes, os juízes, transformam o direito e a justiça em algo muito amargo e muito venenoso, pois corrompem essa justiça. A alosna (o nome

correto é ‘losna’) é uma erva amarga e venenosa (Jr. 9: 15; Dt. 29: 18), também conhecida como absinto (Ap 8: 11) ou sintro, e cujo nome científico é *Artemisia absinthium*, da família Asteraceae, gênero *Artemisia*. Na Grécia Antiga, esta planta era dedicada à deusa Ártemis (Diana, entre os romanos, deusa da caça e da castidade; protetora das florestas e das crianças). Daí a origem de seu nome científico (*Artemisia absinthium*). É cultivada como planta ornamental. Sua folha tem sabor amargo e é utilizada como planta medicinal na Europa (para estimular o apetite e para aliviar a indigestão – desde 1792 por um médico francês), bem como na fabricação da bebida destilada conhecida como ‘absinto’ (proibida em 1915 em muitos países em virtude de um suposto efeito alucinógeno). Ela contém um princípio ativo que pode causar convulsões epiléticas, espasmos e insuficiência renal quando ingerida em grandes quantidades. É diferente do que se conhece atualmente como Vermute (Em alemão, wermut significa absinto; mas o atual vermute é uma bebida alcoólica à base de vinho com adição de flores ou ervas aromáticas).

Eles precisam buscar Aquele que fez as constelações de Plêiades e o Órion, e é capaz de transformar a escuridão em manhã e o dia em noite; Aquele que criou o mar e seu movimento sobre a terra, e que é capaz de fazer algo mais impressionante que é a destruição de tudo o que Ele mesmo criou, inclusive as fortalezas, onde os homens se sentem seguros e pensam que se escondem da justiça divina; ou, metaforicamente, o orgulho dos homens.

- Am 5: 10-12: “Aborreceis na porta ao que vos repreende [NVI: vocês odeiam aquele que defende a justiça no tribunal] e abominais o que fala sinceramente. Portanto, visto que pisais o pobre e dele exigis tributo de trigo, não habitareis nas casas de pedras lavradas que tendes edificado; nem bebereis do vinho das vides desejáveis que tendes plantado. Porque sei serem muitas as vossas transgressões e graves os vossos pecados; afligis o justo, tomais suborno e rejeitais os necessitados na porta [NVI: impedem que se faça justiça ao pobre nos tribunais]”.

O profeta começou a mostrar os erros abertamente. Os juízes odiavam os que defendiam a justiça e os que falavam a verdade. Como havia injustiça em relação aos pobres, o Senhor diz a eles que não mais habitariam em casas ricas, nem beberiam o vinho das videiras que eles plantavam. A opressão contra os pobres era comum. Os ricos eram de coração endurecido e indiferente para com as aflições dos famintos (Am 6: 3-6). A justiça se inclinava para os que podiam pagar subornos mais elevados (Am 2: 6; Am 8: 6). Nos períodos de seca (Am 4: 7-9) os pobres só podiam obter recursos entre os agiotas (Am 5: 11; Am 8: 4-6) a quem eram obrigados a hipotecar suas terras e suas pessoas, até seus entes queridos.

O Senhor sabia que as transgressões deles eram grandes, e graves eram os seus pecados. Antigamente, a porta da cidade era não apenas um ponto de honra numa cidade fortificada, como símbolo do seu poder, mas era o local onde juízes e anciãos se assentavam; ela era o centro das atividades comerciais e jurídicas. O poder de qualquer cidade era o lugar onde a justiça era administrada (Dt 22: 15). Um juiz ou profeta que repreendia a injustiça perdia sua popularidade (Is 29: 21).

- Am 5: 13-15: “Portanto, o que for prudente guardará, então, silêncio, porque é tempo mau. Buscai o bem e não o mal, para que vivais; e, assim, o Senhor, o Deus dos Exércitos, estará convosco, como dizeis. Aborreci o mal, e amai o bem, e estabelecei na porta o juízo [NVI: estabeleçam a justiça nos tribunais]; talvez o Senhor, o Deus dos Exércitos, se compadeça do restante de José”.

O profeta continua a exortar o povo ao arrependimento, em especial, a praticar a justiça, pois se eles se arrependerem dos seus caminhos e se voltarem ao Senhor, poderão encontrar o Seu favor de novo. O homem prudente, que tiver consciência dos pecados de Israel, guardará silêncio e entenderá o motivo da ira e da punição do Senhor. O remanescente ('restante de José') será salvo por Ele.

- Am 5: 16-20: “Portanto, assim diz o Senhor, o Senhor, Deus dos Exércitos: Em todas as praças haverá pranto; e em todas as ruas dirão: Ai! Ai! [NVI: e gritos de angústia em todas as ruas] E ao lavrador chamarão para o pranto e, para o choro, os que sabem prantear [NVI: Os lavradores serão convocados para chorar e os pranteadores para se lamentar]. Em todas as vinhas haverá pranto, porque passarei pelo meio de ti, diz o Senhor. Ai de vós que desejais o Dia do Senhor! Para que desejais vós o Dia do Senhor? É dia de trevas e não de luz. Como se um homem fugisse de diante do leão, e se encontrasse com ele o urso; ou como se, entrando em casa, encostando a mão à parede, fosse mordido de uma cobra. Não será, pois, o Dia do Senhor trevas e não luz? Não será completa escuridão, sem nenhuma claridade?”

Como em todas as demais profecias do AT, o Dia do Senhor ('dia dos juízos de Deus' ou 'o dia da vinda de Cristo') é descrito como um dia de juízo e escuridão, de trevas, não de luz, como que refletindo a retidão das atitudes de julgamento de Deus para com os que estão em pecado consciente e de coração duro à Sua voz. Sua autoridade é temida na terra e no céu.

O profeta diz que haverá pranto, angústia e lamentos em todas as ruas e entre os que estão na lavoura. Não pensem que o Dia do Senhor virá com alegria para eles, como se fosse dia da vingança de Deus contra os inimigos de Israel; mas será como se um homem fugisse do leão e, de repente, se encontrasse com um urso; ou como se estivesse em casa e, colocando a mão na parede, fosse picado por uma cobra. Serão pegos de surpresa. Não haverá para onde correr nem para onde fugir, pois haverá destruição de uma nação apóstata.

- Am 5: 21-27 – Deus exige justiça e não sacrifícios

- Am 5: 21-24: “Aborreço, desprezo as vossas festas e com as vossas assembléias solenes não tenho nenhum prazer [NVI: não suporte]. E, ainda que me ofereçais holocaustos e vossas ofertas de manjares [NVI: ofertas de cereal], não me agradarei deles, nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais cevados. Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos, porque não ouvirei as melodias das tuas liras. Antes, corra o juízo como as águas [NVI: corra a retidão como um rio]; e a justiça, como ribeiro perene”.

Deus lhes diz que não sente prazer em nenhuma de suas festas e reuniões religiosas, ainda que eles Lhe ofereçam sacrifícios. Não adianta cantar para Ele quando seus corações são corruptos e sua devoção é hipócrita. Ele não se agrada de sacrifícios, mas quer justiça, e que ela flua de maneira constante. Na verdade, Ele estava declarando que, agora, Ele é que faria o Seu juízo prevalecer, até que o que estivesse torto fosse corrigido aos Seus olhos.

- Am 5: 25-27: “**25** Apresentastes-me, vós, sacrifícios e ofertas de manjares no deserto por quarenta anos, ó casa de Israel? **26** Sim, levastes Sicute, vosso rei, Quium, vossa imagem, e o vosso deus-estrela, que fizestes para vós mesmos. **27** Por isso, vos desterrarei para além de Damasco, diz o Senhor, cujo nome é Deus dos Exércitos” (ARA).

A NVI escreve: “Foi a mim que vocês trouxeram sacrifícios e ofertas durante os quarenta anos no deserto, ó nação de Israel? **26** Não! Vocês carregaram o seu rei Sicute, e Quium, imagens dos deuses astrais, que vocês fizeram para si mesmos (ou: ergueram seu rei Sicute e seus ídolos Quium, seus deuses astrais). **27** Por isso, eu vos mandarei para o exílio, para além de Damasco, diz o Senhor; Deus dos Exércitos é o seu nome”.

A Septuaginta diz no v. 26: “levantaram o santuário de Moloque e a estrela do seu deus Renfã, ídolos que fizeram para adorar!” (cf. At 7: 43: “e, acaso, não levantastes o tabernáculo de Moloque e a estrela do deus Renfã, figuras que fizestes para as adorar? Por isso, vos desterrarei para além da Babilônia”). Renfã (em grego: ρεμφαν, Remphan) é uma transliteração errada da palavra original hebraica Kiyuwn, um ídolo egípcio.

O Senhor lembra este povo do momento do êxodo. Eles apresentaram ofertas a outros deuses no deserto, e por isso Sua ira foi tão grande a ponto de consumir toda aquela geração.

Isso significa que Deus já estava avisando Israel da sua deportação para a Assíria (‘Por isso, vos desterrarei para além de Damasco’), após a invasão de Samaria em 722 AC, por causa da idolatria deles. ‘Sicute, vosso rei, Quium, vossa imagem, e o vosso deus-estrela’ (v. 26 – ARA) diz respeito a deuses assírios, mas também adorados no Egito. Sicute (em hebraico: Sikkuth) era um ídolo a quem deram o título de rei. Quium ou Chiun ou Khiun (em hebraico: Kiyyun, Kiyuwn) significa: uma imagem, um pilar. Provavelmente era uma estátua do deus assírio-babilônico do planeta Saturno e, às vezes, é chamado de Kewan ou Kaiwan, significando ‘estrela’. A estrela de Saturno era um deus, o deus da guerra e da luz. Kēwān é a outra pronúncia da palavra persa antiga de Kayvān, que significa Saturno.

Sabemos que Harã ou Padam-Aram, desde a época de Abraão, mantinha relações comerciais e amigáveis com o Egito. Não admira o povo de Israel ter conhecimento deles!

Sakkuth ou Kaiwan ou Chiun são deuses assírios e objetos de adoração idólatra que, em Acadiano, significam ‘o planeta’ ou ‘estrela’, Saturno, também adorados no Egito. Embora tendo sido liberto do Egito, o povo de Israel se lembrou daqueles deuses no deserto.

Agora, com a deportação para a Assíria, os ídolos podiam ser levados ao exílio pelos seus adoradores, para onde essas divindades reinavam soberanas, da mesma forma que tinham sido carregadas por eles ao sair do Egito (cf. At 7: 43, onde Estevão diz: ‘Por isso, vos desterrarei para além da Babilônia’ ao invés de ‘vos desterrarei para além de Damasco’).

Capítulo 6

- Am 6: 1-14 – A corrupção e a destruição de Israel

- Am 6: 1-2: “Ai dos que andam à vontade em Sião e dos que vivem sem receio no monte de Samaria, homens notáveis da principal das nações, aos quais vem a casa de Israel! Passai a Calné e vede; e, dali, ide à grande Hamate; depois, descei a Gate dos filisteus; sois melhores que estes reinos? Ou será maior o seu território do que o vosso território?”

Amós fala sobre os tempos ruins (‘ai’) por vir sobre os homens e mulheres que andavam despreocupados em Samaria e Judá, confiando na fortaleza da sua cidade e nas suas próprias forças, pois os juizes e líderes de Israel e seus habitantes vinham a Samaria em busca de justiça. Ele compara Samaria às cidades que eram motivo de orgulho para os assírios, e à cidade dos filisteus, Gate.

Calné pode ser uma cidade cuja localização ainda é incerta. Alguns estudiosos também associaram esse lugar (Calné) com Calno, que é mencionado em termos semelhantes no Livro de Isaías (Isa 10: 9) e é identificado por alguns arqueólogos como Kulnia, Kullani ou Kullanhu, a moderna Kullan-Köy, entre Carquemis no rio Eufrates e Arpade, perto de Aleppo, no norte da Síria, a cerca de nove quilômetros e seiscentos metros a sudeste de Arpade. Calno ficava na Síria, antes de ser capturada pelos assírios. Calno ou Calné foi associada a Cane (Ez 27: 23), como uma das cidades com as quais Tiro manteve relações comerciais.

Em Gn 10: 10 está escrito que foi uma das quatro cidades fundadas por Ninrode: Babel, Ereque, Acade e Calné. Mas, provavelmente, não se trata da mesma cidade, uma vez que estas quatro cidades estavam localizadas na Caldéia, ao norte da Suméria, e não da região da Mesopotâmia (ao Norte), onde depois se estabeleceu o império assírio. No caso de Ninrode (Gn 10: 10), W. F. Albright (1944) diz que a palavra não se referia a uma cidade, mas foi corrompida de uma expressão que significa: ‘todos eles’.

Arpade foi primeiramente capturada pelos assírios em 754 AC, no reinado de Assurnirari V (755-745 AC), em seus esforços para controlar a rota para Hamate e Damasco, que eram suas aliadas (Jr 49: 23). Arpade foi saqueada por Tiglate-Pileser III em 740 AC, após dois anos de cerco, e novamente por Sargom II, em 720 AC. Sua queda simbolizou o poder avassalador da Assíria (Is 10: 9). Hoje existem ruínas dela em Tell Rifa’ad, a trinta e dois quilômetros a noroeste de Aleppo (Síria).

Hamate, ‘Fortaleza ou recinto sagrado’, foi uma cidade e reino da alta Síria, no vale de Orontes. A entrada de Hamate é uma abertura que dava para o vale Sírio. Era o limite daquele território, cedido aos israelitas (Nm 13: 21), mas eles não chegaram a tomar posse dessa terra. Teve muita importância e prosperidade no tempo de Davi (2 Sm 8: 9-10) e Salomão, sendo que este edificou ali cidades-armazéns (2 Cr 8: 4; 2 Rs 14: 28). Depois da morte de Salomão, Hamate se tornou, outra vez, estado livre, e conservou a sua independência até que o rei Jeroboão II de Israel (782-753 AC) a tomou de Judá, destruindo as suas fortificações (2 Rs 14: 28-29). Mais tarde, Hamate fez parte do império da Assíria (2 Rs 18: 34; Is 10: 9), passando depois para o poder dos caldeus no tempo de Zedequias (Jr 39: 5; Jr 49: 23; Jr 52: 9; 27). Não somente era um importante centro comercial, mas também se tornara notável em virtude do seu sistema de irrigação por meio de grandes rodas (‘norias’), que faziam subir a água do rio Orontes para ser levada à cidade alta. É hoje conhecida pelo nome de Hamãh ou Hama.



Hamate

Na época de esplendor da Assíria, essas cidades eram seu orgulho. Eles achavam que eram invencíveis e que seus comandantes eram tão poderosos como os reis, mas Deus diz que Seu poder atingiria todos esses reinos, cujos deuses eram mais numerosos do que os de Samaria.

Há uma comparação interessante com Is 9: 8, que foi profetizado em relação a Israel (a nação do norte): o despojamento das cidades de Samaria e Damasco (Is 8: 4), a deportação dos habitantes de Damasco para Quir (2 Rs 16: 9) e sua destruição. Depois, em Is 9: 13-21, o profeta descreve um povo desunido, que vive em contendias, cheio de violência uns contra os outros; um povo de índole maldosa, com líderes que ensinam mentiras; e o povo recebe suas mentiras sem questionar. Até os que parecem mais humildes e indefesos como órfãos e viúvas desagradam a Deus, pois não O temem. As tribos do norte brigam entre si e também atacam Judá. Então, em Is 10: 1-4 está escrito: “Ai dos que decretam leis injustas, dos que escrevem leis de opressão; para negarem justiça aos pobres, e arrebatarem o direito aos aflitos do meu povo, a fim de despojarem as viúvas e roubarem os órfãos! Mas que fareis vós outros no dia do castigo, na calamidade que vem de longe? A quem recorrereis para obter socorro e onde deixareis a vossa glória? Nada mais vos resta a fazer, senão dobrar-vos entre os prisioneiros e cair entre os mortos. Com tudo isto, não se aparta a sua ira, e a mão dele continua ainda estendida”. Estes quatro versículos são uma continuação dos últimos versículos do capítulo 9, onde o profeta descreve a maldade do seu povo e, mesmo assim não mostram arrependimento nem mudança; por isso, o Senhor continua com a Sua mão estendida em ira contra eles. Aqui Deus lhes pergunta o que eles farão no dia que forem para o cativo. O que lhes resta apenas é ficar em silêncio e humilhados entre os prisioneiros de guerra ou estendidos junto aos mortos.

Essa era a descrição do que acontecia em Israel e Samaria, como Amós também havia dito.

Gate continuou subordinada a Judá até o tempo de Roboão, que a fortificou (2 Cr 11: 8). Foi capturada por Hazael (843-796 AC), de Damasco, no fim do século IX AC (2 Rs 12: 17, quando este, logo em seguida, investiu contra Judá, no governo de Joás – 835-796 AC), e talvez tenha recuperado sua independência até o tempo de Uzias,

quando este derrubou seu muro, ao fazer campanha na Filístia (2 Cr 26: 6 – derrubou também o muro de Jabné e Asdode); pouco depois, Amós descreve a cidade como pertencente aos filisteus (Am 6: 2), pois é possível que fosse um território filisteu encravado em território judaico, a quem prestava algum tipo de vassalagem. Gate foi sitiada e conquistada por Sargom II da Assíria (722-705 AC), no final do século VIII AC. O local não foi identificado com certeza, embora se pense ter estado a nordeste de Gaza.

O fato de Amós escrever: “Passai a Calné e vede; e, dali, ide à grande Hamate; depois, descei a Gate dos filisteus; sois melhores que estes reinos? Ou será maior o seu território do que o vosso território?” pode estar relacionado com o versículo de Isaías (Is 10: 10), que diz: “O meu poder atingiu os reinos dos ídolos, ainda que as suas imagens de escultura eram melhores [NVI: ‘eram mais numerosas’] do que as de Jerusalém e do que as de Samaria”.

Isso quer dizer que, assim como o rei da Assíria se gabava de ter poder para destruir reinos idólatras maiores do que Samaria, Deus o também o teria para corrigir Seu próprio povo.

- Am 6: 3-6: “Vós que imaginais estar longe o dia mau e fazeis chegar o trono da violência [NVI: Vocês acham que estão afastando o dia mau, mas na verdade estão atraindo o reinado do terror]; que dormis em camas de marfim, e vos espreguiçais sobre o vosso leito, e comeis os cordeiros do rebanho e os bezerros do cevadouro [NVI: e os novilhos mais gordos]; que cantais à toa ao som da lira e inventais, como Davi, instrumentos músicos para vós mesmos; que bebeis vinho em taças e vos ungis com o mais excelente óleo, mas não vos afligis com a ruína de José”.

Como falei anteriormente sobre o reinado de Jeroboão II (2 Rs 14: 23-29) sob qual Amós viveu, os ricos de coração endurecido eram indiferentes para com as aflições dos famintos (Am 6: 3-6), pois comiam bem e viviam muito bem. Imaginavam que o tempo de provação ainda estava longe, mas estavam enganados. Do jeito que eles se comportavam, atraíam a ira de Deus para eles mesmos, cada vez mais.

‘Bebeis vinho em taças’ – as taças comuns não eram suficientemente grandes; por isso, na sua ociosidade e para lhes dar prazer, eles se apropriavam dos vasos comumente usados nos sacrifícios a Deus (Êx 38: 3; Zc 14: 20).

- Am 6: 7-11: “Portanto, agora, ireis em cativeiro entre os primeiros que forem levados cativos, e cessarão as pândegas dos espreguiçadores [NVI: Por isso vocês estarão entre os primeiros a ir para o exílio; cessarão os banquetes dos que vivem no ócio]. Jurou o Senhor Deus por si mesmo, o Senhor, Deus dos Exércitos, e disse: Abomino a soberba de Jacó e odeio os seus castelos; e abandonarei a cidade e tudo o que nela há. Se numa casa ficarem dez homens, também esses morrerão. Se, porém, um parente chegado, o qual os há de queimar [NVI: queimar os corpos], toma os cadáveres para os levar fora da casa e diz ao que estiver no seu mais interior: Haverá outro contigo? E este responder: Não há; então, lhe dirá: Cala-te, não menciones o nome do Senhor [NVI: Calado! Não devemos sequer mencionar o nome do Senhor]. Pois eis que o Senhor ordena, e será destroçada em ruínas a casa grande, e a pequena, feita em pedaços”.

‘Jurou o Senhor Deus por si mesmo, o Senhor, Deus dos Exércitos’ – o Senhor estava jurando pela Sua própria santidade. Essa expressão só é vista na bíblia em Am 4: 2; Am 6: 8 e Jr 51: 14. Há uma expressão parecida com esta em Gn 22: 16 e Hb 6: 13.

O Senhor fala claramente que os levará ao cativeiro, e assim cessarão os banquetes dos que vivem no ócio, sem trabalhar, e vivendo à custa dos pobres. Ele também diz que

abomina a soberba deles e odeia os seus castelos (suas grandes e luxuosas casas). A soberba de Israel parecia estar ligada às suas cidades e aos seus palácios, dos quais eles se orgulhavam.



Ele abandonará a cidade e tudo o que há nela. Seus habitantes serão destruídos e isso também infundirá temor nos seus parentes que restarem.

‘Se numa casa ficarem dez homens, também esses morrerão’ significa que quem não morrer pela espada morrerá de peste. Onde houver pecado o Senhor trará a destruição.

O enterro, para os hebreus, era o modo usual de proceder para com os mortos. A referência aqui à cremação é, provavelmente, por causa da peste, para evitar a contaminação. Ela era feita em casos de necessidade, como aconteceu com Saul e seus filhos (1 Samuel 31: 12), quando os homens de Jabes-Gileade tiraram seus corpos dos muros de Bete-Seã e os queimaram para não serem insultados pelos filisteus. No caso descrito por Amós também parece ser porque morreriam tantos, que um único homem não podia transportar todos os corpos para a sepultura para enterrá-los; portanto, primeiro os cadáveres eram queimados, e depois, os ossos eram enterrados.

‘Cala-te, não menciones o nome do Senhor. Pois eis que o Senhor ordena, e será destrocada em ruínas a casa grande, e a pequena, feita em pedaços’ – isso significa que os parentes e amigos teriam o cuidado de evitar a menção do nome do Senhor por causa do temor do juízo de Deus (Am 8: 3; Hc 2: 20; Sf 1: 7).

- Am 6: 12-14: “Poderão correr cavalos na rocha? E lavrá-la com bois? No entanto, haveis tornado o juízo em veneno e o fruto da justiça, em alosna [NVI: Mas vocês transformaram o direito em veneno, e o fruto da justiça em amargura]. Vós vos alegrais com Lo-Debar [NVI: vocês que se regozijam pela conquista de Lo-Debar (significa ‘nada’)] e dizeis: Não é assim que, por nossas próprias forças, nos apoderamos de Carnaim? [significa ‘chifres’; chifre simboliza força] Pois eis que levantarei sobre vós,

ó casa de Israel, uma nação, diz o Senhor, Deus dos Exércitos, a qual vos oprimirá, desde a entrada de Hamate [no original: Lebo-Hamate] até ao ribeiro da Arabá”.

O profeta volta a falar em nome do Senhor sobre os juízes, que transformaram a justiça e o julgamento correto em algo venenoso e amargo (losna), pois se inclinaram a subornos e favoreceram os mais fortes e poderosos, negligenciando os fracos e pobres. Não era possível julgar as causas usando de métodos errados, pervertendo a justiça, como não se podia lavrar uma rocha com bois, nem correr sobre ela a cavalo. Existem leis naturais, espirituais e morais no universo que não podem ser ignoradas. Eles conquistavam pouco ou nada (‘Lo-Debar’ – lo = nada; debar = pastagem) e ainda se orgulhavam daquilo como se tivessem muito poder, ou se tivessem conquistado qualquer coisa pelo seu próprio poder (‘Carnaim’ = chifres; símbolo de poder e glória). Lo-Debar, aqui, é colocado como o símbolo de ‘ninharia’, de ‘nada’, de coisas pequenas e insignificantes nas quais o povo acreditava, pois provinha de sua imaginação.

- A bíblia fala de uma cidade com o nome de Lo-Debar (2 Sm 9: 4-5; 2 Sm 17: 27), perto de Maanaim, onde Davi recebeu auxílio de alguns amigos quando fugia de Absalão. Esta palavra (Lo-Debar) é escrita como Lo’ Dbar ou Low Dbar ou Lidbir, ou Lidebir no texto Massorético (Js 13: 26 – está escrito: Debir) – Strong #3810, e se refere a uma cidade na fronteira de Gade, perto de Maanaim, e que, provavelmente, é a atual Umm Ed Debar, a quinze quilômetros ao sul do Mar da Galiléia; melhor seria escrevê-la como Lodbar, ‘sem pastagem’; algumas vezes chamada de Debir. Há outra cidade chamada Debir (Js 15: 7) na fronteira norte de Judá, hoje Tugret ed Debr, a três quilômetros a oeste de Ma’ale Adummim.

- Então, o Senhor diz que levantará sobre eles uma nação (a Assíria) que os oprimirá de norte a sul, ou seja, desde Hamate (no norte, na Síria) até a Arabá. Como nós vimos em Am 6: 2 Hamate era uma cidade e reino da alta Síria, no vale de Orontes. Foi o limite que espiado pelos israelitas (Nm 13: 21), mas que não foi conquistado. Arabá (‘arabah = ermo – Strong #6160) é um vocábulo que significa ‘deserto (no sentido de esterilidade); seco, terra desolada, campo, deserto, planície’ e é usada para descrever as estepes do deserto. Arabá (Dt 1: 1; Is 33: 9; Is 35: 1 – onde está escrito: ‘ermo’), especialmente com o artigo ‘o’, é um vale cheio de fendas que corre do Mar da Galiléia até o golfo de Aqaba. O Mar Morto é também chamado de Mar de Arabá. É uma região realmente seca e desértica.

- Como vimos também em Am 5: 7 a losna (o nome correto é ‘losna’) é uma erva amarga e venenosa (Jr. 9: 15; Dt. 29: 18), também conhecida como absinto (Ap 8: 11) ou sintro, e cujo nome científico é *Artemisia absinthium*, da família Asteraceae, gênero *Artemisia*. Na Grécia Antiga, esta planta era dedicada à deusa Ártemis (Diana, entre os romanos, deusa da caça e da castidade; protetora da floresta e das crianças). Daí a origem de seu nome científico (*Artemisia absinthium*). É cultivada como planta ornamental. Sua folha tem sabor amargo e é utilizada como planta medicinal na Europa (para estimular o apetite e para aliviar a indigestão – desde 1792 por um médico francês), bem como na fabricação da bebida destilada conhecida como ‘absinto’ (proibida em 1915 em muitos países em virtude de um suposto efeito alucinógeno). Ela contém um princípio ativo que pode causar convulsões epiléticas, espasmos e insuficiência renal quando ingerida em grandes quantidades. É diferente do que se conhece atualmente como Vermute (Em alemão, wermut significa absinto; mas o atual vermute é uma bebida alcoólica à base de vinho com adição de flores ou ervas aromáticas).

Capítulo 7

- Am 7: 1-17 – A visão do gafanhoto, do fogo e do prumo

• Am 7: 1-3: “Isto me fez ver o Senhor Deus: eis que ele formava gafanhotos ao surgir o rebento da erva serôdia; e era a erva serôdia depois de findas as ceifas do rei [NVI: ele estava preparando enxames de gafanhotos depois da colheita do rei, justo quando brotava a segunda safra]. Tendo eles comido de todo a erva da terra, disse eu: Senhor Deus, perdoa, rogo-te; como subsistirá Jacó? Pois ele é pequeno. Então, o Senhor se arrependeu disso. Não acontecerá, disse o Senhor”.

As visões que Amós teve são símbolos do juízo de Deus (gafanhotos: Am 7: 1-7; fogo: Am 7: 4-6; prumo: Am 7: 7-9; um cesto de frutos de verão: Am 8: 1-14).

A **primeira** delas foi a de um enxame de **gafanhotos** que comiam os brotos na época propícia para a colheita, na primavera (Março-Abril / Abril-Maio; colheita de cevada e trigo). Amós intercedeu e Deus não enviou os gafanhotos devoradores.

‘Erva serôdia’ é o trigo ou a cevada que cresce depois das chuvas serôdias (de março e abril) que prepara a seara para a colheita.

‘As ceifas do rei’ – o primeiro corte da espiga de trigo e cevada era separado para alimentação dos cavalos do rei, antes que o povo cortasse o resto.

Assim, o que ele estava falando é que os gafanhotos iriam comer o produto da colheita destinada à subsistência humana, não o que era dado aos cavalos do rei.

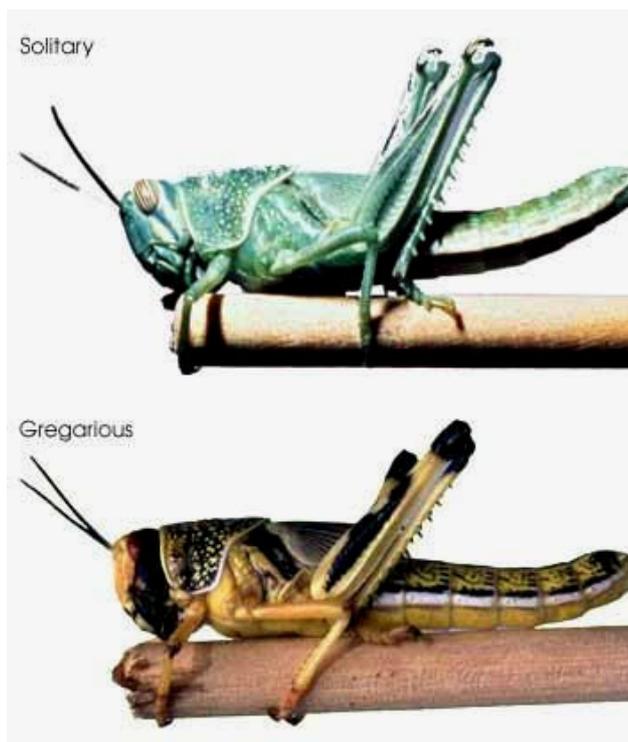
Em inglês, o termo ‘locusta’ é usado para algumas espécies de gafanhotos de chifres curtos na família Acrididae, com pernas traseiras poderosas que os permitem saltar distâncias maiores, e que sob certas condições ambientais e pela estimulação tátil das patas traseiras mudam de cor, comem muito mais e procriam muito mais facilmente, formando enxames. Nenhuma distinção taxonômica é feita entre espécies de gafanhotos e locustas. Os gafanhotos geralmente são insetos solitários. A imagem abaixo mostra as fases: solitária (gafanhoto) e gregária (enxame) da locusta do deserto.



Locusta



Gafanhoto



Locusta do deserto – Wikipédia

• Am 7: 4-6: “Isto me mostrou o Senhor Deus: eis que o Senhor Deus chamou o fogo para exercer a sua justiça; este consumiu o grande abismo e devorava a herança do Senhor [NVI: o qual secou o grande abismo e devorou a terra]. Então, disse eu: Senhor Deus, cessa agora; como subsistirá Jacó? Pois ele é pequeno. E o Senhor se arrependeu disso. Também não acontecerá, disse o Senhor Deus”.

Novamente o profeta teve uma visão, agora com um fogo consumidor que devorava a terra de Israel. Ele intercedeu e o Senhor sustou o castigo. Era o símbolo de mais um conflito entre o Senhor e o Seu povo, como se Ele esperasse que a ‘medida da iniquidade’ deles fosse cheia. Ele executaria o Seu juízo através do fogo.

‘este (*o fogo*) consumiu o grande abismo’ – provavelmente se trata do calor intenso de um verão severo que secou as fontes de água das nascentes e dos rios e assim afetou a terra.

As duas primeiras visões são paralelas com os castigos de Amós 4: 6-11.

- Am 7: 7-9: “Mostrou-me também isto: eis que o Senhor estava sobre um muro levantado a prumo; e tinha um prumo na mão [NVI: o Senhor, com um prumo na mão, estava junto a um muro construído no rigor do prumo]. O Senhor me disse: Que vês tu, Amós? Respondi: Um prumo. Então, me disse o Senhor: Eis que eu porei o prumo no meio do meu povo de Israel; e jamais passarei por ele [NVI: não vou poupá-lo mais]. Mas os altos de Isaque serão assolados, e destruídos, os santuários de Israel; e levantar-me-ei com a espada contra a casa de Jeroboão [NVI: contra a dinastia de Jeroboão]”.

Pela terceira vez o profeta tem uma visão a respeito do juízo de Deus contra o Seu povo, dessa vez com um prumo na Sua mão. O prumo significa que o julgamento de Deus é segundo as regras mais exatas da justiça.

- ‘no meio do meu povo de Israel’ – se refere a Salmaneser, que cercou Samaria por 3 anos e seu filho Sargom II levou o povo cativo para a Assíria.

- ‘Jamais passarei por ele’ – significa não perdoá-los mais, exercer o castigo completo.

Podemos dizer com isso que a paciência de Deus com eles se esgotou. Os altos idólatras seriam assolados, bem como os santuários em Dã e Betel, erguidos desde o tempo de Jeroboão I e aceitos pelos reis que se seguiram até Jeroboão II (quando foi feita esta profecia), e pelos reis que o sucederam (2 Rs 17: 22) até Oséias, quando se deu a queda de Samaria (722 AC), e o povo foi levado cativo.

- ‘Levantar-me-ei com a espada’ – significa o exército assírio (cf. Am 6: 14).

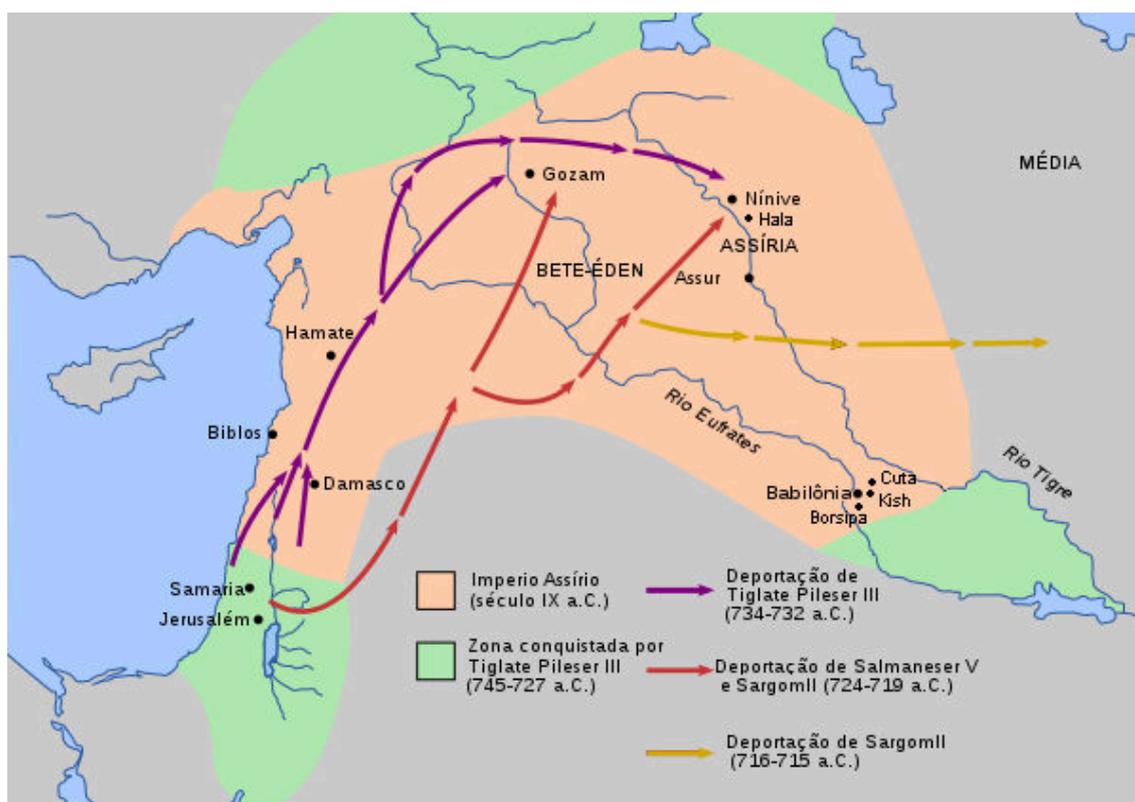
- ‘A casa de Jeroboão’ ou ‘a dinastia de Jeroboão’ não foi necessariamente a descendência de sangue de Jeroboão II, mas seus sucessores, pois muitos reis assumiram o poder através de conspiração contra os seus antecessores. Depois de Jeroboão II vieram: Zacarias (seu filho – 2 Rs 14: 29), Salum (conspirou contra Zacarias – 2 Rs 15: 10), Menaém (conspirou contra Salum – 2 Rs 15: 14), Pecaías (seu filho – 2 Rs 15: 22-23), Peca (conspirou contra Pecaías – 2 Rs 15: 25), Oséias (conspirou contra Peca e o matou – 2 Rs 15: 30).

Tiglate-Pileser III (745-727 AC) conquistou três regiões de Israel entre 734-732 AC: Zebulom, Naftali e Galiléia (2 Rs 15: 29: “Nos dias de Peca, rei de Israel, veio Tiglate-Pileser, rei da Assíria, e tomou a Ijom, a Abel-Bete-Maaca, a Janoa, a Quedes, a Hazor, a Gileade e à Galiléia, a toda a terra de Naftali, e levou os seus habitantes para a Assíria”). As cidades de Naftali que foram conquistadas são: Ijom (1 Rs 15: 20; 2 Rs 15: 29; 2 Cr 16: 4, ao norte de Naftali), Abel-Bete-Maaca (1 Rs 15: 20; 2 Rs 15: 29; 2 Cr 16: 4 – chamada de Abel-Maim; Abel-Bete-Maaca = ‘prado da casa da opressão’), Janoa (2 Rs 15: 29. Significa ‘descanso’), Quedes (2 Rs 15: 29) e Hazor (2 Rs 15: 29. Significa ‘vila’, ‘povoação’. Fica a sudoeste do lago Hulé da Galiléia).

Embora a destruição maior de Tiglate-Pileser III tenha sido em Damasco (732 AC) deportando seu povo para Quir, na Assíria (2 Rs 16: 9), alguns habitantes de Samaria foram junto como os Damascenos para Gozã e Nínive, acontecendo em maior escala dez anos depois, no governo de Sargom II (2 Rs 17: 6; 2 Rs 18: 11; 1 Cr 5: 26). Tiglate-Pileser III matou Rezim (o rei da Síria) e confirmou o reino a Oséias, que havia matado

Peca (2 Rs 15: 29; 2 Rs 17: 1), deixando-o governar em Samaria como seu vassalo (2 Rs 17: 3). Quando Oséias (no 7º ano do seu reinado) se revoltou e pediu auxílio ao Egito (2 Rs 17: 4), Salmaneser V (727-722 AC) sitiou Samaria por três anos (2 Rs 17: 3-6; 2 Rs 18: 9-11). No 9º ano de Oséias, Samaria foi tomada por Sargom II (722-705 AC – 2 Rs 18: 9-11). No lugar da população israelita, foram trazidos os habitantes da Babilônia, de Cuta, Ava, Hamate e Sefarvaim (2 Rs 17: 23-24).

Nas visões anteriores Deus atendeu à intercessão do profeta, mas agora Ele não permitiu mais sua oração. O castigo justo teria de acontecer.



- Am 7: 10-17 – Amós acusado como conspirador

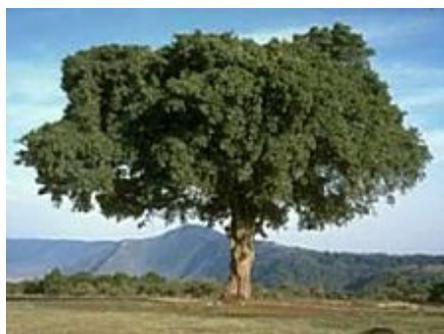
- Am 7: 10-13: “Então, Amazias, o sacerdote de Betel, mandou dizer a Jeroboão, rei de Israel: Amós tem conspirado contra ti, no meio da casa de Israel; a terra não pode sofrer todas as suas palavras [NVI: A nação não suportará as suas palavras]. Porque assim diz Amós: Jeroboão morrerá à espada, e Israel, certamente, será levado para fora de sua terra, em cativeiro. Então, Amazias disse a Amós: Vai-te, ó vidente, foge para a terra de Judá, e ali come o teu pão, e ali profetiza [NVI: Vá profetizar em Judá; vá ganhar lá o seu pão]; mas em Betel, daqui por diante, já não profetizarás, porque é o santuário do rei e o templo do reino”.

O sacerdote idólatra de Betel se levantou contra Amós por causa de suas profecias, e o acusou de conspirar contra o rei Jeroboão, ordenando ao profeta que retornasse a Judá. E lhe disse: ‘Vá profetizar em Judá; vá ganhar lá o seu pão’.

- Am 7: 14-17: “Respondeu Amós e disse a Amazias: Eu não sou profeta, nem discípulo de profeta, mas boieiro e colhedor de sicômoros [NVI: Eu não sou profeta nem pertencço a nenhum grupo de profetas, apenas cuido do gado e faço colheita de

figos silvestres]. Mas o Senhor me tirou de após o gado [NVI: o Senhor me tirou do serviço junto ao rebanho] e o Senhor me disse: Vai e profetiza ao meu povo de Israel. Ora, pois, ouve a palavra do Senhor. Tu dizes: Não profetizarás contra Israel, nem falarás contra a casa de Isaque. Portanto, assim diz o Senhor: Tua mulher se prostituirá na cidade, e teus filhos e tuas filhas cairão à espada, e a tua terra será repartida a cordel, e tu morrerás na terra imunda [NVI: Suas terras serão loteadas, e você mesmo morrerá numa terra pagã], e Israel, certamente, será levado cativo para fora da sua terra”.

Amós respondeu que ele falava por ordem de Deus. Nascido em Tecoa, ao sul de Jerusalém (Am 1: 1), ele era um pastor de Judá, além de ‘colhedor de sicômoros’ (Am 7: 14-15), o que significava que ele não pertencia à classe da qual os profetas usualmente se originavam, nem foi treinado para o ofício profético nas escolas dos profetas. Era, sim, um profeta sem credenciais conhecidas, a não ser o fato de que tinha uma palavra da parte de Deus. Aqui em Am 7: 14, a tradução ‘colhedor de sicômoros’ é incorreta, uma vez que o vocábulo hebraico (‘balac’ – Strong #1103) significa ‘cultivador’ dessa árvore, podando o topo de cada fruto para assegurar que ficaria maduro; ou, segundo alguns estudiosos, fazendo incisões na sua casca com um instrumento especial para soltar o excesso de suco antes de amadurecer; depois de quatro dias é que se colhia a fruta. Sicômoro (hebraico, shiqmâ; em grego, sykomōraia) ou figo-sicômoro (*Ficus sycomorus* L.), uma espécie de figueira brava, é uma árvore grande e vigorosa, abundante no Egito e nas terras baixas da Palestina (1 Rs 10: 27; 2 Cr 1: 15; 2 Cr 9: 27). Os frutos eram comestíveis (um sabor de figo misturado com amora) e de grande valor para Israel, como as oliveiras, pois fazia parte da produção agrária da nação.



Depois de confirmar a origem de sua ordenação como profeta, Amós faz uma profecia contra o sacerdote Amazias: por ser impedido de profetizar em nome do Senhor, este mesmo lhe dizia que a mulher do sacerdote se prostituiria na cidade (seria violada pelos soldados invasores), seus filhos e filhas seriam mortos à espada, sua terra

seria repartida por medida (seriam loteadas) e ele seria exilado e morreria no exílio. Israel, certamente, seria levado cativo também.

Capítulo 8

- Am 8: 1-3 (A visão de um cesto de frutos): “O Senhor Deus me fez ver isto: eis aqui um cesto de frutos de verão. E perguntou: Que vês, Amós? E eu respondi: Um cesto de frutos de verão [NVI: frutas maduras]. Então, o Senhor me disse: Chegou o fim para o meu povo de Israel; e jamais passarei por ele [NVI: não mais o pouparei]. Mas os cânticos do templo, naquele dia, serão uivos, diz o Senhor Deus; multiplicar-se-ão os cadáveres; em todos os lugares, serão lançados fora. Silêncio!”

Amós teve uma quarta visão como um cesto de frutos de verão, ou seja, de frutos inteiramente maduros, dando a entender que Israel já estava no ponto de ser ‘colhido’ pelos assírios, ou que o castigo de Deus já estava pronto a ser exercido.

- ‘Chegou o fim’ – o fim estava próximo para o reino do norte.
- ‘Os cânticos do templo, naquele dia, serão uivos’ – os cânticos de adoração e júbilo dariam lugar a gritos de dor e terror por causa da invasão. Muitos seriam os mortos em todos os lugares da nação.
- ‘Silêncio’ – uma palavra vinda do Senhor para que não mais houvesse intercessão por parte do profeta, ou por causa dos gritos, ou seja, Deus não ouviria mais as orações daquele povo, pois agora era tarde demais.

Embora Tiglate-Pileser III tenha começado a agir na região da Síria por volta de 743 AC, e Menaém, rei de Israel, tenha lhe pagado nesta época um alto tributo para que ele o ajudasse a consolidar seu reino e saísse da terra (2 Rs 15: 19-20), acabou voltando em 734 AC, quando iniciou a guerra Siro-Efraimita, no reinado de Peca de Israel (740-732 AC), e Acaz, de Judá (732-716 AC).

- Am 8: 4-14 (A ruína de Israel está perto):

- Am 8: 4-6: “Ouvi isto, vós que tendes gana contra o necessitado e destruíis os miseráveis da terra [NVI: Ouçam, vocês que pisam os pobres e arruinam os necessitados da terra], dizendo: Quando passará a Festa da Lua Nova, para vendermos os cereais? E o sábado, para abriremos os celeiros de trigo [NVI: para que comercializemos o trigo], diminuindo o efa (17,62 litros), e aumentando o siclo (11,42 gramas), e procedendo dolosamente com balanças enganadoras, para comprarmos os pobres por dinheiro e os necessitados por um par de sandálias e vendermos o refugo do trigo? [NVI: vendendo até palha com o trigo?]”.

Como foi comentado em capítulos anteriores, na época de Jeroboão II (782-753 AC – 2 Rs 14: 23-29), ele resolveu desenvolver um comércio lucrativo, o que criou uma poderosa classe de negociantes em Samaria. Mas a riqueza não era distribuída equitativamente entre o povo. Permanecia nas mãos dos negociantes ricos. A opressão contra os pobres era comum (Am 2: 6). Os ricos eram de coração endurecido e indiferente para com as aflições dos famintos (Am 6: 3-6). A justiça se inclinava para os que podiam pagar subornos mais elevados (Am 2: 6; Am 8: 6). Nos períodos de seca (Am 4: 7-9), os pobres só podiam obter recursos entre os agiotas (Am 5: 11; Am 8: 4-6) a quem eram obrigados a hipotecar suas terras e suas pessoas, até seus entes queridos.

A Festa da Lua Nova (Nm 28: 11; 14; 1 Sm 20: 5; 18; 24; 2 Cr 8: 13; Is 66: 23), assim como o sábado (Êx 23: 12; Êx 35: 1-3), eram dias sagrados, quando as ocupações normais eram proibidas, pois eram dias de descanso. E isso irritava um pouco os comerciantes gananciosos, que só pensavam em dinheiro e lucro. O mês (yarah ou yare'ach = lua) tinha início (Nm 10: 10) quando o crescente da lua nova era visto pela primeira vez ao pôr-do-sol, celebrando o início dos meses.

‘Diminuindo o efa, e aumentando o siclo’ – os comerciantes usavam medidas menores que as justas e pesos mais pesados para enganar, recebendo mais que o devido nos negócios. Eles alteravam suas balanças, para que seus clientes saíssem no prejuízo quando compravam a peso.

- Am 8: 7-8: “Jurou o Senhor pela glória de Jacó [NVI: O Senhor jurou contra o orgulho de Jacó]: Eu não me esquecerei de todas as suas obras, para sempre! [NVI: Jamais esquecerei coisa alguma do que eles fizeram]. Por causa disto, não estremecerá a terra? E não se enlutará todo aquele que habita nela? Certamente, levantar-se-á toda como o Nilo, será agitada e abaixará como o rio do Egito [NVI: Toda esta terra se levantará como o Nilo; será agitada e depois afundará como o ribeiro do Egito]”.

O Senhor disse que por causa do orgulho dos habitantes de Israel, Ele não se esqueceria de suas más obras, e por causa delas haveria uma manifestação do Seu descontentamento (‘a terra tremeria’) e muitos chorariam. A próxima frase é uma figura de linguagem para descrever as grandes mudanças que Ele operaria ali, movendo o governo e até a natureza, se necessário, trazendo uma calamidade sobre o povo que pareceria como um terremoto agitando a terra ou como o transbordamento do Nilo, que traz uma grande inundação, e depois que a água baixa, deixa lama esparramada em grande quantidade sobre suas margens, e demora mais ou menos dois meses para se ver os campos de novo. Quanto mais cedo os lavradores ararem e semearem a terra, melhores serão as colheitas. A enchente é maior no Médio e no Alto Egito durante o verão por causa da chuva, e é necessária para irrigar a terra, mas não acontece de maneira tão intensa no Baixo Egito (Delta), onde chove mais freqüentemente. Entretanto, se a inundação for maior do que o esperado, as águas afogarão o gado e todos os outros animais. Essa profecia de Amós mais parece uma referência à invasão assíria de Salmaneser V e de seu filho Sargom II.

- Am 8: 9-10: “Sucederá que, naquele dia, diz o Senhor Deus, farei que o sol se ponha ao meio-dia e entenebrecei a terra em dia claro [NVI: Farei o sol se pôr ao meio-dia e em plena luz do dia escurecerei a terra]. Converterei as vossas festas em luto e todos os vossos cânticos em lamentações; porei pano de saco sobre todos os lombos e calva sobre toda cabeça; e farei que isso seja como luto por filho único, luto cujo fim será como dia de amarguras”.

No meio da prosperidade (meio-dia; plenitude), quando eles pensam que tudo é seguro e bem estabelecido, Deus enviará grande aflição. Outros profetas descrevem também as calamidades com este tipo de metáfora: Jr 15: 9; Ez 32: 7-8.

- ‘entenebrecei a terra em dia claro’ – A nuvem escura das conspirações foi o começo para a assolação posterior dos assírios, tornando Israel um reino completamente escuro, onde cessaram as festas e veio o luto, os cânticos se transformaram em lamentações; as vestes deram lugar ao pano de saco, como um luto que é experimentado pela morte de um filho único.

Mas nós podemos perguntar: “E houve ainda algum momento de prosperidade verdadeira para Israel, com um governo como o de Jeroboão II e com o que aconteceu com seus sucessores?”

Vamos nos lembrar do que Deus disse em Am 7: 9: “... levantar-me-ei com a espada contra a casa de Jeroboão”. Sob o ponto de vista carnal, no reinado de Jeroboão II (782-753 AC – 2 Rs 14: 23-29) a opressão da Síria tinha diminuído sobre Israel devido às vitórias que Deus tinha dado a Jeoás (798-783 AC), o pai de Jeroboão II (2 Rs 13: 22-25), e este resolveu estender suas fronteiras (2 Rs 14: 25) e a desenvolver um

comércio lucrativo, o que criou a poderosa classe de negociantes já referida anteriormente. Mas do ponto de vista espiritual, a nação já andava em trevas.

Voltando à profecia de Am 7: 9, ‘A casa de Jeroboão’ ou ‘a dinastia de Jeroboão’ não foi necessariamente a descendência de sangue de Jeroboão II, mas seus sucessores, pois muitos reis assumiram o poder através de conspiração contra os seus antecessores. Depois de Jeroboão II vieram: Zacarias (seu filho – 2 Rs 14: 29), Salum (conspirou contra Zacarias – 2 Rs 15: 10), Menaém (conspirou contra Salum – 2 Rs 15: 14), Pecaías (seu filho – 2 Rs 15: 22-23), Peca (conspirou contra Pecaías – 2 Rs 15: 25), Oséias (conspirou contra Peca e o matou – 2 Rs 15: 30).

Embora Tiglate-Pileser III (745-727 AC) tenha começado a agir na região da Síria por volta de 743 AC, e Menaém, rei de Israel, tenha lhe pagado nesta época um alto tributo para que ele o ajudasse a consolidar seu reino e saísse da terra (2 Rs 15: 19-20), acabou voltando em 734 AC, quando iniciou a guerra Siro-Efraimita, no reinado de Peca de Israel (740-732 AC), e Acaz, de Judá (732-716 AC). O rei assírio conquistou três regiões de Israel entre 734-732 AC: Zebulom, Naftali e Galiléia (2 Rs 15: 29). Embora a destruição maior tenha sido em Damasco (732 AC – 2 Rs 15: 29), deportando seu povo para Quir, na Assíria (2 Rs 16: 9), alguns habitantes de Samaria foram junto como os Damascenos para Gozã e Nínive, acontecendo em maior escala dez anos depois, no governo de Sargom II (2 Rs 17: 6; 2 Rs 18: 11; 1 Cr 5: 26).

Tiglate-Pileser III matou Rezim (rei da Síria) e confirmou o reino a Oséias, que havia matado Peca (2 Rs 15: 29; 2 Rs 17: 1), deixando-o governar em Samaria como seu vassalo (2 Rs 17: 3). Quando Oséias se revoltou e pediu auxílio ao Egito (2 Rs 17: 4), Salmaneser V (727-722 AC) sitiou Samaria por três anos (2 Rs 17: 3-6; 2 Rs 18: 9-11). No 9º ano de Oséias (722 AC), Samaria foi tomada por Sargom II (722-705 AC – 2 Rs 18: 9-11) e seus habitantes, exilados. No lugar da população israelita, foram trazidos os habitantes da Babilônia, de Cuta, Ava, Hamate e Sefarvaim (2 Rs 17: 23-24).

• Am 8: 11-14: “Eis que vêm dias, diz o Senhor Deus, em que enviarei fome sobre a terra [NVI: a toda esta terra], não de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor. Andarão de mar a mar e do Norte até ao Oriente; correrão por toda parte, procurando a palavra do Senhor, e não a acharão. Naquele dia, as virgens formosas e os jovens desmaiarão de sede [NVI: Naquele dia as jovens belas e os rapazes fortes desmaiarão de sede], os que, agora, juram pelo ídolo de Samaria e dizem: Como é certo viver o teu deus, ó Dã! E: Como é certo viver o culto de Berseba [NVI: Juro pelo nome do deus [ou poder] de Berseba]! Esses mesmos cairão e não se levantarão jamais”.

‘Eis que vêm dias, diz o Senhor Deus, em que enviarei fome sobre a terra, não de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor’ – aqui há uma referência interessante sobre a sede da palavra de Deus, o que nos faz pensar não somente no provável teor apocalíptico da profecia como também no Período Intertestamentário, em que o povo viveu um longo período de silêncio de Deus, que já não falava mais pela boca dos Seus profetas. Também este trecho é considerado pelos estudiosos como o momento do cativeiro na Assíria ou a rejeição dos Judeus a Cristo, que fez com que Sua palavra e Sua graça fossem retiradas deles e passadas aos gentios. De qualquer forma, isso significa que o povo ansiaria por ouvir as palavras que por tanto tempo ignoraram. Os cultos idólatras de Samaria e Berseba seriam abolidos.

Capítulo 9

- Am 9: 1-11 – Os juízos de Deus são inevitáveis

• Am 9: 1-2: “Vi o Senhor, que estava em pé junto ao altar; e me disse: Fere os capitéis, e estremecerão os umbrais [NVI: Bata no topo das colunas para que tremam os umbrais], e faze tudo em pedaços sobre a cabeça de todos eles; matarei à espada até ao último deles; nenhum deles fugirá, e nenhum escapará. Ainda que desçam ao mais profundo abismo, a minha mão os tirará de lá [NVI: Ainda que escavem até às profundezas (sheol = sepultura, pó ou morte; inferno, poço), dali a minha mão irá tirá-los]; se subirem ao céu, de lá os farei descer”.

O Senhor deu uma última visão ao profeta, onde Ele estava em pé junto ao altar e disse a Amós para bater no topo das colunas do templo para que a porta tremesse, até que tudo se fizesse em pedaços e caísse sobre o povo e os matasse. Porque era esse o Seu propósito: matá-los-ia à espada, e nenhum deles conseguiria escapar, nem que tentasse se esconder nos lugares mais absurdos (no céu ou na sepultura, no ‘abismo’ ou ‘nas profundezas’ – Seol era o lugar dos mortos). Deus os acharia mesmo assim.

Esta visão é diferente das outras porque o Senhor apareceu para o profeta e, portanto, ele não faz uso de símbolos. O Senhor estava junto ao altar e por ali mesmo começou a destruição, ou seja, pelo centro da idolatria.

• Am 9: 3-4: “Se se esconderem no cimo do Carmelo, de lá buscá-los-ei e de lá os tirarei; e, se dos meus olhos se ocultarem no fundo do mar, de lá darei ordem à serpente, e ela os morderá. Se forem para o cativoiro diante de seus inimigos, ali darei ordem à espada, e ela os matará; porei os olhos sobre eles, para o mal e não para o bem”.

O Carmelo é um monte ao norte de Israel onde a vegetação é bastante abundante e, portanto, um lugar favorável para alguém se esconder. Por isso, o Senhor diz que mesmo que eles se escondessem no Carmelo, Ele os buscaria e os tiraria de lá. Se eles se ocultassem no fundo do mar, o Senhor daria ordem à serpente marinha que os mordesse. Se forem para o cativoiro, ali serão mortos à espada. O Senhor fala para Amós que Seus olhos estarão sobre eles para o mal e não para o bem. O que podemos dizer é que não há lugar onde alguém possa se esconder da presença do Senhor, pois tudo é claro aos Seus olhos. Por isso Davi disse no Salmo 139: 7-12: “Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a tua mão, e a tua destra me susterá. Se eu digo: as trevas, com efeito, me encobrirão, e a luz ao redor de mim se fará noite, até as próprias trevas não te serão escuras; as trevas e a luz são a mesma coisa”.

• Am 9: 5-6: “Porque o Senhor, o Senhor dos Exércitos, é o que toca a terra, e ela se derrete, e todos os que habitam nela se enlutarão [NVI: pranteiam]; ela subirá toda como o Nilo e abaixará como o rio do Egito [NVI: ele ergue toda a terra como o Nilo, e depois a afunda como o ribeiro do Egito]. Deus é o que edifica as suas câmaras no céu [no original: ‘a sua escadaria até os céus’] e a sua abóbada fundou na terra; é o que chama as águas do mar e as derrama sobre a terra; Senhor é o seu nome”.

Amós descreve aqui a majestade de Deus, Sua soberania sobre todas as coisas (natureza, nações, seres humanos). Se Ele tem domínio sobre tantas coisas, não teria domínio sobre aquele povo de Israel? Ele volta a falar sobre as enchentes do Nilo, como

em Am 8: 8, o que reafirma sua mensagem de que Ele vai fazer mudanças naquela nação.

- Am 9: 7-8: “Não sois vós para mim, ó filhos de Israel, como os filhos dos etíopes? [NVI: Vocês, israelitas, não são para mim melhores do que os etíopes] – diz o Senhor. Não fiz eu subir a Israel da terra do Egito, e de Caftor [Nota NVI: Creta], os filisteus, e de Quir, os siros [NVI: arameus]? Eis que os olhos do Senhor Deus estão contra este reino pecador, e eu o destruirei de sobre a face da terra; mas não destruirei de todo a casa de Jacó, diz o Senhor”.

O Senhor diz a eles que Ele formou todas as nações, e que eles não são melhores do que os etíopes. Ele tirou Israel da terra do Egito, como tirou os filisteus de Creta, e os arameus de Quir. Se uma vez Ele moveu os povos do seu lugar, Ele pode fazer de novo. Também fala que está desagrado desse povo pecador e que o destruirá, mas deixará um remanescente.

- Am 9: 9-10: “Porque eis que darei ordens e sacudirei a casa de Israel entre todas as nações, assim como se sacode trigo no crivo, sem que caia na terra um só grão [NVI: tal como o trigo é abanado numa peneira, e nem um grão cai na terra]. Todos os pecadores do meu povo morrerão à espada, os quais dizem: O mal não nos alcançará, nem nos encontrará”.

O Senhor fala da dispersão do Seu povo entre as nações, e também da Sua purificação, como o trigo é peneirado para remover a palha e outros resíduos, mas o grão continua ali, sem cair no chão. Os pecadores morreriam à espada, o que nos faz pensar que o bom trigo, aqueles que Lhe pertenciam seriam o remanescente santo que veria a restauração de Deus, pois isso nos leva ao raciocínio dos próximos versículos, que é a restauração do reino de Davi, mais especificamente o Messias. Amós sabia que a vontade de Deus seria feita na História.

- Am 9: 11-12: “Naquele dia, levantarei o tabernáculo caído de Davi [NVI: a tenda caída de Davi], repararei as suas brechas; e, levantando-o das suas ruínas [NVI: Consertarei o que estiver quebrado, e restaurarei as suas ruínas], restaurá-lo-ei como fora nos dias da antiguidade [NVI: Eu a reerguerei, para que seja como era no passado]; para que possuam o restante de Edom e todas as nações que são chamadas pelo meu nome [A Septuaginta diz: ‘para que o remanescente e todas as nações que levam o meu nome busquem o Senhor’], diz o Senhor, que faz estas coisas”.

- ‘Naquele dia’ diz respeito à primeira vinda de Jesus e à conversão dos gentios – cf. At 15: 14-18: “... expôs Simão [*Pedro*] como Deus, primeiramente, visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome. Conferem com isto as palavras dos profetas, como está escrito: Cumpridas estas coisas, voltarei e reedificarei o tabernáculo caído de Davi; e, levantando-o de suas ruínas, restaurá-lo-ei. Para que os demais homens busquem o Senhor, e também todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o meu nome, diz o Senhor, que faz estas coisas conhecidas desde séculos”.

- ‘Levantar a tenda caída de Davi [o tabernáculo caído de Davi]’ é uma referência profética sobre o reino espiritual de Jesus, onde Israel e Judá estariam juntos e poderiam viver livres diante do Senhor, adorando-o sem rituais desnecessários e vazios, e um reinado do qual os gentios também poderiam ter o direito de participar, pois Jesus seria o pastor de todos. ‘A tenda caída de Davi’ significava a humilhação em que estava a Casa de Davi, sem governante à altura para que Deus pudesse manter Sua promessa de um descendente davídico no trono. E isso tinha acontecido por causa da idolatria e da rebeldia de Israel, que contaminou a casa de Judá, provocando sobre ela também a ira

de Deus. Porém, Jesus veio trazendo um reino espiritual para todos os que o aceitassem como Senhor e Salvador. Nós, gentios, somos o Israel espiritual de Deus. O que no AT era físico, agora é espiritual (Ef 6: 12; 2 Co 10: 3-6).

A visão de Amós do reino messiânico no trono de Davi inclui os gentios (aqui representados por Edom).

- Am 9: 13-15: “Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que o que lavra segue logo ao que ceifa, e o que pisa as uvas, ao que lança a semente; [NVI: em que a ceifa continuará até o tempo de arar, e o pisar das uvas até o tempo de semear] os montes destilarão mosto, e todos os outeiros se derreterão [NVI: Vinho novo gotejará dos montes e fluirá de todas as colinas]. Mudarei a sorte do meu povo de Israel [NVI: Trarei de volta Israel, o meu povo exilado]; reedificarão as cidades assoladas e nelas habitarão, plantarão vinhas e beberão o seu vinho, farão pomares e lhes comerão o fruto [NVI: cultivarão pomares e comerão do seu fruto]. Plantá-los-ei na sua terra, e, dessa terra que lhes dei, já não serão arrancados, diz o Senhor, teu Deus”.

‘Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que o que lavra segue logo ao que ceifa, e o que pisa as uvas, ao que lança a semente; [NVI: em que a ceifa continuará até o tempo de arar, e o pisar das uvas até o tempo de semear]’ – isso significa prosperidade, fertilidade, uma frutificação constante. O trabalho das mãos dará fruto durante o ano todo. Esse pensamento pode se estender à vinda do Messias, à primeira vinda de Cristo, embora muitos raciocinem sobre isso colocando o texto sob a ótica do milênio judaico (material). O reino espiritual trazido por Jesus supriu Seus filhos (aqueles que o receberam com o coração aberto) com a certeza de que quem está Nele está em constante processo de frutificação espiritual e debaixo da Sua prosperidade. Não há motivo para se pensar num milênio material quando sabemos que a vinda de Cristo foi um plano de Deus Pai que surpreendeu a humanidade no que ela pensava a respeito da Sua justiça e da Sua capacidade de restituir Seus filhos. O pensamento dos profetas daquela época, embora sendo usados por Deus para revelar Seus projetos aos homens, estava permeado com a opinião humana e a visão limitada de algo que não conseguiam entender nem imaginar (“Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas” – 1 Co 14: 32).

- ‘Os montes destilarão mosto, e todos os outeiros se derreterão [NVI: Vinho novo gotejará dos montes e fluirá de todas as colinas]’ – isso se assemelha muito à profecia de Joel (Jl 3: 18): “E há de ser que, naquele dia, os montes destilarão mosto [NVI: ‘gotejarão vinho novo’], e os outeiros manarão leite [NVI: ‘das colinas manará leite’], e todos os rios de Judá estarão cheios de águas; sairá uma fonte da Casa do Senhor e regará o vale de Sitim” – ‘naquele dia’ significa: o dia da primeira vinda de Cristo. Vinho é símbolo da abundância de videiras que foram cultivadas em áreas terraplanadas nas colinas da Palestina, entre as rochas (Am 9: 13), vinhas plantadas sobre as montanhas. Por isso, o profeta diz que os montes destilarão mosto (vinho novo).

- ‘Os outeiros manarão leite’ – isto é, rebanhos produzindo leite abundantemente, através da riqueza das pastagens nas regiões montanhosas.

- ‘Os rios de Judá estarão cheios de água’ – na Palestina, onde a chuva cai somente durante certo período do ano, a paisagem é recortada por muitos vales estreitos e leitos de riachos (em hebraico, nahal; ou em árabe, wadīs), que só exibem água durante a estação chuvosa. Frequentemente pode ser encontrada água subterrânea nesses wadis durante os meses de estio (Gn 26: 17; 19). Os rios perenes atravessam vales (no hebraico, ‘emeq = vales) e planícies mais largas, ou então cortam gargantas estreitas através da rocha. Assim, na vinda de Cristo, o Senhor promete abundância da água da Sua palavra e da presença do Seu Espírito enchendo Seu povo e saciando sua sede.

- ‘Sairá uma fonte da Casa do Senhor e regará o vale de Sitim’ (ou vale das acácias) – Sitim (Nm 25: 1; Js 2: 1; Mq 6: 5) era lugar de idolatria e imoralidade, defronte de Jericó, nas planícies de Moabe, a leste do Jordão. Isso quer dizer que após o arrependimento sincero, o povo que antes era depravado, receberá a água doadora de vida, no Dia do Senhor (A primeira vinda de Cristo). A acácia é um arbusto que só cresce em regiões áridas; portanto, isso também significa que mesmo o deserto, um lugar árido de vida, será regado pela bênção (água) de Jerusalém. Por isso, Ezequiel (Ez 47: 1) descreve as águas saindo de debaixo do limiar do templo e fluindo para o Mar Morto, tornando saudáveis as suas águas (Ez 47: 8). Também em Zc 14: 8 as águas fluem de um lado para o Mediterrâneo, do outro lado para o Mar Morto, perto do qual Sitim estava situado, significando o evangelho brotando como uma fonte de água ininterrupta para todo o mundo, para conversão de judeus e gentios.

- v. 14-15: “Mudarei a sorte do meu povo de Israel [NVI: Trarei de volta Israel, o meu povo exilado]; reedificarão as cidades assoladas e nelas habitarão, plantarão vinhas e beberão o seu vinho, farão pomares e lhes comerão o fruto [NVI: cultivarão pomares e comerão do seu fruto]. Plantá-los-ei na sua terra, e, dessa terra que lhes dei, já não serão arrancados, diz o Senhor, teu Deus”.

‘Mudarei a sorte do meu povo de Israel [NVI: Trarei de volta Israel, o meu povo exilado]’ – mudar a sorte do Seu povo era uma promessa de que Israel seria uma nação restaurada à sua terra, que seria reconstruída e prosperaria. Pode ser referir, como traduz a NVI, ao retorno do cativo [‘Trarei de volta Israel, o meu povo exilado’]; porém, nós podemos pensar também que, ‘trazer de volta o meu povo’ ou ‘mudar a sorte do meu povo’ se refira a trazê-los de volta à comunhão espiritual com seu Deus. Ele não apenas estava lhes dando a promessa de habitar em sua terra após o retorno do cativo (Jr. 24: 6; Jr 32: 41; Jr 42: 10-12), mas habitar no Seu reino, de onde jamais seriam tirados.

Assim, Amós termina sua profecia dando ao povo a certeza de que essas coisas realmente aconteceriam. Ele considerava a justiça o atributo moral mais importante da natureza do Senhor sobre a injustiça, a imoralidade e a desonestidade.

Conclusão:

Observando o perfil profético de Amós, podemos tirar a conclusão de que ele proclamou a impiedade do seu povo e o conclamou mais uma vez à aliança e ao compromisso com o Senhor, reforçando neles a idéia do inevitável juízo divino sobre todo o tipo de pecado. Mesmo tendo vivido muito tempo depois de outros irmãos que trouxeram a Israel a mesma mensagem de YHWH, e que foi rejeitada e desobedecida, esse profeta obedeceu à voz do Altíssimo para exortar novamente o Seu povo; ele não desistiu de clamar, continuou a profetizar a Palavra de justiça, juízo, misericórdia e restauração, como uma forma de dizer que o Criador sempre nos dá uma nova chance de reavaliar a nossa vida, de repensar sobre as nossas atitudes e de exercer nosso livre-arbítrio, escolhendo entre a salvação e a punição. Por isso, o profeta de Deus não deve desistir de exortar, mesmo já tendo proclamado a mesma mensagem anteriormente, até que Ele execute aquilo que prometeu. Deve também chamar seus irmãos à aliança e à comunhão com seu Criador, assumindo o perfeito compromisso de ser Seu instrumento na terra. Muitas vezes, é o exemplo de vida do profeta a melhor maneira de testemunhar que o que prega é verdadeiro e de poder revelar ao mundo o seu Deus.

Obadias

Obadias ('Obhadhyãhii ou 'Obhadhyâ = 'servo de YHWH' ou 'adorador de YHWH') provém da mesma raiz hebraica de Obede ('que adora a YHWH'), e profetizou entre 605 e 583 AC (no tempo do exílio de Israel) e foi profeta de Judá. Na verdade, há pouquíssimas informações a respeito de Obadias. Fala sobre a rixa entre Israel e Edom (parente distante de Israel por meio de Esaú), pois quando a nação de Judá foi invadida e conquistada pela Babilônia, Edom não só lhe negou ajuda como ajudou o inimigo a saqueá-la, entregando os habitantes de Judá em suas mãos. Deus condenou os edomitas pela arrogância e pela traição, portanto, seriam julgados pela sua desumanidade para com Israel (Ob 10-11). Obadias prega, além do julgamento de Edom, o julgamento universal e a restauração da nação escolhida.



Obadias inicia sua profecia dizendo que recebeu uma visão da parte do Senhor a respeito de Edom. Obadias é considerado como um profeta exílico, assim como Jeremias foi um profeta pré-exílico e exílico, portanto, muitas de suas profecias estão de acordo com este (Jr 49: 7-22, onde profetiza contra os edomitas).

- Ob 1-14 – Os pecados e castigos de Edom

- Ob 1-9: “Visão de Obadias. Assim diz o Senhor Deus a respeito de Edom: Temos ouvido as novas do Senhor, e às nações foi enviado um mensageiro que disse: Levantai-vos, e levantemo-nos contra Edom, para a guerra (cf. Jr 49: 14). Eis que te fiz pequeno entre as nações; tu és mui desprezado [NVI: Veja! Eu tornarei você pequeno entre as nações. Será completamente desprezado!]. A soberba do teu coração te enganou, ó tu que habitas nas fendas das rochas [*nota NVI: ou ‘de Selá’*], na tua alta morada, e dizes

no teu coração: Quem me deitará por terra? Se te remontares como águia [NVI: Ainda que você suba tão alto como a águia] e puseres o teu ninho entre as estrelas, de lá te derribarei, diz o Senhor. Se viessem a ti ladrões ou roubadores de noite (como estás destruído!), não furtariam só o que lhes bastasse? Se a ti viessem os vindimadores, não deixariam pelo menos alguns cachos? Como foram rebuscados os bens de Esaú! [NVI: Entretanto, como Esaú foi saqueado!] Como foram esquadrihados os seus tesouros escondidos! Todos os teus aliados te levaram para fora dos teus limites; os que gozam da tua paz te enganaram, prevaleceram contra ti [NVI: enganam você e o sobrepujarão os seus melhores amigos]; os que comem o teu pão puseram armadilhas para teus pés; não há em Edom entendimento. Não acontecerá, naquele dia, diz o Senhor, que farei perecer os sábios de Edom e o entendimento do monte de Esaú? Os teus valentes, ó Temã, estarão atemorizados, para que, do monte de Esaú, seja cada um exterminado pela matança”.

- v. 1: “Visão de Obadias. Assim diz o Senhor Deus a respeito de Edom: Temos ouvido as novas do Senhor, e às nações foi enviado um mensageiro que disse: Levantai-vos, e levantemo-nos contra Edom, para a guerra (cf. Jr 49: 14; Sl 137: 7-9)”.

Obadias ouviu a profecia de Jeremias a respeito de Edom, e soube que um embaixador foi enviado aos povos vizinhos para ajuntá-los em guerra contra Edom. Deveria ser um diplomata de alguma nação inimiga dos edomitas.

- v. 2: “Eis que te fiz pequeno entre as nações; tu és mui desprezado [NVI: Veja! Eu tornarei você pequeno entre as nações. Será completamente desprezado!]” (cf. Ml 1: 3-4).

Como todos os profetas, Obadias usou aqui o tempo verbal no pretérito para uma situação que ocorreria num futuro próximo. Com a destruição decretada por Deus, Edom teria seus limites bastante reduzidos e chegaria a ser destruído por completo. Os profetas Amós e Jeremias predisseram a destruição de Bozra (capital de Edom) por Nabucodonosor em 581 AC. O povo de Edom definitivamente foi destruído por Tito em 70 DC.

- v. 3: “A soberba do teu coração te enganou, ó tu que habitas nas fendas das rochas [nota NVI: ou ‘de Selá’], na tua alta morada, e dizes no teu coração: Quem me deitará por terra?”

Em Is 34: 5-17; Is 63: 1-6; Jr 49: 7-22; Ez 25: 12-14; Ez 35: 1-15; Am 1: 11-12 também há profecia contra Edom. Foi um povo que, exceto na época de Davi, sempre esteve em guerra contra Israel. Josafá, rei de Judá, venceu na terra de Edom, os moradores do monte Seir, Moabe e os filhos de Amom (2 Cr 20: 22) com a ajuda do Senhor, pois ao colocar os levitas adiante do exército, esses povos acabaram por guerrear entre si e mataram-se uns aos outros. Esaú ou Edom é descendente de Isaque, filho de Abraão e Sara. Edom (Gn 36: 19) foi o irmão de Jacó, e habitou em Seir, uma montanha que antes pertencia a Seir, o horeu (Gn 36: 8-9; Gn 36: 20); por isso, Edom é freqüentemente chamado de Seir.

Edom confiava demais na proteção de suas fortalezas nas montanhas. Seir é uma cadeia de montanhas rochosas, que se estende na direção norte-sul, com uma largura de mais ou menos vinte e quatro a trinta de dois quilômetros, com rochas que atingem uma altura de seiscentos e quinze metros, sendo que alguns picos chegam a mil e oitocentos metros. Nesta cadeia de montanhas havia (e ainda há) um grande planalto rochoso onde estava a cidade edomita de Sela. Essa fortaleza na rocha só podia ser alcançada através de uma ravina estreita, uma fenda de um quilômetro e meio de comprimento entre as

pedras, e que, em alguns pontos é tão estreita que é possível tocar as duas paredes laterais, apenas abrindo-se os braços. Edom achava que nenhum inimigo conseguiria derrubar suas defesas, que aquela era uma região inexpugnável. Por isso, sua altivez era muito grande e, por causa dela, o Senhor diz que o rebaixaria.



Edom – Monte Seir

As inscrições assírias mostram que Edom se tornou estado vassalo da assíria em 736 AC no reinado de Tiglate-Pileser III (745-727 AC). Edom foi destruído cinco anos depois do cativo de Judá por Nabucodonosor, ou seja, em 581 AC. Depois, caiu nas mãos dos persas (539 AC) e no séc. III AC foi dominado pelos Nabateus (uma das tribos árabes), que acabaram por empurrar os habitantes de Edom para o sul da Judéia, e que mais tarde, foi chamado Iduméia. Judas Macabeu os subjugou (séc. II AC) e João Hircano I (séc. II-I AC) os obrigou a circuncidar-se para poderem ser incorporados pelo povo judeu. Herodes, o grande, descendia dos edomitas. O povo de Edom definitivamente foi destruído por Tito em 70 DC. Bozra foi a capital do povo de Edom, e cujo rei foi Jobabe (Gn 36: 33; 1 Cr 1: 44). Bozra significa ‘curral de ovelhas’ ou ‘aprisco de ovelhas’, indicando que era uma cidade de pastores no sudeste do Mar Morto, na terra de Edom. Hoje ela é uma pequena cidade da Jordânia no estado de Tafilah, chamada de Buseirah.

• ‘A soberba do teu coração te enganou, ó tu que habitas nas fendas das rochas, na tua alta morada’ – a palavra ‘rochas’ neste versículo, no original em hebraico é Sela‘ ou has-sela‘ ou Cela‘ (Strong #5553), com o simples significado de ‘rocha ou penedo, pedra, pedregoso’, ou seja, qualquer lugar rochoso; uma rocha escarpada; rocha áspera, forte, fortaleza (lugar de defesa). Outros versículos bíblicos são também traduzidos como Sela‘ ou has-sela‘ ou Cela‘ (Strong #5553), como um substantivo simples:

- Is 42: 11, onde está escrito ‘rochas’ – ARA;
- Jz 1: 36, onde está escrita a palavra ‘Sela’ como o limite dos amorreus – ARA;
- 2 Cr 25: 12, onde está escrito ‘penhasco’ – ARA.

Mas há uma Sela (Selá ou Selah) específica (Strong #5554) que pode ser identificada com o grande planalto rochoso mencionado anteriormente, hoje chamado de Umm el-Biyara, que se eleva trezentos metros acima do nível das ruínas de Petra (tradução grega da palavra edomita ‘Sela’) e a mais de mil e cem metros acima do nível do mar. Sela ou Selá era a principal cidade do reino de Edom, e cujo significado é ‘rocha’ ou ‘penedo’. Este povoado edomita existiu desde a idade do ferro I (1200-970 AC) e ainda existia na idade do ferro II (970-580 AC). Ele ficava perto do Monte Hor, onde Arão morreu. Permaneceu sob domínio de Edom até a época do domínio Persa (Aquemênida). Sela (em Edomita), originalmente conhecida pelos Nabateus como Raqmu, é chamada de Pétra (πέτρα) pelos gregos, ou Petra, pelos latinos. Em Árabe é chamada Al-Bitrā ou Al-Batrā. Durante o século VI AC, Sela era uma importante rota comercial entre a Península Arábica e Damasco. O povoado foi conquistado pelos Nabateus, uma das tribos árabes, em 312 AC, o que obrigou os Edomitas a se mudarem para o sul da Palestina, região que passou a ser chamada Iduméia, nome derivado dos Edomitas ou Idumeus. Depois Petra passou para domínio romano; e em 106 DC Trajano a colocou sob controle direto de Roma, ao invés do controle de Nabatéia, quando a cidade passou a ser a capital da região conhecida como Arabia Petrea ou Arabia Petraea ou a Província Romana da Arábia, ou simplesmente, Arábia. A cidade sofreu um grande terremoto em 363 DC, e quase foi destruída. Em 551 DC sofreu outro terremoto, mais intenso que o primeiro, e quase foi destruída por completo. A mudança nas rotas comerciais diminuiu o interesse comercial pela cidade, além do terremoto que ela tinha sofrido, sendo que ela não conseguiu mais se recuperar. Petra hoje é território da Jordânia e suas ruínas são consideradas pela UNESCO como parte do Patrimônio da Humanidade. Ela é conhecida como a Cidade Rosa devido à cor das pedras do local.

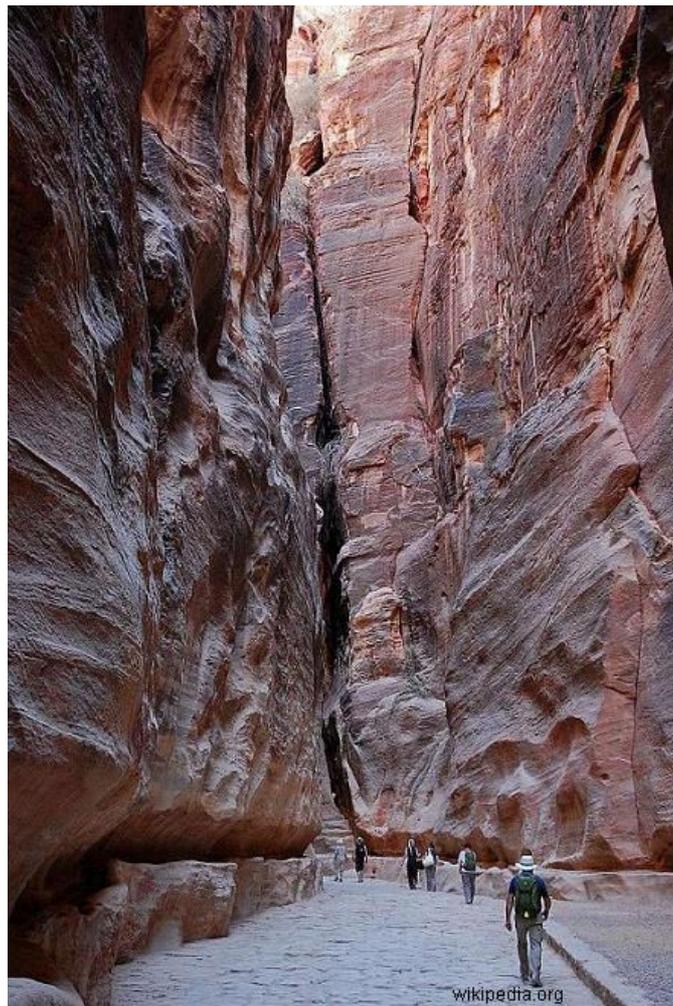
Os versículos bíblicos que se referem a este lugar são:

• 2 Rs 14: 7 – Strong #5554 – Cela`, Sela, a cidade rochosa da Iduméia (Sela ou Petra) – tomada por Amazias, rei de Judá, quando feriu os edomitas no vale do Sal. Ele trocou o nome da cidade para Jocteel.

• Is 16: 1 – Strong #5554 – Cela`, Sela, a cidade rochosa da Iduméia (Sela ou Petra) – quando Isaías fala para os edomitas enviarem tributo a Sião.

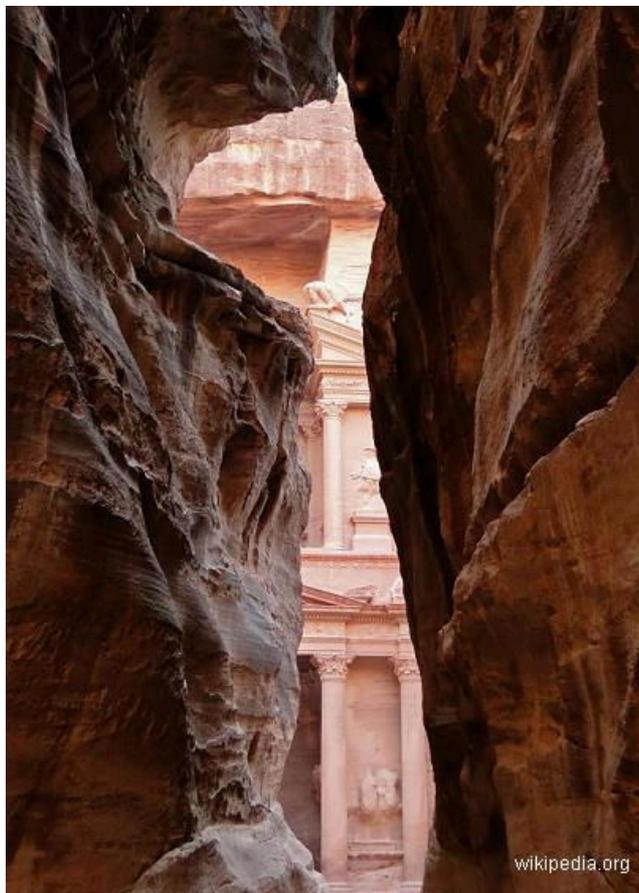


Vista geral de Petra



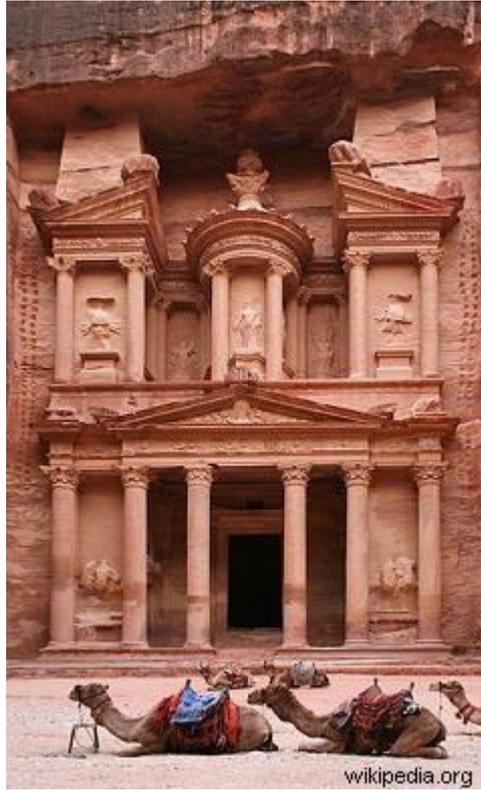
Siq (al-Sīq)

O Siq (al-Sīq) – literalmente ‘o eixo’, também conhecido como Siiq ou Siqit, é a entrada principal de Petra; um desfiladeiro escuro e estreito (em alguns pontos não tem mais de 3 metros de largura) com 1,2 km de extensão, e que termina na ruína mais elaborada de Petra, Al Khazneh (‘O Tesouro’). O Siq foi usado como entrada para a grande caravana em Petra.

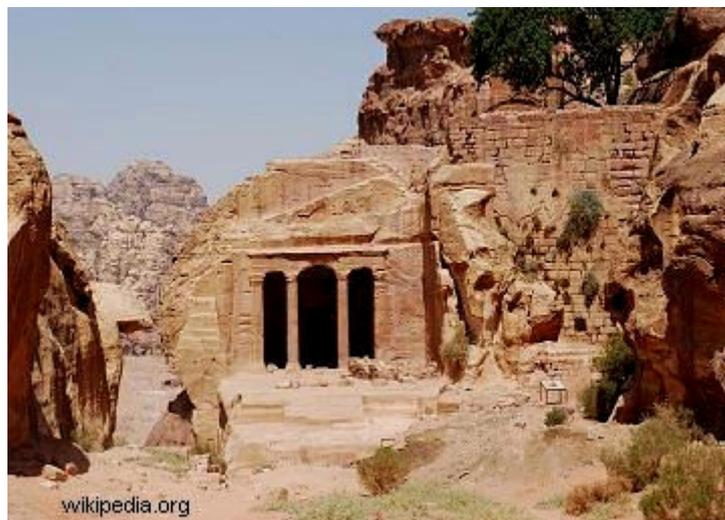


O fim do Siq, com sua visão de Al Khazneh (‘O Tesouro’)

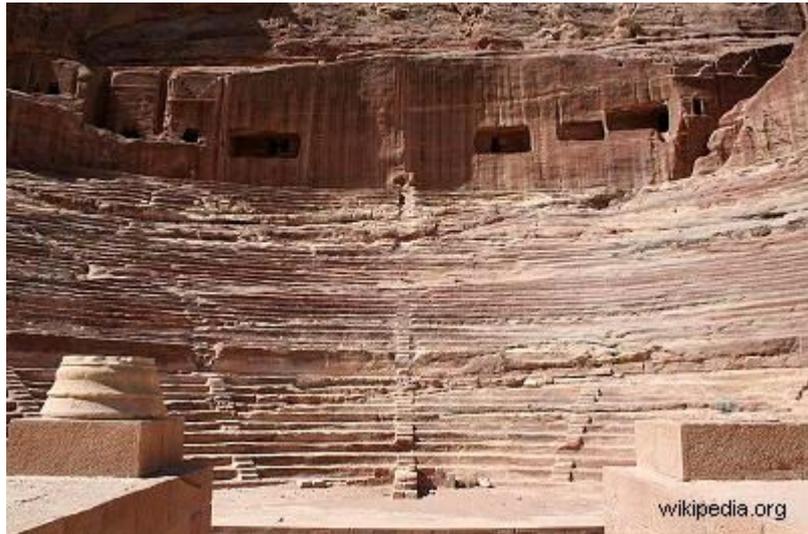
‘O Tesouro’ (na figura abaixo) é um dos templos na cidade de Petra; na verdade, uma tumba escavada na face do penhasco e cuja fachada com pilares foi reconstruída segundo os padrões gregos.



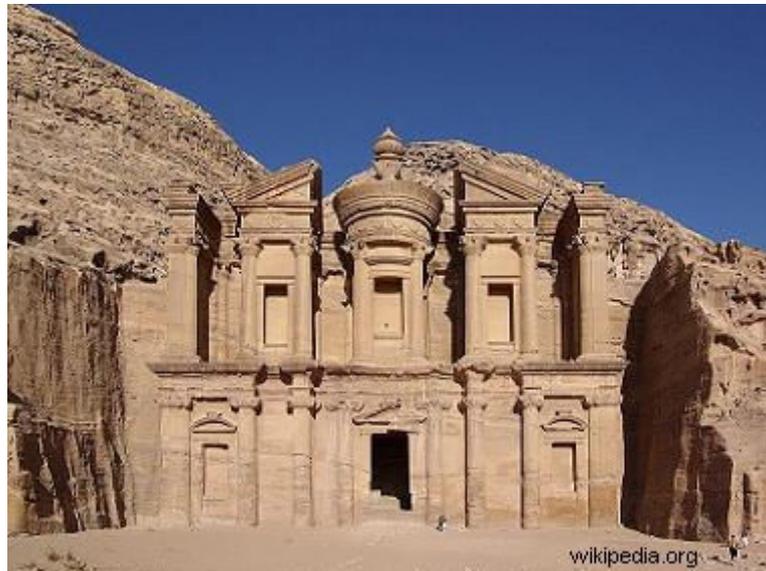
Al Khazneh ('O tesouro')



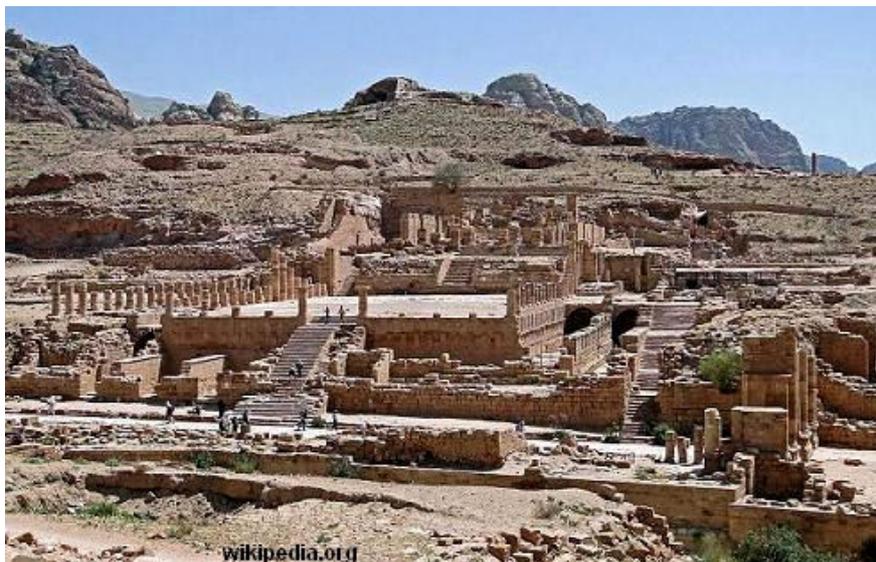
O Templo do jardim



Anfiteatro de Petra



El Deir ('O Monastério')

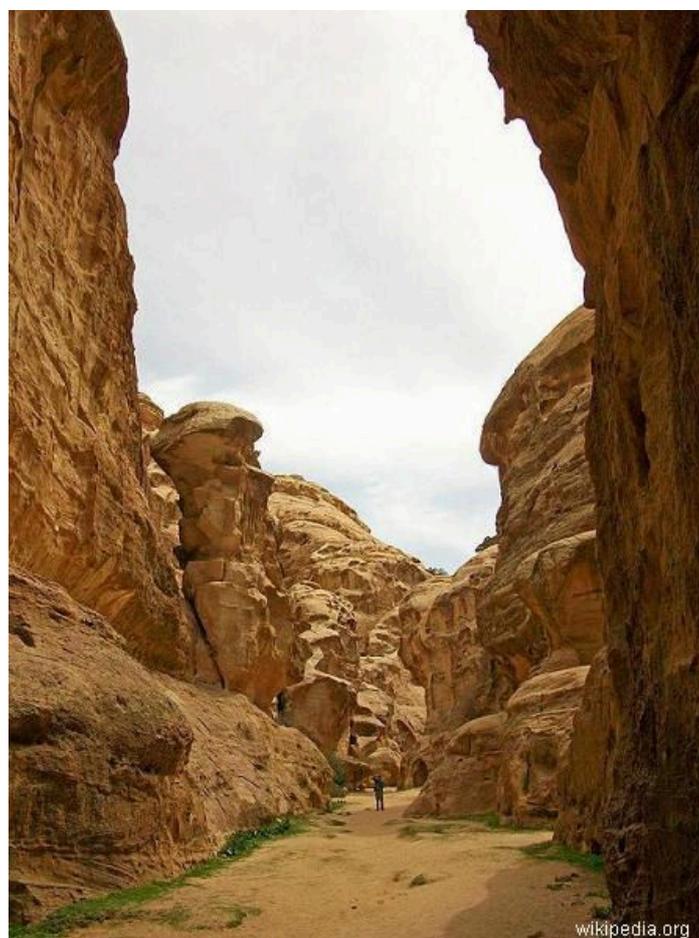


O grande templo de Petra

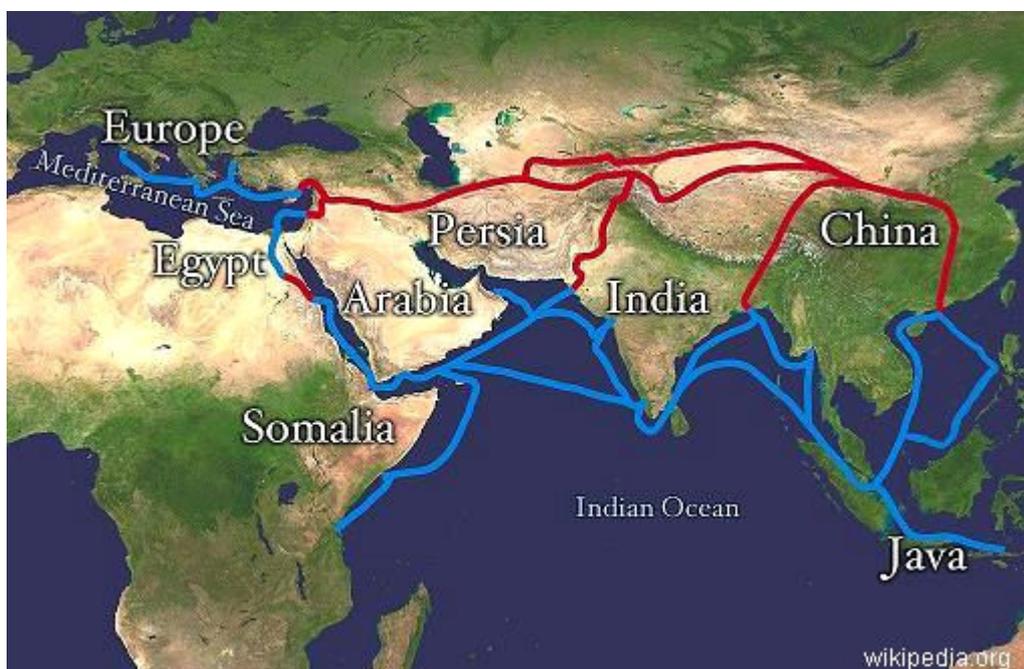


Antigas colunas do grande templo

A quinze quilômetros ao norte de Petra, na província de Ma'ãn na Jordânia, existe outro sítio arqueológico nabateu construído por volta do século I DC, chamado Pequena Petra (em árabe: al-batrā aṢ-Ṣaġīra), também conhecido como Siq al-Barid (ou Siiq al-bariid, em árabe, literalmente 'o desfiladeiro frio').

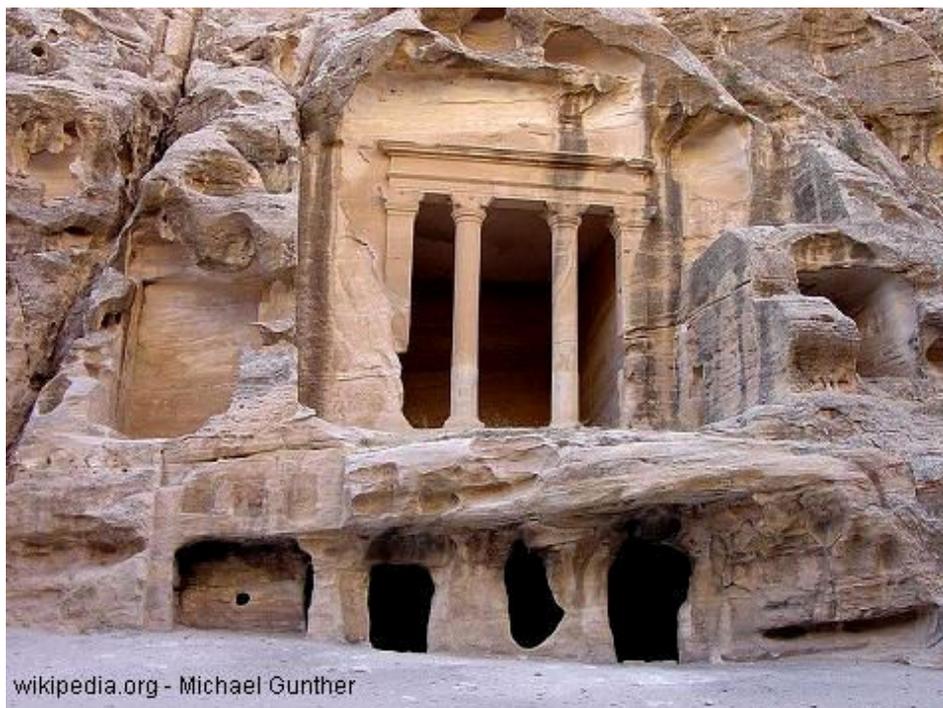


Seu nome, ‘o desfiladeiro frio’, vem da sua orientação geográfica e de suas paredes altas, que impedem a entrada da maior parte da luz solar. O desfiladeiro estreito é semelhante ao que conduz à cidade de Petra, porém de menor extensão (450 metros); no final dele aparece a fachada de uma tumba monumental e um grande número de cômodos escavados nas rochas. Chama-se ‘Pequena Petra’ pelas suas semelhanças com o local maior ao sul. As construções são esculpidas nas paredes dos desfiladeiros de arenito. Os arqueólogos acreditam que todo o complexo era um subúrbio de Petra, que abrigava os comerciantes visitantes da Rota da Seda, uma antiga rede de rotas de comércio, terrestres e marítimas, conectando a Ásia com a África, o Oriente Médio e o sul da Europa, se estendendo do Japão, da China e da Coreia até o Mar Mediterrâneo. Chama-se Rota da Seda por causa do comércio lucrativo de seda, entre outros produtos. Junto com a aldeia vizinha, Beidha, a Pequena Petra foi escavada no final do século 20 por arqueólogos britânicos.



Rota da seda

Uma das construções mais famosas em Siq al-Barid (Pequena Petra) é um templo de colunatas de estilo clássico esculpido em um penhasco e sustentado por duas colunas. Dentro dela não há nenhuma decoração nem escultura. Abaixo da câmara existe uma espécie de caverna com três recintos, e num deles há prateleiras embutidas nas paredes. É provável que a câmara na parte de cima fosse uma espécie de capela para culto, e a casa na parte de baixo servia de habitação para os que ministravam os rituais.



Templo de Siq al-Barid



Monte Seir (Edom) e Sela (Selá ou Petra)

• v. 4: “Se te remontares como águia [NVI: Ainda que você suba tão alto como a águia] e puseres o teu ninho entre as estrelas, de lá te derribarei, diz o Senhor”.

‘Se te remontares como águia’ se refere à altura das cavernas de Edom, que serviam como um refúgio. Mesmo que os edomitas tentassem fugir do castigo de Deus e por mais altos que eles se colocassem nas montanhas para fugir de seus inimigos, até ali o Senhor os alcançaria e os derrubaria. A altitude da terra de Edom se tornou uma metáfora do seu espírito soberbo e altivo.

• v. 5: “Se viessem a ti ladrões ou roubadores de noite (como estás destruído!), não furtariam só o que lhes bastasse? Se a ti viessem os vindimadores, não deixariam pelo menos alguns cachos?” – ladrões e roubadores ou vindimadores dizem respeito aos despojadores de Edom. Deus diz que até mesmo os despojadores de Edom deixariam ficar alguma coisa, mas Ele não deixaria ficar nada deles, depois do Seu juízo ser consumado.

• v. 6: “Como foram rebuscados os bens de Esaú! [NVI: Entretanto, como Esaú foi saqueado!] Como foram esquadrihados os seus tesouros escondidos!” – o profeta exclama como que confirmando a assolação que eles sofreriam e como seriam despojados dos seus tesouros, até os mais escondidos. Nabucodonosor realmente tomou posse de todos os reinos ao ocidente do Eufrates e levou todos os tesouros que encontrou em todos eles.

• v. 7: “Todos os teus aliados te levaram para fora dos teus limites; os que gozam da tua paz te enganaram, prevaleceram contra ti [NVI: enganam você e o sobrepujarão os seus melhores amigos]; os que comem o teu pão puseram armadilhas para teus pés; não há em Edom entendimento”.

Podemos pensar que os antigos aliados de Edom eram Moabe e os filhos de Amom, pelo menos nos tempos de Josafá (2 Cr 20: 22). Mas não se fala na História que eles expulsaram Edom de sua terra. Edom se rebelou contra Jeorão, o filho de Josafá (2 Rs 8: 20-22; 2 Cr 21: 8-10). Os filisteus também se rebelaram contra Jeorão durante seu reinado, mas não eram aliados dos edomitas. Nos dias de Acaz, os edomitas invadiram Judá e apoderaram-se dos cativos israelitas (2 Cr 28: 17) e ainda receberam prisioneiros israelitas capturados por Tiro e Gaza (Am 1: 6; 9). Durante o período pós-exílio, sob governo Persa (Aquemênida), Petra, por exemplo, permaneceu sob domínio de Edom, o que nos faz pensar eles ainda estavam no seu local de origem, a sudeste do Mar Morto.

Em relação aos seus aliados que os traíram, pode-se cogitar nas tribos árabes do Neguebe, que os expulsaram de sua terra no século V AC, ou os Nabateus (uma das tribos árabes), que em 312 AC obrigaram os edomitas a se mudarem para o sul da Palestina, região que passou a ser chamada Iduméia, nome derivado dos edomitas ou Idumeus. No período dos Macabeus, eles já tinham perdido seu território.

• v. 8-9: “Não acontecerá, naquele dia, diz o Senhor, que farei perecer os sábios de Edom e o entendimento do monte de Esaú? Os teus valentes, ó Temã, estarão atemorizados, para que, do monte de Esaú, seja cada um exterminado pela matança”.

Temã (têmã) era filho de Elifaz, e neto de Esaú (Gn 36: 9-11; 1 Cr 1: 36), e talvez tenha dado seu nome ao distrito ao norte de Edom (Jr 49: 20; Ez 25: 13; Am 1: 12; Ob 8-9). Seus habitantes eram famosos por causa de sua sabedoria (cf. Jr 49: 7). Elifaz, o temanita, foi um dos consoladores de Jó (Jó 2: 11). Um príncipe de Temã é nomeado entre os chefes de Edom (Gn 36: 15; 42; 1 Cr 1: 53), e Husã (Husão) foi um de seus primeiros governantes (Gn 36: 34). Habacuque, em sua visão, viu Deus, o Santo, vindo de Temã (Hc 3: 3). Embora a localização exata de Temã permaneça desconhecida, há fortes evidências a favor da cidade Jordaniã de Ma'an. Havia muitas nascentes de água na região, e isso a tornava atraente para as caravanas entre a Península Arábica e o Levante.

O que o profeta fala aqui é que no dia que o Senhor decretar para sua destruição, a sabedoria dos seus sábios não valerá nada. Temã é usado aqui como um sinônimo de Edom (Jr 49: 7; Am 1: 12). Temã não apenas tem sabedoria, mas também valentia. Mas

a habilidade dos seus guerreiros não livraria os Edomitas da destruição. A sentença do seu extermínio já havia sido dada.

- Ob 10-14 (A alegria de Edom com a dor e o sofrimento de Israel): “Por causa da violência feita a teu irmão Jacó, cobrir-te-á a vergonha, e serás exterminado para sempre. No dia em que, estando tu presente, estranhos lhe levaram os bens, e estrangeiros lhe entraram pelas portas e deitaram sortes sobre Jerusalém, tu mesmo eras um deles [NVI: você fez exatamente como eles]. Mas tu não devias ter olhado com prazer para o dia de teu irmão, o dia da sua calamidade [NVI: Você não devia ter olhado com satisfação o dia da desgraça de seu irmão]; nem ter-te alegrado sobre os filhos de Judá, no dia da sua ruína; nem ter falado de boca cheia, no dia da angústia; não devias ter entrado pela porta do meu povo, no dia da sua calamidade; tu não devias ter olhado com prazer para o seu mal, no dia da sua calamidade; nem ter lançado mão nos seus bens, no dia da sua calamidade; não devias ter parado nas encruzilhadas, para exterminares os que escapassem; nem ter entregado os que lhe restassem [NVI: os sobreviventes], no dia da angústia”.

Os edomitas se alegraram quando Nabucodonosor invadiu Judá e Jerusalém (586 AC) e entregou a ele seus irmãos e o ajudou a saquear seus bens. Esteve junto com os estrangeiros quando eles lançaram sortes sobre Jerusalém e seus prisioneiros e seus pertences. Edom se riu da desgraça de Judá, sentiu prazer com ela, e aproveitou a oportunidade para roubá-lo e exercitar a maledicência e a afronta. Não só roubou seus irmãos, mas ajudou a matar os que fugiam dos babilônios. Por causa da violência que usou contra os judeus, Edom será envergonhado e exterminado.

‘No dia da sua calamidade’ – A invasão de Nabucodonosor.

- Ob 15-16 (o anúncio do Dia do Senhor sobre todos): “Porque o Dia do Senhor está prestes a vir sobre todas as nações; como tu fizeste, assim se fará contigo; o teu malfeito tornará sobre a tua cabeça. Porque, como bebestes no meu santo monte, assim beberão, de contínuo, todas as nações; beberão, sorverão e serão como se nunca tivessem sido [NVI: Beberão até o fim, e serão como se nunca tivessem existido]”.

Obadias fala agora sobre o Dia do Senhor, ou seja, o dia do Seu juízo, que virá sobre todas as nações, e virá também sobre Edom. E o que Edom plantou, ele colherá. Seu mau intento cairá sobre sua cabeça. O dia do Senhor é um termo muito usado pelos profetas para indicar o dia do juízo de Deus (Am 5: 18; 20).

‘Beberão’ – se refere ao cálice da ira de Deus do qual as nações terão de beber (Jr. 25: 15-28) por causa da sua impiedade e também por causa do mal que fizeram a Jerusalém.

- Ob 17-18 (o anúncio da preservação de Israel): “Mas, no monte Sião, haverá livramento [NVI: Mas no monte Sião estarão os que escaparam]; o monte será santo (Zc 8: 3); e os da casa de Jacó possuirão as suas herdades [NVI: a sua herança]. A casa de Jacó será fogo, e a casa de José, chama, e a casa de Esaú, restolho; aqueles incendiarão a este e o consumirão; e ninguém mais restará da casa de Esaú, porque o Senhor o falou”.

Obadias fala sobre os remanescentes, os que retornaram depois do cativeiro. Judá foi castigado pelo seu pecado e viu o Monte Sião ser destruído. Porém, como a ira de Deus não dura para sempre, eles verão o Seu livramento, voltarão e possuirão sua herança. No AT ‘santidade’ significa a separação para Deus (Dt. 7: 6; Jr. 1: 5), separação de tudo o que é impuro (Lv 20: 7; Lv 21: 6; Lv 22: 9). Os que foram libertados pelo Senhor seriam povo de Deus e teriam de ser purificados da idolatria que

provocou a destruição da nação. Para nós, não é diferente. Nós nos separamos do mundo para servirmos Jesus, o qual colocou sobre nós o Seu selo de Senhor e Salvador. Da mesma forma, nós não devemos tocar mais no que é impuro, ou seja, no pecado mundano que cometíamos antes de nos convertermos a Cristo.

‘Os da casa de Jacó’ eram os judeus exilados que retornariam do cativeiro e possuiriam novamente a terra de seus antepassados.

‘A casa de Jacó será fogo, e a casa de José, chama’ – se refere aos filhos de Judá e aos filhos de Israel (a nação do norte e do sul), que no Dia do Senhor seriam senhores sobre a casa de Edom (Esaú), por isso, está escrito que ‘a casa de Esaú será restolho’. Os primeiros seriam instrumentos de Deus para execução do juízo divino sobre Edom. Do ponto de vista físico, podemos dizer que isso foi cumprido no tempo de Judas Macabeu e João Hircano. Judas Macabeu os subjugou e tomou posse do território da Iduméia (séc. II AC), e João Hircano I (séc. II-I AC) os obrigou a circuncidar-se para poderem ser incorporados pelo povo judeu.

Pensando do ponto de vista espiritual, onde Edom se refere aos inimigos de Deus, então, no Dia do Senhor, ou seja, no Dia do Julgamento, Seu povo, Sua igreja, julgará seus inimigos.

• Ob 19-21 (Israel retomará toda a sua terra): “Os de Neguebe possuirão o monte de Esaú, e os da planície, aos filisteus; possuirão também os campos de Efraim e os campos de Samaria; e Benjamim possuirá a Gileade. Os cativos do exército dos filhos de Israel [NVI: Os israelitas exilados] possuirão os cananeus até Sarepta, e os cativos de Jerusalém, que estão em Sefarade, possuirão as cidades do Sul [NVI: as cidades do Neguebe]. Salvadores hão de subir ao monte Sião [NVI: Os vencedores subirão ao monte Sião], para julgarem o monte de Esaú [NVI: para governar a montanha de Esaú]; e o reino será do Senhor”.



Neguebe

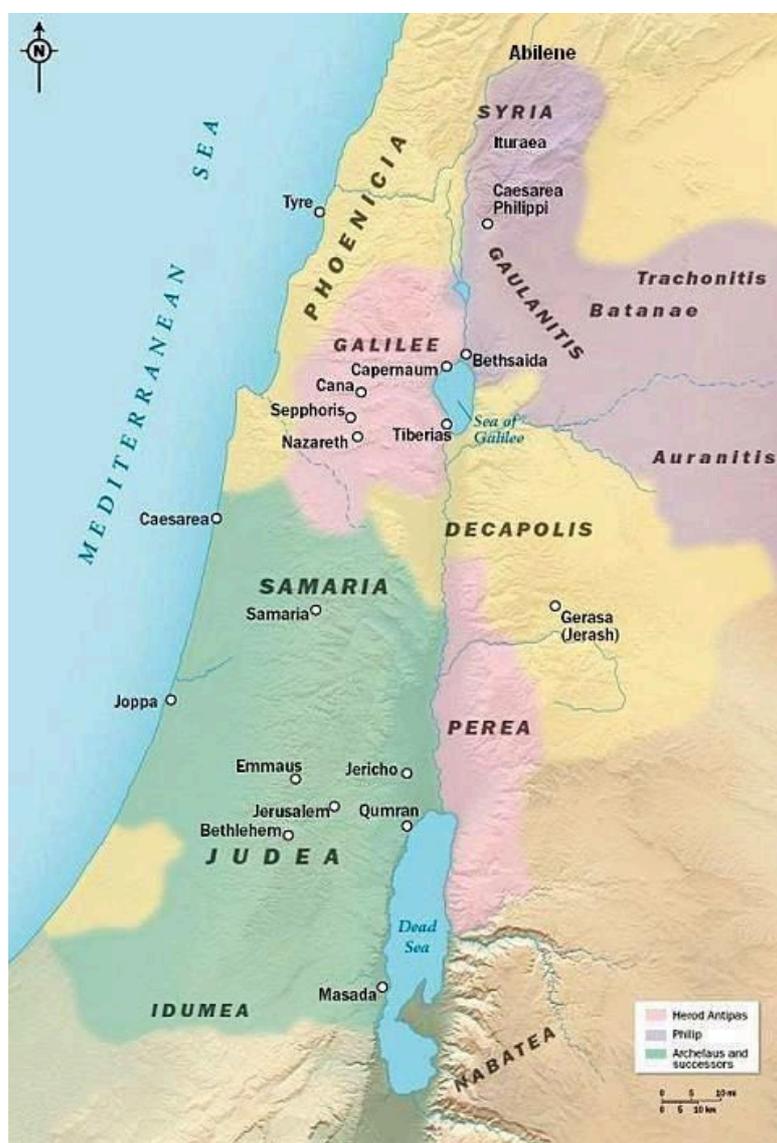
Isso significa que as fronteiras de Israel do tempo de Davi seriam restauradas. Neguebe (em hebraico: seco) é um deserto bem ao sul de Israel, próximo à península do Sinai e do Mar Mediterrâneo e que só experimenta vida quando as chuvas enchem os leitos dos seus rios secos. Os rios se enchem com as águas e as plantas são regadas e os animais são dessedentados. Neguebe fazia fronteira com Edom ao leste.

A terra dos filisteus, na planície costeira ('Sefelá'), também seria ocupada novamente, incluindo as cidades de Gate, Ecrom, Asdode, Asquelom e Gaza (Todas essas regiões fazem parte do território atual de Israel, exceto Gaza). Judá e Filístia sempre lutaram muito por essa região desde o início da história de Israel. Mas Judá, no final, prevalecerá contra as terras disputadas com a Filístia (Sf 2: 4-7).

Indo para o norte, Obadias fala dos campos de Efraim e dos campos de Samaria. Os limites se estenderiam até a Fenícia (terra dos cananeus), em Sarepta (1 Rs 17: 8-24 – em hebraico, צרפת *ṣārēfāt*, tsarfát; Σάρεπτα, *Sárepta*, em Grego), atualmente conhecida por Sarafande (Sarafand, em Francês). Fica localizada entre Tiro e Sidom sobre a costa do Mediterrâneo. Foi inicialmente uma colônia de Sidom. Depois, no século VIII AC, passou a ser posse de Tiro. Obadias profetizou que, no Dia do Senhor, aqueles dentre os filhos de Israel que foram deportados por Sargom após a queda de Samaria, possuiriam a Fenícia até Sarepta. A tribo de Benjamim atravessaria o Jordão e retomaria a terra de Gileade.



As três regiões (Efraim, Samaria e Gileade), que sofreram um influxo considerável de estrangeiros por causa do domínio de assírios e babilônios, voltariam para as mãos dos israelitas. No período romano, Samaria e Efraim (localizado no território de Samaria) constituíam a província da Judéia. Gileade (a leste do Jordão), nos tempos de Jesus também fez parte da província da Judéia, abrangendo o território de Peréia, Traconites e Ituréia (Lc 3: 1), que era governada por Filipe, o tetrarca. Depois, esses territórios foram novamente perdidos por Israel. Hoje, a região a leste do Jordão é ocupada pela Jordânia e, ao nordeste, pelas colinas de Golã, que embora sob ocupação israelense desde 1967, é considerada internacionalmente como território Sírio (2/3 ocidentais são controlados por Israel e 1/3 oriental é controlado pela Síria). Nos tempos de Jesus esta área era chamada de Gaulanitis, e fazia parte da tetrarquia de Filipe. No século XVI foi conquistada pelo Império Otomano. Em 1918 foi possessão da França e em 1946 passou a ser domínio da Síria. Depois de 1973, 5% do território ficou com a Síria, e o resto com Israel.



Based upon an original created by International Mapping

A Palestina nos tempos de Jesus



Panorama das colinas de Golã – foto de Beivushtang – wikipedia.org



Sefarade – localização não identificada. Pode ser a terra de Separda (um país do oriente aliado à Média), e que os persas chamavam Sparda. Ficava ao sul de Urmia (que hoje é a maior cidade da província do Irã, no oeste do Azerbaijão) e adjacente à Média. Pode se referir à Espanha, o que explica o motivo pelo qual os judeus espanhóis são chamados Sefarditas (Hebr.: no singular, sefaradi; no plural, sefaradim). A palavra tem origem na denominação hebraica para designar a Península Ibérica ou Espanha (Sefarad, ספַרְד). Outra sugestão dada pelos estudiosos é por causa da Vulgata Latina, que escreve Bosphoro, uma localização na Anatólia, atual Turquia. Também é aventada a possibilidade de ter sido a cidade de Sardes, cujo nome Lídio nativo é Sfarid.

‘Salvadores hão de subir ao monte Sião para julgarem o monte de Esaú [NVI: Os vencedores subirão ao monte Sião para governar a montanha de Esaú]’ – ‘salvadores’ (ARA) ou ‘Vencedores’ (NVI) é uma palavra traduzida pela Septuaginta como ‘aqueles que foram salvos’. Em hebraico original está escrito ‘salvadores’ (yasha` – Strong #3467). Na Bíblia de Jerusalém está escrito ‘os vitoriosos’, isto é, aos exilados que voltaram tornarão a governar em Jerusalém sobre a terra de Edom: “E eles sairão vitoriosos do monte Sião, para julgarem a montanha de Esaú. E a realeza será de Yahweh!” (Tradução do Espanhol).

‘O reino será do Senhor’ – os exilados que retornassem ficariam sob o governo do próprio Deus. Essa visão de Obadias, onde Deus seria o total Rei de Israel e que do Monte Sião Ele governaria o mundo, era compartilhada por outros profetas, como Zc 14: 9-11. Embora não tenha ocorrido fisicamente no período pós-exílico, isso ocorreu

na primeira vinda de Cristo, pois com Seu reino espiritual trazido a Israel, todos os outros deuses adorados no passado por eles e pelos povos idólatras deixaram de existir. O ministério de Jesus e o evento da cruz deixaram claro o Seu governo na alma de todos os que creram e que crêem, e dos que virão a crer nEle, independente do regime de governo humano.

Conclusão:

Observando o perfil profético de Obadias, podemos tirar a conclusão de que ele proclamou a impiedade do seu povo e o conclamou mais uma vez à aliança e ao compromisso com o Senhor, reforçando neles a idéia do inevitável juízo divino sobre todo o tipo de pecado. Mesmo tendo vivido muito tempo depois de outros irmãos que trouxeram a Israel a mesma mensagem de YHWH, e que foi rejeitada e desobedecida, esse profeta obedeceu à voz do Altíssimo para exortar novamente o Seu povo; ele não desistiu de clamar, continuou a profetizar a Palavra de justiça, juízo, misericórdia e restauração, como uma forma de dizer que o Criador sempre nos dá uma nova chance de reavaliar a nossa vida, de repensar sobre as nossas atitudes e de exercer nosso livre-arbítrio, escolhendo entre a salvação e a punição. Por isso, o profeta de Deus não deve desistir de exortar, mesmo já tendo proclamado a mesma mensagem anteriormente, até que Ele execute aquilo que prometeu. Deve também chamar seus irmãos à aliança e à comunhão com seu Criador, assumindo o perfeito compromisso de ser Seu instrumento na terra. Muitas vezes, é o exemplo de vida do profeta a melhor maneira de testemunhar que o que prega é verdadeiro e de poder revelar ao mundo o seu Deus.

Daremos seqüência ao nosso estudo com os volumes 2 e 3:

<https://www.searaagape.com.br/osprofetasm menores2.pdf>

<https://www.searaagape.com.br/osprofetasm menores3.pdf>